VIDAS DOS SANTOS

Padre Rohrbacher

EDITORA DAS AMERICAS

AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do Padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

VIDAS DOS SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR

JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO

PROF. A. DELLA NINA

(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME VII

EDITÔRA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988

Caixa Postal 4468

SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† PAULO ROLIM LOUREIRO

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Vidas dos Santos

Abril

17.º DIA DE ABRIL

SANTO ESTÊVÃO

Abade de Cîteaux

Santo Estêvão, de sobrenome Harding ou Hardinge, terceiro abade de Cîteaux, nasceu na Inglaterra, de pais nobres e ricos. Foi educado no mosteiro de Sherbourne, no condado de Dorset. Os mestres, aos quais foi confiado, formaram-no tanto nas ciências como na piedade. Bem cedo aprendeu a reprimir as paixões e conseguiu que sua alma chegasse a atingir uma paz inalterável. Era dessa calma que provinha a amável serenidade que se lhe notava no semblante. O desejo de progredir cada vez mais na perfeição fê-lo inclinar-se a deixar o mosteiro. De fato, dêle saiu com um dos amigos que tinha o mesmo pensar e as mesmas inclinações. Passaram ambos para a Escócia onde se encontravam inúmeros e raros modelos de piedade. De lá se dirigiram a Paris e em seguida a Roma. Durante a viagem não permitiam que o recolhimento esmorecesse. E para se entreterem em espírito de oração recitavam diàriamente todo o saltério.

Estêvão ao voltar de Roma, ouviu falar. em Lião, de virtudes e austeridades que se praticavam no mosteiro de Molême, havia pouco fundado por

São Roberto. Resolveu imediatamente ir para lá, a fim de se consagrar a Deus. Seguiu Roberto a Cîteaux, quando êste fundou o mosteiro, pelas liberalidades de Eudes, duque da Borgonha. O duque ia freqüentes vêzes ao mosteiro recolher-se. Mandou até construir um palácio nas redondezas, e quis ser enterrado na igreja dos solitários, onde vários dos seus sucessores elegeram a própria sepultura. Henrique, seu segundo filho, levou mais além ainda o fervor. Colocou-se entre os discípulos do bem-aventurado Alberico, segundo abade de Cîteaux, tomou o hábito de monge e morreu, em Cîteaux, a morte dos justos.

Após a morte do bem-aventurado Alberico, Santo Estêvão foi escolhido para suceder-lhe no cargo de abade. O primeiro cuidado que teve foi desenvolver nos religiosos o espírito do retiro e da pobreza: empregou sábias precauções para impedir as visitas muito freqüentes dos estranhos. Apenas o duque de Borgonha tinha permissão para entrar no mosteiro. Assim mesmo, foi pedido que não tivesse a côrte em Cîteaux, como costumava fazer nas grandes solenidades. Suprimiram-se nas igrejas as cruzes de ouro e de prata, que foram substituídas por outras, de madeira pintada. Foi banido o uso de candelabros. Poderia existir apenas um, o qual deveria ser de ferro. Foi ainda decidido que ninguém se serviria de cálices de ouro, mas sòmente de prata dourada. As casulas, as estolas, os manípulos e outros paramentos deveriam ser de pano comum. Nesse mosteiro não era permitida a entrada nem de sêda, nem de ouro, nem de prata. Mas, enquanto a igreja de Cîteaux não oferecia nada de rico, era, contudo,

mantida limpa como devia ser a casa de Deus. A simplicidade lhe dava um quê de majestoso, que anunciava a grandeza do Mestre adorado.

Os monges de Cîteaux davam-se ao trabalho, durante várias horas por dia. Tinham também momentos livres e outros dedicados à cópia de livros. Foi nesses momentos que Santo Estêvão, com a ajuda dos religiosos, executou uma cópia da Bíblia latina para uso do mosteiro. Serviu-se, para que primasse pela exatidão, de mui grande número de manuscritos. Consultou também judeus hábeis, os quais lhe explicaram o texto hebreu. Por êsse expediente, pôde corrigir vários trechos do texto em que a clareza não era absoluta. Essa diversidade nos exemplares da Bíblia vinha de erros que tinham sido introduzidos seja pela ignorância, seja pela negligência dos copistas. O exemplar manuscrito da Bíblia, copiada sob Santo Estêvão em 1109, encontra-se guardado em Cîteaux, até nossos dias.

Embora já brilhasse a virtude de Santo Estêvão, Deus a fêz resplender de novo brilho, pelas provas a que a submeteu. O duque de Borgonha, ofendido com o fato de não quererem que ficasse com a côrte em Cîteaux, deixou transparecer o ressentimento de que estava possuído. Retirou ao mosteiro a proteção que lhe dava. Deixou também de prover às necessidades dos que o habitavam. Os religiosos, bem cedo, se ressentiram da falta das esmolas do príncipe. E como o trabalho não lhes era suficiente para os sustentar, viram-se reduzidos à situação de extrema necessidade. Estêvão, que nada tinha, a exemplo da comunidade, saiu do mosteiro e foi mendigar de porta em porta. Deu prova cabal do desinterêsse com que agia e da confiança que

depositava em Deus, recusando as esmolas de um sacerdote simoníaco. É verdade que a regra de Cîteaux, atenta em afastar tudo quanto pudesse prejudicar o espírito de retiro e de recolhimento, proíbe a mendicância aos que a professam. Mas casos extraordinários, como êste de extrema necessidade, dispensam a lei geral. De resto, o santo abade e os religiosos se rejubilavam com a pobreza que curtiam. E os incômodos que se seguiram foram para êles ocasião de praticar as mais heróicas virtudes. Deus os consolou diversas vêzes com sinais sensíveis da sua proteção.

A prova da qual acabamos de falar foi seguida de outra também notável. A doença havia roubado, nos anos de 1111 e 1112, a maioria dos religiosos de Cîteaux. O santo abade sentiu vivamente o golpe. O que mais o afligia era o temor de não poder deixar sucessores da sua penitência e pobreza. Com efeito, atribuía-se a morte de inúmeros religiosos à regra, acusada de excessivamente austera. Concluiu-se, então, que Deus não aprovava o novo instituto. Essa razão, que tinha algo de especioso, abalou o espírito de muitas pessoas. A conseqüência foi que ninguém mais se apresentava aos mosteiros para nêles serem recebidos. Todavia, o santo abade dirigia aos céus fervorosas orações, recomendando-lhe, com lágrimas o pequeno rebanho que dirigia. As graças, que havia obtido até então, davam-lhe uma espécie de direito à proteção do Senhor. A fé foi, finalmente, recompensada, quando Deus lhe enviou São Bernardo com mais de trinta companheiros, no ano de 1113, décimo-quinto ano de existência de Cîteaux. O santo abade recebeu com alegria indescritível tão numeroso e florescente refôrço.

Após algum tempo, viu-se em condições de fundar vários mosteiros, tais como os da Ferté, na diocese de Châlons, de Pontigni, perto de Auxerre, de Clairvaux e de Morimond na diocese de Langres, de Bonnevaux na diocese de Viena. Saíam muitas vêzes de Cîteaux piedosos grupos que iam povoar diferentes dioceses. Santo Estêvão fundou treze abadias e viu serem fundadas outras cem, pelos religiosos da sua ordem. Êle mesmo exercia supervisão sôbre todos. O principal cuidado que teve foi de nêles introduzir severa disciplina, e o espírito de caridade perfeita. Nesse sentido, estabeleceu freqüentes visitas a cada mosteiro e instituiu os capítulos gerais, nos quais eram coibidos os abusos notados pelos visitadores. O primeiro capítulo se deu em 1116, o segundo, em 1119. Neste, o santo publicou os estatutos que o papa Calisto II confirmou no ano seguinte.

Em 1133, vendo aproximar-se o fim da vida, demitiu-se do cargo que ocupava, para não pensar mais em outra coisa, que a eternidade. Morreu no dia 28 de março do ano seguinte, ou seja, 1134. Foi enterrado no claustro, perto da porta da igreja, no túmulo do bem-aventurado Olberico, seu predecessor.

* * *

SÃO MAPÁLICO E COMPANHEIROS (*)

Mártires

O elogio de São Mapálico vem numa carta de Cipriano, bispo de Cartago. Diz êle:

«Valentes e bem-aventurados irmãos, tôda minha alma se estremeceu de alegria quando recebi a notícia de vossa constância na fé, da qual se honra nossa mãe a santa Igreja. Há pouco, felicitava-se ela ao ver seus filhos sofrerem o exílio como prêmio da generosa confissão. Hoje, está ainda mais orgulhosa, porque, onde é mais rude o combate, mais glorioso é o triunfo. A grandeza do perigo nada mais faz do que acrescentar maior clarão à vossa vitória. O temor dos tormentos, bem longe de vos atemorizar, redobrou vossa coragem. Fortes e inabaláveis, correstes para o perigo. Aquêle que está em nós, é muitíssimo maior do que o príncipe do mundo, e os poderes da terra jamais serão fortes suficientemente para nos suster. Tivemos a prova nesta vitória dos irmãos que se mostraram como chefes dos companheiros, que deram o exemplo de uma fé firme e corajosa, que, corpo a corpo com o inimigo, caíram com denôdo. Foi o Cristo que combateu nêles, por sua graça, e desprovidos de armas temporais, defendidos pelo escudo da fé, confessaram-no, com voz

firme, com coração tranqüilo e coragem sôbre-humana.

«Sim, foram vítimas, mas mais fortes do que os próprios algozes. Os membros estraçalhados e triturados venceram as nefandas unhas de ferro. A fé invencível não foi abatida pelos golpes, embora todo o corpo nada mais fôsse do que uma e só ferida, embora o sangue, correndo em riachos, tenha tido a virtude de entreter o fogo da perseguição e de mais alumiar os fogos pelo inferno... É o que vemos a todo o instante. É a voz mesma do Espírito Santo que falou pela bôca do mártir, quando, em meio das torturas, o bem-aventurado Mapálico disse ao procônsul: «Amanhã, tu verás um combate!» E o Senhor cumpriu o que havia anunciado o servidor no entusiasmo da fé e da coragem. Vimos o combate celeste, e o servidor de Deus foi o vencedor. Foi bem o combate que Isaías disse: «Um violento combate se travou com os homens, porque Deus nêle tomou parte». E, para melhor esclarecimento, acrescentou: «Eis que uma Virgem conceberá um filho, ao qual será dado o nome de Emanuel». É o combate de nossa fé: atacamos, vencemos, recebemos a coroa. E o combate que o apóstolo Paulo nos mostra, ao qual se corre para obter a palma: «Não sabeis, disse êle, que entre os que correm no estádio, não há senão um que conquista o prêmio? Correi, de maneira que vos torneis mestres. Que faz o atleta? Guarda uma abstinência rigorosa. Contudo é frágil a coroa assim cobiçada! A vossa, ao contrário, é imortal». Afinal, falando do próprio combate, predizendo os tempos da própria imolação que se aproxima: «Já sou como uma vítima tôda preparada.

A hora está próxima, e o sacrifício se consumirá. Lutei com coragem».

«Êste combate, pois, anunciado pelos profetas, travado por Nosso Senhor, sustentado pelos apóstolos, Mapálico, em seu próprio nome e no de seus irmãos, prometeu-o ao procônsul. Ora, não faltou com a palavra. Prometeu e sustentou a luta, recebendo a coroa que tão gloriosamente merecia. Não posso agora senão vos exortar, para que imiteis aquêle santo mártir e companheiros. Como êles, estai firmes na fé, pacientes no sofrimento, inquebrantáveis nas torturas, a fim de que, depois de terdes partilhado das cadeias e da glória da confissão, partilheis também da coroa no céu...»

O bispo de Cartago diz-nos também que Mapálico e muitos outros cristãos haviam sido aprisionados no início da perseguição.

Foram companheiros de Mapálico: Paulo, Fortunião, Fortunata, Vitorino, Vítor, Herênio, Crédula, Herena, Donato, Firmo, Venuto, Fruto, Júlio, Marçal e Aristão. Quase todos morreram de fome nas masmorras, em 250, na África, vítimas da perseguição de Décio.

* * *

SÃO ROBERTO DE CHAISE-DIEU (*)

Abade e Confessor

Roberto nasceu na família dos Turlande, no meio de uma grande floresta, quando a mãe, indo a uma visita ao castelo vizinho, sentiu as dôres do parto.

Desde os primeiros dias, veio o presságio de que seria devotado à pureza, uma vez que, tendo sido confiado sucessivamente a duas amas de leite, ambas de má vida, recusou-lhes, com veemência o peito.

Entregue, para a educação, aos eclesiásticos de São Juliano de Brioude, ali se formou na piedade.

São Roberto teve uma juventude inocente. Passava as noites em oração, era caridosíssimo com os pobres, e, a muitos dêles, lavava-lhes e pensava as feridas.

Uma vez recebida a tonsura, nomearam-no cônego da igreja de São Juliano. Padre, rezava a santa missa com devoção jamais vista.

Contemplativo, São Roberto, um dia, decidiu abandonar a tudo para seguir Jesus Cristo. E, atraído pela fama de Cluny, sob o govêrno de Santo Hugo, resolveu procurar a célebre abadia. Confiou, então, a um companheiro, aquêle intento, concer-

tando, ambos, que deixariam São Juliano à noite, às escondidas.

Sem que se saiba como, porém, foram descobertos. E o Santo, envergonhadíssimo, cheio de dor, chegou até a adoecer.

Quando se curou, buscou por todos os meios uma solução que o levasse à vida monástica. E, tendo ido a Roma, para consultar o Senhor, longamente, e com fervor, orou sôbre a tumba dos Santos Apóstolos, suplicando que Deus lhe fizesse ver a vontade do céu.

De volta, esperando no Senhor com grande confiança, viu-se atendido nos rogos que fizera. Um soldado, chamado Estêvão, pouco depois do regresso, apareceu para consultá-lo sôbre como devia fazer penitência.

— Deixa tudo, respondeu-lhe o Santo, e transfere-te para a milícia do Senhor.

— Eu o farei gostosamente, disse-lhe o soldado com ardor, uma vez que possa realizar o sacrifício em tua companhia.

Era, sem dúvida, pensava Roberto, aquêle soldado, enviado de Deus. E, a êle, deu-lhe a conhecer o seu secreto desejo.

Sem tardança, o soldado fêz uma peregrinação a Nossa Senhora do Puy-en-Velay, para implorar o socorro da Virgem, a orientação que deviam seguir. E, de regresso, descobriu, nas montanhas, entre matas, os escombros de uma igreja abandonada, distante de Brioude cinco léguas pouco mais ou menos. Não estava ali um ótimo retiro?

Alegre, Estêvão foi referir a descoberta ao Santo. E, não demorou muito, um segundo soldado

veio pedir ao confessor que o aceitasse como discípulo. Chamava-se Dalmácio e queria viver sob sua orientação.

Roberto determinou provar os dois durante alguns meses, findos os quais, demandaram a ermida arruinada, perdida nas montanhas e nas florestas.

Os três, despojados de tudo, alegraram-se com aquêle estado de indigência.

Passaram, então, a viver no êrmo. E os habitantes das redondezas, desconfiados, ao invés de ajudá-los, injuriavam-nos.

Roberto e os dois ex-soldados suportaram os maus tratos como enviados por Deus, mas a brutalidade dos moradores daquela região acabou por se arrefecer e, afinal, desapareceu. Alguns, mesmo, do lugar, tocados, edificados por tanta piedade e renúncia dos solitários juntaram-se a êles. E o número dêstes últimos, crescendo, levou a São Roberto a necessidade de construir um mosteiro.

O bispo de Clermont deu-lhe a permissão, e, com o tempo, pessoas piedosas começaram a contribuir, estas com dinheiro aquelas com materiais indispensáveis.

Assim surgiu a abadia de Chaise-Dieu, em 1050, para a qual se obtiveram, do papa, então Leão IX, os privilégios e as autorizações necessárias.

Abade, embora relutasse na aceitação do cargo, Roberto conseguiu, pela doçura, a pureza de intenção e os milagres, reunir no mosteiro de Chaise-Dieu perto de trezentos religiosos submetidos à regra de São Bento.

Deus deu-lhe a conhecer a hora da morte. Então, reunindo os filhos todos, exortou-os a perseverar, abraçando-os um por um.

Quando faleceu, a 17 de abril de 1067, todos lhe choraram a morte.

* * *

BEM-AVENTURADA CLARA GAMBACORTA (*)

Viúva

Na época em que Pisa se via dividida entre duas facções — Bergolini e Raspanti — a família Gambacorta se aferrava aos primeiros. Eis senão quando, a uma revolta do povo, os Raspanti, então oprimidos, passaram a dominar.

Pedro Gambacorta, exilado, tornou à pátria.

Teodora, ou Tora, como a chamavam na intimidade, era a última filha de Pedro, nascida em 1362, provàvelmente no degrêdo. E o pai, para assegurar o poder, tratou do noivado da menina com um rico senhor chamado Simão de Massa, aristocrata.

Tora, então, contava sete anos, e pensava em votar-se ao Senhor. Contudo, acostumada a obedecer sem resistência, aceitou humildemente o arranjo de Gambacorta.

Desde aquela época, quando orava diante de Jesus crucificado, ou então quando adorava o Salvador divino, à elevação da missa, Tora tirava do dedo o preciosíssimo anel que Simão lhe dera, e dizia, ardentemente:

— Tu bem sabes, Senhor, que não desejo outro amor que não o teu.

Aos doze anos, Pedro tratou do casamento da filha. E Tora, desposada por Simão de Massa, deixou a casa paterna e foi viver na do marido.

Na nova residência, a jovem espôsa encontrou grande luxo e teve que se vestir com suntuosidade. Tora assim o fêz, mas, sob os riquíssimos trajos, na carne, rude cilício cingia-lhe os rins.

Submissa à sogra, consoante o costume daqueles idos, não pôde, como o fazia na casa dos pais, socorrer os pobres com liberalidade. Unindo-se a um grupo de piedosas mulheres, a jovem Tora, entretanto, levou vida de oração e de caridade.

Simão de Massa, vitimado pela violência de uma epidemia que surgira na Toscana, faleceu quando a espôsa contava quinze anos.

Tora, também contaminada, deixou a casa dos sogros e voltou para Pedro Gambacorta, que, pouco mais tarde, quis casá-la novamente.

A moça viúva, porém, fascinada com Santa Catarina de Siena, com a qual se correspondia, e dela recebera carta, exortando-a a reivindicar a liberdade para que pudesse oferecer-se tôda e só a Deus, determinou lutar, agir com energia. E assim fêz, principiando por cortar os belos cabelos muito longos, abandonar os ricos adornos, as caríssimas jóias e a distribuir aos pobres os detestados vestidos finos.

Ao mesmo tempo, uma criada que lhe era imensamente devotada, e que lhe seria irmã em religião, tratava, secretamente, com as clarissas do mosteiro de São Martinho, da admissão da senhora.

A luta com a família ia acesa, mas Tora, cheia de confiança em Deus, levava avante aquilo que tinha em mente, acoroçoada pela próxima admissão. já que, tudo tendo sido concluído em São Martinho, estava com o dia marcado para deixar a casa de Pedro Gambacorta.

Foi assim que, em meio a pressão dos seus, Tora e a criada, às escondidas, naquele dia, da fèsta dos Apóstolos, escapuliu e chegou ao mosteiro, onde, sem tardança nem delongas, deram-lhe o hábito franciscano e o novo nome — Clara, com o qual se tornaria mais conhecida.

Ora, Pedro Gambacorta não era homem que se abatesse com os revezes. Perdida uma batalha, imediatamente estava se aprestando, e mais diligentemente, para outra.

Furioso com o passo da filha que sempre se lhe submetera com docilidade, no dia seguinte ao da fuga estava às portas do convento, malhando-as com os grossos punhos e a berrar impropérios. Que lhe trouxessem a filha ou haviam de se haver com êle.

As religiosas, aterrorizadíssimas, a tremer, suplicaram à noviça de apenas um dia, que deixasse o claustro de boa vontade, mas Clara, enèrgicamente, opôs-se. Não sairia.

Lá fora, o fero Pedro continuava malhando contra as portas e a deitar veneno pela bôca.

Cada vez mais aflitas e amedrontadas, as religiosas tôdas acordaram que havia necessidade de agir, e agir com presteza. Tomaram, então, a jovem noviça à fôrça e, de cima do muro, fizeram-na cair nos braços dos irmãos, que haviam seguido o pai.

E Clara, que se magoara na queda, e de Deus conseguira o milagre de se refazer instantâneamente, revestida com o hábito das clarissas, foi levada de volta à casa paterna, desta vez como prisioneira do próprio progenitor.

Pedro não mais queria vê-la, e deu ordem para que a encerrassem bem encerrada, porque era bem capaz de escapar e ir em busca de outro mosteiro.

Os irmãos, incumbidos de lhe levar as refeições, nem sempre se lembravam de executar o mandado do pai, e assim, Clara, por muitos dias, ficava privada do que quer que fôsse. Mas não se queixava. Não estava ela agora levando vida de reclusa, de contemplativa, encerrada num quarto?

Ali, da janela gradeada, consolava os pobres, que a procuravam.

Um dia, ouviu uma mulher a mendigar pela rua, doridamente. Estava em farrapos, tinha no rosto uma tal expressão de dor, caminhava tão trôpega e cansadamente, que Clara, compadecida, chamou-a para perto da janela. E, dizendo à pobre que a única coisa que lhe podia dar, e dava-o de todo o coração, era uma roupa mais nova, recomendou-lhe que nada dissesse a ninguém, fôsse quem fôsse.

A mulher, deixando a bem-aventurada, entrou a proclamar por tôda a cidade, no mesmo instante o imenso coração da benfeitora. E, ao mesmo tempo que a encomiava, a Pedro Gambacorta, com veemência, denunciava-lhe a odiosa conduta que tivera com a flor que possuia e não sabia tratar nem cuidar.

Clara, no cativeiro, sòmente se ressentia de duas coisas: não poder ouvir a missa nem comungar.

Deus, um dia, resolveu satisfazê-la. E, antes, tendo-lhe feito ver que a não queria na ordem de São Francisco, mas sim, na de São Domingos, propiciou-lhe meios para deixar a prisão e ir assistir à santa missa e receber os sacramentos. Era na ausência do pai, e a mãe, mais uma nora, compadecidas da sorte da filha e da cunhada, tiraram-na do quarto e levaram aos irmãos pregadores, onde ouviu missa, confessou e recebeu a Jesus-Hóstia.

Uma tarde, chegou à casa de Gambacorta um santo prelado, com o qual, de uma feita, Pedro se encontrara na Terra Santa, por ocasião de uma peregrinação, quando nos tempos do exílio. Era êle Afonso de Vadaterra, bispo na Andaluzia, agora, sem as dignidades, a praticar a vida eremítica perto de um mosteiro de Gênova. Prometera a Gambacorta, que havia de visitá-lo em Pisa e, pois, viera cumprir a promessa.

Pedro, com alegria, acolheu aquêle santo homem, que fôra diretor de Santa Brígida. Deus enviava-o justamente naquela época do cativeiro de Clara, expressamente para resolver a situação da bem-aventurada.

Pedro procurou servir-se dêle para demover a filha da teimosia. E, certo de que o prelado amigo conseguiria convencê-la, ficou abismado quando Afonso de Vadaterra lhe disse que Clara era portadora de todos os sinais de uma vocação verdadeiramente divina.

Deus, assim, como se viu, ia dá-la à regra de São Domingos.

Era em 1378, e Afonso encorajou-a na resistência que fazia ao pai. E, de Pedro, conseguiu-lhe melhor tratamento.

Clara deixou a prisão, e Gambacorta consentiu que a filha fôsse viver entre os dominicanos de Santa Cruz. Pedro mesmo conduzira-a, e Clara, entristecida, porque ali não se observava com fervor o capítulo da pobreza, levou o pai, agora muito mudado, a prometer-lhe um novo convento onde pudesse inaugurar observância mais rigorosa.

E assim, cumprindo a promessa, Gambacorta, em 1382, erigiu a nova casa, que se colocou sob a invocação de São Domingos.

Superiora, Clara não se limitou à vida contemplativa. Dedicou-se também, e com ardor, aos miseráveis.

Como Santa Catarina de Siena, manteve assídua correspondência com pessoas dedicadas a Deus. O traço característico desta correspondência é a lembrança constante do nada da vida, que, por uma bagatela, corre-se o risco de perder, a todo o instante, e do dever que temos de amealhar riquezas, não materiais, mas espirituais, que nos levarão, um dia, a gozar da glória eterna, daquela que, mortos, poderemos levar para além da tumba que nos recolher o corpo.

Na quaresma de 1419, a bem-aventurada Clara adoeceu. E, pelo jeito, as irmãs sabiam que o fim estava bem próximo.

Com efeito, depois de ter abençoado as religiosas tôdas, docemente, expirou na segunda-feira de Páscoa, 17 de abril do ano de 1419.

O corpo, exposto por muitos dias à veneração dos fiéis, foi enterrado no côro das religiosas de São Domingos de Pisa, e, treze anos mais tarde, ao

abrir-se o túmulo, suavíssimo odor se desprendeu, tomando o ar.

Um fato extraordinário teve lugar aquêle dia. Lavados os ossos para serem confiados a um mais digno sepulcro, uma religiosa, chamava-se Mattea, sofrendo há tempos do terrível mal da lepra, inspirada por Deus, correu à água que se usara para a lavagem dos ossos da bem-aventurada, e dela bebeu uma boa porção. Maravilhadas, tôdas as irmãs viram-na limpa, curada instantâneamente.

* * *

BEM-AVENTURADA MARIA ANA DE JESUS (*)

Virgem

Maria Ana nasceu em Madri no ano de 1565. Era filha de Luís de Navarra de Guevara e de Joana Romero.

Desde a mais tenra idade, consagrou-se a Deus e a vida que levou foi uma constante luta contra o pai, que desejava casá-la.

Os maus tratamentos que recebeu da madrasta — porque Luís Navarra de Guevara, morta a primeira espôsa, contraiu novo matrimônio — foram terríveis.

Maria Ana, porém, inabalável no seu generoso propósito, soube levar com resignação a cruz que lhe fôra imposta.

Um dia, resolvida, correu a um mosteiro, para se abrigar das injustiças, mas não recebeu acolhida, uma vez que o temor de desagradar a Navarra era bem grande.

Obrigada, assim, a permanecer na casa paterna. Maria Ana levou vida de retiro, a praticar austeridades rigorosas.

Deus, então, cumulou-a de favores extraordinários.

Afinal, contava a bem-aventurada quarenta e dois anos, conseguiu do pai a permissão sempre ardentemente desejada, e entrou na ordem de Nossa Senhora das Mercês, onde recebeu o hábito e o nome de Maria Ana de Jesus.

Maria Ana de Jesus, que constantemente visitava a rainha, pela modéstia e santidade, edificava tôda a côrte.

A bem-aventurada dedicou-se fervorosamente a três coisas, que lhe eram capitais: aos pecadores, a orar pelas almas do purgatório, a mortificar-se pelos cristãos cativos na África.

A 17 de abril de 1624, com cinqüenta e nove anos de idade, depois de insidiosa moléstia, que soube levar com verdadeiro espírito cristão, faleceu calmamente. Muitos milagres, então, foram operados à beira do seu túmulo.

Pio VI beatificou-a em 1783, cento e cinqüenta e nove anos depois da morte.

* * *

BEM-AVENTURADO GERVINO (*)

Confessor

Gervino, também conhecido como Gervásio, era da Flandres, filho de pais pobres.

Moço, empreendeu duas peregrinações a Roma e a Jerusalém.

Um dia, para satisfazer a atração que o fazia pender para a vida solitária, foi solicitar a admissão no mosteiro de Bergues-Saint-Winnoc. Admitido, anos mais tarde foi ordenado padre pelo bispo de Thérouanne.

Com o correr do tempo, mais e mais crescia no bem-aventurado Gervino o desejo de viver só, no mais profundo retiro. Foi, então, levar a vida desejada.

Primeiramente, estêve nas vizinhanças da antiga Corbie, depois passou ao Monte Cassel e, uma última vez, nos arredores da cidade de Aldenbourg.

Por que as mudanças? Porque onde Gervino parava, espantava-o o povo, que se sentia atraído pela humildade, santidade e reputação de que sempre gozou, desde que se fêz religioso.

Aquela mesma humildade, santidade e reputação levaram-no a ser escolhido como abade do

mosteiro de Aldenbourg, cujos religiosos, edificados, foram procurá-lo, para confiar-lhe aquêle pôsto.

Gervino, depois de se horrorizar com tal escolha, de opor tenaz resistência, acabou cedendo, certo de que Deus, pela teimosia dos que o procuraram, manifestara-se por êle.

Pela conduta, o bem-aventurado Gervino foi para os irmãos contínua causa de edificação. Deus, então, cumulou-o com o dom dos milagres e da profecia.

O santo homem viveu quarenta anos sem comer carne, acrescentando a esta abstinência inúmeras mortificações sempre desejoso de se castigar.

Anos depois da bênção abacial, abdicou daquela dignidade. Construiu um pequenino oratório no mais espêsso da floresta de Cosfort, e ali se retirou para, calmamente, esperar a morte, morte que o levou no dia 17 de abril de 1117.



No mesmo dia, em Roma, Santo Aniceto, papa e mártir, que, durante a perseguição acoroçoada por Marco Aurélio Antonino e Lucius Verus, recebeu a gloriosa palma do martírio, em 166. Nascido na Síria, segundo o **Liber pontificalis**, sucedeu a São Pio, o Primeiro, na Sé de Pedro. A Aniceto é atribuída a proibição do uso dos cabelos compridos.

Em Meaux ou em Metz, São Landry, bispo e confessor. O filho mais velho de Vicente Hadelgário e de Valtrudes, era irmão de Adeltrudes. Seu episcopado é bem problemático, uma vez que uns o dão como bispo de Meaux, outros de Metz. Nem

em Meaux nem em Metz, porém, nas antigas listas, encontra-se qualquer referência daquela dignidade a tal nome de Landry. Falecido em 700.

Na Sicília, as Santas Isídora e Neofita, mártires. Duas irmãs da cidade de Lentini, que, segundo as atas do grupo Álfio, Filadelfo e Cirino (1), foram martirizadas sob Armatus, quando da perseguição de Maximino da Trácia. Tecla filha de Isidora. sepultou-lhes os corpos e construiu uma igreja no lugar da tumba. Ano de 236.

Na Escócia, os santos Donnan e outros, mártires. Originário da Irlanda, Donnan passou a uma das Hébridas, precisamente a ilha de Egga, e ali estabeleceu um mosteiro de religiosos. Quando celebravam a Páscoa, todos (52 ao todo) foram surpreendidos pelos piratas dinamarqueses e mortos, em 617.

Na Espanha, Santa Potenciana, virgem, cujo túmulo foi descoberto numa ermida perto de Villanueva, com a seguinte inscrição: **Hic jacet corpus S. Potentianae.** Supõe-se que tenha vivido na época dos reis visigodos, no século VII.

Em São Vandrilo, São Vandon, décimo-terceiro abade de São Vandrilo, morto em 756.

Na Suábia, o bem-aventurado Eberhard de Wolfegg, abade. Foi o primeiro prior da ordem dos premonstratenses que governou o mosteiro de Machthal, no Danúbio, quando esta casa passou aos norbertinos. Morreu santamente em 1178. Em 1204, desenterrado, foi encontrado sem qualquer corrupção.

---

(1) Ver 10 de maio.

Em Berna, o bem-aventurado Rodolfo, menino-mártir. Ainda uma pequenina vítima dos judeus, que o levaram à morte dado o ódio votado a Cristo Nosso Senhor (1287). O corpo, encontrado poucos dias depois do assassínio, foi enterrado na igreja catedral de Berna, perto do altar da Santa Cruz. A S. Congregação dos Ritos aprovou-lhe o culto para a diocese de Berna em 1869.

Nesse mesmo país, os santos mártires Fortunato e Marciano.

Em Antioquia, os santos mártires Pedro, diácono, e Hermógeno, seu servidor.

Em Córdoba, os santos mártires Elias, sacerdote; Paulo e Isidoro, solitários.

Em Viena, São Pantáguedo, bispo.

Em Tortona, Santo Inocêncio, bispo e confessor.

* * *

18.º DIA DE ABRIL

SANTA MARIA DA ENCARNAÇÃO

Alma amiga e contemporânea de Santa Chantal, bem como do santo bispo de Genebra, foi a bem-aventurada Maria da Encarnação, religiosa carmelita. Nasceu em Paris, no dia 1.º de fevereiro do ano de 1565, de Nicola Avrillot e de Maria Lhuillier, ambos de famílias nobres, possuidoras de grandes fortunas, de reconhecida piedade. Filha única, recebeu no batismo o nome de Bárbara. Prevenida, desde o bêrço, a respeito das graças e das bênçãos do Senhor, mostrou-se desde cedo cheia de doçura, modéstia e obediência. Com a idade de doze anos foi colocada nas mãos das clarissas de Longchamps, sob a direção de uma tia. Os progressos na prática da virtude foram surpreendentes. Em particular, tinha a mente voltada para a presença de Deus e, quase que continuamente, elevava o coração para êle, por meio de santas aspirações. Duas pessoas, principalmente, contribuíram para fazê-la contrair êsse piedoso hábito: um piedoso franciscano, confessor do convento e uma santa religiosa, com quem freqüentemente se entretinha. Primava ainda por um vivo temor de ofender a Deus, por um empenho em jamais afligir quem quer que seja, e, quando lhe faziam censuras, respondia com humilhação plena de

humildade. O momento de sua primeira comunhão chegou enfim. Preparou-se por intermédio de penitências e austeridades que teriam assustado as mais mortificadas religiosas. O Senhor se dignou cumulá-la de sentimentos de alegria vivíssimos, quando ela teve a felicidade de possuí-lo pela primeira vez em seu coração; quando mais tarde disso se lembrava, assegurava que não o teria querido trocar com o universo todo.

Maria da Encarnação voltou à casa paterna aos quatorze anos, para atender aos desejos dos pais, não obstante a pronunciada inclinação que manifestava para a vida religiosa. Mas não mudou absolutamente os hábitos piedosos a que se acostumara, e continuou a dedicar-se à prece, às leituras santas e à mortificação cristã, na medida que sua posição lhe permitia. Entretanto, o mundo estava longe de agradar-lhe, e quanto mais o via de perto, mais dêle afastar-se queria com aversão. Decidiu pedir aos pais permissão para entrar no convento das hospitalárias do Hotel de Deus de Paris. Essa comunidade lhe agradava sobremaneira, por causa da vida laboriosa e sacrificada dessas santas irmãs e do cuidado que tomavam dos enfermos. Mas os pais tinham projetos bem diversos para a filha, e a mãe proibiu-lhe falar daí em diante de tal coisa, declarando-lhe que jamais consentiria. Maria submeteu-se, e recebeu a decisão materna como vinda de Deus.

— «Meus pecados, disse ela, me tornaram indigna do título de espôsa de Jesus Cristo; é preciso que me contente com ser serva num estado inferior».

Sua mãe, conquanto cristã e piedosa, via com desgôsto ser ela insensível aos prazeres que a cer-

cavam e procurar sempre as vestes mais simples e inadequadas à sua condição. Repreendia-a freqüentemente com severidade; trancou-a mesmo, a ponto de pô-la enfêrma, num quarto sem aquecimento, úmido, em pleno inverno, onde a deixou vários dias e várias noites; mas a santa filha suportava tudo com uma paciência angélica e não se permitia sequer queixar-se contra o rigor com que era tratada. Tantas virtudes, a par de um espírito brilhante e cultivado, e tôdas as graças exteriores, atraíram para Bárbara a estima geral; muitos pretendentes se apresentaram para pedi-la em casamento. Com efeito, entre dezessete e dezoito anos, contraiu núpcias com Pedro Acário de Villemor, senhor de fortuna, homem de piedade acendrada, de fé e caridade imensa, que consagrou grande parte de seus bens ao alívio dos católicos inglêses, forçados pelas leis sangüinárias de Isabel I a fugirem de sua pátria e asilarem-se na França.

O senhor Acário, zeloso partidário da liga, pela qual havia contraído dívidas, foi exilado por Henrique IV a dezoito léguas da capital. Então os credores exigiram o reembôlso, penhoraram-lhe todos os bens e levaram a desumanidade a ponto de apoderar-se dos pratos que estavam sôbre a mesa para o almôço; tiraram mesmo à espôsa a cadeira sôbre a qual estava sentada. Ela os deixou agir sem mostrar qualquer emoção.

— Quando se tem confiança em Deus, disse ela, nenhum acontecimento nos perturba; e muito devo agradecer-lhe ter-me separado dêstes bens, ao invés de mos ter tirado realmente.

Perdidos assim os bens, viu-se em extrema penúria e freqüentemente lhe faltava o necessário. Um

dia, lançou-se aos pés de um de seus parentes, pedindo pão com insistência; êste repeliu-a de modo brutal, mas sua paciência não se alterou. Entretanto, o marido foi acusado de conspiração contra a vida do rei e ela mesma tomou sua defesa, forneceu as provas de sua inocência, redigiu as cartas e memórias, solicitou aos juízes e dirigiu tôdas as instâncias. Seus esforços foram coroados de êxito; e o senhor Acário, declarado inocente, procedeu com os credores aos devidos arranjos, que, conquanto lhe diminuíssem consideràvelmente a fortuna, ainda lhe deixaram uma posição honrosa na sociedade. Durante o tempo que os negócios haviam sofrido os transtornos a que nos referimos, haviam proposto à senhora Acário que separasse alguns bens do marido para si; mas ela jamais se dispôs a escutar tais proposições. Seu comportamento para com êle foi sempre tão terno como respeitoso. Nada fazia sem consultá-lo e acatava sempre o seu conselho. Em suas doenças, era ela que queria vigilar e prodigalizar-lhe todos os cuidados que reclamava o seu estado, mesmo estando mais gravemente enfêrma do que êle próprio.

Teve a santa seis filhos, três moças e três rapazes, os quais educou com acurado esmêro no temor de Deus e na prática de sólida piedade. Levantavam-se cedo, recitavam juntos a oração da manhã, faziam a meditação e, em seguida, assistiam à missa. Tal era o exercício diário. Depois vinha o trabalho e, após êste, os divertimentos. A senhora Acário dirigia tudo. Havia acostumado de tal modo os filhos a estar sempre com ela, que não podiam passar o dia sem sentir-lhe a presença, mesmo nos folguedos, aos quais jamais faltava. Inspirou-lhes ver-

dadeiro horror à mentira. Não queria que se queixassem nem da alimentação, extremamente simples e frugal, nem das roupas, nas quais não existia nada de rebuscado, nem dos criados da casa. Quando estava satisfeita com o comportamento e o progresso dêles, dava-lhes dinheiro para que o distribuíssem entre os pobres que encontrassem e acostumava-os a sentir prazer em aliviar os sofrimentos dos infelizes. Deus concedeu amplas bênçãos a uma atitude tão cristã. As três filhas se fizeram carmelitas e os rapazes entraram um para a magistratura, um para o sacerdócio e outro se tornou militar. Conservaram sempre no coração os sentimentos que a santa mãe se esforçara por lhes inspirar. São Francisco de Sales, que os conhecia, escreveu a uma das irmãs em 1619: «Tive a felicidade de ver todos nesta última viagem que fiz à França, e o contentamento de reconhecer-lhes nas almas sinais claros do cuidado que o Espírito Santo por êles tem».

A senhora Acária tinha para com os criados uma atitude que devia servir de modêlo a tôdas as mulheres cristãs. Possuída das palavras de São Paulo, que dizia ser pior do que um infiel quem não cuidasse dos criados, fazia-os assistir à missa diàriamente e aproximar-se dos sacramentos nas grandes festas da Igreja. Mas, ao mesmo tempo, exigia dêles tanta exatidão no serviço, que se um cometia alguma falta, o repreendia com severidade, sempre, porém, mesclada com uma dose de bondade e caridade. Quando estavam doentes, dêles cuidava com carinho. E se em perigo se encontravam, era ela mesma que lhes passava à cabeceira, desempenhando as funções mais repugnantes. Tocados com as virtudes e o

espírito de renúncia que ela possuía vários criados, homens e mulheres, entraram mais tarde na religião.

A caridade para com todos os infelizes era imensa; sem cessar, estava ocupada em procurar obter novo meio de fazer bem ao próximo. Gostava principalmente de dar aos religiosos que se fazem pobres voluntàriamente, por amor a Jesus Cristo, aos nobres arruinados, aos pobres envergonhados, e, particularmente, às jovens indigentes, para preservá-las dos perigos aos quais podiam ser expostas pela indigência. As pessoas mais destacadas a encarregaram de distribuir suas esmolas e muitas vêzes Maria de Médicis e Henrique IV se serviram dela para socorrerem infortunados desconhecidos. A visita às prisões e aos hospitais, bem como a conversão dos protestantes, eram ainda obras de caridade às quais a senhora Acário se entregava continuamente. Esforçava-se por consolar os infelizes. Qualquer que fôsse a dor que alguém sentisse, ao se acercar dela saía com a alma aliviada. Um dia, voltando de Luzarches, teve a infelicidade de cair do cavalo e quebrar a perna; o acidente não lhe arrancou nem um só gemido. E mesmo durante a operação cirúrgica, manteve-se completamente em silêncio. Essa atitude provocou a seguinte exclamação: «Mas, onde estais, senhora? O sofrimento é inaudito e não deixais escapar um só gemido? Estais morta em vida?» Em duas outras ocasiões, aconteceu-lhe o mesmo acidente. A paciência foi ainda tão grande como anteriormente fôra, assim como grande foi também a coragem.

Mas, de tôdas as obras de piedade que a senhora Acário empreendeu, durante o tempo em que foi casada, a mais célebre e importante foi o estabeleci-

mento das carmelitas em França. Santa Teresa acabara de reformar essa ordem na Espanha, e algumas pessoas piedosas, entre as quais os abades de Berulle e de Bretigny, secundadòs por São Francisco de Sales, procuravam introduzi-la em França. Todavia o êxito de tais esforços foi devido principalmente à cooperação da senhora Acário. O zêlo, o talento, a energia e a prudência que empregava nesse mister mereceram-lhe o título de fundadora das carmelitas nesse reino. Religiosas espanholas, mandadas chamar, estabeleceram-se em Paris, na localidade denominada Saint Jacques. Em poucos anos, os estabelecimentos dêsse gênero se multiplicaram e, entre as pessoas da mais alta linhagem, nasceu grande desejo de para êles contribuir.

Ela multiplicava os esforços, quando se tratava de cooperar numa boa obra. Ao mesmo tempo em que cuidava do estabelecimento das carmelitas do qual falamos há pouco, reunia, em uma casa perto de Santa Genoveva, várias pessoas jovens que pareciam chamadas para a vida religiosa, e que para ela se preparavam, como se estivessem em um noviciado, consagrando o tempo de que dispunham à oração e à mortificação. Algumas dentre elas entraram mais tarde para a ordem das carmelitas, enquanto outras fundaram a primeira casa de Ursulinas, com o objetivo de educar as jovens. A senhora Acário considerava o trabalho destas extremamente precioso para a reforma dos costumes. Sabia que as mães de família educadas em bons princípios haveriam de transmiti-los cuidadosamente aos próprios filhos, e que êstes voltam, quase sempre, na idade madura, aos princípios dos quais foram imbuídos na juventude, mesmo que, arrastados pelas paixões, dê-

les cheguem a se afastar. O estabelecimento dos Oratorianos em França foi ainda, em parte, fruto do zêlo da senhora Acário. «Falta, dizia ela ao padre Coton, confessor de Henrique IV, uma ordem que possa dar aos bispos bons vigários e bons curas. Freqüentes vêzes já falei com monsenhor Bérulle para fundar uma. Mas êle não quer ocupar-se de tal empreendimento. Ajudai-me a persuadi-lo». Com efeito, monsenhor Bérulle considerou-lhe o pedido e, secundado por essa santa mulher e por monsenhor Marillac, guarda dos selos, fundou a congregação que proporcionou à Igreja grandes e reais serviços.

Eis um ligeiro quadro das atividades e das virtudes da senhora Acário, enquanto estêve no mundo, à testa de numerosa família e sob o pêso dos deveres multiplicados que devia cumprir para com o marido e filhos. Firmemente ligada à fé da Igreja que os esforços dos inovadores atacavam; cheia de confiança na providência, à qual se entregava em tôdas as necessidades como em tôdas as emprêsas; procurando Deus em tudo e antes de tudo, e consagrando a própria vida inteira à glória de Deus por todos os meios; sempre resignada e submissa à vontade de Deus nas maiores provações; humilde, mortificada, paciente, ocupada contìnuamente com as enfermidades e necessidades do próximo. Foi por essas virtudes, praticadas com rara fidelidade, que mereceu o dom da mais sublime oração e dos favores sobrenaturais semelhantes aos que Santa Teresa, São João da Cruz e vários outros santos haviam recebido.

Mas, aproximava-se o momento de ampliar os seus méritos com novos sacrifícios. O marido lhe morrera em 1613. Apressou-se, então, em pôr ordem

em todos os assuntos temporais, fazendo ela mesma a divisão dos bens entre os filhos. Encontrando-se, depois, livre de todos os liames que podiam tê-la presa ao mundo, resolveu entrar para a ordem das carmelitas, na qualidade de simples irmã convertida. E pediu que fôsse enviada para a casa mais pobre. Dirigiu-se, então, ao convento de Amiens, com a aprovação de monsenhor Bérulle, nessa época diretor espiritual das piedosas jovens. Como tôda a comunidade estivesse reunida para recebê-la, a santa viúva se atirou aos pés da prioresa, dizendo-lhe: «Sou uma pobre mendiga, que vem suplicar a misericórdia divina e atirar-se aos braços da religião». Enquanto lhe durou o noviciado, pediu que a encarregassem dos serviços mais baixos da cozinha; e no resto da vida não teve outra ocupação. Se as enfermidades a obrigavam a ir à enfermaria, considerava uma graça a permissão de lavar os velhos hábitos e os trapos da comunidade. Chegou, por fim, a época da profissão. Encontrando-se muito adoentada, foi necessário levá-la, deitada, a um quarto cuja janela dava para a capela. Assim, no dia 7 de abril de 1615, fêz os votos e recebeu o nome de Maria da Encarnação. Acreditava morrer dessa doença e foi mesmo, durante algum tempo, tida como destinada à morte. Deus, porém, queria experimentá-la e dar-lhe novas oportunidades para embelezar ainda mais a coroa que lhe fôra destinada.

Entrementes, o cargo de prioresa veio a ficar vacante. A comunidade escolheu, para ocupá-lo, a irmã Maria da Encarnação, cujas virtudes e talentos inspiravam a mais alta confiança. Todavia, ela se recusou com tanta humildade e firmeza, que ninguém quis contrariá-la. Uma das filhas foi esco-

lhida, ao mesmo tempo, para o cargo de subprioresa. Imediatamente a irmã Maria se lhe prostrou aos pés e lhe prometeu obediência, como tôdas as outras convertidas, para grande espanto e edificação de tôda a comunidade.

Entretanto, os negócios temporais das carmelitas de Pontoise se encontravam em situação pouco próspera e a regra não era lá observada com muita exatidão. Para êsse convento foi enviada a irmã Maria da Encarnação, a qual, assistida de monsenhor Marillac, pagou as dívidas, aumentou as instalações e melhorou a ornamentação da igreja. Fêz ainda reviver entre suas novas companheiras o espírito de Santa Teresa. Nesse convento ficou até à morte, que ocorreu no dia 18 de abril de 1618, após longa e dolorosa doença. No meio de terríveis sofrimentos que teve de suportar, ficava como que imersa e perdida nos abismos do amor divino. Muitas vêzes, ouviram-na pronunciar estas palavras: «Que misericórdia, Senhor, que bondade para com uma pobre criatura!» A prioresa pediu-lhe que abençoasse tôdas as religiosas. Ela, então, ergueu as mãos para o céu, dizendo: «Ó Senhor, eu vos suplico, perdoai-me todos os maus exemplos que dei.» Depois, voltando-se para a comunidade: «Se aprouver a Deus receber-me na felicidade eterna, rogarei por vós, para que vos conceda a graça de que os desejos de seu Filho se realizem em vós». Certo dia, o médico observou-lhe a dor que a doença devia causar-lhe. «De fato, respondeu ela, causa-me muita dor, mas quando compreendemos que nossos sofrimentos nos vêm de Deus, tal pensamento basta para os abrandar e nos tornar pacientes».

Desde a infância, Maria da Encarnação tinha uma idéia elevada, a respeito da virtude dos claustros. Todavia, não pôde conhecer-lhe tôda a sublimidade, senão após ter abraçado a vida religiosa. «Sempre senti, dizia, que as religiosas possuíam grande virtude. Mas, antes de viver com elas, não pude compreender a que ponto algumas podiam chegar».

Maria da Encarnação foi beatificada no dia 29 de maio de 1791, pelo papa Pio VI, e canonizada em seguida. Suas relíquias, escapadas, felizmente, à profanação durante a revolução francesa, foram solenemente reintegradas, em 1822, na capela das carmelitas de Pontoise.

* * *

SANTO APOLÔNIO (*)

Senador e Mártir

Santo Apolônio foi martirizado sob o imperador Cômodo, no ano de 185.

As atas, descobertas não faz muito, estão divididas em duas audiências, nas quais o santo mártir foi interrogado por Perênio, prefeito de Roma.

Tendo sido denunciado por um dos seus escravos, o senador foi obrigado a prestar contas sôbre a fé.

Vejamos como se desenrolaram as duas audiências em que compareceu.

PRIMEIRA AUDIÊNCIA

Perênio:

— Apolônio, tu és cristão?

Apolônio:

— Sim, eu sou cristão, e, como tal, reverencio e adoro o Deus que criou o céu, a terra, o mar e tudo aquilo que êles encerram.

Perênio:

— Muda de opinião, eu te peço, e jura pelo gênio de nosso mestre, o imperador Cômodo.

Apolônio:

— Não. É impossível. Não posso prestar o juramento solicitado. Mas posso jurar pelo verdadeiro Deus que venero o imperador e que rezo por Sua Majestade.

Perênio:

— Vamos, muda de opinião, sacrifica aos deuses e à imagem do imperador.

Apolônio, sorrindo:

— Sôbre a conversão e o juramento já me expliquei. Quanto ao sacrifício, escuta o que vou dizer: Eu e todos os cristãos, oferecemos ao verdadeiro Deus um sacrifício espiritual. Todos os dias, rogamos a Deus invisível do céu por Cômodo que reina sôbre a terra.

Perênio, encerrando o interrogatório:

— Deixo-te tempo, Apolônio, para que deliberes sôbre tua vida.



Três dias depois, Apolônio compareceu diante do prefeito pela segunda vez.

A assistência era grande, compondo-se de senadores, conselheiros e homens de grande saber.

Diante do senador prêso, leu-se o processo-verbal da primeira audiência, que Apolônio, muito digna e empertigadamente, ouviu sem se comover.

SEGUNDA AUDIÊNCIA

Perênio:

— Que decidiste, Apolônio?

Apolônio:

— Permanecer fiel a Deus, como ficou estabelecido nas Atas que nos dizem respeito.

Perênio:

— Considerando a decisão do Senado, aconselho-te a mudares de pensar. Venera os deuses que nós todos, homens, veneramos e adoramos, e vive conosco.

Apolônio:

— Conheço a decisão do Senado, Perênio, mas tornei-me um servidor de Deus para não mais venerar ídolos feitos pela mão do homem.

Perênio:

— Apolônio, tu te lembras da decisão do Senado? De que **os cristãos não tem direito à existência?**

Apolônio:

— Eu sei, mas uma decisão humana não pode prevalecer contra uma decisão de Deus. Quanto mais se executam cristãos mais Deus aumenta-lhes o número. Recordo-te que Deus decretou a morte de todos, ricos e pobres, livres e escravos, grandes e pequenos, sábios e ignorantes. Depois da morte, todos serão julgados. Há uma diferença na morte. Nós, cristãos, morremos todos os dias para as nossas paixões. Assim, não tememos morrer por nosso Deus. Seja vivo, seja morto, estamos no Senhor. A febre e a disenteria podem levar-nos. Eu mesmo posso morrer, ou de uma ou de outra.

Perênio:

— Então estás decidido? Apolônio, apraz-te morrer?

Apolônio:

— É-me agradável viver, Perênio, mas não temo morrer, por amor à vida eterna e verdadeira

Perênio:

— Não sei o que queres dizer, não compreendo sôbre que ponto de direito queres esclarecer-me.

Apolônio:

— Que mais poderia dizer? É a palavra de Deus — ou o Verbo do Senhor — que esclarece os olhos: é inútil a um homem dirigir a palavra a homens incapazes de pensar, como a luz resplandecer para os cegos.

Eis que, da assistência, toma a palavra um filósofo cínico, e diz:

— Apolônio, assim tu te prejudicas a ti mesmo, tu te desencaminhas: tua linguagem é incompreensível.

Apolônio:

— Eu aprendi a orar e não a dizer injúrias: mas a verdade parece divagação aos que não querem compreendê-la.

Perênio:

— Nós também sabemos que o Verbo do Senhor forma a alma e o corpo do justo, que reconheceu e aprendeu o que é agradável a Deus.

Apolônio:

— Êste Verbo do Senhor, nosso Salvador, que se fêz homem na Judéia, é o justo por excelência, está cheio da sabedoria divina, ama os homens, Deu-nos a conhecer qual é o verdadeiro Deus, qual é o fim do homem. Pelos sofrimentos, expiou os

nossos pecados. Ensinou-nos a sufocar a cólera, moderar os desejos, conter os apetites, expulsar a melancolia, ser compassivo, incrementar o amor, esperar a recompensa depois da morte... A tudo, ensinou-nos pelas obras e pelas palavras. Todos os que lhe sentiram o benefício, renderam-lhe glória. Mas Êle foi morto pelos perversos, como aconteceu antes dêle aos justos e aos sábios, porque os justos são para os perversos objeto de exprobração. Com efeito, nós lemos nos santos Livros: **Leva daqui o justo, porque nos é insuportável.** Do mesmo modo que os caluniadores condenaram Sócrates, assim os perversos que a inveja devorava condenaram à morte nosso mestre, e, antes dêle, os profetas que o haviam anunciado. Nós o honramos antes de tudo, porque ensinou admiráveis preceitos de vida. E quando mesmo a doutrina da imortalidade da alma, do julgamento e da ressurreição seja, como vós o credes, um êrro, sujeitar-nos-emos, voluntàriamente, a esta ilusão, porque nos ensina a bem viver e nos dá a esperança da Vida futura, no momento mesmo que, em baixo, sofremos o contrário.

Perênio:

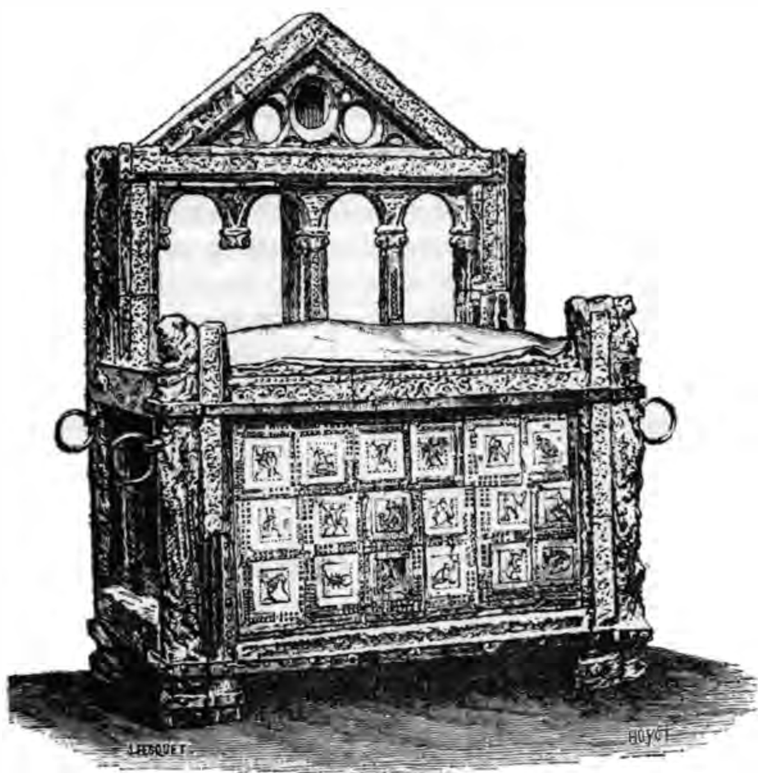
— Esperava, Apolônio, que tu voltasses desta ilusão e, conosco, venerasses os deuses.

Apolônio:

— E eu? Eu esperava que, se não me proibisses assim, poderia abrir os olhos de tua alma para as verdades.

Perênio:

— Gostaria de te absolver, Apolônio, mas vejo-me impedido pelo decreto de Cômodo. Todavia, farei com que te tratem com humanidade na execução da sentença capital.



A cátedra de São Pedro.

Apolônio:

— Graças sejam tributadas a Deus por tua sentença!

— — — —

Num abrir e fechar de olhos, os carrascos apoderaram-se de Apolônio e, sem tardança, decapitaram-no.

Embora as Atas silenciem sôbre a posição do santo mártir, São Jerônimo, no entanto, assegura que Apolônio era senador. Que era personagem de elevada categoria, vemo-lo pelos diálogos acima transcritos, tantas as deferências que lhe fêz o prefeito Perênio. Nota-se o tom calmo das audiências, às vêzes um certo carinho, de ambas as partes, chamando-se pelos nomes.

* * *

SANTA AYA
E
SANTO HIDULFO (*)

Aya era filha do conde de Ardennes, Brunulfo, e espôsa de Hidulfo, filho dum outro Brunulfo.

Aya e Hidulfo viveram na continência, consagrados a Deus.

No ano de 665, Hidulfo retirou-se na abadia de Lobbes, para ali terminar na oração e na meditação uma vida tôda ela votada a praticar boas obras, falecendo muito santa e suavemente no dia 23 de junho de 707.

As relíquias jazem em Binches, para onde foram transferidas a 4 de abril de 1409.

Há quem lhe tenha dado o título de bispo, mas Santo Hidulfo não o foi. Confundem-no com São Teodulfo, que governou a abadia de Lobbes depois de Santo Ursimer.

Aya faleceu em Chateaulieu, ao lado da tia, Santa Valtrudes, no mesmo ano, supõe-se, que o marido.

Morta, um grande número de curas se realizaram à beira do túmulo. Invocam-na, principalmente, nos casos de processos injustos. Por quê?

É de crer que, depois do seu falecimento, surgiram contestações sôbre o destino dos bens que deixara à igreja de Mons. Assim, um dia, fazendo-se ouvir do fundo da sepultura, quando as duas partes em litígio estavam ao lado da tumba, pôs fim à questão dos bens contestados, dizendo que os havia doado legalmente à igreja de Santa Vaudru, o que, então, sancionava. Aquilo, definitivamente, encerrou a pendência.

Santa Aya é honrada em Mons com um culto particular.

No dia 6 de julho de 1314, o bispo Pedro de Mirepoix estabeleceu-lhe a festa que se celebra a 18 de abril.

* * *

SÃO PERFEITO (*)

Sacerdote e Mártir

Perfeito nasceu em Córdova, Espanha, na época da ocupação moura.

Aplicando-se muito afincadamente ao estudo da Escritura santa, assimilou conhecimentos extraordinários. Ordenado padre, Perfeito dedicou todo o tempo em instruir e consolar os fiéis que o jugo do opressor fazia gemer.

Um dia, detido por alguns árabes, foi convidado a dizer o que pensava de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maomé.

Perfeito explicou-lhes, calmamente, e com muita luz, o que a Igreja ensina, e sàbiamente, sôbre a divindade do Salvador, daquele que é o redentor do gênero humano.

Quando terminou, calou-se, achando prudente nada dizer sôbre Maomé, para não irritar os seus aprisionadores.

Os mouros insistiram. Que falassem sem constrangimento. Prometiam-lhe que não se irritariam com o que lhes dissesse.

Perfeito, então, falou-lhes de como os cristãos olhavam Maomé — como um falso profeta — acabando por exortar os que o ouviam a sair daquele estado de danação em que jaziam.

Os mouros ficaram indignados, mas como haviam prometido que não se irritariam, abafaram os sentimentos, retiraram-se e deixaram que o cristão se fôsse em paz.

Todavia, aquêles mouros principiaram a concertar um plano que lhes possibilitasse vingar o profeta ultrajado. Não estavam já desatados do prometido?

Assim, um dia, quando pilharam ocasião propícia, apoderaram-se do santo sacerdote e, prêso, levaram-no diante do juiz árabe, apresentando-o como blasfemador.

Condenado à morte, carregado de ferros, atiraram com Perfeito numa terrível prisão. E ali ficou êle à espera do dia em que, à sua maneira, os maometanos celebram a páscoa.

O Santo preparou-se para o martírio a orar e a jejuar. E, no dia da execução, morreu heròicamente, confessando Jesus Cristo e maldizendo Maomé, mais o Alcorão.

Era no dia 18 de abril do ano da graça de 850. Os cristãos conseguiram apoderar-se do corpo do santo homem e o enterraram na igreja de Santo Acisclo.

O culto de São Perfeito chegou à França, e no século XII, em sua honra, cantava-se uma missa, na catedral de Paris, todo dia 18.

* * *

SÃO JUBINO (*)

Bispo e Confessor

Jubino, ou Gebuíno, era filho do conde de Dijon, Hugo, o Terceiro.

Arcediago de Langres, Jubino, em 1077, era arcebispo de Lião, em substituição de Humberto, deposto como simoníaco.

Conta-se que, para fugir ao cargo, porque dêle se achava indigno, foi esconder-se atrás do altar, num canto, onde o descobriram e tiraram à fôrça.

Vigiado até o domingo, dia em que se realizaria a sagração, 17 de setembro, São Jubino foi sagrado por Hugo de Die, que, comunicando o papa São Gregório VII, solicitou o **pallium** para o novo prelado.

Jubino, então, viajou para Roma, e ali, tendo sido recebido com grandes honras, foi feito primaz das Gálias.

Regressando a Lião, o Santo aplicou-se com grande ardor ao trabalho de restabelecer a fé e a disciplina na diocese que o céu lhe dera. E o zêlo incansável, mesclado a uma suavidade que conquistava

corações, colheu grandes frutos. Era tão modesto, que nas cartas não assinava senão padre de Lião, desprezando a dignidade da qual procurava fugir.

São Jubino faleceu em 1082 e muitos milagres foram conseguidos por sua intercessão.

Os calvinistas, tendo profanado, em 1562, a igreja de Santo Irineu, onde fôra o Santo enterrado, não lhe tocaram no corpo.

* * *

SÃO GALDINO DE MILÃO (*)

Bispo e Confessor

Galdino nasceu numa nobre família, a de La Sala, e era filho de um conceituado gentil-homem de Milão.

Padre, o Santo foi arcediago e depois chanceler da Igreja de Milão. Foi, principalmente, o esteio, o braço direito do arcebispo Huberto, quando do cisma que nasceu depois do falecimento do papa Adriano IV, desaparecido no ano de 1159.

Eleito Alexandre III, um intruso chamado Otaviano, que tomou o nome de Vítor IV, foi-lhe oposto por cinco cardeais descontentes.

Frederico Barbarroxa tomou o partido dos cismáticos. Já exacerbado com Milão, que em 1159 havia recebido com desgôsto os comissários que enviara para criar conselhos, ao saber que os milaneses reconheciam Alexandre III ao invés de Otaviano, enfureceu-se tremendamente. Sitiou, então, a cidade e, por seis mêses, para vingar-se do que lhe faziam, tratou-a com o maior rigor.

Huberto, saindo secretamente de Milão, acompanhado de Galdino e mais algumas pessoas que lhe estavam afetas, foi viver ao pé do papa que reconheciam como o legítimo representante de São Pedro.

Era em Gênova, e Alexandre III, não se vendo ali em segurança, transferiu-se para a França, consigo levando o arcebispo e Galdino.

Na França, viveram êles por alguns anos, ora em Montepellier, ora em Clermont, já em Maguelone.

Quando Vítor IV faleceu, corria o ano de 1164, todos pensaram que, afinal, chegaria o cisma ao fim. Mas foi puro engano. Frederico e os dissidentes substituiram-no por outro — o antipapa Pascal III.

Ora, naquela altura, os romanos insistiam com Alexandre III para que retornasse a Roma. E o papa, ouvindo-lhes o clamor, para a Itália zarpou em 1165. Huberto e Galdino, mais uma vez, acompanharam-no.

Ao passar pela Sicília, o rei daquela ilha os reteve por alguns dias. Pouco depois, estavam em Benevento. Dali, o papa mandou que Galdino fôsse a Roma, criando-o cardeal do título de Santa Sabina.

Huberto permaneceu em Benevento, e ali faleceu, depois de curta doença, em 1166, no dia 28 de março.

Em Roma, Alexandre III convocou o que pôde do clero de Milão. E Galdino, eleito arcebispo, foi solenemente sagrado pelo próprio papa. Era a 18 de abril de 1166, segundo domingo depois da Páscoa.

Milão jazia em ruínas. Os habitantes, dispersos. A cidade vivia modorrando, tôda ela com aquêle ar de triste abandono.

Em 1167, porém, reconquistou a liberdade. E Frederico Barbarroxa, sentindo-se inseguro, deixou Milão secretamente e buscou a Alemanha.

Galdino trabalhou com ardor para liquidar o cisma, como legado na província de Milão, depondo os bispos que se negavam a abandonar o partido do antipapa.

Em cinco ou seis anos, transformou a Igreja: sagrou novos prelados para Bérgamo, Lodi, Alba, Cremona, Asti, Turim, Brescia e Novara. Em Alexandria, criou um bispado. Na própria diocese, principiou sistemática pregação. E socorreu os pobres, restabeleceu antigos usos da Igreja (1), elaborou muitos regulamentos, combateu tôda a sorte de heresias.

São Galdino faleceu em pleno trabalho. Era um domingo de 1176, e o Santo pregava na igreja de Santa Tecla, quando, finda a prédica, sentiu-se mal. Desmaiou, caiu no púlpito, e, quando o socorreram, já se havia ido para Deus.

Era no dia 18 de abril, justamente no dia do aniversário, o décimo, de sua sagração.

Enterrado sob o púlpito mesmo onde estivera tão calorosamente a pregar, transferiram-lhe o corpo para a catedral em 1548.

Em 1582, São Carlos Borromeu deu uma parte de suas relíquias ao bispo de Bolonha. Foi aquêle Santo que lhe fixou a festa no dia 18 de abril, festa que se celebrava no décimo-segundo domingo depois da Páscoa.

* * *

(1) Principalmente o rito ambrosiano (N. do Atual.).

BEM-AVENTURADO TIAGO DE OLDO (*)

Confessor

Tiago nasceu em Lodi. Casado viveu sossegadamente até a morte do pai, depois do que, de comum acôrdo com a espôsa, mulher frívola e amante das mundanas coisas, deram, ambos, de levar a vida buscando tôda a sorte de prazeres.

Quando a peste se abateu em Lodi, mudou-se para a casa do sogro, e, um dia, tendo entrado numa igreja dedicada a São Marcos, sofreu completa mudança.

Tiago, tocado por Deus, era outro homem. E desejou abandonar a espôsa para poder dedicar-se exclusivamente às práticas de devoção.

A mãe, porém, opôs-se.

Pouco mais tarde, Tiago obteve o consentimento materno. A mãe e a nora fizeram-se terciárias, e êle, transformando a casa em que vivia em oratório, que dedicou a São Juliano, vendeu todos os bens e distribuiu o dinheiro aos pobres.

Retirado num arrabalde de Lodi, perto de uma igreja dedicada a São Bassiano, ali viveu com austeridade.

Lodi, então, passava por uma fase de agitação, de discórdias, e Tiago vaticinou-lhe a devastação.

Em 1404, faleceu, e o seu confessor, irmão Bassiano Dardalão, sepultou-lhe o corpo no oratório de São Juliano, onde, sete anos depois, foi encontrado perfeitamente incorrupto.

Em 1587, transferiram-no para a igreja de Santo Egídio.

O bem-aventurado Tiago de Oldo operou inúmeros milagres depois da morte.

* * *

BEM-AVENTURADO ANDRÉ HIBERNON (*)

Confessor

André, filho de pais originários de Cartagena, nasceu em 1534, perto de Múrcia.

Batizado na igreja-catedral desta cidade, onde o tio era capelão, o bem-aventurado, todavia, passou a infância em Alcantarilla e a adolescência, com um outro tio, em Valência, cidade que deixou quando nos vinte anos.

Tendo trabalhado com ardor, economizou considerável quantia, que destinara à irmã, para, assim, assegurar-lhe certa posição social.

A caminho, porém, foi assaltado por um bando de ladrões. Despojado do que levava, longe de se abater, conformou-se. O sucedido abria-lhe os olhos. Principiou a meditar em quão frágeis eram os bens da terra, e a alegria que lhe ia na alma, porque pensava na recepção que lhe fariam, ao chegar tão enriquecido, transformou-se em dor, por só pensar em coisas vãs.

André santificava-se.

Resolveu, então, sem mais delongas, consagrar-se ao Senhor. E, torcendo a rota que o levava para Múrcia, dirigiu-se a Cartagena.

Ali, aos observantes, pediu-lhes que o admitissem.

Aceito em 1556, André em 63, passou para os descalços da província de São José, onde os observantes eram mais rigorosos.

O jovem, desde aquela data, numa pobreza extrema, dado todo à prática da quotidiana penitência, tudo fazia para encaminhar a alma a mais alta perfeição.

Olhando-se como o mais ínfimo dos homens e o maior dos pecadores, desincumbiu-se com humildade dos mais obscuros e aviltantes serviços do convento.

A bondade, que o caracterizava, um dia, fê-lo sair pelas ruas, a mendigar, a levar nos ombros os fardos que, de ordinário, levam os animais de carga.

E a Deus, quando o povo o olhava com ternura e elogiava, dirigia-se, com imensa tristeza, e dizia:

— Meu Deus, fazei com que eu seja verdadeiramente como eu julgo que o sou.

Austero, jejuando com grande rigor, macerando-se sem piedade, tôda a vida do bem-aventurado André Hibernon foi um contínuo e incansável subir para o céu.

Usando um terrível cilício que êle mesmo fizera com grosseiras lâminas de bruto ferro, disciplinava-se até o sangue. Por espírito de pobreza, propôs-se uma obrigação que devia cumprir sempre e sempre: a de não deixar que nada se perdesse. Assim, quando então se encarregava do refeitório, recolhia, com todo o cuidado, tôdas as sobras que ficavam sôbre a mesa e dispersas pelo chão, mesmo

pequeninos grãos e ínfimas migalhas de pão, e misturando-os à água, num caldeirão, com aquilo, no dia seguinte, alimentava-se.

O socorro aos pobres era sistemático. E, quando podia, recomendava-os às pessoas caridosas.

André aplicou-se afanosamente ao trabalho de levar pecadores a Deus. E a sua palavra inflamada e o clarão da sua virtude converteram a muitos e empedernidos desviados, mesmo a mouros, então em grande número na Andaluzia.

Como um novo Benedito, ignorante, iluminado pela graça divina, a quantos sábios doutôres, vindos de longe, para consultá-lo sôbre êste ou aquêle árduo ponto da Escritura santa, não maravilhou com a singeleza dos esclarecimentos tão concisos quanto sublimes?

Como a presença de Jesus na eucaristia o punha numa euforia sem par! E o que de mais honroso lhe parecia, era, durante a missa, ajudar o padre no santo sacrifício. Ajudar! Auxiliar! Sempre e sempre alegrar-se com as coisas mais pequenas, ocupar-se com o que o deixasse mais despercebido de todos.

Depois da comunhão, como o fazia São Francisco, o Pobrezinho, ficava imóvel, todo, e só, absorvido em Jesus Cristo, alheio a tôdas as preocupações terrestres, inundado de uma alegria que não tinha limites.

Grande era a devoção do bem-aventurado André por Nossa Senhora. Visitava-lhe constantemente os santuários, recitava-lhe o pequeno ofício, rezava-lhe a coroa das sete alegrias. E os anjos, recompensando-lhe a angélica pureza da alma, visi-

tavam-lhe com muita freqüência a humilde cela quase nua de objetos necessários à mínima comodidade.

Deus concedeu-lhe o dom dos milagres e da profecia.

Quatro anos antes da morte, soube do dia e da hora em que deixaria a terra, para ir gozar do céu. E, quando aquêle momento chegou, era de ver o júbilo que do bem-aventurado André se apossou. Recebeu os últimos sacramentos com incomensurável satisfação.

Terminada a coroa de Maria, docemente entregou a alma nas mãos do Criador. Estava então no convento de Gandia, era no dia 18 de abril de 1602 e desaparecia com sessenta e oito anos de idade.

Os milagres que ocorreram foram infindos.

Pio VI beatificou-o, solenemente, no dia 22 de maio de 1791.

* * *

BEM-AVENTURADO FRANCISCO REGIS CLET (*)

Lazarista e Mártir

Francisco Regis Clet era de Grenoble, onde nasceu em 1748, numa família que se orgulhava de ser cristã.

Entrando na congregação dos padres da Missão, ou lazaristas, foi em Lião que terminou o noviciado e os estudos teológicos.

Em 1791, foi para a China. Embarcara em Lorient no dia 2 de abril, permanecera alguns meses em Macau, depois dirigiu-se para a missão de Kiang-Si.

O estudo do chinês foi-lhe penoso, como penoso o clima que suportou com espírito de penitência.

Francisco Regis trabalhou pelos doentes e pela salvação das almas. Deixando Kiang-Si, avançou país a dentro e chegou a Hou-pe. Dali, demandou Hou-Kouang.

Aqui, um pagão, reconhecendo-o missionário, denunciou-o ao mandarim da cidade vizinha.

Prêso no dia 6 de junho de 1819, perto de Hou-gan-fou, Francisco Regis foi interrogado e, em seguida, torturado.

Conduzido a Ou-tchand-fou, onde seria julgado, viajou durante vinte dias, vinte dias de cruéis torturas infligidas por soldados grosseiros, desalmados e todo-poderosos.

Encerrado num cubículo onde já se achava um velho conhecido, um padre chinês chamado Chen, com dez outros cristãos, o futuro mártir sentiu-se consolado.

Francisco Regis Clet foi condenado a ser estrangulado. Sancionada a sentença pelo imperador cumpriu-se o martírio a 18 de abril de 1820.

O heróico confessor de Jesus Cristo foi enterrado na encosta da montanha Vermelha. Em Paris, na casa de São Lázaro, conserva-se o hábito que o mártir envergava no dia da execução.

Em 1900, Leão XIII beatificou-o.

— — — —

Em Messina, na Sicília, no mesmo dia, a morte dos santos mártires Eleutério, bispo da Ilíria, e Antia sua mãe. Célebre pela santidade da vida e a virtude dos milagres, êste bispo foi, quando do imperador Adriano, deitado sôbre um leito de ferro ardente, depois sôbre uma grelha que se enrubesceu ao fogo, atirado numa caldeira cheia de azeite e pez ferventes, exposto aos leões que não lhe fizeram qualquer mal, e, afinal degolado com a mãe.

Na Irlanda, São Laseriano, ou Molias, abade e confessor. Descendente de Aedan, rei da Escócia por sua mãe Gemma, abraçou a vida monástica já

bem entrado em anos. Sob a direção de Fintan, que foi discípulo de Columbano, em Iona, Laseriano foi sagrado bispo pelo papa Honório I, que o fêz seu legado apostólico na Irlanda. Faleceu em 639.

Na Itália, Santo Eusébio, bispo de Fano e confessor, falecido em 526.

Em Augsbourg, Santo Wicterp, bispo e confessor. Nascido em Epfach, perto de Landsberg, foi abade de Elwangen, depois bispo de Augsbourg. Reedificou a igreja de Santa Afra destruída pelos bárbaros. Faleceu em 749. O corpo, enterrado em Epfach, foi transferido em 989 para a igreja que reedificou, onde é honrado no dia 18 de abril.

Na Palestina, São João, o Isauriano, confessor, falecido em 820.

Na Calcedônia, São Cosmas, bispo e confessor. Originário de Constantinopla, depois de ter sido monge, foi feito bispo de Calcedônia. Lutou pela ortodoxia durante a perseguição iconoclasta. Exilado, morreu de fadiga e de melancolia (século IX).

Em Constantinopla, o bem-aventurado João de Janina, ou de Épiro, mártir. Alfaiate de profissão depois da morte dos pais transferiu-se de Janina, onde nascera, para Constantinopla, onde sendo acusado de ter abandonado a religião de Maomé, torturado, foi queimado vivo em 1526.

Em Messiva, São Corebo, prefeito, o qual, convertido por Santo Eleutério, morreu sob o fio da espada.

Em Bressa, São Calógero, mártir que os Santos Faustino e Jovita haviam atraído para o conhecimento de Jesus Cristo, e que perseverou até à morte, ocorrida sob o mesmo imperador.

Na Toscana, no monte Senário, o bem-aventurado Amideu, confessor, um dos fundadores da ordem dos Servitas, conhecido pelo amor ardente a Deus.

* * *

19º DIA DE ABRIL

SÃO LEÃO IX,

Papa

Nasceu no dia 21 de junho de 1002. na atual diocese de Nancy e de Toul, no castelo de Dachsburgo ou Dabo, nos confins da Lorena e da Alsácia. Recebeu o nome de Bruno. Sua família, bem como a de Hugo Capeto, remontava, por Santa Matilde, espôsa de Henrique o Caçador, a Carlos Magno e a Witikind. Um dos ancestrais, o conde Hugo I, que abraçou a vida monástica em 940, foi o tronco comum dos príncipes da Lorena, dos príncipes de Hohenloche e dos condes de Habsburgo, que ainda subsistem. O conde Hugo IV, pai de Bruno, era primo do imperador Conrado. A piedade era, tanto quanto a nobreza, uma herança de família. Os avós paternos, o pai e a mãe, após terem sido distinguidos no mundo, renunciaram a tudo e se dedicaram a Deus em mosteiros que haviam fundado, entre os quais estava o de Hesse, perto de Sarreburgo. O jovem Bruno não tinha mais do que cinco anos, quando sua mãe, que o alimentava pessoalmente, o colocou nas mãos de Bertoldo, bispo de Toul e ter-

ceiro sucessor de São Geraldo, para instruí-lo nas artes liberais e nas letras.

Sob a orientação esclarecida de Bertoldo, a cidade de Toul se tornara uma escola mais florescente do que antes fôra. Para ela afluíam as crianças nobres. Lá o jovem Bruno encontrou dois dos primos: um, filho do duque da Lorena, outro, do duque de Luxemburgo. Chamavam-se ambos Adalberon. O primeiro morreu jovem ainda; o segundo tornou-se mais tarde bispo de Metz, e aliava ao estudo das ciências a prática das virtudes, a mortificação, os jejuns, as vigílias. Foi preceptor particular do primo Bruno, mais velho e mais adiantado nos estudos que era. Unidos por laços de sangue e de amizade, os dois primos faziam progressos maravilhosos. Estudaram a princípio o que era chamado, nesse tempo, **trivium**, que compreendia a gramática, a retórica e a dialética; distinguiram-se na prosa e no verso e exercitaram-se até na defesa e no julgamento de causas. Estudaram, em seguida, com não menos êxito, o **quadrivium**, ou seja, a aritmética, a música, a geometria e a astronomia. O progresso nas ciências não impediu o progresso na piedade. O jovem Bruno, com o decorrer dos anos, ia desenvolvendo um caráter sempre mais amável. A graça divina aperfeiçoava nêle um quê natural. Era afável e atencioso para com todos. Obedecia com boa vontade, não sòmente aos superiores e aos iguais, como também aos inferiores.

Um dia, após ter terminado os estudos, dirigiu-se a um dos castelos do pai, na Alsácia. Era durante o verão. Quando estava dormindo, pela tarde um réptil venenoso lhe picou o rosto. Seguiu-se

uma inflamação que o colocou em perigo. Temia-se que morresse, quando um venerável ancião, que êle reconheceu como sendo São Bento, lhe apareceu e lhe deu cura imediata. Bruno se encheu, então, de grande afeição pela vida monástica. Parece mesmo tê-la abraçado, porque, pouco antes de morrer, dizia: «Vi a cela, que habitava como monge, transformada em vasto palácio; e devo ir agora para a morada estreita do túmulo».

O bispo Bertoldo, que o havia educado, morrendo, foi substituído por Hériman. Da mesma forma, submeteu-se a êste. Tinha grande compaixão dos que sofriam, particularmente dos monges de Santo Evro, contra quem bajuladores e invejosos haviam predisposto o bispo recentemente designado. Bruno tanto os defendia corajosamente, como chorava com êles. Conseguiu, com sua autoridade a mantença da vida canônica no claustro de Santo Estêvão, que era a catedral. Tendo sido levado pelos pais à côrte do imperador Conrado, da família daqueles, atraiu sôbre si as simpatias de todos. Era de fisionomia tão cheia de graça e prudência que, para o distinguirem dos outros que tinham o mesmo nome, lhe acrescentavam o epíteto, o Bom. O imperador e a imperatriz tinham-lhe tanta confiança nas decisões e discrição, que o admitiam às reuniões mais secretas, e nada faziam sem tomar-lhe o conselho. Pensavam elevá-lo a uma posição das mais eminentes da Igreja, e do império. Bruno se apercebeu disso, mas, jovem que era, prometeu a Deus aceitar com muito mais alegria a igreja mais pobre, se a Providência para tanto o chamasse, que o lugar mais eminente e mais rico para o qual o imperador queria nomeá-lo, por afeição carnal.

Aos vinte e três anos, como diácono, acompanhou o rei Conrado na viagem dêste à Lombardia. O bispo Hériman, ao cair doente, encarregou-o de conduzir as tropas do bispo de Toul ao serviço do príncipe. Nessa milícia secular, Bruno empregou tal sagacidade e tal previdência, que se chegou a afirmar que jamais devia ter-se ocupado de outra coisa. Traçava êle mesmo os campos, fornecia a todos e a cada um, em tempo e lugar, tudo quanto era necessário, de tal sorte que tanto os nobres como os particulares não tinham outra coisa com que se ocupar do que suas próprias pessoas. Isso foi em 1026.

Durante a expedição, o bispo Hériman veio a morrer, por ocasião da quaresma. Imediatamente, o clero e o povo de Toul, unânimemente, escolheram Bruno para novo bispo. Escreveram duas cartas, dando ciência do ocorrido, uma ao rei Conrado, outra ao próprio Bruno. Expuseram ao rei as depredações quotidianas às quais estavam expostos nos confins dos três reinos, da Lorena, da Borgonha e de França. O rei da Lorena e da Alemanha encontravam-se muito longe para os defender, enquanto os reis dos franceses reivindicavam a cidade para tôdas as maquinações possíveis. Faltava-lhes, pois, um pastor nobre e sábio, capaz de repelir todos os inimigos. Êsse pastor não era difícil de ser encontrado, pois o sufrágio unânime do clero e do povo havia designado Bruno, parente do príncipe, querido de Deus e dos homens, educado na santa Igreja, instruído, de comportamento exemplar, o qual, passando pelos diversos degraus, fôra, canônicamente, elevado a diácono. Não sòmente os habitantes da cidade e dos arredores, mas tôda a população da vizinhança, os bispos da província também, concor-

daram em pedir que fôsse êle nomeado. O rei devia concordar, ou, então, não conceder nenhum outro, "porque, diziam, temos a palavra do bem-aventurado Celestino. Cada qual deve receber o fruto de sua milícia na igreja, onde passou a vida em todos os ofícios. Não deve, de forma alguma, usurpar o sôldo ou a recompensa devidos a um e a outro; que os clérigos tenham a faculdade de resistir, quando vêem que estão sendo sobrecarregados; que não temam repelir o que se pretende impor-lhes; e, se não recebem a recompensa que merecem, que tenham, ao menos idéia clara sôbre o que os deve reger». São Leão fala no mesmo sentido, quando diz: «Ninguém deve ser ordenado pelos que não o querem, nem o pedem, com receio de que a cidade despreze ou odeie um bispo que ela não desejou, e que se torne menos religiosa do que convém que seja, se não pode ter quem deseja". Foi assim que a igreja de Toul falou ao rei Conrado, acrescentando que, se o poder terrestre podia fazer prevalecer a violência contra tão evidente e tão canônica autoridade, não poderia tirar-lhes a afeição pelo eleito. Por fim, conjuraram os príncipes todos a considerar antes a utilidade da Igreja de Deus do que o interêsse dos seus parentes.

Na segunda carta, informavam Bruno de ter sido êle eleito unânimemente e pediam confirmação da parte do príncipe. Pediam-lhe pelo amor de Deus que não se opusesse, de forma alguma, ao pedido. Conjuravam-no, pela pobreza que abraçara, pela humildade que seguia, por causa da nobreza e da riqueza da família a que pertencia, desprezar aquela igreja pobre e humilde. Já que essa igreja o alimentara durante a infância, tinha, então, o direito de ser alimentada, por seu turno. Tendo tido a glória de

educar tal personagem, merecia tê-lo como pastor, para que pudesse dizer de maneira especial: Conheço minhas ovelhas e elas me conhecem. Não se ignorava que o rei da terra, em consideração do parentesco e do mérito, o destinava a qualquer coisa de maior. Se Bruno, porém, ouvisse os pedidos da sua igreja, rogavam ao Rei dos céus conceder-lhe, tanto no céu como na terra, honras maiores ainda; se ao contrário, os desprezasse, por causa da ambição terrestre, por uma dignidade mais elevada, a justiça divina, vingando-se do seu desprêzo, não só faria com que lhe faltasse tal dignidade, como também o impediria de chegar a obter qualquer honra.

O rei Conrado e o diácono Bruno receberam as cartas. Ficaram ambos perplexos. O rei encantou-se de ver o jovem parente tão elogiado e tão querido por todos. Mas sentiu-se agastado por não poder conceder-lhe uma dignidade mais alta. Temia ofender a Deus resistindo a um voto unânime daquela igreja. Lamentava não poder fazer nada que correspondesse ao mérito da pessoa. Nesse tumultuar de pensamentos, solicitou a Bruno, por intermediários, que não aceitasse, fazendo-o ver a devastação dessa igreja, sua pobreza, sua posição nos confins do império, onde o imperador jamais chegava. Êle devia preocupar-se com sua própria segurança e repouso, bem como com a amizade do príncipe, e fechar os ouvidos às instâncias dos que mais tinham em mente sua própria necessidade e consolação do que a segurança e honra dêle. Eis o que o rei lhe mandava dizer; mas Bruno estava mais tocado com as cartas advindas da igreja de Toul; era pobre a igreja? Mas êle se recordava do Mestre Divino da humildade, que foge quando o

querem fazer rei, e que vem espontâneamente à cruz; e mais se recordava de sua primeira resolução, de preferir servir a Cristo na humildade, do que se ver elevado no mundo com perigo para a sua consciência. Quanto mais procuravam demovê-lo dessa decisão, mais a ela se apegava. Por fim, apresentou ao rei Conrado as cartas que havia recebido da igreja de Toul. O rei leu-as, impressionou-se até as lágrimas, e disse-lhe, após alguns instantes de silêncio:

— Vejo agora, meu caro sobrinho, que meus projetos a teu respeito são contrariados e vencidos pelos desejos de Deus: não ouso nem devo resistir, porque seria para infelicidade de nós dois e de muitos outros. Aprovo o que não posso evitar. Quanto a ti, contente da graça de Deus, que te preelegeu ao govêrno desta igreja, sem qualquer espécie de venalidade, não procures conciliar a benevolência de minha espôsa ou de qualquer outra pessoa, para não te manchares, de leve que seja, de simonia; porque, sem dúvida alguma, o que Deus começou para o teu bem, terminará o mais breve possível. Lança as tuas inquietudes na sua bondade, êle próprio te alimentará, segundo a sua divina e infalível promessa. Quanto ao nosso conselho e à nossa ajuda, qualquer que possa ser, sabe que não te faltará; porque me interessa a tua prosperidade mais do que a de qualquer outro de tua ordem, tanto por causa de tua fidelidade por nosso serviço como por causa da afeição que a ti me une como parente. Serve fielmente o Todo-Poderoso, e aperfeiçoa as boas qualidades que em ti louvam desde a infância.

Com o consentimento do príncipe, Bruno dispunha-se a partir para a sua diocese. Apresenta-

ram-lhe outras dificuldades: eram as hostilidades da Lombardia. Para evitá-las, aconselharam-lhe o caminho mais longo, porém o mais seguro. Êle respondeu:

— Abandonemo-nos à divina Providência; ninguém prejudicará quem ela protege. Se quiser purificar-me dos meus pecados pelo fogo da tribulação, não me recusarei. Andemos pelo grande caminho, e soframos com alegria tudo o que êste soberano árbitro decidir a respeito de nós.

Atravessou então a Lombardia em linha reta com um cortejo considerável. Mas como a simplicidade da fé não excluía as regras da prudência. Bruno, acompanhado sòmente de cinco pessoas, precedia sempre um dia a caravana. Atravessou assim tôdas as cidades, sem que ninguém o reconhecesse, nem lhe dissesse uma palavra. Os inimigos, que contavam encontrá-lo entre os de sua escolta, viram-se frustrados em tôdas as suas ímpias manobras. Chegou felizmente a Toul, no dia da Ascensão, 15 de maio de 1026, e foi entronizado no mesmo dia pelo primo Teodorico, bispo de Metz, irmão da imperatriz Santa Cunegunda.

O santo bispo de Toul era o mais belo homem do tempo. O exterior era realçado por maravilhosa elegância de costumes e maneiras. Tudo o que fazia, tudo o que dizia, merecia a aprovação universal. À prudência da serpente aliava a simplicidade da pomba, de sorte que os sábios do século o consideravam o mais prudente de todos, e o estimavam pela inocência de alma. Sua caridade era tão expansiva, que muitas vêzes, de tanto distribuir aos pobres, achava-se êle próprio pobre em meio às riquezas. Sua virtude principal era a compaixão; jamais os

seus afazeres o impediam, um dia que fôsse, de servir uma multidão de pobres com as próprias mãos, lavar-lhes os pés, a exemplo de Cristo, e dar-lhes de comer. Sua piedade era tão terna, que não se dedicava à prece, em público ou em particular, sem que o rosto e o peito ficassem banhados de lágrimas. Primava nas ciências divinas e humanas, especialmente na música, e compôs vários trechos de canto em honra do santo mártir Ciríaco, do santo bispo Hidulfo, da bem-aventurada virgem Odila e do papa Gregório, opóstolo dos inglêses. Sua humildade e sua paciência era tais, que, se lhe acontecesse repreender um de seus inferiores por qualquer falta, e êste, levado pela impaciência, respondesse com injúrias, o santo não replicava com golpes, mas com compaixão e lágrimas.

Com isso, era de uma constância invencível nas tribulações. Alguns dos principais do país, invejosos de seu mérito e renome, tentaram denegri-lo na côrte do imperador. Nada conseguindo, criaram-lhe embaraços com o estrangeiro. Açularam um conde das fronteiras da França, Eudes, conde da Campanha, a fazer a guerra contra o santo prelado para arrancá-lo à fidelidade ao imperador. Bruno foi inquebrantável; as violências não o abalaram e as insídias não o surpreenderam; sua corajosa caridade não sòmente aliviava os sofrimentos de povo, como também fazia o bem aos próprios inimigos. O Todo-Poderoso fê-lo, por fim, triunfar dos inimigos. O conde, responsável por essa guerra, foi morto pelo duque de Gozilon de Lorena. Enviado como embaixador ao rei Roberto de França, o santo bispo granjeou o amor e veneração de todos com tanta felicidade, pela sua prudência e santidade, que

estabeleceu uma paz durável, não sòmente entre êsse rei e o imperador Conrado, mas ainda entre os dois Henriques, seus filhos, que lhe sucederam. Conseguiu mesmo unir ao império romano o reino da Borgonha transjurana, ocupada pelo rei Rodolfo. (1).

Bruno fazia todos os anos a peregrinação a Roma porque tinha uma devoção extrema a São Pedro, e ia orar todos os anos pelos cordeiros que Deus lhe havia confiado. Um dia que ali estava acompanhado de mais cinco pessoas, tanto clérigos como leigos, uma enfermidade pestilencial se espalhou entre êles. Uma vez atacado, não mais esperaram vê-lo no dia seguinte. Extremamente aflito com os companheiros de viagem, o santo bispo encontrou um pronto remédio. Colocou dentro de vinho as relíquias dos santos que havia trazido, sobretudo as de Santo Ebro, pelo qual tinha uma devoção especial. Todos os doentes que experimentassem dêsse vinho, qualquer quantidade que fôsse, ficavam imediatamente curados. Quanto a êle próprio, durante tôda a viagem, celebrava quase todos os dias a santa missa e exortava de maneira tocante os povos que a ela assistiam a se converter, a fazer penitência e a elevar os pensamentos para o céu. Os milagres e a piedade fizeram-no venerado e querido, particularmente na província de Roma.

Tinha o costume de recomendar-se devotamente às relíquias dos santos, quando ia repousar à noite; depois, livre de todos os cuidados do século, mergulhava a alma em santa contemplação, e recebia o sono necessário ao corpo. Uma noite que assim piedosamente adormecera, pareceu-lhe ser

(1) Vita S. Leon. IX. Acta SS., 19 de abril.

transportado para a principal igreja de Worms, onde viu imensa multidão de pessoas vestidas de branco, entre as quais reconheceu um dos amigos, o arquidiácono Bezelin, que morrera ao acompanhá-lo em uma de suas peregrinações. Perguntou-lhe o que fazia em meio àquela multidão, ouvindo então que todos aquêles haviam morrido no serviço de Pedro. Ainda não se recuperara da admiração, quando apareceu São Pedro em pessoa, e anunciou que tôda aquela multidão comungaria das mãos de Bruno. De fato, tendo vestido os hábitos pontificais, São Pedro em pessoa e o mártir Estêvão conduziram-no ao altar, em meio a uma melodia inefável, e todos receberam de sua mão a hóstia. Depois da comunhão, pareceu que lhe dava cinco cálices de ouro, três a outro que o seguia, e um só ao terceiro. Tendo acordado, contou aos amigos o sonho, pensando no que poderia significar. O futuro encarregou-se de decifrá-lo: foi eleito papa na principal igreja de Worms. Ocupou a Sé de São Pedro durante cinco anos, o seu sucessor Vítor três anos, e Estêvão um só.

Outra vez, durante o sono, pareceu-lhe que uma pessoa que tinha o aspecto de uma velha dama disforme o procurava com importunidade e se empenhava em envolvê-lo num entretenimento familiar, mas sincero. Tinha o rosto tão pavorosamente feio, as vestes tão esmulambadas, os cabelos tão desgrenhados e em desordem, que com dificuldade se notava nela algo das formas humanas. Espantado com tão horrível fealdade, procurava o santo evitar tal pessoa; mas ela sempre encontrava um jeito de com êle permanecer. Cansado de aturá-la, o homem de Deus fêz-lhe no rosto o sinal da cruz; caindo pri-

meiramente por terra, como morta, ela reergueu-se com uma beleza cada vez mais maravilhosa. Acordando com o horror da visão, levantou-se para assistir ao ofício da noite. Adormecido, admirado do fato, pareceu-lhe ver o venerável abade Odilon, que morrera havia pouco. Perguntou-lhe o que significava a visão. Odilon respondeu-lhe com alegria: «Tu és um bem-aventurado. Livraste-lhe a alma da morte». Não se trata aqui de fantasia. O arquidiácono Wilbert, seu biógrafo, contemporâneo do santo pontífice, apresenta o testemunho do decano Walter e seu amigo íntimo Warneher, que o ouviram contar tais fatos chorando e admirando-se do que queria dizer. De resto, diz Wilbert, ninguém duvida de que a visão dessa mulher significava o estado deplorável em que se encontrava a Igreja, à qual o santo pontífice, com a assistência de Jesus Cristo, devolveu a antiga beleza.

Todavia, após a morte do papa Damaso II, no dia 8 de agôsto de 1048, o imperador Henrique III tinha marcada uma dieta ou assembléia geral dos prelados e dos senhores, em Worms. O santo bispo de Toul, Bruno, fôra convidado e se encontrava presente, pois, nada se fazia na côrte sem que se lhe tomasse o conselho. Contava 46 anos de idade e já era bispo havia vinte e dois anos que havia trabalhado dignamente. Unânimemente, o imperador, os bispos e os senhores, bem como os deputados de Roma, numa palavra todos os assistentes, o elegeram Papa. Bruno, que nem sequer suspeitava disso, ficou estupefato. Conhecia, pelas freqüentes viagens que fazia a Roma, o estado deplorável da Igreja. Dois papas acabavam de morrer, um logo após o outro. Recusou-se humildemente e durante

muito tempo. Mas, quanto mais se recusava a aceitar o cargo e se declarava indigno, mais insistiam. Nessa circunstância, pediu três dias para deliberar. Passou-os sem comer nem beber absolutamente nada, ocupado ùnicamente com orações. Em seguida, como fôsse novamente instado pela assembléia, fêz uma confissão pública dos pecados, acreditando que dessa forma lhes reconheceriam a indignidade e mudariam de idéia. Mas, a exclamação geral foi esta: «Praza a Deus que não pereça um filho de tantas lágrimas!» Vendo que não podia escapar de forma alguma às ordens do imperador e ao voto unânime de todo o mundo, aceitou o cargo, que lhe foi entregue na presença dos legados romanos, com a condição de que todo o clero e o povo de Roma estivesse de acôrdo. «Vou a Roma, disse. E se lá, o clero e o povo, de livre vontade, me elegerem Papa, farei o que me pedis. Caso contrário, não aceito nenhuma eleição". A decisão foi aplaudida e a condição muito bem recebida.

Estado próxima a festa do Natal, o novo Papa se despediu do imperador e voltou a Toul, acompanhado de Hugo Cisa, um dos deputados romanos de Everardo, arcebispo de Trèves, e dos bispos Adalberon de Metz e Teodorico de Verdum. Com êle ia ainda o jovem Hildebrando, que mais tarde se tornou o papa São Gregório VII.

Terminada a comemoração do Natal e dada ordem ao govêrno da igreja de Toul, Bruno pôs-se a caminho de Roma, em 28 de dezembro de 1048, acompanhado de Everardo, arcebispo de Treves e de Halinardo, arcebispo de Lião. Entretanto, ao invés de viajar com a pompa que a nova dignidade exigia, preferiu ir vestido de peregrino, ocupan-

do-se continuamente com orações pela salvação de tantas almas, das quais fôra incumbido de cuidar. Em Augsburgo, enquanto estava rezando, ouviu uma voz de anjo, que cantava com maravilhosa harmonia: «Eis o que diz o Senhor: Tenho pensamentos de paz e não de aflição; invocar-me-eis e eu vos escutarei, eu que conduzi vosso cativeiro de todos os lados». Encorajado por essa revelação, iniciou a caminhada, acompanhado de grande multidão de pessoas que acorreram de tôda parte. Uma piedosa serva de Deus, que se encontrava entre os presentes, se aproximou e lhe disse: «Assim que pisardes o chão da igreja do príncipe dos apóstolos, não vos esqueçais de vos servir destas palavras divinas: A paz a esta casa e a todos os que a habitam!» Bruno recebeu o conselho com humildade, e se lhe conformou devotamente. Chegou, assim, ao Tibre, que se encontrava transbordado e que durante sete dias o impediu de atingir a outra margem. O santo sentiu-se aflito com tal situação, em vista da multidão que se havia reunido. Invocou o socorro de Deus e iniciou a dedicação de uma igreja a São João, construída na vizinhança. A consagração ainda não havia terminado, quando as águas do rio voltaram ao nível normal, permitindo a passagem livre para quem quisesse atravessá-lo. Tal fato foi atribuído aos méritos do santo Pontífice. Perto de Roma, a multidão veio recebê-lo, cantando alegremente. Mas êle desceu do animal e caminhou largo tempo, descalço, rezando e derramando torrentes de lágrimas. Após ter-se, durante tanto tempo, imolado por Jesus Cristo no altar do coração, como vítima viva, santa e agradável a Deus, falou ao clero e ao povo e lhes explicou a escolha que o imperador havia

feito de sua pessoa, pedindo-lhes declarassem com franqueza qual era a vontade, fôsse qual fôsse. Acrescentou que, segundo os cânones, a eleição do clero e do povo deve preceder qualquer outro sufrágio; e que como viera a contragosto, retornaria com prazer, a menos que a eleição fôsse aprovada unânimemente. A resposta foi uma aclamação geral, uma explosão de alegria. Retomou a palavra para exortar os romanos à correção dos costumes e pedir-lhes que por êle rezassem. Foi, então, levado ao trono no dia 12 de fevereiro de 1049, o primeiro domingo da quaresma. Tomou o nome de Leão IX e governou a Santa Sé durante cinco anos.

De tôdas as virtudes que nêle reluziam, as mais notáveis foram a misericórdia e a paciência. Estava sempre pronto a perdoar os culpados, chorava de compaixão com os que confessavam os crimes cometidos; dava esmolas a ponto de êle mesmo ficar reduzido à indigência. A Providência, mais de uma vez, o colocou em situação de prova, para fazer ressaltar a confiança que depositava em Deus. Quando chegou a Roma, não encontrou nada nos cofres da câmara apostólica. E tudo quanto trouxera consigo foi gasto tanto em despesas da viagem como em esmolas. Não restou nem sequer o que era dos que compunham a comitiva. Êstes pensavam em vender, ainda que com prejuízo, as próprias roupas, para voltarem à pátria, sem que o santo homem soubesse de nada. Êle, porém, os exortava a confiar em Deus. Todavia, no íntimo, sentia-se compadecido. No dia em que se encontravam prontos para retirar-se secretamente, chegaram os deputados dos nobres da província de Benevento, com presentes magníficos para o Papa, cuja bênção e

proteção vinham pedir. Os deputados foram recebidos. Os da comitiva, entretanto, foram repreendidos pela pouca fé demonstrada, não confiando na Providência. Dêsse momento em diante, a fama do Papa Leão alcançou os extremos da terra. Por tôda parte, bendizia-se a Deus por ter dado à Igreja tal pastor. Multidão extraordinária de peregrinos afluía ao túmulo do príncipe dos apóstolos. Todos ficavam admirados na presença do santo Papa e lhe recebiam a bênção. Os que de forma alguma podiam fazer a viagem lhe enviavam presentes para que de longe fôssem por êle abençoados. De tôdas as oferendas, todavia, que lhe colocavam aos pés, não tomava nada, nem para si, nem para os seus. Tudo era para os pobres.

Para atrair mais e mais bênçãos do céu para o seu pontificado, o santo papa Leão empreendeu uma peregrinação ao monte Gargano, onde havia uma célebre igreja, dedicada a São Miguel Arcanjo. Visitou ainda o mosteiro de São Bento, no monte Cassino. Além disso, nomeou o monge Hildebrando cardeal-subdiácono e ecônomo da Igreja romana. Por fim, na segunda semana depois da Páscoa, reuniu em Roma um concílio indicado vários meses antes. Nêle se reuniram bispos de diversos países, entre outros o arcebispo de Treves e o de Lião.

Nesse concílio o Papa confirmou, a princípio, os decretos dos quatro primeiros concílios gerais, bem como os decretos dos Pontífices romanos, seus predecessores, notadamente os que tinham sido emitidos contra a simonia e a incontinência do clero. Em seguida, anatematizou expressamente a simonia, que havia infestado várias partes do globo. Por fim, depôs alguns bispos culpados dêsse crime. O Senhor



O poder espiritual e o poder temporal dependendo de Jesus Cristo. Mosaico do século IX, em São João de Latrão, em Roma.

dignou-se confirmar-lhe a autoridade por um milagre. O bispo de Sutri, acusado de simonia, quis justificar-se por falsos testemunhos. Mas, no momento em que ia pronunciar o juramento, foi, repentinamente atingido pela mão de Deus, como outro Ananias. Levado para fora da assembléia, veio a expirar.

Faz-se mister ver na história da Igreja todos os trabalhos de São Leão IX, para ser mantida a pureza da fé contra os hereges, conservar os gregos na união da Santa Sé, estabelecer por tôda parte bons bispos, reformar os costumes do clero e do povo, estabelecer a paz entre os príncipes cristãos. A Providência lhe pôs aos ombros muitas cruzes, mormente no fim da vida, logo após uma batalha contra os normandos da Itália. Não obstante, tôdas essas cruzes serviram para o maior bem da Igreja e para a salvação das almas.

Assim, após a dolorosa batalha de Dragonara, na qual perdera a maior parte dos amigos e parentes, o papa São Leão IX como recompensa dos sofrimentos, viu êsses mesmos terríveis normandos submeterem-se a êle e à Santa Sé com a humildade de povo vencido. Viu a Igreja agonizante da África dirigir-lhe o último adeus e pedir-lhe a paz e a união dela mesma com ela mesma. Viu ainda o novo patriarca de Antioquia, metrópole do longínquo Oriente, rogar-lhe a comunhão apostólica e a confirmação de sua promoção episcopal. Viu o imperador e o patriarca de Constantinopla, pedirem-lhe a união dos gregos e latinos, isto é, a união e a aliança do mundo inteiro. Mas São Leão não deveria ver, sôbre a terra, a continuação dêsses acontecimentos.

No começo do ano de 1054, sentiu-se atacado de uma doença que lhe causou a princípio mais fraqueza do que dor, e que, tirando-lhe o gôsto de todo alimento, o reduziu ao uso exclusivo da água. Todavia, não deixou de celebrar o aniversário de sua ordenação, em 12 de fevereiro, dia em que rezou a missa pela última vez. A doença progrediu. Convencido de que dela não se restabeleceria, fêz-se transportar de Benevento a Roma. Os normandos, dos quais os cronistas da Alemanha supunham que o papa estivesse prisioneiro, enquanto os da Itália, bem como seu biógrafo Wilbert, relatam simplesmente que ia pessoalmente até êles; os normandos, que tinham sido encarados como seus inimigos, não se esforçaram menos do que os habitantes do país, para conceder-lhe todos os bons serviços de que eram capazes e para exprimir a dor que tinham em perdê-lo. São Leão os havia reduzido, sob o jugo de Jesus Cristo, não pelas fôrças das armas humanas, mas pela doçura de espírito evangélico, que lhes tornara o jugo leve e os havia submetido à Igreja. Foi tudo de tal forma que, aquêles mesmo que pareciam tê-lo cativo, assumiram as aparências de cativos do papa, com o príncipe Onofre à frente dêles. Quando o conduziram a Cápua, caminharam-lhe ao redor da liteira, como vencidos atados a um carro de triunfo.

O santo partiu de Cápua, após doze dias de repouso, acompanhado do abade de monte Cassino e chegou a Roma depois de um mês de caminhada. No dia 17 de abril, o segundo domingo após a Páscoa, sentindo-se próximo do fim da vida e lembrando-se dos deveres do bom pastor, cujo evangelho a Igreja recitava naquele dia, reuniu os bispos e o clero no quarto em que se encontrava e lhes dirigiu longa e

ardente exortação, com relação às obrigações que tinham de velar constantemente sôbre si mesmos e sôbre o rebanho de Cristo. No dia seguinte, fêz-se levar à igreja de São Pedro, onde passou todo o dia, rezando e dando aos presentes conselhos salutares para obterem a salvação. Pela tarde, ordenou que o levassem diante do seu túmulo. Lá se ajoelhou, entre uágrimas, dizendo: «Estais vendo, meus irmãos, apesar de tanta riqueza e honrarias, que morada mesquinha nos espera. Eu, rodeado até agora de tanta riqueza e dignidades, nada espero a não ser aquêle mármore que vêdes. E, levantando a mão, fêz o sinal da cruz, acrescentando: Bendita sejas entre as pedras, tu que fôste julgada digna de te associares a mim, não por mérito meu, mas pela misericórdia divina. Recebe-me com prazer e apresenta-me ao triunfo da ressurreição no dia das recompensas, porque creio que meu Redentor está vivo e que no último dia ressuscitarei da terra e que na minha carne verei a Deus, meu Salvador.» Lágrimas acompanharam essas palavras.

No dia 19, pela manhã, fêz com que o levassem diante do altar de São Pedro, onde ficou prosternado em oração, durante uma hora. Em seguida, voltou para o leito, confessou-se aos bispos, ouviu a santa missa, recebeu a extrema-unção e o santo viático. Rogou um momento de silêncio aos presentes, como para repousar, e entregou a alma a Deus, sem que ninguém disso se apercebesse.

Desde êsse momento Deus fêz ver como a morte dêsse servo lhe era preciosa. A multidão e o brilho dos milagres que operou em consideração a Leão, à vista de tôda a cidade, levou imediatamente a reputação da santidade e a fama da glória que

gozava nos céus até os confins onde era conhecido o nome de Jesus. Foi o que levou os fiéis a honrar-lhe a memória com culto religioso, desde que se foi desta vida. E pode-se dizer que no dia dos funerais se deu a primeira solenidade da festa de São Leão IX.

A vida do papa São Leão IX foi escrita por três autores contemporâneos: pelo arquidiácono Wibert de Toul, por São Bruno, bispo de Segni; e, por fim, uma história particular da morte e dos milagres do santo, escrita por um anônimo que foi testemunha ocular dêsses fatos.

* * *

SÃO VICENTE DE COLIORO (*)

Mártir

Vicente era personagem considerável em Colioro, na Espanha Tarragonesa.

Sob o reinado dos imperadores Diocleciano e Maximiano, o prefeito Daciano, encarregado de executar os decretos da perseguição na Gália, chegou a Colioro.

Vicente foi dos primeiros a ser levado ao prefeito. E Daciano, ameaçando-o e intimando a sacrificar aos ídolos, conforme os editos imperiais, ouviu a seguinte resposta daquele homem em que a fé e a coragem sempre andaram juntas:

— Ninguém pode ser repreendido ou condenado pela obediência aos preceitos do Salvador Jesus.

Daciano disse:

— É bom que veles pela tua própria conservação, e, para tal, o mais seguro caminho é sacrificar aos deuses conosco.

— Tôdas as minhas riquezas, tornou Vicente, e minha vida estão no Cristo. A morte que por Êle sofrer me será muito mais preciosa que a vida presente. Os tormentos, com os quais tu me ameaças, serão para mim um prazer.

Daciano ordenou que o esbofeteassem. E fazendo com que o despojassem das vestes, mandou que o rasgassem duramente com as nefandas e tristemente célebres unhas de ferro.

Vicente suportou as torturas com calma e em silêncio, de olhos voltados para o céu.

Ensangüentado, levaram-no à masmorra que lhe fôra destinada. E ali, miraculosamente, foi curado das feridas tôdas.

Daciano, no dia seguinte, deu ordem para que lhe trouxessem o renitente mais uma vez. E, quando o santo homem chegou, o prefeito maravilhou-se. Como se curara tão ràpidamente? Onde os feios sinais das unhas de ferro? Aquilo, certamente, era devido à magia. E Daciano, assim pensando, não mais contemporizou: Vicente, de pés e mãos ligados, foi atirado a uma pira, conquistando, destarte, a palma do martírio.

O corpo de São Vicente foi cuidadosamente conservado em Coboro até o século XVII. Há uma tradição que diz que um soldado espanhol, quando do cêrco de 1642, levou-lhe as relíquias para Cancavella.

* * *

SANTO URSIMER (*)

Abade-Bispo e Confessor

Ursimer, também chamado Ursimar, nasceu perto de Avesnes, em Floyon, no dia 27 de julho de 644.

Discípulo de Santo Amando, que se maravilhava com suas excepcionais qualidades, Ursimer, em 670, do mestre mesmo, recebeu a unção sacerdotal e a missão de evangelizar o povo de La Fagne e de Thierache.

Grande, muito grande, foi o êxito que Ursimer obteve. Extirpando antigas e arraigadíssimas superstições e práticas do paganismo, o apóstolo pôde fundar vários oratórios.

Abade de Lobbes, por insistência do conde Hidulfo, o Santo empregou todos os recursos para o progresso espiritual da comunidade, ao mesmo tempo que, com desvêlo, cuidava da sua prosperidade material. E o zêlo ardente que o caracterizava, fêz com que se lançasse na luta pela conversão do povo de Menápia e da Morínia.

Fazendo uma peregrinação a Roma, piedosamente visitou o túmulo dos santos Apóstolos. E. visitando o papa, Sérgio I, entregou-lhe cartas de Pepino de Heristal, nas quais aquêle príncipe rogava o episcopado para o abade de Lobbes.

O papa mesmo sagrou Ursimer, conferindo-lhe vastos poderes.

De volta da viagem, o Santo consagrou sua igreja abacial, no dia 16 de agôsto de 697. E, no ano seguinte, erigiu a igreja superior, que colocou sob a invocação da santíssima Virgem Maria, ali estabelecendo clérigos para celebrar os divinos ofícios.

Sempre a percorrer os extensos territórios que lhe estavam afetos, acabou por penetrar na Flandres, que o considerava como um dos seus apóstolos.

No decorrer dessas apostólicas missões, um senhor chamado Aldo, poderoso e piedoso homem, doou ao Santo o domínio de Oudenbourg, que ficava a três léguas distante de Burges.

Naquele domínio, Ursimer levantou uma igreja, que foi muito ricamente dotada.

Regressando a Lobbes, dedicou-se de corpo e alma à comunidade, a qual edificou altamente pelos trabalhos que levou a cabo e os exemplos de sua vida.

Pouco tempo antes da morte, que ocorreu em 713, no dia 18 de abril, Ursimer passou as funções abaciais a um dos discípulos, Ermino (1).

Santo Ursimer deixou o mundo com suavidade. Enterrado na igreúa da Colina, muitíssimos milagres se realizaram, tanto que, desenterrado, ficou exposto à veneração dos fiéis. Tal sucesso se deu a 26 de março de 823.

Osanto abade-bispo foi sempre muito venerado. O seu culto perpetua-se entre as populações da velha província de Hainaut, para onde lhe transferiram as relíquias no ano de 1409, e em Aisne.

(1) 25 de abril.

Perto de Floyon, terra natal do Santo, há uma capela em sua honra. Chama-se Fontanela, e tirou o nome de uma fonte dita de Santo Ursimer, cujas águas têm a virtude de curar especialmente as crianças.

Ainda em Floyon, existe outra capela, que, diz-se, está erguida no lugar em que o santo abade-bispo veio ao mundo. Todos os anos, a 18 de abril, romeiros, confiantes, ali chegam, para conjurar febres.

Também a Santo Ursimer se atribue a derrota sofrida pelos húngaros que, em fins do século X, avançavam, terríveis, contra Meuse. À aproximação das hordas invasoras, a população, a qual se misturavam monges dos arredores todos, começaram a gritar, em uníssono:

— Santo Ursimer, socorrei-nos! Santo Ursimer, socorrei-nos!

Conta-se que, imediatamente, uma terrível tempestade desabou com grande fragor, espalhando o pânico nas hostes ameaçadoras. Atarantado, muito surprêso, o inimigo, desarvorado, retrocedendo, desapareceu.

* * *

SANTO ÁLFEGO (*)

Bispo e Mártir

Álfego, também conhecido pelo nome de Godwine, nasceu no ano de 954.

Jovem, sentindo-se chamado por Deus, deixou a mãe aflita, viúva de poucos dias, e se consagrou ao Senhor no mosteiro de Deerhurst, que ficava no condado de Gloucester.

Sempre almejando vida mais e mais perfeita, achou que, retirando-se para a solidão, conseguiria maior sucesso. E assim o fêz. Construindo uma pequenina cabana nas vizinhanças de Hath, ali principiou como anacoreta.

Pouco depois, bandos de homens e mulheres deram de procurá-lo para conselhos e para que os recomendassem nas orações que dirigia a Deus. Logo, aquêles que se sentiam atraídos pela vida religiosa, colocaram-se-lhe sob a conduta. E Álfego, tanto crescia o número dos discípulos, viu-se obrigado a fundar um mosteiro, do qual, em 970, fêz-se abade.

Com trinta anos, o Santo era bispo: Ethelwold de Winchester morrera. E os monges, que amavam o Santo desmedidamente, levaram-lhe o nome a São Dunstan, então bispo de Cantuária.

Dunstan hesitou. Mas, tendo orado e jejuado, recebeu resposta do céu, por intermédio de Santo André.

Disse-lhe o Apóstolo:

— O eleito do Senhor é o abade Álfego!

Para que o Santo aceitasse aquela dignidade foi mister arrancá-lo da solidão e usar de energia.

Sagrado bispo de Winchester a 19 de outubro de 984, no exercício do cargo, Álfego mostrou grande austeridade de vida, admirável caridade e afável doçura. Diz-se que, no seu tempo, mendigo algum havia na cidade, tanto fizera por socorrer a população menos protegida da sorte.

O trabalho que desenvolveu para converter os ainda pagãos homens do Norte foi estupendo. Foi o santo bispo que, em 994, confirmou o rei Olaf da Noruega, convertido por missionários inglêses.

Álfego era tido em grande estima por Dunstan. E tanto o amava, que o designou para lhe ser o sucessor, o que aconteceu, em 1006, depois da morte de Alfrich.

Em Roma, das mãos do papa e o Santo recebeu o pálio.

Conta-se, aqui, o que lhe sucedeu, quando regressava. Atravessando os Alpes, Álfego passou por uma pequena cidade da Itália. Os habitantes roubaram-no e obrigaram a procurar um abrigo fora daquelas terras.

Imediatamente depois daquele ato de selvageria, um incêndio se alastrou pela cidade. E tal era o penhor do vento que, viram-no todos, o fogo logo devoraria tôdas as casas.

Era castigo! Uma punição do céu! E, assim julgando, os moradores do lugar correram procurar o Santo, no coração levando o imenso desejo de pedir perdão ao prelado que tanto haviam maltratado, e injustamente.

Descobriram-lhe o paradeiro, e, com lágrimas, suplicaram-lhe que, com orações e rogos, pusesse fim ao sinistro.

Pouco depois de orar a Deus, o incêndio cedeu.

Quando os dinamarqueses invadiram o reino, Álfego saiu em socorro das populações violentadas nos seus direitos. E, enquanto trabalhava pelo rebanho, não se descuidava de lutar pela conversão dos invasores.

Prêso, foi morto como Santo Estêvão, o primeiro mártir: a pedradas, no dia 19 de abril de 1012.

O corpo, conquistado pelos dinamarqueses convertidos, foi levado para Londres e enterrado na catedral de São Paulo. Onze anos mais tarde, ou seja, em 1023, Canuto transferiu-o para Cantuária.

* * *

BEM-AVENTURADO BERNARDO, O PENITENTE (*)

Confessor

Nasceu o bem-aventurado na Provença, na antiga diocese de Maguelone (1).

Desconhecem-se as faltas que cometeu e que o levaram a se submeter a uma penitência rigorosa. A carta que solicitou do bispo, diz assim:

«Que seja de todos conhecido que em expiação dos horríveis crimes cometidos por êle, nós infligimos a Bernardo, o portador da presente, a penitência aqui mencionada: que ande descalço durante sete anos, não vista qualquer camisa pelo resto da vida, jejue, como na quaresma, os quarenta dias que precedem o nascimento do Salvador, não tome, às sextas-feiras, senão um pouco de pão e vinho, e que se abstenha da carne e toicinho tôdas as quartas-feiras. Quanto às sextas-feiras da quaresma, que beba sòmente água, e aos sábados, excetuados os dias solenes e quando a saúde o exigir, abstenha-se de carne e de toicinho. Eis porque conjuramos com rogos vossa clemência em Jesus Cristo, que, pela

(1) Hoje de Montpellier (N. do Atual.)

redenção de vossas almas e no espírito de misericórdia, concedais a êste muito pobre penitente as vestes e os alimentos necessários, que o ajudeis com orações e que abrandeis em alguma coisa tal penitência, se o julgardes bom e merecedor. Dado em Maguelone, no ano da Encarnação de Nosso Senhor, 1170, no mês de outubro. A valer sòmente por sete anos».

Munido da carta episcopal, com o corpo carregado de círculos de ferro, conforme o costume dos penitentes daquela época, Bernardo deu início a uma vida de peregrinação, de canseiras e de terríveis penitências.

Estêve três vêzes em Jerusalém. E ali, alagou de lágrimas o sepulcro do Salvador. Na Índia, rogou a proteção do apóstolo São Tomé.

Curtindo a fome, a sêde, o calor, o frio, a nudez, um dia, chegou em Santo Omer. E pela luz que viu nos céus, compreendeu que ali devia fixar-se.

Um virtuoso homem daquela cidade, chamado Guilherme, ofereceu-lhe hospitalidade. Bernardo aceitou-a. E, como o piedoso hospedeiro tinha os fundos da casa voltados para a abadia de São Bertino, Bernardo, com grande facilidade e igual alegria, podia estar na igreja dos religiosos a todo o instante.

O bem-aventurado, em Santo Omer, deu-se a diversas obras de caridade. Cuidava dos doentes, velava pelos indigentes, tratava dos próprios das igrejas.

Às pessoas que encontrava e o cumprimentavam, indefectìvelmente respondia:

— Que Deus te conceda um bom fim!

Um dia, procurou o abade de São Bertino e dêle solicitou o hábito da ordem. Foi, entre os religiosos, uma alegria sem par, porque se orgulhavam daquela alma doce e humilde.

Deus manifestou-lhe a santidade pelo dom dos milagres e da profecia.

Quando faleceu, em 1182, muitas curas foram miraculosamente processadas.

Desenterrado em 1208, para ser depositado num monumento, dois versos ali foram gravados:

Formam virtutis tegit hic lapis atque salutis
Virtus Bernardi redolet cunctis vice nardi.

Escreveu-lhe a vida um monge de São Bertino, que lhe foi contemporâneo.

* * *

BEM-AVENTURADO WERNER (*)

Menino-Mártir

Werner nasceu em 1273, na aldeia de Wammenrat, distante algumas milhas de Bacherach.

Quando perdeu o pai, que era vinhateiro, e a mãe tornou a se casar, deixou a casa em que nasceu, pequenino ainda, tantos os maus tratos que o padrasto lhe infligia desapiedadamente.

Desorientado, ficou a andar a êsmo, à procura de uma piedosa alma, à qual pudesse entregar-se na sua desprotegida idade.

Um dia, depois de muito vaga-vagar, chegou a Oberwesel, onde um judeu, tomando-o para si, empregou-o nos serviços da casa.

Tendo recebido, quando na casa paterna, ensinamentos da religião, no dia 19 de abril de 1287, assistiu ao ofício do domingo santo e recebeu a santa comunhão.

Quando deixou a igreja, alguns judeus, que o observavam de algum tempo, agarraram-no. E. enraivecidos porque o pequenino havia recebido a Jesus-Hóstia, torturaram-no terrìvelmente, acabando por lhe abrir as veias, furar e rasgar o corpo em diversos lugares.

O pobrezinho, indefeso, morreu.

No dia seguinte, os bárbaros assassinos, protegidos pela escuridão da noite, tomaram-lhe do corpo, com intenção de atirá-lo ao Reno, mas, temerosos de relegá-lo ao rio, mudaram de pensar e foram enfiá-lo num buraco que havia em Bacherach, num despovoado lugar.

Descoberto o corpinho, enterraram-no em São Cuniberto de Bacherach, e um sem-número de milagres foi operado por Deus que já o tinha na eterna glória.

Em 1428, levantaram-lhe magnífica igreja, e os vinhateiros da região tomaram-no como padroeiro.

* * *

BEM-AVENTURADO CONRADO DE ASCOLI (*)

Confessor

Conrado nasceu em Ascoli, na Marca de Ancona, numa família ilustre, em 1234.

O bem-aventurado, desde mocinho, mostrou-se muito amigo da penitência e das austeridades.

Conta-se de Conrado de Ascoli que, em Asciani, vivia um homem chamado Jerônimo Massi. Tôdas as vêzes que com êle encontrava, Conrado prosternava-se a seus pés e lhe rendia homenagens.

Um dia, perguntaram-lhe a razão daquele procedimento. E o bem-aventurado respondeu que vira nas mãos daquele homem, certa vez, as chaves do reino dos céus.

Tempos mais tarde, ficou esclarecido o sucesso: Jerônimo Massi, feito franciscano, substituiu a São Boaventura como mestre da ordem e acabou por ser papa, com nome de Nicolau IV.

Os dois Conrado e Jerônimo, foram muito amigos. Juntos, entraram na ordem de São Francisco, no convento de Ascoli. Dali, passaram ao convento de Assis, depois ao de Perusa, onde fizeram os estudos.

Durante anos, ensinaram teologia e pregaram em Roma.

Quando Jerônimo chegou a mestre geral da ordem, Conrado dêle obteve a permissão para embarcar para a África, onde converteu inúmeros infiéis e operou milagres: curou paralíticos, expulsou o demônio e, mesmo, ressuscitou dois mortos.

Conrado de Ascoli foi heróico na penitência. Dormia, e muito pouco, sôbre uma prancha, vestia-se grosseiramente, andava sempre descalço; de alimento, sòmente pão e água durante quatro dias da semana; dois dias, reservava-os êle, especialmente, para orar pelo livramento das almas do purgatório.

Conrado pregou na França. Em Paris, ensinou teologia.

No dia 19 de abril de 1289, então em Ascoli, faleceu.

Enterrado na terra natal, teve magnífica sepultura. Jerônimo, então o santo padre Nicolau IV, que pretendia elevá-lo ao cardinalato, sentiu-lhe a perda imensamente.

Em 1371, encontrado o corpo de Conrado de Ascoli sem qualquer corrupção, transladaram-no para a nova igreja do convento franciscano.

O culto que se lhe rendia já de longa data, aprovou-o o papa Pio VI.



No mesmo dia, na Saxônia, São Geroldo, ermitão, com os filhos, os bem-aventurados Udalrico e Cunon, confessores. Nobre personagem de Rhetia, pertencia, ao que tudo indica, à família dos duques

da Saxônia. Em 970, tocado pela graça de Deus, retirou-se à floresta de Wallgau. Descoberto pelo conde de Jagberto, passou a viver num mosteiro que aquêle conde lhe edificou. Udalrico e Cunon foram os primeiros religiosos que acorreram à nova casa. São Geroldo faleceu em 978.

Em Gand, São Floiberto, abade, discípulo de Santo Amando, que lhe confiou o govêrno de dois mosteiros: o de São Pedro e o de São Bavão. Faleceu em 657.

Na Palestina, São João, o Paleolaurito, confessor (século IX).

Em Constantinopla, São Trifão, bispo, falecido em 945. Eleito como patriarca de Constantinopla a 14 de dezembro de 928, demitiu-se a 2 de setembro de 931, cedendo o lugar ao príncipe Teofilato.

Em Moyenmoutier, no século X, São Lázaro e Santa Aza. Lázaro, um oriental ao qual se dá o título de rei, foi, com a filha Aza, em peregrinação a Roma. Ali, visitaram o túmulo dos santos Apóstolos e, na Gália, os mais renomados santuários. Fixando-se perto da abadia de Moyenmoutier, ambos, em celas separadas, levaram vida austera.

Na Alemanha, Santa Ema, irmã de São Meinwerk, bispo de Paderborn. Viúva do conde Ludger, viveu quarenta anos em tal estado. A fortuna, que era considerável, deu-a ela aos pobres e à Igreja. Falecida em 1040, o corpo repousa na igreja de Bremen, onde lhe celebram a memória no dia 19 de abril.

Em Franche-Comté, o bem-aventurado Burchard, abade e confessor. Um dos mais queridos discípulos de São Bernardo, foi monge em Clair-

vaux, depois abade de Balerno e, afinal, de Bellevaux. Falecido em 1164, é honrado como bem-aventurado na ordem cisterciense.

No mesmo dia, festa de São Timão, um dos sete primeiros diáconos, que se estabeleceu, a princípio, em Beréia. De lá continuou a espalhar a preciosa semente da palavra de Deus. Foi a Corinto, onde, segundo a tradição, os judeus e os pagãos o atiraram ao fogo. Mas, nada tendo sofrido, foi pregado a uma cruz, na qual completou o martírio.

Em Melitina, na Armênia, os santos mártires Hermógenes, Caio, Expedito, Aristônico, Rufo e Gálata, todos coroados no mesmo dia.

No mesmo dia, os santos mártires Sócrates e Dionísio varados com lanças.

Em Jerusalém, São Pafúncio, mártir.

Em Antioquia de Pisídia, São Jorge, bispo, que morreu exilado, pena sofrida por causa do culto às santas imagens.

Em Florença, São Crescêncio, confessor, discípulo de São Zenóbio, bispo.

* * *

20.º DIA DE ABRIL

SANTA INÊS DE MONTE PULCIANO.

Santa Inês nasceu em Monte Pulciano, na Toscana, de pais riquíssimos. Apenas havia atingido a idade em que distinguimos o bem do mal, demonstrou grande desprêzo por tôdas as coisas do mundo. Não tinha gôsto a não ser pelos exercícios de piedade e dedicava-lhes tempo considerável. Ao atingir nove anos de idade, os pais a colocaram no convento das religiosas chamadas Saquinas, por causa do hábito ou escapulário que levavam, o qual era feito de tecido grosseiro de sacos. A jovem Inês não se assustou com as mortificações que via praticar. A elas se sujeitou com prazer e tornou-se, depois de pouco tempo, modêlo de tôdas as virtudes. Resolveu renunciar para sempre ao mundo, a fim de preservar a inocência dos perigos que se encontram no século.

Não tinha mais do que quinze anos, quando foi enviada para o convento das dominicanas, o qual fôra fundado havia pouco em Preceno, no condado de Orvieto. Algum tempo depois, foi nomeada abadêssa, pelo papa Nicolau IV. Êsse cargo serviu-lhe para redobrar-lhe o zêlo pela perfeição. Deitava-se no chão nu e, como travesseiro, usava uma pedra. Durante quinze anos, jejuou continuamente, alimen-

tando-se exclusivamente de pão e água. Foi necessária uma ordem expressa do diretor espiritual para obrigá-la a moderar as austeridades, por causa da saúde muito fraca.

Os compatriotas, tocados pelo brilho das virtudes que praticava, tudo fizeram para trazê-la a Monte Pulciano. Deram-lhe um convento que tinham construído em um lugar no qual anteriormente existira uma casa de devassidão. Essa circunstância fêz com que a santa voltasse à terra natal. Tomou posse do mosteiro e nêle instalou as religiosas de São Domingos, cuja regra ela mesma seguia. A santidade recebeu novo brilho com o dom dos milagres e o da profecia. As longas enfermidades que suportou, com inteira submissão à vontade do céu, terminaram por lhe aperfeiçoar as virtudes. Morreu em Monte Pulciano, no dia 20 de abril de 1317, aos quarenta anos de idade. Em 1435, transportaram-lhe o corpo para o convento das dominicanas de Orvieto, onde ainda se encontra. Clemente VIII aprovou um ofício em honra da santa, para uso da ordem de São Domingos e inseriu-lhe o nome no Martirológio romano. A bem-aventurada Inês foi solenemente canonizada por Bento XIII, em 1726.

* * *

SANTA HILDEGONDA (*)

(IRMÃO JOSÉ)

Virgem

Santa Hildegonda, conhecida como Irmão José, teve uma vida interessante e aventuresca. O pai, que com ela fôra cumprir uma promessa em Jerusalém, cortou-lhe os longos cabelos, vestiu-a de homem e deu-lhe o nome de José, para maior segurança durante a viagem, naturalmente contando com eventuais importunidades.

Irmão José teve dois biógrafos: um, foi-lhe companheiro, noviço como a Santa. Outro foi o abade Engelhard, prior de Schoenau, perto de Heidelberg, do qual reproduziremos a narração, onde apresenta Hildegonda falando de si mesma, na primeira pessoa.

«Nasci neste país, nos arredores de Colônia, de pais cristãos. Minha mãe morreu no momento em que eu vinha ao mundo, e meu pai, temeroso de me perder, fêz a promessa de ir ao santo sepulcro e de me levar consigo, se Deus me concedesse viver.

«Cumpriu exatamente o voto que formulou: fomos a Jerusalém, quando ainda eu era bem jovem.

«De volta, quando estávamos em Tiro, meu pai adoeceu, e tão gravemente, que naquela cidade mesma faleceu.

«Havíamos partido para Jerusalém com um criado. A êste doméstico, meu pai, antes de expirar, recomendou-me com ardor. Deu-lhe dinheiro para que continuássemos a viagem de regresso, mas meu protetor amava mais o dinheiro do que a mim mesma, de modo que, indo-se para nossa terra, abandonou-me, deixou-me sòzinha em terras estranhas.

«Vivi todo um ano naquela cidade estrangeira, absolutamente sem qualquer recurso, desconhecendo-lhe a língua. Mendigando e sofrendo contìnuamente, conheci todos os horrores da fome.

«Por mais de uma vez, procurei peregrinos alemães. Apiedavam-se muito de minha sorte, mas nada faziam por mim.

«Afinal, um homem de nobre família tomou-me sob seus cuidados e com êle fiz a travessia.

«A fome e a necessidade de mendigar levaram-me a aprender algumas palavras de latim. Freqüentei escolas, escolhi noções de literatura, ao mesmo tempo que obtinha, dêste ou daquele estudante, em Tiro, algum alimento.

«Um dia, estava então de novo na pátria, procurei aquêles que me haviam conhecido. Era na época em que se deu o histórico incidente que concerne à consagração do bispo de Trèves (1). O imperador Frederico I pusera-se contra o sumo pontífice. O bispo de Colônia, Filipe de Heimsberg caía em desgraça, porque ousara tomar o partido do papa.

---

(1) Em 1183, quando do papa Lúcio III (N. do Atual.)

«Todos os caminhos estavam vigiados. Os viajantes, sem exceção, eram revistados, não levassem cartas para Roma. E os correios, com o risco da própria vida, inventavam diversos modos de captar a correspondência para os agentes do imperador.

«Como eu pudesse dificilmente ser suspeita, escolheram-me para fazer passar as cartas do bispo de Colônia para o papa. O capelão, designado como agente do bispo na côrte pontifical, fêz-me muito vantajosas proposições para o transporte das cartas, que foram escondidas no interior dum ôco bastão de peregrino. Eu devia levar o bordão, enquanto êle, de mãos vazias e livre de todo o perigo, ia na frente. Em Verona, entregar-lhe-ia as cartas. Ali não se corria qualquer perigo e jazia a côrte do papa.

«Não havia ainda alcançado os Alpes, atravessava a Rhetia, província alemã, quando um ladrão se juntou a mim, a me perguntar para onde ia. Disse-lhe que me propunha atravessar os Alpes, e êle me respondeu que também essa lhe era a intenção.

«Passamos, assim, a caminhar lado a lado, juntos fazendo a viagem.

«Quando, depois de certo tempo, chegamos à orla de uma floresta, cuja travessia não apresentava qualquer dificuldade, ouvimos o ruído de muitas pessoas a andar apressadamente. Olhei meu companheiro e disse:

«— Creio que muita gente nos persegue e se aproxima a largos passos».

«Respondeu-me o ladrão:

«— Senta-te sôbre êste saco e fica à minha espera. Não tardarei».

«E, assim dizendo, precipitou-se para a floresta, onde se escondeu, esperando que o bando passasse.

«A chegada daqueles homens, cujos passos ouvíramos, foi-me terrível. Aproximaram-se de mim, perceberam o saco, arrancaram-me de cima dêle. E encontraram os objetos que lhes haviam sido roubados.

«Sem piedade, bateram-me raivosamente. E quanto mais lhes dizia que era inocente, mais me esbordoavam. Acabaram, então, por me atar as mãos, amarrar o saco ao pescoço e, aos trancos, levar-me ao juiz.

«Como tudo me incriminava, não pude defender-me, e fui condenada a ser enforcada. Antes da execução, porém, permitiram-me confessar. E um sacerdote apareceu, ao qual confessei meus pecados, sem, contudo, dizer o que quer que fôsse sôbre o roubo. Sôbre isto, interrogou-me, finda a relação de minhas faltas. Então, contei-lhe da aventura pela qual passara, dizendo-lhe que as cartas episcopais encafuadas no meu bordão de peregrino poderiam provar que eu era inocente.

«O padre encontrou-as. E, depressa, relatou o que sucedia, pedindo que a floresta fôsse vasculhada para que se prendesse o verdadeiro autor do roubo.

«Enquanto não agarrassem aquêle que viajara, por algumas horas ao meu lado, fiquei debaixo de forte guarda.

«Quando vários homens surgiram com êle, o ladrão começou por dizer que o saco jamais lhe pertencera e que a mim era a primeira vez que via em tôda a vida.

«O padre, que intercedia por mim, propôs que, em vista do sucedido, não havia outro remédio senão

o de entregar o julgamento nas mãos de Deus: ia-se recorrer à prova do ferro em brasa.

«— A assistência divina, disse êle, jamais errará!»

«O ladrão e eu tomamos na mão o ferro ardente, ao rubro. E minha inocência foi provada. A sentença que se me ditara transferiu-se para o ladrão, e o bom padre, tomando-me consigo, levou-me para sua casa, onde pude repousar.

«Executando o larápio, souberam os seus familiares que eu ainda estava na região. Apoderaram-se de mim e me suspenderam na fôrca, onde fiquei por três dias entre o céu e a terra. E como todo socorro humano me faltasse, Deus enviou-me um anjo, que me amparou, reanimou e consolou.

«À tardinha do terceiro dia, ouvi um côro que me maravilhava com dulcíssima melodia. E o anjo, vendo-me no rosto estampada a surprêsa, perguntou-me se ouvia alguma coisa.

«Respondi-lhe:

«— Sim, ouço vozes, mas não sei donde vem nem o que dizem.

«Então, disse-me o anjo:

«— É tua irmã Inês que faleceu, e os anjos levam-lhe a alma para o céu. Daqui três anos, virão buscar-te a ti, e assim te juntarás a ela» (2).

«Ora, havia na vizinhança do patíbulo, muitas crianças que guardavam um grande rebanho. Diziam uns aos outros:

---

(2) Inês era irmã gêmea de Hildegonda, que a narração de Irmão José omite, e que vivia num convento desde a partida do pai e de Hildegonda para a Palestina (N. do Atual.)

«— Podemos, por acaso, correr e brincar por aqui, sem temor ou horror, quando há alguém dependurado da fôrca? Aquêle menino que lá está não nos mete mêdo algum. Dir-se-ia um de nós. Vamos tirá-lo de lá, pobrezinho?»

«Tiraram-me, então os pastôrezinhos, cortando a corda que me prendia. Eu cai, mas nada sofri, porque o anjo, como disse, me amparava. Os bons meninos, porém, muito assustados, correram todos e me deixaram só.

«Disse-me o anjo:

«— Eis que estás livre! Podes ir para onde quiseres!»

«— Vou a Verona, respondi-lhe, mas não conheço o caminho».

«O anjo, então, apontando uma cidade bem ao longe, falou:

«— Eis Verona acolá!»

«Fôra levantada à fôrca no território de Augsbourg, na Germânia, e quando me vi livre do patíbulo, achava-me perto de Verona.

«Entrei, então, na cidade, desincumbi-me da missão que me levara e tornei ao meu país.

«Vim para cá (3) para agradecer a Deus o ter-me conservado puro e sem mancha, assim ao sabor do mundo. E agora o Senhor porá um fim aos meus trabalhos, porque, como me disse o anjo, levar-me-á para Êle. Eis a razão por que, chegando aqui bem doente, sem esperança, como me disseste, recusei a

(3) Schoenau.

unção santa: sei que minha morte não se dará senão pela Páscoa».



Sòmente depois da morte de Hildegonda, quando, segundo o costume, foram lavar-lhe o corpo, os religiosos viram que o Irmão José era mulher. E todos se admiraram e a nova, ràpidamente, espalhou-se. Como o poder de Deus e a bondade do Cristo livraram do jugo do demônio aquela jovem que vivera tão aventurescamente, em contacto com o mundo!

Irmão José faleceu no dia 20 de abril de 1188. Na ata do falecimento, o abade conservou-lhe o nome masculino de José, acrescentando estas palavras: «servo de Deus».



SÃO MARCELINO DE EMBRUN (*)

Bispo e Confessor

Marcelino nasceu na África. Piedoso, quando moço se sentiu inspirado e foi pregar o Evangelho na Gália, com dois amigos — Vicente e Domnin — embarcando às escondidas dos pais.

Em Nice, desembarcaram. Puseram-se, então, a percorrer os Alpes, onde o Santo ergueu uma capela e viveu a orar, a jejuar e a pregar.

Eusébio, exilado da diocese que Deus lhe dera, consagrou-lhe o oratório. E, encantado com Marcelino, fêz mais: assistido do bispo Emiliano de Valença, concedeu ao Santo a consagração episcopal, estabelecendo-o, embora resistisse, bispo de Embrun.

São Marcelino converteu inúmeros pagãos. Sempre, pelas festas do Natal, bandos de catecumenos apresentavam-se a êle para receber o batismo, e o batistério que construíra, miraculosamente, deu de verter água viva e límpida, por muito tempo, água que, bebida por vários doentes, restituiu-lhes a saúde.

Tal milagre acabou por converter tôda Embrun. Sòmente um pagão ficou apegado às suas superstições. A êste, conquistou-o o Santo para

Jesus pouco depois, consentindo em operar um milagre em sua presença: quebrado um copo de cristal em fragmentos incontáveis, Marcelino, com um simples sinal da cruz, pô-lo todo inteiro, sem qualquer traço de emendas entre o sem-número de cacos.

Um dia, de regresso de uma das costumeiras incursões que fazia pelos arredores, o santo bispo topou com vários tropeiros. Entre êles, um havia que acabara de perder uma das mulas, e esbravejava. Quando percebeu que era um religioso que se aproximava, o famigerado ímpio correu para êle. Tratando-o como se fôra um escravo, levou-o para junto do animal que se abatera, e, tomando-lhe da carga, depô-la nas costas do santo bispo.

Sem se queixar ou opor qualquer contraditado, contentou-se o confessor em dizer:

— Se o Salvador Jesus quis voluntàriamente tomar sôbre si os pecados todos do mundo, por que hei de eu, por seu amor, deixar de levar êste fardo que me impuseram?

E, dirigindo-se a Deus, repetiu, todo emocionado, o versículo do salmista:

— **Estou diante de ti, ó meu Deus, como uma bêsta de carga mas ainda estou contigo.**

Chegando à cidade, o tropeiro quis humilhar ainda mais o Santo. E, forçado ou não, pôs-se a rir do ministro de Deus.

O povo, diante daquele raro espetáculo, afluiu, mas, quando debaixo da vasta carga pesada, reconheceu o querido pastor, revoltou-se. E só não liquidou com o tropeiro e os companheiros dêste, porque Marcelino os proibiu,

Então, o malvado que ria, de repente, do gôzo, sem transição, passou ao tormento. Assaltado por tremendas cólicas caiu por terra, a estorcer-se e a berrar de dor.

Marcelino, apiedado, depondo a carga, ajoelhou-se-lhe ao lado, e orou ao Senhor, livrando o desapiedado tropeiro do mal que o consumia.

Marcelino participou ativamente da luta, quando o arianismo acossou o Oriente, a Itália, as Gálias e a região alpina.

Em nome da Igreja que governava, enviou correios para os defensores da fé, então em Arles, Viena e Beziers, pondo-os ao par de tudo o que se passava, ao mesmo tempo que lhes alertava a vigilância, pedindo-lhes que se guardassem contra qualquer surprêsa.

Êste feito acarretou-lhe vários dissabores, uma vez que Constâncio despachou emissários com ordens de prendê-lo.

Um dêsses emissários, no momento mesmo que tentava agarrar o Santo, foi tomado pelo demônio. E Marcelino, condoído, livrou o algoz do espírito imundo.

Outra vez, vários arianos, prendendo-o, levaram-no ao alto do rochedo onde se edificara a cidade de Embrun, para precipitá-lo encosta abaixo, caso se recusasse subscrever as ordens do imperador Constâncio.

Marcelino não se dignou responder-lhes. Permaneceu firme, calado. E os bárbaros, alucinados, atiraram com êle precipício abaixo.

Marcelino chegou ao fundo do abismo são e salvo, sem qualquer ferimento, mesmo sem um único arranhão. Vem daí a tradição que diz terem os anjos

tomado o santo bispo quando no ar, depositando-o cuidadosamente na raiz do altíssimo monte.

Quando Constâncio faleceu, em 361, o santo bispo, que a instâncias do clero se refugiara nas gargantas das montanhas, voltou e foi recebido com grandes aclamações. De novo à frente do rebanho, do qual sòmente tinha notícias de quando em quando, morreu cheio de mérito no ano de 374.

Morto no dia 13, sòmente a 20 foi enterrado: o povo das adjacências e os bispos das vizinhanças, desejosos de participar das fúnebres cerimônias, foram responsáveis por tal diferimento.

Desaparecera o santo bispo, mas os milagres continuaram. Obrou-os durante a profícua vida, obrá-los-ia depois da morte, já na glória do Senhor.

Embrun, por mais de uma vez, recorreu à intercessão de São Marcelino, ao qual tomou como padroeiro.

Certa vez, durante o sítio da cidade, apareceu o Santo no céu, alçando uma grande cruz que fulgurava, desbaratando o invasor.

Quando da peste que grassou em Embrun, um padre foi curado pelo simples contato do óleo que miraculosamente dera de fluir da sepultura do santo confessor. Diante disto, tôda a cidade implorou-lhe o socorro e foi debelado o flagelo.

Gregório de Tours conta, e assegura, que no seu tempo, uma lâmpada brilhava diante do túmulo de São Marcelino e ficava, por muitos e muitos dias, sem necessidade de ser alimentada, e que, se por acaso a apagasse o vento, reacendia-se sòzinha, por si mesma. O óleo desta lâmpada era tido como remédio.

* * *

SÃO TEÓTIMO, O FILÓSOFO (*)

Bispo e Confessor

Século V

Célebre principalmente pelos conhecimentos filosóficos, daí o cognome, Teótimo levou vida pura, de mortificação, flagelando o corpo com rigorismo incomum.

Bispo de Tomes, na Cítia, quando dos imperadores Arcádio e Teodócio, o zêlo que lhe possuia a alma fê-lo cruzar o Danúbio para ir levar o Evangelho aos hunos, ao squais conseguiu abrandar na ferocidade, tornando-os mais sociáveis.

Por que os conquistava com pequenos presentes, um dos bárbaros julgou-o muito rico e resolveu roubá-lo. Assim, escondida atrás do escudo, levou uma corda, com a qual pretendia amarrar o santo bispo, quando a sós com êle.

Quando se lhe deparou propícia ocasião, levantou o braço, a corda, em laçada. pronta na mão, eis que aquêle membro permaneceu rígido e imóvel no ar. E, enquanto não confessou a falta a Teótimo admirado, não conseguiu livrar-se da insólita posição,

São Teótimo foi grande amigo de São João Crisóstomo, ao qual apoiou corajosamente quando Teófilo de Alexandria e outros se lhe opunham.

Ignora-se quando o santo bispo faleceu, mesmo se sobreviveu ao amigo.

* * *

BEM-AVENTURADO HUGO DE ANZY (*)

Confessor

Hugo nasceu no Poitou. Era filho de pais nobres e se consagrou a Deus quando ainda na infância.

Padre e monge de São Savino, com outros foi enviado a São Martinho de Autum, onde devia estabelecer a regra monástica.

Infatigável no que dizia respeito ao trabalho de fazer observar a regra, organizou um número infindo de mosteiros, foi conselheiro e auxiliar de Bernon na restauração de Baume e na fundação de Cluny.

De volta a São Martinho de Autun, logo depois deixava aquela casa, para nova empreitada: a fundação do priorado de Anzy-le-Duc.

Ali foi o retiro preferido do bem-aventurado Hugo. Tendo construído pequenas celas regulares para a permanência dos religiosos, e, ao lado, ótimo hospital para os pobres, Hugo vivia na cela que o povo soia chamar a do **Bom Pai.** Os fiéis, ali, em grande número, acorriam procurá-lo, para suplicar orações e participar das riquezas espirituais que emanavam da florescente comunidade.

Deus concedeu ao bem-aventurado o poder sôbre a natureza, sôbre os homens e os animais.

Os lavradores, com confiança, antes da semeadura, traziam-lhe, em grandes cêstos, as sementes que iam lançar à terra, para que as benzesse. E as colheitas, abençoadas, sempre foram fartas, mantendo perenemente afastado o feio fantasma terrível da fome.

Quando achou que devia abandonar tôda ocupação exterior e só se ocupar com os preparativos para uma boa morte, trancou-se na cela e ali ficou até o dia em que o Senhor o chamou, a 20 de abril do ano de 925.

O bem-aventurado foi enterrado perto da cela que ilustrou. À beira do túmulo, logo depois, grande número de doentes encontrou completa cura, o que veio concorrer para que o confessor fôsse venerado imediatamente após o falecimento.

Em 1562, as relíquias tão veneradas foram profanadas e destruídas impiamente pelos huguenotes.

* * *

BEM-AVENTURADA ODA (*)

Virgem

Esta bem-aventurada nasceu no Brabante. Era filha de Wiberto e Tescelina, casal que pertencia às duas mais nobres famílias do país.

Enquanto lhe arranjavam casamento, Oda, que desejava receber o véu das virgens, despendia todos os esforços para consegui-lo. Ingênuamente, fêz, de um parente, confidente. E, rogando-lhe que concertasse com o abade de Boa Esperança a imposição do véu, viu, com surprêsa e muito pesarosa, que tudo ruia por terra, tão fàcilmente como um castelo de cartas que se desmancha a um sôpro: o confidente, às pressas, tratou de levar ao conhecimento dos pais da virgem o intento que a jovem procurava tornar realidade.

Atônita, Oda, um dia, recebeu a notícia de que já lhe haviam escolhido o espôso. Abandonando-se, então, ao Espírito de Deus, que a dirigia, confiantemente ficou a aguardar os sucessos, pronta para, enèrgicamente, opor sua vontade aos desígnios paternos.

Para que obtivesse triunfo na luta que ia travar-se, orava a Deus, com calor, dia e noite, sem cessar. E tão confiante estava, que foi com uma

calma deveras impressionante que acompanhou todo o desenrolar dos preparativos para as núpcias.

Os pais, no entanto, viam com inquietação aquela calma. E, desassossegados, viram chegar o dia da cerimônia.

Oda, calmamente, dirigiu-se, com os seus, à igreja, onde o noivo já a aguardava, o rico senhor Simão, jovem e afável cavaleiro, filho de um considerável castelão do lugar.

Já Simão havia exprimido o seu consentimento. Era agora a vez de Odo responder a aquisição do sacerdote.

Por duas vêzes, o padre lançou a pergunta. Por duas vêzes Oda guardou deliberado silêncio.

Uma dama, pertencente à família de Wiberto, chamou-lhe a atenção. E, à terceira pergunta do oficiante, a jovem respondeu:

— Já que estás procurando com tanta solicitude saber se eu estou disposta a aceitar êste jovem senhor por espôso, que todos saibam que não quero aceitá-lo, e não só a ôle, mas a qualquer outro. Meu amor e minha fé estão comprometidos com Jesus Cristo. A Êle, desde os meus primeiros anos, consagrei minha virgindade. Nada poderá jamais me separar de seus favores, nem o amor de criatura alguma, nem as ameaças, o que quer que seja, enfim.

A estas palavras, os assistentes, cheios de surprêsa, passaram a murmurar coisas. E o jovem noivo, furioso, deixando com ímpeto a capela, montou a cavalo e galopou para o castelo do pai, precipitadamente.

Muitos dos íntimos da bem-aventurada, aproximando-se dela, repreenderam-lhe, àsperamente, a intempestiva atitude que tivera. Mas Oda, firme

na resolução que tomara, assim que encontrou oportunidade, também deixou a capela e correu para casa, retirando-se ao quarto da mãe, onde se trancou, ansiosa por recomendar-se a Deus.

E, enquanto o pai abalava ao castelo do jovem Simão, para acalmá-lo, desculpar-se e assegurar que nova tentativa seria feita, Oda, vendo sôbre a cama uma espada, concebeu terrível idéia. Não era porventura a grande beleza, conforme diziam todos, o motivo de todo aquêle desgôsto?

Com determinação, avançou para a arma e, desembainhando-a, rogou a Deus que lhe desse coragem e não lhe deixasse tremer o braço. Então, resoluta, cortou uma das narinas.

Tomando de uma baciazinha, pôs-se, com muita calma, a recolher ali o sangue que afluiu em abundância.

Quando o pai voltou do castelo de Simão, perguntou pela filha. E como lhe dissessem que se trancara no quarto, achando que ali já se demorava, e muito em silêncio, chamaram-na aos brados. E, como não obtivessem resposta, forçaram a porta.

O espetáculo que se lhes ofereceu foi contristador. Oda, banhada em sangue, muito pálida, mas muito serena, a todos recebeu humildemente. E Wiberto, em lágrimas, reconheceu que se excedera, que havia cometido um grande engano, e determinou que jamais contrariaria a vocação da filha.

O venerabilíssimo abade de Boa Esperança, Odão, soube do que se passara. E dizendo a todos que Deus chamava para si aquela valorosa jovem, procurou facilitar-lhe os meios de abraçar a vida religiosa. Nomeou, então, dois monges para que entrassem em entendimentos com Wiberto.

Oda recebeu aquelas visitas com o coração aos trancos, de alegria. E Wiberto, um tanto triste e emocionado, consentiu que a filha se consagrasse a Deus nalguma piedosa comunidade.

Poucos dias depois, a bem-aventurada recebia o véu das virgens das mãos do abade Odão e ingressava numa comunidade de santas jovens que seguiam a regra Premonstratense.

A ardorosa moça não tardou a dar exemplos das mais tocantes virtudes. A humildade e a obediência, levaram-na a olhar-se como a mais pequena das componentes do convento. E, com alegria e muita simplicidade, incumbia-se de todos os serviços que lhe davam.

Cada vez mais a buscar a perfeição, acabou por achar muito suave a regra que abraçara: Deus, então, provou-a com uma doença grave, desconhecida, que, a princípio, julgaram fôsse a lepra.

Desde então, foi encerrada numa pequenina cela, convenientemente afastada da comunidade.

Desejando servir a Deus sem restrições, Oda recebeu aquela separação sem qualquer murmúrio. consolando-se com meditar seguidamente a paixão do Salvador do gênero humano.

Pouco depois, o mal, a pouco e pouco, foi cedendo, e desapareceu de todo. Tornou, então, para o convívio das irmãs.

Anos mais tarde, quando foi da escolha de uma nova priora, tôdas as vistas voltaram-se para a bem-aventurada, que, de humildade alarmada, lançou mão de todos os recursos para fugir da dignidade. Tantíssimas, porém, foram as instâncias, que não teve outro remédio — aceitou.

Para consolar-se, porque se considerava grandemente indigna do cargo, procurou fazer alguma coisa que lhe sossegasse o coração — e principiou, com muita doçura, a socorrer todos os pobres que constantemente, batiam à porta do convento.

Era de ver, então, a terna compaixão que se lhe estampava nos olhos, nos gestos, nela tôda. É que, em cada um daqueles pobres deserdados, procurava e via a Jesus Cristo Nosso Senhor.

Êste socorrer, minorar as misérias dos coitadinhos, fê-lo a bem-aventurada, sempre com a mais viva solicitude, até o fim da vida, que chegou em 1158, no dia 20 de abril.

As irmãs, chorando, rodeavam-lhe o leito. À certa altura, disseram que, morta, não se esquecesse delas.

Oda, sorrindo tristemente, perguntou-lhes brandamente:

— Por que, minhas filhas, falais assim a uma pecadora? Não faleis assim! Antes, suplicai a Deus que me perdoe os pecados e se digne receber-me quando sair do mundo.

Ditas estas palavras, expirou.

O corpo da bem-aventurada Oda foi sepultado reverentemente no mosteiro da Boa Esperança.



No mesmo dia, na Itália, Santa Heliena, virgem. Filha de pais pobres, nasceu em Lauriano. Dando-se à piedade desde mocinha, foi tida pelos parentes como louca. Para fugir dos vexames, retirou-se da casa paterna e foi viver numa caverna, onde se alimentou das raízes e das ervas que lhe

cresciam ao pé. Operando milagres, muito procurada pelo povo, faleceu santamente, sendo enterrada na catedral, pelo próprio bispo, então Paestum (século VIII-IX).

Na Alemanha, Santo Wihon, bispo. Também conhecido pelo nome de Gruhon, nasceu na Frísia e foi educado por Gregório de Utrecht. Pôsto à frente da Igreja de Osnabruck por Carlos Magno, mostrou-se pastor zelosíssimo, falecendo em 804.

Na diocese de Ruão, o bem-aventurado Harduíno, confessor. Nascido em Alvimare, foi monge em Fontenelle. Ocupou-se com a cópia de manuscritos. Terminou a vida como anacoreta, vivendo numa gruta perto da abadia. Morreu em 811 bastante entrado em anos.

Em Pisa, o bem-aventurado Domingos de Vernagalli, confessor. Nascido naquela cidade, na terra natal fundou um orfanato. Pertenceu aos camaldulos, tendo falecido em 1219. Em 1262, o corpo foi exumado e exposto à veneração dos fiéis. O culto foi aprovado em 1858. Os camaldulos festejam-no a 20 de abril e Pisa a 15 de maio.

Na Borgonha, o bem-aventurado João, abade e confessor. Monge cisterciense, foi abade de Igny e de Clairvaux. Faleceu neste último mosteiro em 1820.

Na Borgonha, o bem-aventurado Simão de Todi, confessor. Célebre entre os ermitães de Santo Agostinho pela ciência teológica e as pregações, faleceu em 1322. Gregório XVI confirmou-lhe o culto no ano de 1833.

Na Itália, o bem-aventurado João, ermitão e confessor. Nascido em Masaccio, de pais pobres e heréticos, foi instruído na fé católica por alguns

parentes. Moço ainda, retirou-se a uma gruta para ali levar vida de eremita, sendo muito assaltado pelo demônio. No fim da vida, revestiu-se com o hábito dos terciários franciscanos. Deram-se diversos prodígios no momento em que morreu (1399). É padroeiro de Masaccio.

— — — —

No mesmo dia, em Roma, os Santos Sulpício e Serviliano, convertidos à fé de Jesus Cristo pelas exortações e milagres de Santa Domitila, virgem. Tendo-se recusado a sacrificar aos ídolos, tiveram, por ordem de Ariano, prefeito da cidade, a cabeça cortada, durante a perseguição de Trajano. Ainda, os Santos Vítor, Zótico, Zeno, Acindino, Cesário, Severino, Crisóforo, Teonas e Antonino, os quais, depois de terem sido experimentados por diversos tormentos, terminaram o martírio, durante o reinado de Diocleciano.

Em Auxerre, São Mariano, sacerdote.

No mesmo dia, São Teodoro, confessor, cognominado Tríquinas, por causa do rude cilício de que estava revestido. Os milagres numerosos que o tornaram célebre, se realizaram sobretudo contra os demônios. Do corpo lhe corre um bálsamo que devolve a saúde aos doentes.

* * *

21.º DIA DE ABRIL

SANTO ANSELMO,

Arcebispo de Cantuária.

Santo Anselmo nasceu no ano de 1033, na cidade de Aosta, nos confins da Borgonha e da Lombardia. Maltratado pelo pai, deixou o torrão natal, onde havia começado os estudos com bastante êxito. Depois de ter passado cêrca de três anos, parte na Borgonha, parte em França, foi para a Normandia. Atraído pela reputação de Lanfranc, tornou-se seu discípulo e amigo. Como estudava infatigàvelmente, ensinando e instruindo os outros, sacrificando o corpo por vigílias, fome e frio, veio-lhe a idéia de que não sofreria menos nas austeridades da vida monástica e não perderia o mérito dos sofrimentos. Retomou, então, o desejo que tinha, desde os quinze anos, de se fazer monge. Pensava em ir para Clugni ou para Bec. «Mas, dizia, tanto em um como em outro, estará perdido o tempo que dediquei aos estudos. Lá não poderei ser útil a ninguém. Em Clugni, por causa da regularidade da observância; em Bec, por causa da grande capacidade de Lanfranc, por quem seria ofuscado». Um resto de amor-próprio o fazia falar assim. Percebendo-o, disse: «Serei monge ou serei estimado e preferido pelos outros?

Não, é necessário que entre para um lugar onde seja o mais desprezado, onde seja tomado por nada».

Consultou Lanfranc e disse a êste: «Tenho inclinação por três estados: ser monge ou eremita, viver com meus recursos e servir aos pobres. Rogo-vos que me determineis o caminho a seguir». Morrera-lhe o pai e todos os bens o esperavam. Lanfranc não quis decidir sòzinho. Conduziu-o, então, a Ruão, para lá consultarem o arcebispo Maurílio, que decidiu em favor da vida monástica. Anselmo foi recebido na abadia de Bec, em 1060, com a idade de vinte e sete anos, quando era prior Lanfranc sendo abade Herluíno. Três anos depois, Anselmo foi nomeado prior, para ocupar o lugar de Lanfranc, revestido, então, das funções de abade de Santo Estêvão de Caen. Anselmo dedicou-se, com mais liberdade, ao estudo da teologia e nela fêz tantos progressos, que chegou a resolver questões obscuríssimas, desconhecidas antes mostrando claramente a conformidade das decisões a que chegava com a autoridade da Escritura santa. Não era menos versado na moral. Conhecia tão bem os costumes de tôdas as espécies de pessoas que descobria a cada qual os segredos mais ocultos. Mostrava as fontes e os progressos das virtudes e dos vícios, com os meios de os adquirir ou de os evitar. Por isso, dava abundantes conselhos cheios de sabedoria e fazia ferventes exortações.

Quando foi nomeado prior, alguns dos irmãos murmuraram, por ter sido êle o escolhido, uma vez que fizera a profissão havia pouco. Não se defendeu contra êles, a quem, pela paciência e pela caridade, acabou conquistando, mostrando-lhes a pureza das suas intenções. Um jovem monge cha-

mado Osberno, muito dado ao trabalho, mas também de muito espírito de malícia, odiava Anselmo. O santo homem, vendo nêle um bom natural, tinha-lhe muita indulgência e suportava-lhes as puerícias, tanto quanto podia, sem prejuízo da observância. Assim, pouco a pouco, se fêz querido. O jovem começou a dar-lhe ouvidos e a se corrigir. Anselmo, conquistando-lhe a afeição, cortou-lhe as pequenas liberdades que lhe havia concedido e acostumou-o a uma vida mais séria. Êste fazia progressos na virtude e dava esperanças de prestar grandes serviços à Igreja. Mas Anselmo teve o desgôsto de vê-lo morrer muito jovem, nos seus braços.

Fatigado com a extensão dos encargos, quis deixar o cargo de prior e foi a Ruão consultar o arcebispo Maurílio, o qual lhe disse: «Não procures, meu filho, desencarregar-te do cuidado dos outros. Vi muitos que, tendo renunciado à direção das almas, caíram na preguiça, indo de pior a pior. É por isso que te ordeno, pela santa obediência, que permaneças no cargo e não o deixes senão por ordem de teu abade. Se um dia fores chamado a uma posição mais alta, não te recuses a ocupá-la, porque sei que não ficarás muito tempo mais na atual posição». Anselmo retirou-se muito aflito e continuou governando o mosteiro, tanto com doçura, como com afeição. Todos lhe queriam como a um pai.

Um abade, que gozava de reputação de piedade, queixava-se um dia, a êle das crianças educadas no mosteiro que êle dirigia. E dizia a Anselmo: «Nós as chicoteamos continuamente, mas elas se tornam piores.»

— E quando são grandes, perguntou Anselmo, como são?

— Estúpidas e bestializadas, respondeu o abade.

— Eis, tornou Anselmo, que bela educação, essa que muda os homens em animais! Mas, dizei-me, senhor abade, se após terdes plantado uma árvore no vosso jardim, a cercais de todos os lados, de sorte que não possa estender a ramagem, não crescerá uma árvore torta, inútil? Contrariando assim as crianças, sem lhes deixar nenhuma liberdade, fazeis com que alimentem pensamentos obtusos, tortos, que se fortificam, à medida que se obstinam contra vossas correções. Daí, não encontrando de vossa parte nem amizade, nem doçura, não têm confiança em vós e crêem que não agis senão por ódio e por inveja. Êsses sentimentos crescem nelas com a idade e a alma se lhes inclina para o vício. E, não tendo sido alimentadas na caridade, olham todo o mundo de través. Dizei-me, não as considerais homens como vós? Quereríeis ser tratado dessa forma, se estivésseis no lugar delas? Para formar uma bela figura de uma lâmina de ouro ou de prata, o operário se contenta com cortá-la a golpes pesados de martelo? Dai pão a uma criança de peito. Sufocá-la-eis! Uma alma forte se compraz nas aflições e nas humilhações e pede por seus inimigos. Uma alma fraca tem necessidade de ser conduzida pela doçura, convidada alegremente à virtude, e suportada caritativamente nos defeitos.

Ouvindo tais palavras, o abade se atirou aos pés de Santo Anselmo, reconheceu que havia errado e prometeu corrigir-se.

Anselmo praticava as máximas por primeiro, e procurava ser amável com todos. A reputação de que gozava se estendeu por tôda a Normandia, passou para a França, atingiu Flandres e foi até a Inglaterra. De todos os lados, hábeis funcionários e bravos cavaleiros vinham submeter-se à sua direção e entregar-se a Deus, com os bens que possuíam. O mosteiro crescia, interiormente, em virtudes; exteriormente, em riquezas. O venerável Herluíno, em vista da idade avançada, não podia desempenhar suas funções. Todo o govêrno do mosteiro recaiu em Anselmo. E, morto o santo abade, foi Anselmo eleito unânimemente, para ser-lhe o sucessor. Fêz tudo o que pôde, tanto por argumentos, como por orações, para não aceitar o cargo. Por fim, aceitou-o, determinado principalmente pelo que Maurílio lhe dissera, quando quis renunciar ao cargo de prior. Essa função exercera-a durante quinze anos. Contava quarenta e cinco anos, quando foi eleito abade, em 1078. Recebeu a bênção abacial de Gilberto, bispo de Evreux, no dia da Cadeira de São Pedro, no ano seguinte, ou seja, em 1079. Governou a abadia de Bec durante quinze anos.

Os bens que êsse mosteiro possuía na Inglaterra obrigaram Santo Anselmo a por êle passar algumas vêzes. Aliás, era ainda atraído a êsse mosteiro pela amizade do antigo mestre, Lanfranc. Por tôda parte aonde ia, era recebido com calor, tanto nos mosteiros de monges, como nos de cônegos e religiosas, bem como nas côrtes dos senhores. Por seu turno, procurava adaptar-se a todos, enquanto lhe permitia a inocência, para poder ter ocasião de dar-lhes instruções convenientes, coisa que fazia, sem adotar, como os demais, um ar doutoral. Não.

Utilizava-se de estilo simples e familiar, empregando razões sólidas e exemplos sensíveis. Estava sempre pronto a dar conselhos a quem lhos pedisse. Quem o ouvisse falar, sentia-se feliz. Os maiores eram os que mais se apressavam a servi-lo. Não havia, na Inglaterra, nem conde, nem condêssa, nem pessoa poderosa, que não acreditasse ter perdido o mérito diante de Deus, por prestar um bom ofício ao abade de Bec. O próprio rei, Guilherme o Conquistador, temido do resto dos homens, era tão afável com Santo Anselmo, que parecia transformar-se em outro homem, na presença do santo.

Em meio a tantas ocupações, Santo Anselmo não deixava de ensinar, tanto de viva voz, como por escrito, as matérias mais elevadas, mais profundas, mais difíceis, como a teologia e a filosofia. E tudo isso com justeza, precisão, clareza que lhe mereceram um lugar dos mais distintos entre os Padres e os doutôres da Igreja, mesmo entre os que se convencionou chamar de filósofos e metafísicos. Coisa notável: no século dezessete, três homens célebres, Malebranche, Fénelon et Bossuet trataram das mesmas questões ou de problemas análogos. Ora, certamente Malebranche não é igual a Santo Anselmo. E duvida-se que Fénelon e Bossuet o sobrepujem.

O novo rei da Inglaterra, Guilherme o Ruivo, portava-se mais como tirano do que como rei cristão. Quando um bispo ou um abade morria, o rei se apossava de todos os bens da igreja ou da abadia e não permitia que o cargo fôsse preenchido, enquanto seus oficiais ainda lá encontrassem algo do que se aproveitar. O bem-aventurado Lanfranc, arcebispo de Cantuária, uma vez morto, em 1089, Gui-

lherme deixou essa grande sede vacante por quatro anos completos, para dilapidar-lhe as rendas. Jurou mesmo que ninguém ocuparia êsse arcebispado durante o seu reinado. Mas como falasse por obra do acaso, violenta doença o acometeu. Progredindo contìnuamente, a moléstia o deixou depauperado. Todos os bispos e os senhores do reino se reuniram e aconselharam-no a pensar na salvação da alma, abrir as prisões e perdoar as dívidas, dar a liberdade às igrejas e poder aos pastôres, principalmente ao de Cantuária. O rei estava doente em Gloucester e Santo Anselmo, sem de nada saber, se encontrava numa região vizinha. Foram chamá-lo para assistir ao rei, agonizante. Anselmo lá foi. Pediram-lhe o conselho. Disse êle que o rei deve começar por uma confissão sincera de todos os pecados, e prometer, se recuperar a saúde, reparar de boa fé todos os erros que cometeu. Em seguida, acrescentou, fará o que lhe aconselhastes. O rei concordou, pediu aos bispos que fôssem seus defensores diante de Deus e mandou fazer essa promessa em seu nome, sôbre o altar. Foi redigido e selado um edito, declarando que todos os prisioneiros seriam libertados, tôdas as dívidas remidas e as ofensas perdoadas; e que, para o futuro, seriam dadas boas leis ao povo, bem como justiça. Todos louvavam a Deus e pediam pela saúde do rei.

Todavia, propuseram-lhe preencher a vaga de Cantuária. Êle disse que já estava pensando nisso. E, como se procurava uma pessoa digna, foi o primeiro a pronunciar o nome de Anselmo. Todos receberam com aplausos a indicação. Mas Anselmo empalideceu de espanto, e resistiu tanto quanto pôde a ser apresentado ao rei para receber a investidura.

Os bispos o levaram à parte e lhe disseram: «Que pretendes fazer? Por que resistes a Deus? Vês que a religião está quase perdida na Inglaterra por causa da tirania dêste homem; e, podendo concorrer com um remédio, não o queres fazer! Em que pensas? A igreja de Cantuária, cuja opressão a todos nós envolve, clama por teu socorro; e sem te inquietares pela libertação dela ou pela tua, não procuras senão o repouso!» Santo Anselmo respondeu:

— Atendei, vos peço, escutai-me. Juro que êsses males são grandes e necessitam de remédio; mas já estou velho e incapaz de trabalho exterior (êle tinha sessenta anos). Se não posso trabalhar por mim próprio, como poderei carregar o fardo de tôda a igreja da Inglaterra? Por outro lado, sei em minha consciência que, desde que sou monge, sempre fugi dos negócios temporais, porque nêles não descubro qualquer atrativo.

Os bispos replicaram:

— Conduzi-nos sòmente no caminho de Deus; nós nos encarregaremos dos negócios temporais.

Santo Anselmo ajuntou:

— O que pretendeis é impossível; sou abade em outro reino, devo obediência ao meu arcebispo. submissão ao meu príncipe, auxílio e conselho aos meus monges. Não posso romper todos êsses laços.

— Não se trata de um negócio, replicaram os bispos, todos consentirão fàcilmente.

— Não, retrucou êle, absolutamente, nada disso se dará.

Levaram-no ao monarca enfêrmo e lhe fizeram ver a sua obstinação. O rei, sensìvelmente aflito, lhe disse:

— Anselmo, que fazes? Por que me envias ao inferno? Lembra-te da amizade que meu pai e minha mãe tiveram por ti e tu por êles, e não me deixes perecer! Porque sei que estou condenado, se morrer conservando êste arcebispado.

Todos os assistentes, comovidos com essas palavras, lançam-se sôbre Anselmo e lhe dizem com indignação:

— Que loucura te acomete? Fazes morrer o rei, amargurando-o no estado em que se encontra. Sabe que te imputarão todos os crimes e turbulências que assolam a Inglaterra.

Santo Anselmo, assim instado, voltou-se para os dois monges que o acompanhavam e lhes disse:

— Ah, meus irmãos, por que não me socorreis?

Um dêles respondeu:

— Se esta é a vontade de Deus, quem somos nós para resistir-lhe?

— Eia! disse Santo Anselmo, vós vos rendestes mui prontamente!

Vendo que em nada progrediam, o rei ordenou-lhe que se lançasse ao chão, a seus pés; mas êle se prostrou do seu lado, sem ceder-lhe. Então, acusando-o de covardia, exclamaram:

— Uma cruz, uma cruz! E, tomando-lhe o braço direito, aproximaram-no do leito. O rei lhe apresentou a cruz mas êle fechou a mão; os bispos empenharam-se em abri-la, até fazê-lo gritar; e por fim lhe seguraram a mão com a cruz.

Gritaram:

— Viva o bispo!

Cantaram o **Te Deum**; levaram Anselmo até a Igreja vizinha, conquanto êle resistisse sempre, di-

zendo que êles nada faziam. Feitas as cerimônias de praxe, voltou a encontrar o rei e lhe disse:

— Declaro-vos, senhor, que não morrereis dessa enfermidade. Eis porque vos peço ver como podereis reparar o que acabam de fazer-me; porque não aprovei e não aprovo.

Tendo assim falado, retirou-se.

Os bispos reconduziram-no, juntamente com tôda a nobreza. Voltando-se, êle falou:

— Sabeis o que pretendeis fazer? Quereis unir, sob um mesmo jugo, um touro indomável e um cordeiro fraco e velho. Que acontecerá? O touro arrastará o cordeiro pelos abrolhos e espinhos, fazendo-o em pedaços, sem que tenha sido útil para nada. O rei e o arcebispo de Cantuária disputam entre si o govêrno da igreja da Inglaterra, um pelo poder secular, outro pela doutrina e disciplina: vós me compreendeis suficientemente; considerai a quem ides associar-me, e desistireis de vossa emprêsa; senão, predigo-vos que o rei me fatigará de diversas maneiras e comigo acabará, e a alegria que vos dou agora pela esperança de vossa consolação se transformará em tristeza, quando virdes a igreja de Cantuária recair em viuvez ainda em minha vida. Quando o rei comigo tiver liquidado, não haverá mais ninguém que ousará opor-se a êle, e êle vos esmagará a todos, como lhe aprouver.

Assim falando, Santo Anselmo, que não podia reter as lágrimas, voltou ao seu alojamento.

Foi eleito arcebispo de Cantuária em 6 de março de 1093, e sagrado em 4 de dezembro do mesmo ano. O que havia predito, não deixou de acontecer. Pode-se verificar na história da Igreja: tôdas as perseguições e tropelias que teve de sofrer

por parte dos dois reis normandos da Inglaterra, Guilherme, o Vermelho e Henrique I. Duas vêzes saiu da Grã-Bretanha para ir a Roma, onde ofereceu sua demissão ao papa Urbano II, que recusou aceitá-la: Urbano fê-lo assistir ao concílio de Bari em meados de outubro de 1098. Os gregos ali propuseram a questão da procedência do Espírito Santo, pretendendo provar, pelo Evangelho, que não procede senão do Pai. O Papa respondeu com várias razões, e empregou alguns argumentos tirados do — **Tratado da Encarnação** que Santo Anselmo lhe havia enviado outrora. Mas como a disputa continuasse, mandou fazer silêncio e disse em voz alta:

— Anselmo, arcebispo dos inglêses, nosso pai e nosso mestre, onde estás?

Santo Anselmo levantou-se e disse:

— Santíssimo Padre, que ordenais? Eis-me aqui.

O papa mandou que se aproximasse e sentasse ao pé de si, para grande espanto do concílio, onde todos perguntavam quem era êle e de onde vinha. Apaziguado êsse movimento, o papa declarou pùblicamente a virtude e o mérito de Anselmo, e com que injustiça havia sido expulso de seu país.

Santo Anselmo estava prestes a responder à questão proposta; mas julgaram mais conveniente deixar para o dia seguinte. E então tratou da matéria com tanta fôrça e clareza, que todos ficaram satisfeitos e lhe fizeram grandes elogios; e pronunciaram anátema contra os que negavam que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho.

Em seguida falaram do rei da Inglaterra no concílio de Bari, e fizeram muitas queixas contra êle; entre outras, no tocante à simonia e à opressão das

igrejas; do que o papa falou fortemente, assim como do que o rei havia feito sofrer a Anselmo, acrescentando que havia admoestado várias vêzes êsse príncipe para que se corrigisse; pedindo conselho aos bispos, êstes responderam:

— Se o tendes advertido até três vêzes, é claro que não resta senão feri-lo com o anátema até que se corrija.

O papa concordou. Santo Anselmo havia ficado sentado e cabisbaixo até então, sem dizer palavra. Mas então levantou-se, e, pondo-se de joelhos diante do papa, tanto fêz que obteve que não pronunciasse a excomunhão contra o rei. Todos os assistentes se admiraram da sua caridade para com o perseguidor.

Êsse perseguidor era então Guilherme, o Vermelho. Um acidente funesto pôs fim à sua vida e às suas violências em 1100. Seu pai, Guilherme o Conquistador, era apaixonado pela caça. Conquanto possuísse sessenta e oito florestas, além de parques e lugares de caças em diversos lugares da Inglaterra, não ficou satisfeito senão quando, para conveniência particular de sua côrte, enflorestou uma vasta extensão do país entre a cidade de Winchester e a costa do mar. Expulsaram os habitantes; queimaram os seus casebres e suas igrejas, e mais de quatro léguas quadradas de uma região rica e populosa foram arrebatadas à cultura e transformadas em deserto, para fornecer às feras um terreno suficiente, e um vasto espaço para deleite do rei. Esta nova floresta, criada por um ato de despotismo, tornou-se teatro de mais de um acontecimento funesto. Em 1081, Ricardo, filho primogênito do Conquistador, ali fôra

ferido de morte: no mês de maio de 1100, Ricardo, filho de Roberto, segundo filho do Conquistador, foi morto por uma flecha atirada por imprudência. Na mesma floresta e no mesmo ano, depois de uma caçada, Guilherme foi encontrado gemendo sôbre a terra e nadando no seu próprio sangue. Uma flecha, com a qual se ferira, havia-lhe entrado no coração. Seu irmão, Henrique I, sem ser bom, não era tão mau: acabou por reconciliar-se com Santo Anselmo, que voltou definitivamente para a Inglaterra em 1107. A grande dificuldade era impedir os reis normandos da Inglaterra de fazerem dos bispados, para suas finanças, o que haviam feito com as propriedades particulares para as suas caçadas.

Santo Anselmo morreu dois anos após. Sua última enfermidade constituiu-se em náusea para com tôda a espécie de alimento, e afligiu-o durante seis meses aproximadamente; conquanto se empenhasse em comer, suas fôrças diminuíam insensìvelmente. Não mais podendo andar, fazia-se carregar todos os dias ao santo sacrifício, pelo qual tinha devoção particular. Os que o serviam, vendo que êsse movimento o fatigava extremamente, queriam demovê-lo; com dificuldade conseguiram obtê-lo cinco dias antes de sua morte. Na quarta-feira da semana santa, pela tarde, perdeu a palavra: à noite, enquanto cantavam as matinas na igreja, leram-lhe a paixão que deviam ler à missa: durante a leitura, como viam que estava prestes a expirar, tiraram-no do leito e o colocaram sôbre o cilício e a cinza. Êle entregou, assim, o espírito no comêço do dia de sexta-feira santa, 21 de abril de 1109, décimo-sexto ano de seu pontificado e septuagésimo de sua vida. Morreu em Cantuária e foi enter-

rado na sua catedral, perto do bem-aventurado Lanfranc, seu predecessor. Operaram-se muitos milagres na sua tumba. A Igreja honra-lhe a memória no dia de sua morte. Sua vida foi escrita por seu amigo, o monge Edmer. (1)

* * *

(1) Acta SS., 21 de abril.

SÃO SIMEÃO (*)

Bispo e Mártir

São Simeão era bispo da Selêucia, no reinado de Sapor II.

Quando, em 340, o edito daquele rei proibiu, sob pena de escravatura, que se abraçasse o cristianismo, Simeão, que, em 325, pelo concílio de Nicéia, fôra declarado metropolitano de tôda a Pérsia, escreveu a seguinte carta:

«O Cristo, livremente, ofereceu-se à morte para a salvação do mundo inteiro. Pela efusão do próprio sangue, resgatou o gênero humano. Poderia eu temer a morte, dar a vida pelo povo, pela salvação do qual devo trabalhar? A viver enodoado, prefiro morrer. Deus me livre de permanecer entre os homens à custa das almas pelas quais Jesus morreu. Não sou tão covarde que não possa caminhar sôbre os passos do meu Salvador, de segui-lo pelo caminho do Calvário, de participar da comunhão de seu sacrifício. Quanto às ameaças proferidas contra meu povo, sei que êste povo saberá morrer para assegurar a salvação».

Quando o rei Sapor se inteirou do teor daquela carta desassombrada, viu-se prêsa de estranha cólera. E ordenou que, imediatamente, fôssem mortos todos os sacerdotes e diáconos; que se arrazas-

sem as igrejas tôdas e, aos vasos sagrados, que os usassem para fins profanos.

«Quanto a Simeão, particularizou, o cabeça desta maldita raça que despreza minha real majestade, que adora um Deus e menospreza o meu, quero que o prendam e tragam a minha presença».

Conforme a ordenança do rei, o santo bispo foi prêso, e, carregado de ferros, com dois dos doze padres de sua igreja, chamados Abdecalas e Ananias, compareceu diante de Sapor.

O santo bispo Simeão, empertigadamente, recusou-se, à maneira persa, prosternar-se diante do rei.

Sapor, rubro de raiva, perguntou porque não lhe rendia êle aquela honra, como outrora o fazia.

— Porque, respondeu-lhe Simeão, até esta data, não compareci diante de ti assim carregado de ferros e com a ordem de renegar o verdadeiro Deus.

Avançaram uns magos, ali presentes, para mais perto de Sapor, e lhe disseram:

— Êste homem conspira contra o Estado e contra ti. Merece a morte.

Simeão olhou-os, retrucou:

— Ímpios, que o sois, não é suficiente que tenhais corrompido o reino? Há necessidade de que procureis fazer-nos vossos cúmplices?

Sapor interpôs-se, falou brandamente:

— Segue meu conselho, Simeão. Eu te quero bem. Adora o sol. Isto te será vantajoso, bem como ao teu povo.

Simeão, imediatamente, e com calor:

— Não posso adorar o sol. Tu mesmo vales mais do que o sol, uma vez que és dotado de razão. Nós, os cristãos, reconhecemos sòmente um Senhor, Jesus, que foi crucificado.

Sapor:

— Se tu adorasses um Deus vivo, excusar-te-ia a loucura. Tu, porém, dás o título de Deus a um homem que expirou sôbre uma árvore ignominiosa. Sê sábio, e adora o sol, pela divindade do qual tudo subsiste. Se tu o fizeres, riquezas e honras, as maiores dignidades de meu reino serão tua recompensa.

Simeão:

— O sol se eclipsou, escureceu-se quando da morte de Jesus Cristo, seu mestre e o criador do mundo. Êste Cristo, gloriosamente, ressuscitou e está no céu. Tuas honras não me tentam. Coisas muito mais grandiosas estão no céu à minha espera. Sôbre isto, tu não podes fazer qualquer idéia.

Sapor:

— Ainda uma vez, poupa tua própria vida e a de uma inumerável multidão, à qual porei fim, se persistires na teimosia.

Simeão:

— Se cometeres tal crime, arrepender-te-âs um dia, naquele em que deverás prestar contas de tôdas as tuas ações. Conhecerás, então, a enormidade de tua ofensa. Por mim, a ti abandono os restos de uma vida miserável, com alegria.

— Mas, se tu não tens compaixão de ti mesmo, eu, pelo menos, compadeço-me dos teus partidários. Vou procurar curá-los da loucura pelo rigor do castigo que te infligirei.

Simeão:

— A experiência te ensinará que os cristãos não sacrificam uma vida eterna por uma perecível. Por nada no mundo trocarão teu diadema pelo nome imortal que receberam de Jesus Cristo.

Sapor:

— Se tu te recusas a me honrar em presença dos grandes de meu reino, e de comigo adorar o sol, a divindade de todo o Oriente, amanhã tu terás o rosto desfigurado — e o tens tão perfeito — e teu corpo, tão venerável e gracioso, será manchado com teu sangue.

Simeão:

— Tu te igualas ao sol, do qual fazes um deus, portanto és maior do que êle. Se me desfigurares o corpo, há um reparador que o ressuscitará e lhe conferirá, com prodigalidade, a beleza que criou e que agora é bem desprezível.

Sapor ordenou que descessem com o santo bispo e o trancassem numa das masmorras do palácio.

Quando Simeão passou por um corredor, deparou com um velho eunuco. Era Usthazane, o homem que havia educado o rei Sapor e que na côrte gozava da mais alta consideração.

Êste Usthazane, noutros tempos, fôra cristão, mas, para não desagradar o rei e senhor, pùblicamente abjurara a fé e adorara o sol.

À passagem do bispo, que conduziam à prisão, Usthazane caiu de joelhos, para saudá-lo. E Simeão, horrorizado com tal apóstata, desviou os olhos.

Aquilo perturbou, confundiu o eunuco profundamente. E, caindo em si, compenetrou-se da enormidade da falta que havia cometido.

E gemeu, chorou:

— Se a aversão que Simeão me vota assim me choca tanto, como poderei eu agüentar a indignação de Deus que eu tão impensada e ligeiramente reneguei?

Num ímpeto, terrificado, largou a correr até a casa onde vivia esplendorosamente. E, trocando as faustosas roupas que envergava por vestes negras, como as que se usavam na Pérsia, por luto, tornou ao palácio, postando-se no mesmo lugar em que, havia pouco, estivera.

Aquela brusca mudança chamou a atenção de todos quantos por ali perambulavam. E, num instante, Sapor, surpreendido, ao par do insólito sucesso, ordenou que lhe perguntassem o motivo daquela transformação.

Disse Usthazane ao enviado do rei:

— Sou culpado e mereço o último suplício.

Quando Sapor, pelo enviado, conheceu a resposta do eunuco, ficou a cismar, sem nada compreender. E, virando-se para quem lhe trouxera tal resposta, ordenou que voltasse a Usthazane e o convidasse a vir à sua presença.

Disse o rei ao eunuco, assim que êste surgiu:

— Algum espírito mau, sem dúvida, apossou-se de ti, hem?

Usthazane:

— Não. Sou culpado de uma dupla falta: primeiramente, com respeito a Deus, por ter adorado o sol, depois, no que concerne ao meu rei, porque, consentindo naquele ato de adoração, tornei-me culpado de fingimento e de hipocrisia, uma vez que interiormente desaprovava o ato exterior que realizava.

Sapor olhava-o perturbado. Disse-lhe:

— É isto o que te aflige? Bem cedo te curarei das loucas idéias que estás a entreter, se nelas persistires.

Usthazane, muito compenetradamente:

— Tomo a Deus do céu e da terra por testemunha que jamais obedecerei as ordens do rei. Jamais hei de fazer o que agora estou a deplorar Sou cristão, e não quero mais ser culpado de tão baixa perfídia contra o verdadeiro Deus, para agradar, bajular a um homem.

Sapor:

— Tenho piedade da tua velhice. Entristeço-me ao saber que vou perder quem prestou longos e inestimáveis serviços a meu pai e a mim mesmo. Rogo-te: abandona a crendice dêsses homens perversos, a não ser que queiras morrer com êles.

Usthazane:

— Vê bem, eu não abandonarei nunca mais a meu Deus para adorar suas criaturas.

Sapor:

— Então eu adoro criaturas?

Usthazane:

— Sim, sem dúvida. E criaturas privadas de razão e de vida.

Sapor, irado, ordenou que se apossassem do velho eunuco e o levassem à tortura.

Oficiais, porém, que ali ao lado do rei, rubros de raiva, a tudo assistiam, rogaram a Sapor que a Usthazane matassem sem mais delongas, que o velho o merecia. E assim foi.

Na prisão, Simeão soube do martírio do eunuco Usthazane. Comovido, rendeu graças a Deus. E, com instância, passou a rogar ao Senhor Jesus, pe-

dindo-lhe que não tardassem com a execução, porque suspirava e suspirava por ela.

E dizia:

— Ó dia feliz! Ó dia em que hei de morrer por Jesus Cristo, em que me verei livre dos perigos e das misérias desta vida, dia em que conquistarei a coroa que aspiro há tanto tempo! Não mais desgostos, não mais lágrimas, estas lágrimas que Êle mas enxugará com imensa doçura e delicadeza imensa!

Exprimia-se com calor, de olhos rasos d'água as mãos postas trêmulamente alevantadas para o céu, aquêle céu que agora desejava como jamais o desejara em tôda a vida.

Os dois padres que lhe eram companheiros da mesma prisão, Abdecalas e Ananias, olhavam-no cheios de admiração, pasmando para o transfigurado rosto do santo bispo, todo inundado de uma alegria do céu.

E Simeão continuava a orar, dizendo:

— Ó Jesus, atende-me, todo indigno que eu sou das tuas misericórdias! Faze com que eu traga o cálice no dia e na hora mesma da tua paixão! Que todos saibam que Simeão obedeceu ao seu Senhor até o sacrifício de sua vida!



Simeão, desdormido, foi levado, no dia seguinte, diante do rei Sapor. Era sexta-feira santa. Intimado, mais uma vez, a adorar o rei, o santo bispo recusou-se.

Disse-lhe o rei Sapor:

— Muito bem, Simeão. Vejamos qual foi o resultado das tuas reflexões de tôda uma noite. Vais

preferir as minhas bondades, ou, persistindo em me desobedecer, escolher a morte? Adora o sol, uma vez que seja, e te deixarei ir, livre. Prometo-te tôda a liberdade, tôda a segurança, tôda a proteção.

Simeão:

— A Deus não apraz que eu cometa tal crime e cause tal escândalo!

Sapor, com melifluidade:

— Apelo por nossa velha amizade. Por esta amizade é que, para ti, desejo tudo de bom. Dou-te provas assinaladas de minha clemência e tu me desprezas? Tu procuras a tua própria desgraça!

Simeão:

— Tôdas as tuas gentilezas, êsses carinhos todos, são em vão. Por que tardar com a execução? A mesa já está posta, e eu, com grande impaciência, estou ardendo para participar do sagrado banquete, aquêle para o qual o Senhor se dignou convidar-me.

Sapor, com um gesto de desgôsto, quase frenético, virou-se para os oficiais que o ladeavam:

— Vêde, exclamou, vêde que loucura a dêste homem! Prefere morrer a renunciar a quimeras!



Nos cárceres de Sapor II havia cem cristãos aprisionados. Entre êles, bispo, sacerdote, diáconos e clérigos. Reunidos, Simeão, acompanhado do juiz, apareceu no meio dêles.

Disse-lhes o juiz, em voz alta:

— Há aqui, entre vós todos, quem consinta em adorar o sol, o grande deus? Que se adiantem que se adiantem que lhes concederemos viver livremente.

Ninguém se movimentou, como se estivessem pregados ao chão.

Senão quando, todos, como que impulsionados por estranha fôrça, responderam a uma só voz, alto e bom som:

— Nossa fé a um só Deus verdadeiro ensina-nos a desprezar os tormentos. As espadas não nos desviarão da firme espera da ressurreição. Jamais adoraremos as vossas pretensas divindades.

Começou, então, a uma ordem do juiz, a ímpia faina macabra dos carrascos. E os cem heróis, um a um, iam sendo friamente decapitados, enquanto Simeão, no meio dêles, a grandes brados, exortava-os, com a alma em fogo, estranhamente alheio à tão desoladora cena, muito virilmente.

Mortos todos êles, chegou a vez do santo bispo, de Abdecalas e de Ananias.

Êste último, de repente, dera de tremer, amedrontado.

Pusício, que fôra feito por Sapor seu intendente, compadecido, tocado pela carnificina que chegava ao seu fim, aproximando-se do trêmulo padre, disse-lhe paternalmente:

— Coragem, Ananias! Basta que cerres os olhos! É um instante só e pronto. Quando tornares a abri-los estarás na luz do Cristo!

Brutalmente, apossaram-se do intendente do rei, empolgaram-no ràpidamente, e conduziram-no a Sapor, para que lhe prestasse contas daquilo que dissera ao condenado.

Sapor, ao par do sucedido, olhou-o, todo palor, gritou-lhe:

— Ingrato! É assim que me pagas os favores com que te cumulei? Elevei-te a uma tão alta digni-

dade e tu negligencias os deveres para ir ver morrer os miseráveis?

Pusício respondeu-lhe brandamente, dizendo:

— Quero trocar as honras cheias de tribulações e de penas pela fé daqueles que morreram. A morte que lhes deste está, a meus olhos, pejada de felicidade.

— O quê? gritou Sapor. Tu menosprezas tua dignidade? Preferes morrer? Ficaste louco? Chegaste a tal ponto?

— Sou cristão, e, minha esperança em Deus é tal que prefiro a morte ao invés das tuas honras tôdas!

Possesso, Sapor ordenou que a Pusício torturassem da pior maneira. E, finalizando sentenciou:

— Que lhe cortem o pescoço e lhe arranquem a língua!

A ordem foi executada com crueldade extraordinária, e o intendente faleceu logo em seguida. E, como tivesse uma filha também cristã, apossaram-se dela e lhe deram a morte.

* * *

SÃO MAXIMIANO DE CONSTANTINOPLA (*)

Bispo

Nascido em Roma, numa rica família muito poderosa, Maximiano deixou a terra natal e se foi para Constantinopla.

Ali, Sisínio, o patriarca, conferiu-lhe o sacerdócio. E quando, condenado Nestório, Maximiano foi nomeado patriarca, era já bem avançado em anos, acabado pelas mortificações tôdas a que se entregava.

Profundamente piedoso, doce e afável, era puro, sábio e prudente.

Quando o papa Celestino I foi informado de que o Santo havia sido nomeado patriarca, felicitou os Padres do concílio de Éfeso por terem feito tal escolha, uma vez que era homem destituído de todo artifício, notável pela simplicidade, integridade e imenso coração.

São Maximiano de Constantinopla foi pastor completo, que tudo fêz para reunir as ovelhas dispersas.

Cirilo de Alexandria afirma que o restabelecimento da paz na Igreja foi devido às orações daquele santo homem.

São Maximiano morreu sùbitamente no dia 12 de abril, numa quinta-feira santa, no ano de 434.

* * *

BEM-AVENTURADO FASTRADE (*)

Abade e Confessor

Fastrade, ou Fastrede, era natural do Hainaut.

Com quinze anos, em Clairvaux, estava sob a conduta de São Bernardo. Pouco depois, era o bem-aventurado, debaixo da orientação de tal mestre, modêlo que se impunha, sem titubear, aos irmãos todos.

Encarregado da fundação e do govêrno da abadia de Cambron, em Hainaut, ali deu exemplo de profunda humildade e de grande amor pela pobreza.

Um dia, o irmão que se encarregava do vestiário, deu-lhe uma bela túnica nova. Fastrade olhou-a, depois ao irmão, e disse:

— Por que, meu bem amado irmão, queres distinguir-me, assim, da comunidade? Porventura sendo eu abade deixei de ser religioso? Por favor! Fui estabelecido o ministro e o servidor dos outros para ser mais delicadamente alimentado e mais ricamente vestido? Não. Se tu me amas e desejas minha tranqüilidade, se não desdenhas as minhas ordens, não faças mais assim. Desde que fui encarregado da conduta dos outros, o que mais me apoquenta é perder a recompensa que Deus prometeu pela pobreza.

Quando o décimo-segundo abade de Clairvaux faleceu (1), Fastrade, por unanimidade, foi eleito para sucedê-lo.

Ao ter conhecimento do resultado da eleição. apavorado, fugiu, e, todo acabrunhado, foi esconder-se na Cartuxa do Vale de São Pedro.

Ali, um dia, decorrido algum tempo, Nossa Senhora, com o doce Menino nos braços amoráveis, apareceu-lhe. Fastrade, ao vê-la, arrojou-se-ihe aos pés, conjurando-a a ter piedade de tão miserável sêr, qual era êle.

Maria sorriu-lhe com doçura que se não pode conceber, pôs-lhe nos braços o Menino e lhe disse com suavidade infinita:

— Recebe meu Filho, cuida bem dêle!

Disse e desapareceu.

Fastrade, passada a visão, todo trêmulo, compreendeu que não podia deixar de governar o que ao Senhor pertencia, seus membros, que recebia em depósito.

Assim, demandou Clairvaux e tomou posse do cargo.

Em 1161, era abade de Citeaux.

Dois anos depois, o papa Alexandre III estando em Paris, Fastrade foi procurá-lo para tratar da canonização de São Bernardo, e, sùbitamente, adoeceu. Num instante, agravou-se-lhe a saúde assustadoramente. Tôda a côrte pontifical rodeou-lhe o leito de dor, e o papa mesmo, compartilhando-lhe do sofrimento, administrou-lhe a extrema-unção.

---

(1) O abade Roberto (N. do Atual).

Morto o Santo, o sumo pontífice fechou-lhe os olhos, celebrou-lhe as virtudes e lhe chorou o desaparecimento.

O rei Luís VII também se achava presente e dizia, a todos, que a Fastrade olhava como a um pai muito querido.

São Fastrade, falecido no ano de 1163, foi enterrado no túmulo de Alberico, em Citeaux.

* * *

BEM-AVENTURADO BARTOLOMEU CERVIER DE SAVIGLIANO (*)

Mártir

Predicador ardoroso, inquisidor dos heréticos, vigoroso defensor da fé católica, o bem-aventurado Bartolomeu Cervier de Savigliano pertenceu à ordem dos irmãos pregadores.

Um dia, recebendo ordens do sumo pontífice para ir a Cervier de Savigliano no caráter de inquisidor, confessou-se antes da viagem, e terminou por dizer ao confessor:

— Chamo-me Bartolomeu de Cervier e jamais estive naquela localidade. Ali, devo desincumbir-me do ofício de inquisidor. Ali, terminarei meus dias.

E assim foi, verdadeiramente.

Acompanhado de dois religiosos, quando se aproximava de Cervier, foi atacado por cinco heréticos, que, de espadas desnudas, fizeram-lhe uma grande cruz no ventre, abrindo-o de alto a baixo e de lado a lado. E o mais prodigioso foi que, de tão tremendo ferimento, sangue algum correu. Sòmente depois que o transportaram para a igreja do lugar é que o sangue, com grande abundância, correu e inundou o chão do templo.

Isto sucedeu no dia 21 de abril do ano da graça de 1466, dia em que, naquela cidade de Cervier de Savigliano, inúmeros prodígios tiveram oportunidade.

* * *

No mesmo dia, no País de Gales, São Beuno, abade e confessor, filho de Bugi, nascido em Powisland, fundador da abadia de Clynnog-Fawr (617) no condado de Carnavon. Operou diversos milagres, tendo falecido em 642. Na região onde é celebrado, há onze igrejas que lhe são dedicadas.

Na Escócia, São Maelrub, abade e confessor. Natural da Irlanda, era aparentado com São Comgal de Bangor, sob o qual principiou a vida monástica. Aos vinte e nove anos, passou para a Escócia, fundando em Applecross um mosteiro que governou durante cinqüenta anos. Faleceu, bastante idoso, em 722, tendo o culto que lhe rendem sido aprovado em 1898.

Em Liège, São Wolbodon, bispo e confessor, nascido na Flandres. Consagrou-se ao serviço de Deus na catedral de Utrecht. Falecido em 1021, foi enterrado na igreja da abadia de São Lourenço, à qual legou todos os bens que possuía. Os milagres que se realizaram à beira de seu túmulo foram tão numerosos que o abade teve necessidade de rogar que lhes pusesse fim, para não mais turbar o silêncio do mosteiro com o entra-e-sai de peregrinos. São Wolbodon deixou um saltério escrito de próprio punho. Ali, cada salmo era seguido de uma oração, onde se lhe sente o sentimento de piedade e de compunção.

Em Brescia, São Cipriano, bispo e confessor. morto em 552.

Na Itália, o bem-aventurado João de Satiatis, confessor, nascido em Callium, de pais humildes. Viveu sob o hábito dos terciários de São Francisco. Faleceu em 1370, perto de Urbino.

Na diocese de Plaisance, o bem-aventurado Estêvão Bandelli, confessor, nascido em Castelnuovo. Distinguiu-se como orador. Pertencendo aos irmãos pregadores, predicou principalmente na Ligúria. Retirado em Saluzo, no Piemonte, octogenário, faleceu em 1450. O culto foi confirmado por Pio IX.

Em Antioquia, Santo Anastácio, o Sinaita, bispo. Viveu no Monte Sinai, daí o cognome. Conferencista infatigável, dialético poderoso, teólogo profundo, foi apelidado pelos contemporâneos de o **Novo Moisés.** Segundo Bouvy, o célebre cântico fúnebre de Anastácio seria obra do Sinaita. Faleceu em 700.

Em Alexandria, os santos mártires Arador, sacerdote, Fortunato, Félix, Sílvio e Vital, que morreram na prisão.

No mesmo dia, os Santos Apolo, Isácio e Codrato, que sofreram a morte sob Diocleciano.

* * *

22.º DIA DE ABRIL

SANTO AZADES, SÃO MILESI

E muitos outros mártires da Pérsia

No mesmo dia em que o santo arcebispo da Pérsia, Simeão, obteve a coroa do martírio, juntamente com os seus companheiros, a saber na sexta-feira santa de 341, o rei Sapor publicou um edito sangüinário, condenando à morte todos os cristãos que não renunciassem à sua religião. Por tôda parte não se viam senão instrumentos de suplício. Os fiéis, longe de traírem a fé, voavam generosamente para a morte; os carrascos fatigados, confessavam-se, mais de uma vez, vencidos pela paciência das vítimas. A cruz, diz São Matutas, germinou sôbre rios de sanque. A vista dêsse signo salutar fêz tremer de alegria o santo grupo dos fiéis: encheu-os de nova coragem, que êles inspiravam nos outros. Inebriados das águas fecundas do divino amor, davam à luz uma geração espiritual digna de suceder-lhes. Não cessavam de massacrar os cristãos, desde a sexta hora da sexta-feira santa até o primeiro domingo após a Páscoa.

A notícia do edito apenas alcançara as províncias mais longínquas, quando os governadores aprisionaram os que adoravam o Deus verdadeiro, no

desejo de levá-los à morte, assim que as ordens do príncipe chegassem até êles. Apenas recebidas essas, sem qualquer forma de processo, todos os que se diziam cristãos foram desumanamente degolados. Entre os fiéis, cujo sangue correu por Jesus Cristo, havia um eunuco querido do rei, e que se chamava Azades. Sapor tanto se impressionou com sua morte, que publicou outro edito, pelo qual restringia a perseguição aos bispos, aos sacerdotes, aos monges e às religiosas. Houve nessa ocasião uma multidão inumerável de mártires de ambos os sexos e de tôdas as idades, cujos nomes se ignoram. Sozômenes conta dezesseis mil; mas um antigo escritor persa nos transmite o número de duzentos mil. (1)

Entrementes, a rainha da Pérsia caiu gravemente enfêrma. Os judeus, que desfrutavam de tôda a sua confiança, persuadiram-na de que a enfermidade advinha de um sortilégio empregado pelos irmãos do bem-aventurado Simeão, para vingar a morte do irmão. Apoderaram-se prontamente da virgem Tarba, nome que significa Crescência, e de sua irmã, que, viúva, havia feito o voto de passar o resto da vida em castidade. A serva de Tarba, também virgem, foi prêsa juntamente com as duas. Conduziram-nas perante os juízes, onde foram acusadas de terem tornado a rainha enfêrma por meio de feitiços.

— O que adianta, respondeu Tarba, acusar-nos de coisas que nenhuma relação têm com a santidade de nossa profissão? Porque nada está mais afastado da religião cristã do que o crime de que falais. Se tendes sêde do nosso sangue, saciai a sêde. Se vos

(1) Acta MM. orient., p. 42 e seguintes.

causa prazer despedaçar-nos o corpo, como fazeis cada dia com os cristãos; somos cristãs, morreremos cristãs, e jamais cessaremos de professar nossa religião; porque nos foi mandado adorar um só Deus, não igualar a êle nada do que está no céu e sôbre a terra, e, quanto aos encantadores, puni-los com a morte pela autoridade pública.

E como diziam que era um meio empregado pela vingança, a santa acrescentou:

— Que razão poderíamos ter de ofender a Deus tão gravemente, para vingar a morte de nosso irmão? Nada lhe fizeram que nos devesse afligir. Vós o matastes por ódio e por inveja; mas êle não cessa de viver, tendo obtido a vida imortal no reino celeste, que deitará a perder o vosso, por firme que esteja, e vos derrubará de vossa dominação.

Após o interrogatório, as três santas foram levadas para a prisão.

Como Tarba fôsse de rara beleza, os três juízes tinham concebido por ela, desde a primeira vista, uma paixão violenta. Cada qual, à revelia do outro, cogitava de um meio de conquistá-la. O presidente mandou dizer-lhe no dia seguinte que obteria do rei a liberdade, bem como a de suas irmãs, com a condição de que lhe prometesse esposá-lo.

— Miserável! Cala-te! respondeu a virgem, com horror: sou espôsa de Cristo; consagrei-lhe minha virgindade e a guardarei sem mácula. Longe de temer a morte, encaro-a como o fim dos meus males. Fazendo-me desaparecer dêste mundo, ela me reunirá a meu irmão no repouso eterno.

Os dois outros juízes fizeram-lhe propostas idênticas, recebendo a mesma resposta.

Então, condenaram-nas por culpadas de sortilégio. Levaram o caso ao rei, dizendo-lhe que o crime estava provado. Mas o príncipe não quis acreditá-lo; ordenou que as deixassem com vida e as pusessem em liberdade, se consentissem em adorar o sol. Elas se recusaram, dizendo:

— Não, jamais renderemos à criatura o que não é devido senão a Deus.

Os magos gritaram, então, a uma só voz:

— Pereçam essas infelizes, cujos encantamentos tiraram a saúde à rainha!

O rei permitiu aos magos condená-las ao suplício que julgassem conveniente. Ordenaram que serrassem os seus corpos em dois e os enfileirassem sôbre um pano de linho, a fim de que a rainha pudesse passar no meio, acrescentando que, dessarte, recuperaria a saúde. Pronunciada a sentença, o juiz principal, que havia proposto casamento a Tarba, voltou à carga e lhe prometeu a liberdade com vida, caso se sujeitasse aos seus desejos. Mas a casta virgem, tomada de indignação, não pôde impedir-se de responder:

— Ó mais impudente dos homens! Até quando alimentarás tal pensamento? Morrer corajosamente é para mim uma verdadeira vida; mas uma vida comprada com a infâmia ser-me-ia mil vêzes mais insuportável do que a morte.

Quando as santas chegaram ao local do suplício, amarraram-nas a dois postes, depois lhes serraram os corpos ao meio. Cortaram, em seguida, cada metade em seis pedaços, e lançaram os pedaços sôbre panos que foram suspensos em estacas, em duas fileiras. A rainha, conduzida pelos magos, pas-

sou pelo meio dos trapos sangrentos, e, após ela todo o exército. Estava-se em 5 de maio de 341. (1)

O bispo de Susa, São Miles, que continuava a fazer milagres e conversões no país natal, foi prêso por Hormisda, governador da província. Seus dois discípulos, o sacerdote Abrósimo e o diácono Sina, tiveram a mesma sorte. Carregaram-nos de correntes e conduziram-nos para a capital da satrapia. Sofreram duas vêzes cruel flagelação, e tornaram inúteis, pela constância, todos os meios que empregaram para fazê-los sacrificarem ao sol. Os santos confessores não cessavam de louvar o Senhor na prisão.

Nos albores do ano (os caldeus começam-no ainda hoje em 1.º de outubro), Hormisda fazia preparativos para uma grande caçada às feras fulvas Como estivesse de excelente humor, mandou trazer os três mártires acorrentados para levar a cabo o processo. Era de natureza arrogante e soberbo. Dirigindo-se a Miles disse:

— Quem és tu? Um deus ou um homem? Qual é a tua religião, quais os seus dogmas? Revela-nos a sabedoria de tua alma, para que nos tornemos teus discípulos; caso contrário, se continuas a ocultar-nos a tua seita, estejas bem certo de que serás morto sumàriamente como estas feras.

O santo, que não desconhecia a intenção dessas palavras, respondeu tranqüilamente:

— Sou homem e não deus; de resto, não misturarei às tuas pilhérias os mistérios da verdadeira religião. Entretanto, dir-te-ei com franqueza: Desgraçado de ti, tirano ímpio! Desgraçado de ti e de

(1) Acta. M M. orient., p. 51.

teus semelhantes, que repelis a religião e Deus! Porque Deus vos julgará no século futuro, e, condenando-vos ao fogo e às trevas que vos esperam, vos transformará o orgulho em chôro eterno, porque, cumulados de seus benefícios, vos levantais contra êle com insolência, em lugar de mostrar-vos reconhecidos.

A essas palavras, o governador se levantou da cadeira, atirou-se sôbre êle e lhe fincou nas costas um punhal. Narses, irmão de Hormisda, perfura-lhe, também com um punhal, o outro lado. O santo bispo morreu pouco depois, predizendo que no dia seguinte êles se matariam um ao outro. Abrósimo e Sina foram conduzidos ao alto de duas colinas que se encontravam uma em frente da outra. Lá, os soldados os apedrejaram. No dia seguinte, os dois irmãos, que eram excelentes caçadores, perseguindo em lados opostos um veado que lhes escapara, dispararam-lhes as flechas. Os atingidos foram êles próprios, que morreram, na mesma hora em que tinham matado São Miles. Os corpos ficaram nesse lugar e foram devorados pelos animais e pelos abutres, porque era assim que os antigos persas sepultavam os mortos. Os persas cristãos enterravam os defuntos como os cristãos dos outros países. Os corpos dos três mártires, que morreram no dia 5 de novembro, foram levados ao castelo de Malcan e colocados em uma sepultura que lhes tinha sido preparada. Os habitantes do país se sentiram agradecidos a êles, pela proteção que lhes dispensavam, visto que não mais ficaram expostos às incursões dos árabes.

Pelo mesmo tempo em que o santo bispo de Susa obtinha a coroa do martírio, denunciou-se Bar-

sabias, abade de um mosteiro na Pérsia. Fôra acusado de querer abolir a religião dos magos. Foi, então, prêso, com os dez monges que dirigia. Foram todos amarrados com correntes e levados à cidade de Astrahara, perto das ruínas de Persépolis, onde o governador tinha residência. Êsse juiz desumano inventou os suplícios mais cruéis para os torturar. Fêz com que lhes quebrassem os joelhos, as pernas, lhe cortassem os braços, as costas e as orelhas. Em seguida, foram cruelmente açoitados, recebendo golpes nos olhos e no rosto. Por fim, furioso de se ver vencido pela coragem dêles, condenou-os a serem decapitados. Os mártires foram com alegria ao lugar da execução, cantando hinos e salmos à glória do Senhor. Estavam rodeados por uma tropa de soldados e de carrascos. Multidão inumerável os seguia também.

O santo abade pedia a Deus a graça de ver irem para o céu, antes dêle, as almas que lhe tinham sido confiadas. Seu pedido foi atendido. Quando a execução foi iniciada, um mago que passava com a espôsa e dois filhos e vários criados, parou, ao ver o povo aglomerado. Imediatamente abriu passagem e avançou para obter informações a respeito do que se estava passando. Percebeu, então o abade, que parecia pleno de alegria, que cantava louvores a Deus e que tomava cada um dos monges pela mão, como para apresentá-los aos carrascos. Pareceu-lhe ver uma cruz luminosa sôbre os corpos dos mártires já executados. Tocado por êsse prodígio e mudado, repentinamente, desceu do cavalo, e trocou de roupa com o criado que o havia seguido. Depois, aproximando-se de Barsabias, conta-lhe tudo e pede-lhe que o receba entre os discípulos. O abade atendeu-

lhe o pedido. Tomou-o pela mão, depois do nono, e o apresentou ao carrasco que lhe cortou a cabeça sem o conhecer. Barsabias, pai de todos êsses mártires, foi decapitado por último. Os corpos dêsses doze santos foram abandonados à voracidade dos animais e dos abutres. Mas, as cabeças foram levadas para a cidade e suspensas no templo de Nahitis ou Vênus, porque, embora os magos tivessem horror pelos ídolos, havia, contudo, várias seitas idólatras em diferentes regiões da Pérsia. O exemplo do mago convertido tocou vivamente a família, que se fêz cristã, bem como grande número de outras pessoas. Êsses mártires foram executados no dia 3 de junho de 342.

* * *

SÃO CAIO (*)

Papa e Mártir

Caio era originário da Salonia, na Dalmácia, e viveu em Roma, numa casa contígua a de Gabino e da virgem Susana (1).

São Caio foi eleito para suceder ao papa Eutiquiano, em fins de 283.

A primeira redação do **Liber pontificalis** qualifica nosso Santo de confessor, porque, falecido em 296, desapareceu antes da perseguição de Diocleciano. Quanto ao título de mártir, diz o cardeal Orsi que não lhe pode ser dado, «a não ser, diz textualmente, que tenha sofrido e sucumbido aos maus tratos quando dos primeiros anos de Diocleciano, quando êste príncipe consentiu que continuasse em Roma a perseguição começada sob Carus». Só assim se explicaria o elogio do martirológio romano.

Elevava-se em Roma, a igreja de São Caio. Abandonada, meio arruinada, no século XVII foi reconstruída por ordem de Urbano VIII, em 1631. Ali jazia seu corpo, retirado das catacumbas. A igreja, em 1880, foi destruída.

* * *

---

(1) 19 de fevereiro.

SÃO TEODORO (*)

Bispo e Confessor

Teodoro nasceu na Galácia.

Com oito anos, manifestou-se-lhe o espírito de oração e de mortificação.

Um dia, estava então com oito anos, retirando-se ao oratório de São Jorge, para rezar, foi perturbado pela mãe, que vinha chamá-lo para a refeição matinal. Conta-se que, desejando mortificar-se, entristeceu-se com aquela intervenção. A mãe, a viva fôrça, procurando levá-lo para casa, foi impedida pelo grande mártir da Capadócia.

Aos catorze anos, Teodoro retirou-se a uma caverna, perto da capela de São Jorge, determinando viver isolado de tudo e de todos. Data daqueles tempos o seu poder de operar milagres.

Praticando duras penitências, ficou reduzido a tal estado de saúde, que foi necessário levá-lo a casa do bispo de Anastasiópolis, onde o submeteram a tratamento.

O bispo, edificado por tanta virtude, passando por cima dos regulamentos, conferiu ao jovem as santas ordens, num curto espaço de tempo.

Tornando às práticas, já curado, Teodoro, pouco depois, seguia para a Palestina, em peregrinação.

Ali, visitou inúmeros mosteiros e privou com vários anacoretas.

Do abade do mosteiro de Chozebe, recebeu o hábito de religioso, e, de volta à pátria, reiniciou a vida de solitário, sempre ao lado da capela de São Jorge.

Num instante, os discípulos apareceram. E foram tantos, que não houve outro remédio senão edificar um mosteiro, uma vez que o retiro e a capela do santo mártir se tornaram insuficientes para conter os que o procuravam.

Começou, então, para Teodoro uma vida agitada. Já não podia mais viver escondido. A fama de santo levava-lhe, sempre e sempre, inúmeras visitas.

Passando pela Galácia, o conde Maurício, general dos exércitos imperiais, vencedor dos persas, ouviu referências sôbre Teodoro e quis vê-lo na caverna que se tornava famosa. E foi. Foi e recebeu do Santo o augúrio de que, em breve, seria elevado ao império.

Tal profecia se realizou. E o conde, enviando-lhe um grande número de presentes, suplicou-lhe o favor de, nas orações que a Deus dirigia, não se esquecer de recomendá-lo.

Teodoro ficou sensibilizado com a lembrança de Maurício, mas perturbou-se com as dádivas que lhe enviava. E rogando aos emissários do conde que as levassem de volta, explicando-lhes que nada poderia reter consigo, pediu, com humildade, que apenas lhe deixassem o trigo, porque, ao cereal, havia de distribuí-lo à pobreza, sempre tão necessitada.

Com o falecimento do bispo de Anastasiópolis, Timóteo, o clero e o povo enviaram deputados a Paulo, bispo de Ancira e metropolitano, para que com êle concertassem a elevação de Teodoro.

O Santo apavorou-se com a escolha. Não queria abandonar a caverna e foi preciso grande energia para obrigá-lo a ir até o metropolitano.

Ali, Timóteo impôs-lhe as mãos.

Teodoro sentia-se mal com a dignidade que lhe havia sido imposta. E, um dia, em nova peregrinação à Palestina, consultou um velho anacoreta sôbre se devia deixar o cargo.

O santo homem disse-lhe que a repugnância que experimentava como bispo era um sinal de Deus para que procurasse a demissão. E Teodoro, que estabelecera não deixar a Terra Santa, teve que o fazer: São Jorge, que o protegia sempre e sempre, aparecendo-lhe, ordenou que regressasse ao país natal.

Em Ancira, o Santo suplicou ao metropolitano que lhe desse um sucessor, mas o bispo recusou-se atendê-lo, dizendo-lhe que era impossível encontrar alguém que fôsse tão virtuoso.

Teodoro, que estabelecera deixar a dignidade, não se abateu: recorreu ao patriarca de Constantinopla, ao mesmo tempo que solicitava os préstimos do imperador.

Por tanta e tão sincera humildade, saiu o Santo vencedor. O patriarca e o imperador conseguiram-lhe do metropolitano o desejado afastamento, sem que, contudo, fôsse despojado das insígnias do episcopado.

Cheio da mais viva alegria, Teodoro tornou ao mosteiro.

Deus, que já lhe havia concedido o dom dos milagres, outorgou-lhe também o da profecia.

São Teodoro operou curas, livrou da lepra um dos filhos do imperador, expulsou demônios e teve poder sôbre os elementos materiais.

Faleceu docemente a 22 de abril de 613, tendo sido, por tôda a vida, um dos maiores propagadores do culto de São Jorge.

* * *

SANTA OPORTUNA (*)

Virgem

Oportuna foi irmã de Crodegango, bispo de Seez (1), e sobrinha de Lantilda, abadêssa de um convento de beneditinas em Almeneches.

Nascida no castelo de Exmes, perto de Argentano, jovem ainda, conseguiu dos pais a permissão para consagrar-se ao Senhor. Assim, deixou o castelo, as comodidades e o convívio dos seus e foi encerrar-se num pequeno mosteiro nas vizinhanças de Almeneches.

Oportuna caminhou cèleremente pela senda da perfeição. Num átimo, conquistou o coração da comunidade tôda. Humilde, sincera e prestativa, a todos encantava e edificava.

Quando a abadêssa faleceu, a jovem religiosa foi escolhida, por unanimidade, para preencher a vaga. A princípio, um tanto alarmada com a responsabilidade da direção da abadia, hesitou. Mas, depois de alguns dias de acurada reflexão, diante de uma revelação, capacitou-se de que a escolha fôra dirigida pela vontade de Deus. E aceitou.

Agora, como superiora, pensava Oportuna, era mister redobrar as mortificações, para dar exemplo

---

(1) 3 de setembro.

às religiosas. E atirou-se, de corpo e alma, à oração e à contemplação. E sendo severíssima consigo mesma, era caridosíssima com as filhas.

Recebeu, então, do alto, o dom dos milagres. Um dêles, refere-se ao guarda-florestal da região e o burrico do mosteiro.

Tendo aquêle homem, um dia, pedido emprestado o burrico da comunidade, para transportar uma carrada de lenha, achou interessante ficar com o animal para si. E apossou-se do burrico.

Passaram-se dois, três dias, e nada do guarda aparecer e fazer a devolução do animal. Oportuna, zelosa com as coisas do mosteiro, lembrou-lhe o dever, mas o homem, que determinara assenhorear-se do burrico, procrastinava, à espera do que iria a abadêssa fazer: talvez desse o caso por encerrado e então o burrico seria seu definitivamente.

Oportuna, que percebera plenamente as más intenções do guarda-florestal, resolveu não mais tratar da questão com o desonesto, mas com Deus. E a Êle se dirigiu, pedindo que fizesse justiça.

Ora, uma bela manhã, quando o guarda deixou a casa e lançou os olhos pelas terras que possuía, viu que um dos seus campos estava completamente coberto por, pensava êle, espêssa camada de alvíssima neve.

Qual não foi a sua surprêsa, quando, tendo corrido para o campo, que não ficava longe, verificou que não se tratava de neve, mas sim de sal.

Aturdido com o prodígio, logo pensou na feia ação que cometera, retendo para si o que não lhe pertencia: aquilo era, sem dúvida, uma advertência do céu. E, tornando, passou o cabresto no burrico e correu levá-lo ao mosteiro, envergonhadíssimo.

Num repente, atirou-se aos pés da santa abadêssa e pediu perdão pelo que fizera. E doando ao mosteiro aquêle campo, que passou a chamar-se Campo Salgado, sentiu-se o guarda com a alma mais leve.

Tempos mais tarde, ali se construiu uma capela, pequenina e graciosa, que se dedicou à Santa.

Oportuna também recebeu de Deus o poder de submeter os animais e as aves a seu talante.

Certa vez, foram dizer-lhe que uma nuvem de passarinhos se abatera sôbre as hortas das redondezas e estava causando um estrago terrível.

Oportuna foi-lhes ao encontro. E, dizendo às avezinhas que se considerassem suas prisioneiras, passou, suavemente, a reprovar o que andavam a fazer.

Os passarinhos não podiam mover-se. Estavam como que presos no chão, nas árvores, nos paus das cêrcas.

Depois que terminou a censura, deu-lhes a santa abadêssa a liberdade com a condição de que não mais se entregassem aos estragos. Só então recuperaram a faculdade de locomoção.

Nem bem chegara Oportuna à abadia, e alguém veio contar-lhe que as aves, portando-se estranhamente, voando e piando tristemente, não abandonavam um determinado lugar.

Tornou, então, a abadêssa para o meio dos pássaros. E, tendo descoberto que haviam matado um dêles, por isso que chalravam tão compungidamente e não se iam, Oportuna, tomando ternamente nas mãos a avezita morta, rogando a Deus, restituiu-lhe a vida.

Num grande bando que empanou a luz do sol, os pássaros, agora cantando alegremente, desapareceram e jamais voltaram às razias.

A trágica morte do irmão, friamente assassinado em Nonant, por um competidor, foi um golpe tremendo para a santa virgem. Nada abrandou a sua grande mágoa.

Transportado para a abadia o corpo do irmão, sôbre êle Oportuna chorou longamente, suplicando ao Senhor que a levasse também.

Deus ouviu-lhe os insistentes rogos. E, poucos meses depois, sabedora de que se ia do mundo, reuniu a comunidade e transmitiu-lhe a notícia.

Exortando as religiosas para que vivessem na paz, sempre unidas, a estritamente observar os votos feitos, dias mais tarde, ardendo em febre, recebeu o corpo e o sangue de Jesus, vendo a Virgem que lhe vinha ao encontro, e, assim, naquele doce êxtase sem par, faleceu santa e calmamente.

Morta no dia 22 de abril de 770, o corpo da milagrosa abadêssa e virgem foi sepultado no mosteiro mesmo que governara, ao lado do irmão bem-amado.

Tantos foram os milagres ali operados pelo Altíssimo, que o lugar não comportava a multidão de gente vinda de tôda a parte. Comprimindo-se, acotovelando-se, todos queriam abeirar-se do túmulo de Oportuna, na ânsia de conseguir as graças que lhe rogavam.

Há, na França, diversas igrejas dedicadas a Santa Oportuna.

* * *

BEM-AVENTURADO WOLFELME (*)

Abade e Confessor

Wolfelme nasceu numa ilustre família, tradicional nas ribas do Reno.

Menino ainda, foi agraciado com um canonicato na catedral de Colônia, por Santo Heriberto, que lhe conferiu o sacramento da confirmação. Sempre e sempre progredindo na ciência e na virtude, Wolfelme não decepcionou o santo bispo.

Desejoso de se unir mais estreitamente a Deus, buscou o retiro de um mosteiro — o de São Maximino de Trèves — mas, pouco depois, o arcebispo de Colônia solicitou-o para dirigir Gladbach.

Dêste mosteiro, Wolfelme passou para o de Siegburg, depois para o de Brauweiler.

Berengário, com a sua heresia, principiava a perturbar a Igreja.

O bem-aventurado, numa carta a Meginhard, abade de Gladbach, refutou aquêle êrro e estabeleceu a doutrina da Igreja católica.

Na abadia que governava, Wolfelme cuidava para que a celebração dos ofícios litúrgicos fôsse dignamente observada, organizava leituras da Bíblia, que, desejava, fôsse lida uma vez por ano, o mesmo acontecendo com os evangelhos, que se leriam quatro vêzes.

Para preconizar a utilidade daquelas piedosas leituras, compôs um poema.

Aos monges, constantemente, recomendava a prática das esmolas, lembrava o dever da hospitalidade, ao mesmo tempo que às recomendações juntava o exemplo.

Muito humilde e muito doce, operou milagres. Dentre êles, avulta-se o do cego, ao qual restituiu a vista.

Um ano antes da morte, tornou-se sabedor do fim dos seus trabalhos.

A 22 de abril de 1091, tendo recebido os últimos sacramentos, administrados por Herimann, então abade de São Pantaleão, Wolfelme morreu sossegadamente.

Enterrado, milagres diversos ilustraram-lhe o túmulo.

* * *

BEM-AVENTURADO FRANCISCO DE FABRIANO (*)

Confessor

O bem-aventurado, nascido em Fabriano, na Marca de Ancona, era filho de Compagno Venimbeni.

Aos dez anos, grave moléstia apossou-se do pequeno Francisco. A mãe, temerosa pela vida do filho, inspirada, abalou com êle para o túmulo de São Francisco de Assis.

Foi um dos doze primeiros companheiros do Poverelo, Ângelo Tancredi, quem predisse que o filho de Compagno, um dia, seria irmão menor. Êste Ângelo Tancredi era aquêle jovem cavaleiro que São Francisco trouxera de Rieti, ao qual, com o ardor de sempre dissera: «Longo tempo trouxeste o cinto, a espada e as esporas! É tempo, agora, de trocares o cinto por uma corda, a espada pela cruz de Cristo, as esporas pelo pó e pela lama das estradas! Segue-me, e far-te-ei cavaleiro do exército de Cristo!»

Curado, Francisco, seis anos mais tarde, fazia-se irmão menor: findo o curso de filosofia, o jovem, um dia, ouviu uma voz que lhe disse, por três vêzes:

— Anda, vai procurar o irmão Graciano e cumpre sem tardança o que te disser.

Na mesma hora, Graciano, então guardião do convento de Fabriano, era advertido de que um novo candidato ao noviciado estava por chegar.

Aceito, Francisco, sob a direção de Graciano e de Raynier, logo se tornou modêlo do convento.

O estudo de teologia e a prática da oração fizeram do noviço um sábio teólogo e um ardente pregador.

Ajudado pelo pai, o bom Compagno Venimbeni, criou no convento riquíssima biblioteca. Ali se reuniam os mais famosos escritos dos Padres da Igreja, obras raras de filosofia, de teólogos escolásticos, os mais abalizados comentários sôbre a Escritura santa, longa carreira de volumes de matemáticas — enfim, dotava o bem-aventurado o convento de Fabriano com boas armas para combater eventuais inimigos da fé.

Francisco trabalhou infatigàvelmente pela salvação das almas.

Construído outro convento em Fabriano, o confessor teve que aceitar o govêrno da nova casa, ao qual o levou tão-sòmente a santa obediência.

Ali, por quatro anos, pela autoridade da palavra e dos exemplos, procurou a exata observância da regra.

A vida do bem-aventurado Francisco de Fabriano foi um perene penitenciar-se, mortificar e jejuar.

Habitualmente, meditava os grandes mistérios da paixão de Nosso Senhor, e sempre que o fazia, vertia lágrimas copiosas.

Deus deu-lhe a conhecer o dia e a hora da morte. Falecido a 22 de abril de 1322, contando setenta e um anos de idade, passara cinqüenta e seis na vida religiosa.

O corpo, sepultado na igreja dos franciscanos de Fabriano, jaz sem corrupção até os dias atuais.

Pio VI, no ano de 1775, aprovou-lhe o culto.

Domingos de Fessis, seu sobrinho, escreveu-lhe a vida, relatando os milagres que operou o bem-aventurado confessor.

* * *

SANTO EPIPÓDIO

E

SANTO ALEXANDRE (*)

Mártires em 177

Epipódio era natural de Lião. Alexandre nasceu na Grécia.

Ambos, desde a infância, foram grandes amigos e estudaram juntos. À medida que se iam fazendo adultos, cresciam, exortando-se mùtuamente, na perfeição, exercendo a temperança, a pobreza, a castidade, dando-se às obras de caridade.

Um dia, concertaram que não se casariam, para melhor servir a Deus.

Quando se iniciou a perseguição por ordem de Antonino Vero, Epipódio e Alexandre, seguindo o conselho do Evangelho, deixaram a cidade, secretamente, e se fixaram num subúrbio, na casa de uma viúva, fervorosa cristã que já os conhecia há algum tempo.

Ali viveram êles, despercebidos das autoridades, até o dia em que um oficial do governador, passando por aquêle subúrbio, descobriu-os.

Sabedor da qualidade de cristão dos dois moços, prendeu-os. E, sem que fôssem interrogados, viram-se atirados a uma das muitas prisões de Lião.

Três dias depois, de mãos atadas atrás das costas, Epipódio e Alexandre foram conduzidos ao tribunal do governador, passando por uma multidão alucinada, que gritava e ululava, sabendo-os cristãos.

É que, depois da carnificina que inundou de sangue a cidade de Lião, sob Lúcio Vero e Marco Aurélio, os pagãos acreditavam ter liquidado com o nome e a religião de Jesus Cristo. Daí o coletivo histerismo, ao verem, presos, os dois católicos que se levava ao magistrado.

O recinto estava cheio, e a palavra **cristão** cruzava os ares. O governador, no paroxismo da fúria, gritou:

— O quê? Êstes dois jovens temerários ousam assim desafiar os imortais? De que serviram tantos e tantos suplícios? Foi em vão que se crucificou, que se lançou mão das unhas de ferro, do fogo, das feras que se atiçaram contra os ímpios? Retine ainda em nossos ouvidos o nome do Cristo, de bôcas sacrílegas ainda sai o nome odiado? Não vêdes que tal audácia, criminosa audácia, não poderá ficar impune?

Depois dêste desabafo, o governador ficou a observar os dois presos. Um dêles, Alexandre, era mais vigoroso, de físico mais avantajado e, pois, considerava o astuto homem, devia opor mais resistência aos suplícios. O outro, mais franzino, seria supliciado primeiramente.

Tornou a gritar:

— É de temer que se encoragem mùtuamente, como costumam. Separai-os, para que, com palavras ou sinais, não o possam fazer. Levai a Alexandre, que é mais vigoroso e apliquemos a Epipódio a tortura.

A Epipódio, começou o governador, inicialmente, a falar com suavidade.

Disse-lhe:

— É uma lástima que um jovem tão amável venha a morrer justamente em defesa de uma causa tão má. Sei que és piedoso, mas tu nos tem na conta de ímpios. Não temos uma religião? Porventura a piedade foi banida de nossos templos?

Olhou o prêso, procurando ver que efeito tiveram as palavras que acabara de dizer, e continuou:

— Nossos deuses amam a alegria. É em meio a banquetes suntuosos que lhes endereçamos nossas orações. Os doces passatempos da vida constituem a maior parte do seu culto.

Tornou a fazer nova, mas curta interrupção, depois do que recomeçou:

— Vós outros, vós seguis uma religião sombria e melancólica. Adorais um homem que foi pregado na cruz, que não suporta qualquer prazer, que condena a alegria e se apraz com adoradores extenuados pelos jejuns. Além disso, que se poderia esperar de um Deus que nem sequer pôde garantir a própria vida contra o atentado concertado pelos últimos dos homens?

Epipódio, até então silencioso, a ouvir, respondeu:

— A graça de Jesus Cristo, meu mestre, jamais me deixará surpreender com a doçura venenosa de tuas palavras. Tu finges ser sensível aos

males que me estão por suceder. Ouve, ouve bem: a essa tua falsa compaixão, olho-a eu como a verdadeira crueldade. A vida que me propões, digo-te, é-me eterna morte. A morte, com a qual tu me ameaças, é a simples transição para uma vida que nunca jamais se acaba. O Deus que adoramos, êste Jesus, do qual lembraste o suplício sôbre a cruz, saiba que ressuscitou, que subiu aos céus pela própria virtude, que prepara para os servidores brilhantes tronos de glória. Para que continuar? Estas verdades são demasiadamente elevadas para ti. Não nos louve tanto a piedade dos pagãos para com os deuses. O primeiro e o maior dos vossos deuses é o ventre. Vós lhe sacrificais a mais nobre parte de vós mesmos. Depois de terdes vivido como animais, acabareis como êles. Quando morremos por vossas ordens, os tormentos nos fazem passar do tempo à eternidade, das misérias de uma vida mortal à felicidade de uma vida que jamais estará sujeita à morte.

Furioso, o governador, com um simples sinal, deu ordem para que socassem, na bôca, o ousado cristão.

Embora sangrando, Epipódio tornou:

— Eu confesso que Jesus Cristo é um só Deus com o Pai e o Espírito Santo. É justo que lhe entregue a alma, que saiu de suas mãos e que resgatou com seu sangue. Assim, a vida não me será tirada: transportar-se-á para uma outra mais feliz. Não me importa a maneira pela qual êste corpo deixe de viver, já que o espírito que o anima retornará para aquêle que lhe deu o sêr.

Ditas aquelas palavras, apossaram-se dêle os algozes e o levaram ao cavalete. E, com as unhas de ferro, rasgaram-lhe as costas.

O povo, que se comprimia no tribunal, agitado, pedia o mártir para si, achando que os métodos do governador eram muito lentos.

Antes, então, que houvesse uma sublevação, tomaram de Epipódio e lhe cortaram a cabeça.



No dia seguinte, sequioso do sangue do outro cristão, o governador fêz com que lhe trouxessem Alexandre ao tribunal.

Dominando-se conseguiu fazer-se doce.

Disse:

— Tu ainda és dono do teu destino. Aproveita a oportunidade que te é dada, lembra-te dos insensatos que morreram. Graças aos deuses imortais, fizemos boa guerra contra os sectários do Cristo, dos quais tu és o único sobrevivente. Teu companheiro não vive mais. Tem piedade de ti mesmo e vamos agradecer aos deuses a vida que se dignam conservar-te.

Alexandre, imperturbável, respondeu:

— É ao meu Deus que devo todo o meu reconhecimento. Tu pensas que podes espaventar-me com lembranças dos tormentos que tantos mártires suportaram. Não vês que com o que dizes só me inflamas, atiçando-me o desejo de segui-los? Tu pensas que mataste as almas expulsas dos corpos com o suplício? Como te ilude! Foram para o céu, e lá estão a reinar. Foram os perseguidores que morreram. O nome cristão, que tu pretendes exterminar, não se apagou. Não se apaga, brilha cada vez mais. Olha, as almas, que pensas matar, vão para o céu, ao passo que tu, com os teus deuses. serás arrojado nos infernos. Matando meu irmão,

asseguraste-lhe a felicidade. E eu? Eu ardo de impaciência para acompanhá-lo! Que esperas, pois? Eu sou cristão. Sempre fui, sempre serei, jamais deixarei de sê-lo. Podes atormentar êste corpo de terra, mas minha alma, de uma natureza tôda ela celeste, não te reconhece poder algum. Aquêle que a criou sabe muito bem como deve garanti-la da crueldade.

À medida que falava o cristão e destemeroso, o governador ora empalidecia bruscamente, ora bruscamente se ruborizava. Rugia-lhe a alma, como ruge, formidando, o bruto irracional acuado na caverna inexorável.

Alexandre foi deitado no chão, de pernas abertas, e os carrascos, sem dó nem piedade, malharam-no duramente, por longo tempo.

Quando se cansaram, o governador aproximou-se do heróico mártir, perguntou-lhe, de alma ainda não apaziguada:

— Ainda persistes na primeira confissão?

— Sim, respondeu Alexandre num tom que, pelo que suportara, era surpreendentemente firme e cheio de autoridade. Sim, porque teus deuses nada mais são do que demônios. O Deus que eu adoro, só Êle é todo-poderoso e eterno, e me dará fôrças para confessá-lo até o último suspiro. Êle, só Êle, será o conservador e o guardião de minha fé.

Desesperado, quase desfalecente de ira, o governador condenou-o a ser crucificado. E, crucificado, morreu Alexandre pouco depois de ter sido ligado ao instrumento de suplício. Morreu a invocar ardentemente o grande nome santo de Jesus.

— — — —

Epipódio e Alexandre, unidos na infância, e na juventude, e nos tormentos, e na morte, uniram-se no mesmo túmulo, lugar que foi pródigo em milagres.

Um dia, uma doença contagiosa principiou a grassar em Lião. Um dos primeiros a contraí-la foi um homem de nobre família. Ardendo em febre, certa noite, teve um sonho, no qual lhe diziam que, para curar-se, devia procurar uma certa mulher que vivia em tal subúrbio de Lião, chamada Lúcia.

Lúcia não era outra senão a boa viúva cristã que caridosamente havia hospedado em sua casa os dois gloriosos mártires.

O homem procurou-a, contou-lhe o sonho. E a viúva, admiradíssima, vendo-se recompensada por Deus, acabou por oferecer ao doente um copo d'água, depois de a ter benzido.

Bebida a água, curou-se o nobre imediatamente.

Tal sucesso, como o raio, propagou-se por tôda Lião. A fé cristã, exaltada, cresceu. E os bandos que procuraram o túmulo dos dois mártires, viram, emocionadíssimos, multiplicarem-se os prodígios operados por Deus, que, assim, atestava a santidade daqueles que já lhe gozava da eterna glória.

* * *

SÃO LEÔNIDAS, PAI DE ORÍGENES (*)

Mártir

Retórico de Alexandria, de origem grega, Leônidas teve sete filhos, dos quais Orígenes foi o mais velho.

No décimo ano do reinado de Sétimo Severo, Laetus governava Alexandria e todo o Egito.

Para executar o edito imperial de perseguição com todo o rigor, o governador não se satisfazia com agir sòzinho em Alexandria: enviava emissários para tôdas as localidades do país, com ordem de prender os principais cristãos de cada cidade ou lugarejo por onde passassem.

Orígenes, exaltado com a coragem daqueles que afrontavam o suplício com um calmo sorriso no rosto iluminado, andava sequioso por imitá-los. Em vão eram as súplicas e as lágrimas da mãe para retê-lo.

Leônidas, denunciado como cristão, foi prêso. Orígenes não mais conteve a onda de desejo: com instância, rogou que lhe permitissem partilhar da sorte do pai.

A mãe, mulher piedosa e forte, disse-lhe que Deus não lhe exigia tal sacrifício, que devia resguardar-se, conservar-se vivo para ela e os irmãos. Diante daquelas palavras, ditas de modo tocante, o

jovem resignou-se, e escreveu ao pai uma carta, onde o exortava a permaneser firme em Jesus Cristo.

A certa altura, dizia: "Sossega, meu pai, e não vás, por nossa causa, mudar de resolução".

Despontava já, ali, o que mais tarde escreveria, e tão belamente, sôbre os méritos e as glórias do martírio.

Leônidas perseverou. Foi fiel ao Cristo e ao Evangelho. Decapitado em 204, teve os bens confiscados. A viúva e os filhos, reduzidos à indigência mais extrema, foram caridosamente, salvos da negra miséria por uma rica senhora de Alexandria, que os hospedou em sua casa desveladamente.



No mesmo dia, em Sens, São Leão, bispo e confessor, sucessor do arcebispo Paulo. Faleceu em 547, tendo operado milagres durante a vida e depois da morte. O corpo foi enterrado na igreja de São Gervásio e São Protásio, que, em seguida, recebeu o nome de São Leão.

Na Armênia, São Nearco, mártir, amigo íntimo de Polieucto.

Em Trèves, Santo Aprônculo, bispo e confessor. Abade de São Maximino, depois bispo de Trèves, faleceu em 532.

Em Viena, São Juliano, bispo e confessor, sucessor imediato de Santo Avito. Possìvelmente assistiu aos concílios de Lião, em 518 e 523, de Orleans em 533, ano em que faleceu.

Em Denain, o bem-aventurado Adalberto de Ostrevento, confessor, ilustre palaciano, quando dos reis carlovíngios. Casado com Santa Rainha, pa-

renta de Pepino, o Breve, teve dez filhas, das quais uma, Santa Ragenfreda, fundou um mosteiro em Denain. Adalberto faleceu em 790.

Em Dijon, São Fradulfo ou Frou, confessor. Solitário em Barjon, perto de Grancey, foi amigo de São Merry. Faleceu em 700.

Em Portugal, Santa Senorina, virgem, nascida em Braga. Era aparentada com São Rodesindo. Educada por uma tia, Gudina ou Gortina, abadêssa de Vieira, fêz-se religiosa e sucedeu-a como abadêssa. Transferindo o mosteiro para Bastos, ali morreu em 982.

No mesmo dia, em Roma, na via Ápia, morte de São Totero, papa e mártir.

Em Esmirna, os Santos Apelos e Lécio, dois dentre os primeiros discípulos de Cristo.

Na Pérsia, ainda, os Santos Parmênio, Helimenas e Crisótelo, sacerdotes. Lucas e Múcio, diáconos, cujos martírios se encontram descritos nas atas dos Santos Abdão e Sênen.

* * *

23.º DIA DE ABRIL

SÃO JORGE

Natural da Capadócia, de pais cristãos, e formado em tôdas as virtudes cristãs, Jorge foi alistado na guarda do imperador Diocleciano e conseguiu obter o grau de comandante. A perseguição que sobreveio fêz com que muitos cristãos tombassem ou vacilassem. Compadecendo-se da fraqueza dos que fraquejavam, Jorge distribuiu todos os bens aos pobres e se declarou pùblicamente cristão. O imperador procurou conquistá-lo pela doçura. O mártir, todavia, repeliu generosamente tôdas as promessas e ameaças e falou veementemente contra os ídolos. Imediatamente, diversos gêneros de suplícios lhe foram aplicados. Foi suspenso em um poste, para ser dilacerado a golpes de lanças. Foi colocado nos entraves e deitado no chão com enorme pedra sôbre o peito. Amarraram-no a uma roda guarnecida com ganchos e facas. Queriam, dessa forma, reduzi-lo a pedaços. Ao sair dêsses tormentos, encontrava-se inteiramente ileso. Ao verem isso, muitos se converteram; Diocleciano, porém, não. Mandou que lhe calçassem botas de ferro, aquecidas ao fogo, a ponto de ficarem rubras, com pontas contundentes dentro, e o obrigou a correr, nesse estado. Jorge suportou êsse tormento, sem que parecesse estar sofrendo.



São Jorge, segundo uma escultura do século XVI, em Ruão.

Diocleciano, atribuindo tal fato à magia, fêz vir um mago muito hábil chamado Atanásio, para preparar malefícios com poções mágicas. Jorge as bebeu sem nada sentir. O mago o desafiou a ressuscitar um homem morto. Jorge o ressuscitou, na presença de todos, conseguindo que o mago e outras pessoas se convertessem. Levado a otemplo de Apolo, Jorge, pelo sinal da cruz, forçou o demônio que se fazia adorar no ídolo a declarar pùblicamente que não era Deus, mas um demônio, um anjo caído, que engana os homens, e foi obrigado, pelo mártir, a reduzir a poeira o próprio ídolo. Por fim, depois de ter triunfado de todos êsses suplícios, depois de ter enviado à sua frente grande número de mártires convertidos por sua palavra e exemplo, Jorge os seguiu ao céu, como se fôsse capitão de todos êles. Diocleciano mandou que lhe cortassem a cabeça.

São êsses os principais fatos que sabemos a respeito do martírio de Jorge, e André, bispo de Creta, e Ciro Gregório, arcebispo de Constantinopla, e Simão Melafraste, o homem mais sábio da época em que viveu. Fatos que sabemos célebres por São João Damasceno, em sete ou oito hinos em honra do mártir.

* * *

SÃO GERALDO

São Geraldo, bispo de Toul e sucessor de São Gozelin, era de família nobre, do território de Colônia. A educação que recebeu correspondeu à nobreza do nascimento. Foi educado com grande cuidado em Colônia, em um mosteiro de clérigos ou cônegos regulares. As sementes da piedade, que no coração lhe lançaram, não tardaram em produzir excelentes frutos. A mãe morreu atingida por um raio. Geraldo atribuiu essa morte aos pecados que êle cometera. E foi o motivo de que se utilizou para redobrar as maceracões. Era o celeiro da comunidade, quando São Bruno, arcebispo de Colônia e vice-rei de Lorena, voltou para êle os olhares, pensando no preenchimento da sede de Toul, vacante com a morte de São Gozelin. Geraldo estava fazendo penitência por uma falta ligeira, quando lhe levaram a boa nova. Resistiu durante muito tempo, mas acabou cedendo às ordens de Bruno. Foi ordenado no ano de 963, no dia 29 de março, um domingo.

Geraldo conservou no episcopado tôdas as virtudes que conquistara no retiro e soube aliá-las às que eram próprias da nova dignidade. Procurou, sobretudo, reparar as igrejas da sua diocese. Reconstruiu a de São Mansueto, primeiro bispo de Toul. a de Santo Estêvão, que era a catedral, e a de São

Gengulfo, onde fundou um capítulo de cônegos. Essas duas igrejas ainda existem. O zêlo pelas relíquias santas não era menor. Fêz a elevação das de Santo Apero ou Evro e obteve de Tróia as de Aprônia, irmã dêsse santo bispo. Chegou até a ir honrar as sepulturas dos santos apóstolos e fêz uma peregrinação a Roma com doze dos seus clérigos. A viagem não foi outra coisa que uma procissão contínua; porque a cruz era levada à frente do grupo de peregrinos e êstes cantavam salmos, sem cessar. Sua reputação, que já o havia precedido até Roma, atraiu grandes homens. Geraldo permaneceu como titular de Toul durante trinta e um anos e algumas semanas. Morreu santamente no dia 23 de abril.

* * *

BEM-AVENTURADO EGÍDIO (*)

Confessor

Egídio, ou Gil, era de Assis, e ali levava vida de secular, quando ouviu falar da conversão de dois consideráveis personagens: Bernardo de Quintavalle e Pedro de Catana, que se uniram a São Francisco.

Nos **Fioretti** (1), vemos como Egídio foi recebido na ordem dos menores.

«Porque os exemplos dos homens santos levam à mente dos devotos auditores o desprêzo pelos prazeres transitórios e nêles incitam o desejo da salvação eterna; para a honra de Deus e de sua reverendíssima Mãe, a Senhora Santa Maria, e para utilidade de todos os ouvintes, algumas palavras direi das operações que o Santo Espírito operou em nosso Frei Egídio, o qual, levando ainda as vestes seculares e tocado pelo Espírito Santo, começou consigo mesmo a cogitar como em tôdas as suas obras poderia agradar a Deus sòmente.

«Naquele tempo, São Francisco, como novo arauto, preparado por Deus para exemplo de vida, de humildade e santa penitência, após dois anos de sua conversão, atraiu e induziu a observar o Evangelho e a pobreza um homem adornado de admirável

(1) **I Fioretti, 3ª ed. Ed. Vozes, 1950.**

prudência e muito rico de bens temporais, o qual tinha o nome de Bernardo, e também a Pedro Catani. Os quais, a conselho de São Francisco, distribuiram com os pobres, por amor de Deus, todos os seus tesouros temporais e abraçaram a glória da penitência e a evangélica perfeição e o hábito de frades menores, e com grandíssimo fervor mantiveram por tôda a vida sua promessa de observância, e assim o fizeram com tôda a perfeição.

"Após oito dias da sobredita conversão e distribuição, e tendo ainda Frei Egídio vestes seculares, ao ver o desprendimento de tão nobres cavaleiros de Assis, que a tôda a cidade haviam causado admiração, todo aceso em divino amor, no dia seguinte, que era a festa de São Jorge, no ano do Senhor de 1209 e em boa hora, e como solícito de sua salvação, foi à igreja de São Gregório, onde estava o mosteiro de Santa Clara; e feita a oração, sentindo grande desejo de ver São Francisco, dirigiu-se ao hospital dos leprosos, onde êle, com Frei Bernardo e Frei Pedro de Catana, vivia retirado em um tugúrio de suma humildade.

"E chegando a uma encruzilhada e não sabendo que caminho tomar, orou a Cristo, precioso guia, o qual o conduziu com segurança ao dito tugúrio. E, cogitando no que êle tinha vindo fazer, São Francisco encontrou-se com êle, ao voltar da selva, onde tinha ido orar; pelo que se lançou sùbitamente de joelho diante de São Francisco e humildemente pediu que o recebesse em sua companhia pelo amor de Deus.

"Reparando São Francisco no aspecto devoto de Frei Egídio, respondeu e disse:

«— Caríssimo irmão, Deus te concedeu grandíssima graça. Se o imperador viesse a Assis e quisesse fazer de algum citadino seu cavaleiro ou camareiro secreto, então êle não devia alegrar-se? Quão maiormente deves sentir gáudio, por Deus te haver escolhido para seu cavaleiro e diletíssimo servente, para observar a perfeição do Evangelho? Fica, portanto, firme e constante na devoção a que Deus te chamou».

«E tomou-o pela mão e levou acima, e o introduziu na referida choça (2). E chamou Frei Bernardo e disse:

«— Deus Nosso Senhor mandou-nos um bom irmão, pelo que todos nos devemos alegrar no Senhor. E comamos em caridade».

«E tendo comido, São Francisco caminhou com Frei Egídio para Assis, a fim de procurar pano para fazer o hábito de Frei Egídio.

«Encontraram, na estrada, uma pobrezinha que lhes pediu esmola pelo amor de Deus, e não sabendo como socorrer a pobrezinha, São Francisco voltou-se para Frei Egídio com angélico semblante e disse:

«— Pelo amor de Deus, caríssimo irmão, demos o teu manto à pobrezita».

«E Frei Egídio, todo alegre, despojou-se do manto e o deu àquela mulher, a qual, segundo a visão de Frei Egídio, voou ao céu diretamente, pelo que, dentro de si, sentiu indizível gáudio e nova mudança.

---

(2) Êste tugúrio, rudimentaríssimo, era uma cabana de ramos, rebocada de lôdo, onde, naqueles primevos, São Francisco e os seus oravam e dormiam (N. do Atual.).

«E São Francisco, procurando o pano e feito o hábito, recebeu a Frei Egídio na Ordem, o qual foi um dos gloriosíssimos religiosos que o mundo teve naquele tempo na vida contemplativa.

«Depois da recepção de Frei Egídio, São Francisco imediatamente foi com êle à Marca de Ancona, cantando com êle, magnìficamente louvando o Senhor do céu e da terra (3).

«E disse a Frei Egídio:

«— Filho, a nossa religião será semelhante ao pescador que lança a rêde na água e apanha uma multidão de peixes, e os grandes retém e os pequeninos deixa na água».

«Maravilhou-se Frei Egídio com esta profecia, porque não estavam ainda na Ordem senão três frades e São Francisco; e ainda que São Francisco não pregasse ao povo pùblicamente, andando pelo caminho admoestava e corrigia os homens e as mulheres, dizendo simplesmente com amor:

«— Amai e temei a Deus e fazei digna penitência pelos vossos pecados».

«E Frei Egídio dizia:

«— Fazei o que vos disse o meu pai espiritual, porque disse òtimamente.»



Frei Egídio foi um verdadeiro cavaleiro errante, sempre intrépido, a arder pela perfeição, possuído de raro amor por Deus.

---

(3) São Francisco sempre foi alegre e gostou de cantar, e aos discípulos transmitiu aquela prática. Assim, sempre que, dois a dois, iam-se pelo mundo a fora, em missão evangélica, punham-se a cantar hinos de louvores, que o Poverelo lhes ensinara (N. do Atual.).

Estêve em Túnis, em São Nicolau de Bari, em Monte Gargano, em São Tiago da Compostela, na Terra Santa.

«Foi Frei Egídio visitar o santo sepulcro de Cristo, dizem os **Fioretti**, com licença de São Francisco, e chegou ao pôrto de Brindisi e lá ficou por muitos dias, porque não havia nau aparelhada. E Frei Egídio, querendo viver do seu trabalho, tomou emprestada uma bilha e encheu-a de água, indo a gritar pela cidade:

«— Quem quer água?»

«E pelo seu trabalho recebia pão e as coisas necessárias à vida corporal para si e para o seu companheiro (4). E depois atravessou o mar e visitou o santo sepulcro de Cristo e os outros lugares com grande devoção.

«E voltando, permaneceu na cidade de Ancona por diversos dias. E porque tinha o costume de viver do seu trabalho, fazia cêstos de junco e os vendia, não por dinheiro, mas pelo alimento para êle e para o seu companheiro, e levava os mortos à sepultura pelo sobredito preço. E quando isto lhe faltava, voltava à mesa de Cristo, pedindo esmola de porta em porta.

«E assim, com muito trabalho e pobreza, voltou a Santa Maria dos Anjos».

— — — —

O bem-aventurado louvava mais a obediência do que a oração.

(4) Frei Elias (N. do Atual.).

«Uma vez, um frade estava na cela em oração, e o guardião ordenou-lhe pela obediência que fôsse esmolar. Pelo que, imediatamente, procurou Frei Egídio e disse:

«— Pai meu, estava em oração e o guardião me ordenou fôsse pedir pão. Ora, a mim me parece preferível ficar em oração».

«Responde Frei Egídio:

«— Filho meu, ainda não conheceste nem compreendeste que coisa seja a oração? Verdadeiramente, oração é fazer a vontade do seu prelado, e é sinal de grande soberba daquele que pôs o pescoço sob o jugo da santa obediência, quando por qualquer razão a evita para fazer a própria vontade, mesmo que assim lhe pareça operar mais perfeitamente. O religioso, perfeito obediente, é semelhante ao cavaleiro montado num poderoso cavalo, por cujo vigor passa intrépido pelo meio do caminho; e, pelo contrário, o religioso desobediente, que se lastima, e é voluntarioso, é semelhante ao que monta um cavalo magro e doente e vicioso, porque com pouco trabalho fica morto ou prisioneiro dos inimigos. Digo-te que se um homem existisse de tanta devoção e elevação de espírito, que falasse com os anjos, e que neste falar fôsse chamado pelo seu superior, sùbitamente devia abandonar o colóquio com os anjos e obedecer ao seu prelado».

— — — —

Nos mesmos Fioretti vem explanado como frei Egídio vivia do seu trabalho.

«Estando uma vez Frei Egídio conventual em Roma, assim como fazia por costume desde sua

entrada na Ordem, queria viver trabalhando corporalmente: e fê-lo por êste modo.

«Na hora das matinas, ouvia a missa com muita devoção. Depois ia à floresta que distava de Roma oito milhas e trazia às costas um feixe de lenha que trocava por pão e outras coisas de comer.

«Uma ocasião, entre outras, voltando com uma carga de lenha, uma mulher quis comprá-la e, combinado o preço, êle a levou a casa. A mulher, não obstante o preço ajustado, porque viu que êle era religioso, deu-lhe mais do que o prometido.

«Disse Frei Egídio:

«— Boa dona, não quero que me vença o vício da avareza. Por isso, não quero mais do que o combinado consigo».

«Pelo que não recebeu mais, mas, da importância ajustada, apenas recebeu metade e se foi. Por isso, aquela mulher concebeu por êle grandíssima devoção.

«Frei Egídio executava o trabalho remunerado sempre observando a santa honestidade. Ajudava os lavradores a colhêr as azeitonas e a pisar as uvas.

«Estando um dia na praça, alguém quis tirar nozes e pedia a outrem que o fizessem mediante pagamento, e êste se recusava por morar muito longe e ser aborrecido subir em árvores.

«Disse Frei Egídio:

«— Se me quiseres dar, amigo meu, parte das nozes, irei contigo tirá-las».

«E, feita a combinação, foi. E, primeiramente, fazendo o sinal da santíssima cruz, subiu ao alto tirando nozes com grande temor. E, tiradas que

foram, tocou-lhe, por sua parte, tantas que não as pôde levar nos braços, pelo que tirou o hábito, e amarradas as mangas e o capuz, dêle fêz um saco, ficando nu, apenas de bragas. E, com o hábito cheio de nozes, pô-lo à cabeça, e o levou a Roma, onde, com tôda a letícia, deu-as aos pobres pelo amor de Deus.

«Quando ceifavam trigo, ia Frei Egídio com outros pobres colhêr as espigas, e se alguém lhe oferecia uma gavela de trigo, respondia:

«— Irmão meu, não tenho celeiro onde a guarde».

«E as espigas dava, as mais das vêzes, pelo amor de Deus.

«Raramente ajudava a alguém Frei Egídio durante todo o dia, porque procedia sempre de modo a poder rezar as horas canônicas e não faltar à oração mental.

«Uma vez, foi Frei Egídio à fonte de São Sixto, buscar água para os frades. Um homem pediu-lhe de beber.

«Respondeu Frei Egídio:

«— Como levarei o vaso quase vazio aos frades?»

«O outro, zangado, disse a Frei Egídio muitas palavras injuriosas e vis. E Frei Egídio voltou aflito, com a água, aos frades. Procurou uma bilha grande e voltou à fonte para buscar água, e encontrou o homem e disse:

«— Amigo meu, toma e bebe quanto quiseres e não te enfureças, porque a mim me parece vilania levar resto de água bebida àqueles frades».

«O outro, compungido e constrangido pela caridade e humildade de Frei Egídio, reconheceu sua culpa e daquela hora em diante o teve em grande devoção».



Por um longo inverno rigidíssimo e de grande fome, quando todos viviam engeridos, Frei Egídio, então em Roma, foi provido miraculosamente, numa terrível necessidade. Tal era a abundância de neve, que não se podia sair, e, pois, o bem-aventurado jazia sem meios de ir esmolar.

Frei Egídio estava na casa de um cardeal. A quaresma maior se aproximava e êle se sentia inquieto, porque, desejando celebrá-la, adivinhava que, ali, não encontraria a tranqüilidade e o silêncio almejados pela alma.

Disse, então, ao cardeal:

— Pai meu, com permissão vossa, quero, para minha paz, ir com meu companheiro observar esta quaresma em algum solitário lugar.

O cardeal olhou-o alarmado, respondeu:

— Ah, meu caríssimo irmão! Ir onde? A fome é grande e sois ainda pouco conhecidos. Por favor, apraza-te ficar na minha côrte, porque a mim me será graça singular dar-vos o que necessitardes, pelo amor de Deus.

«Preferiu Frei Egídio ir, dizem os **Fioretti**, e saiu de Roma para um alto monte, onde outrora existira um castelo, e encontrou uma igreja abandonada, que se chamava de São Lourenço, e ali entrou com o companheiro e ficaram em oração e em grande meditação. Não eram conhecidos, e por isso

pouca reverência e devoção lhes prestavam. E, por acréscimo, veio uma grande nevada, e durou muitos dias.

«Êles não podiam sair da igreja, e ninguém lhes mandou nada para viver e dêles nada possuíam. E ficaram assim presos três dias completos.

«Vendo Frei Egídio que com o seu trabalho não podia viver e não podia esmolar, disse ao companheiro:

«— Irmão meu caríssimo, chamemos Nosso Senhor em altas vozes, para que, pela sua piedade, auxilie-nos em tal extremo e necessidade, pois alguns frades, antigamente, estando em grande necessidade, chamaram por Deus e a divina providência os ajudou em suas precisões».

«E, a exemplo daqueles outros, puseram-se em oração, rogando a Deus com todo o afeto para que a tanta necessidade desse remédio.

«Deus, que é a suma piedade, atendeu à fé e à devoção e à simplicidade e ao fervor dêles por êste modo: Um homem, olhando para a igreja, onde estava Frei Egídio mais o companheiro, inspirado por Deus, disse consigo mesmo:

«— Talvez naquela igreja haja alguma boa pessoa fazendo penitência e por causa da neve tão abundante não tenha o necessário e por conseqüência poderá morrer de fome».

«E impelido pelo Espírito Santo, disse:

«— De certo vou saber se minha imaginação é verdade ou não».

«Tomou alguns pães e um vaso de vinho e pôs-se a caminho, e com grandíssima dificuldade chegou à predita igreja, onde encontrou Frei Egídio e o companheiro devotìssimamente em oração. E

estavam, pela fome, tão enfraquecidos, que pela aparência antes semelhavam homens mortos do que vivos.

«Teve-lhes grande compaixão, e havendo-os consolado e confortado, voltou e contou aos vizinhos a extrema necessidade dos frades, e os induz e roga por Deus que os ajudem. Pelo que muitos, a exemplo dêle, levaram-lhes pão e vinho e outras coisas necessárias para comer, pelo amor de Deus. E por tôda aquela quaresma acordaram entre si que os proveriam em suas necessidades. E considerando Frei Egídio a grande misericórdia de Deus e sua caridade, disse ao companheiro:

«— Irmão meu caríssimo, até agora suplicamos a Deus que nos ajudasse em nossas necessidades e fomos atendidos. Portanto, convém rendermos-lhe graças e glória, e orar pelos que nos alimentaram com as suas esmolas e por todo o povo cristão».

«E pelo seu grande fervor e devoção tanta graça Deus concedeu a Frei Egídio, que muitos, a seu exemplo, deixaram êste mundo cego, e outros muitos, que não estavam dispostos a ser religiosos, fizeram em suas casas grandíssima penitência».



O bem-aventurado Egídio, que São Francisco honrava como o seu mais ardente **cavaleiro de Távola Redonda,** foi sempre, até a morte, fiel aos três ideais franciscanos, quais sejam, a Castidade, a Pobreza e a Alegria.

Em louvor da Castidade, escreveu Egídio, certa vez, os seguintes versos:

Ó Santa Castidade! Quanta e la tua bontade!
Veramente tu é preziosa e tale
E tanto soave il tuo ardore
Che chi non ti assagia, non sa quanto vale.
Impero li stolti non conoscono il tuo valore. (5)

Nos **Fioretti,** onde **Começam os capítulos da verdadeira doutrina e ditos notáveis de Frei Egídio,** lê-se:

«A nossa miséria e frágil carne humana é semelhante ao porco que sempre se deleita de jazer e de se sujar na lama, considerando a lama seu grande deleite. A nossa carne é o cavaleiro do demônio, porque combate e resiste a tôdas as coisas que são conformes a Deus e a nossa salvação».

Um frade perguntou, certa feita, ao bem-aventurado:

«— Pai, ensina-me de que modo poderemos guardar-nos do vício carnal?»

Egídio respondeu-lhe:

«— Irmão meu, quem quiser deslocar algum grande pêso ou alguma grande pedra e mudá-la de uma para outra parte, convém que procure removê-la antes por engenho que por fôrça. E nós, assim, semelhantemente, se quisermos vencer os vícios carnais e adquirir a virtude da castidade, antes a poderemos adquirir pela humildade e pela boa e discreta direção espiritual, de que pela nossa presunçosa aus-

---

(5) "Ó Santa Castidade! Quanta a tua bondade!
"És verdadeiramente preciosa e tal
"E tão suave o teu ardor,
"Que quem não te gosta não sabe quanto vales,
"Pois os insensatos não conhecem teu valor".

teridade e fôrça de penitência. Cada vício turva e obscurece a santa e resplandecente castidade, porque a castidade é semelhante ao espelho claro, o qual se obscurece e turva, não sòmente pelo toque das coisas manchadas, mas até pelo hálito do homem. É coisa impossível poder o homem alcançar alguma graça espiritual, enquanto se achar inclinado às concupiscências carnais. E por isso, vira-te e revira-te como te aprouver, que não encontrarás outro remédio para chegar à graça espiritual, a não ser que submetas todos os vícios carnais. E portanto, combate valentemente contra a sensual e frágil carne tua, pròpriamente inimiga tua, a qual sempre te quer contradizer, de dia e de noite, à qual carne, nossa imortal inimiga, quem vencer, esteja certo de que há vencido e destroçado todos os seus inimigos, e cedo chegará à graça espiritual e ao bom estado de virtude e de perfeição».

Outro frade, uma vez, também perguntou ao bem-aventurado Egídio que coisa era a castidade, e êle, sempre solícito, respondeu ao irmão:

«— Irmão meu, digo-te que pròpriamente é chamada castidade a solícita custódia e contínua guarda dos sentidos carnais e espirituais, conservando-os sòmente para Deus, puros e imaculados».

— — — —

Frei Egídio passou os últimos anos da vida no convento de Perusa. Depois de cinqüenta e dois anos de vida religiosa, chamou-o Nosso Senhor para gozar da glória celeste. Como vimos, correu êle ao encontro de São Francisco no dia da festa de São Jorge: em 1262, no dia da festa daquele grande Santo mártir, foi Frei Egídio para Deus.

Um homem, que estava em oração, quando o bem-aventurado faleceu, viu-lhe a alma, com uma multidão de outras almas, sair do purgatório e subir aos céus, enquanto Jesus lhe ia ao encontro, com grande acompanhamento de anjos. Assim, Frei Egídio, com tôdas aquelas libertas almas, em meio a melodias indescritíveis, subiu para a glória do paraíso.

Poucos dias antes da morte do bem-aventurado, um frade de São Domingos, enfêrmo de algum tempo, recebeu a visita de um amigo, também frade.

Disse ao enfêrmo o visitante:

— Irmão meu, quero que, se Deus permitir, depois da morte, voltes para mim e me digas em que estado te encontras.

O doente prometeu, caso fôsse possível, atendê-lo.

Morreu o frade enfêrmo no mesmo dia que Frei Egídio, e apareceu ao amigo.

Perguntou o vivo ao morto:

— Que foi feito de ti?

Respondeu o morto:

— Foi da vontade de Deus que eu cumprisse a promessa. Estou bem. Estou bem porque morri no dia em que passou desta vida um santo frade menor que tinha o nome de Egídio. Por sua grande santidade, Jesus Cristo concedeu que tôdas as almas que estavam no purgatório subissem ao céu, ao santo paraíso, almas com as quais, em grande tormento, jazia eu. Pelos méritos de Frei Egídio, ficamos livres.

Ditas tais palavras, repentinamente desapareceu.



Egídio foi enterrado no convento de Perusa. Fêz muitos milagres em vida e depois da morte. São Boaventura tinha em sua intercessão ilimitada confiança.

Deus, que lhe concedera variadas delicadezas, favoreceu-o com singular encontro com São Luís, quando êste Santo, rei de França, peregrinava pelo mundo. Conta assim os **Fioretti**, o sucesso:

«Indo São Luís, rei da França, em peregrinação, visitar os santuários pelo mundo, e ouvindo a fama grandíssima da santidade de Frei Egídio, o qual fôra dos primeiros companheiros de São Francisco, pôs no coração e determinou por tudo visitá-lo pessoalmente. Pela qual coisa veio a Perusa, onde habitava, então, o dito Frei Egídio. E chegando à porta do convento dos frades, como um pobre peregrino desconhecido com poucos companheiros, chamou com grande insistência por Frei Egídio, nada dizendo ao porteiro sôbre quem fôsse aquêle que o chamava.

«Foi, pois, o porteiro a Frei Egídio e disse-lhe que à porta havia um peregrino que o procurava: e por Deus lhe foi revelado em espírito que aquêle era o rei de França; pelo que sùbitamente êle com grande fervor sai da cela e corre à porta e sem mais pergunta, ou sem que jamais houvessem estado juntos, com grandíssima devoção, ajoelhando-se abraçaram-se e beijaram-se com tanta familiaridade como se há longo tempo tivessem tido grande amizade. No entanto, nenhum dêles falava com o outro, mas estavam abraçados em silêncio com aquêles sinais de amor caritativo.

«E ficando como ficaram por grande espaço de tempo por esta forma, sem dizer palavra, partiram-se

um do outro. E São Luís continuou sua viagem e Frei Egídio voltou à sua cela.

«Partindo o rei, um frade perguntou a algum dos seus companheiros quem era aquêle que se tinha abraçado tanto com Frei Egídio; e êle respondeu que era Luís, rei de França, o qual tinha vindo para ver Frei Egídio. O que dizendo êste frade aos outros irmãos, houveram êles grande melancolia, porque Frei Egídio não lhes tinha dito palavra. E, lamentando-se, disseram-lhe:

«— Ó Frei Egídio, por que fôste tão vilão? Que a um tão grande rei, qual o que veio de França para te ver e para ouvir alguma boa palavra não disseste nada?»

«Respondeu-lhes Frei Egídio:

«— Caríssimos irmãos, não vos maravilheis por isto; porque nem êle a mim nem eu a êle podia dirigir a palavra, pois logo que nos abraçamos a luz da divina sapiência revelou e manifestou a mim o coração dêle e a êle o meu. E assim, por operação divina olhando nos corações, o que eu queria dizer-lhe e êle a mim, muito melhor ficamos conhecendo, do que se o tivéssemos falado com a bôca, e com maior consolação, e se nos quiséssemos explicar com a voz o que sentíamos no coração, pelo defeito da língua, a qual não pode claramente exprimir os mistérios secretos de Deus, ter-nos-ia sido antes desconsôlo do que consolação. Portanto tende como certo que de mim se partiu o rei admiràvelmente consolado.

«Em louvor de Cristo. Amém».

* * *

SANTOS FÉLIX, FORTUNATO

E

AQUILES (*)

Mártires

Félix, Fortunato e Aquiles foram enviados por Santo Irineu para que pregassem o Evangelho em Valença.

Partindo de Lião, alcançaram aquela cidade francesa, onde colheram numerosos frutos de conversão.

Um dia, Félix teve uma visão, na qual viu o que o esperava e aos companheiros: o martírio.

Referindo-lhes o que soubera, por parte do céu, os três, comovidos, renderam graças a Deus, ao qual, muito ardentemente, suplicaram o socorro nas próximas tribulações.

Aurélio Caracala jazia à frente do império e a perseguição aos cristãos ia acesa e violenta. Enviado para fazer cumprir os editos imperiais, Cornélio, oficial do exército, chegou em Valença.

Félix, Fortunato e Aquiles cantavam salmos. Ouvindo-os, perguntou Cornélio ao que o fôra receber:

— Que ser estranho é êste, logo assim após o massacre rigoroso dos habitantes de Lião pelo imperador Severo? Restará nestes lugares algum traço dos cristãos que desprezam sacrìlegamente nossos deuses e pisam sôbre os decretos de nossos príncipes?

Respondeu-lhe o que o acompanhava:

— Há aqui três homens, atrevidos e hábeis sedutores, que levaram ao culto de Cristo quase um têrço da cidade, e destruiram os templos de nossos deuses.

Cornélio, possuído de diabólica ira, ordenou que prendessem os três apóstolos e os deixassem na pior masmorra.

Pouco tempo depois, os três foram levados à presença do oficial.

Disse-lhes:

— Que significa isto? Não ficastes amedrontados com a sorte daqueles que ousaram adorar como Deus um homem nascido de uma família judia, que foi perseguido pela justa indignação dos concidadãos, flagelado e prêso à cruz? Desdenhais ainda, apesar de tudo, com vossas práticas sacrílegas, o poder augusto de nossos deuses, desprezais com criminosa audácia os decretos de nossos príncipes invencíveis, induzis o povo a participar de um êrro?

Félix respondeu, zelosamente:

— Deus, o Sêr todo-poderoso, deu ao passado a existência, dirige o presente e dispõe o futuro. Se tu o receberes e cessares de adorar teus deuses, poderás fàcilmente merecer as recompensas da vida eterna.

Cornélio olhava a Félix com condescendência, e aos três acabou por dizer, compassadamente:

— Ser-vos-ia muito mais salutar seguir o conselho que vos dou. Receberieis de minha liberalidade ouro e prata, ao mesmo tempo que assegurarieis a salvação. Por que haverieis de expor vossos corpos a uma sepultura vulgar?

Responderam êles:

— Aquêles que por uma traição condenável renegam o poder de Cristo, morrem para todo o sempre. A nós, as promessas de tua tão crédula generosidade não nos tentam, e as ameaças das longas torturas não nos espantam. Porque Deus dá sempre aos seus servidores a coragem da fé diante dos tribunais, a fôrça no combate, a vitória na consumação do sacrifício.

Pálido de raiva, em virtude daquela intrépida resposta, Cornélio ordenou que aos três se aplicasse, duramente, a flagelação com os nervos de boi.

Félix, Fortunato e Aquiles receberam o suplício a cantar. E Cornélio, admiradíssimo, muito confuso com a virtude divina que os assistia, suspendeu o castigo e mandou que se atirasse com os três amigos num cárcere escuro, porque desejava pensar no pior gênero de morte que lhes convinha, o mais cruel.

Noite já bem avançada, um anjo surgiu na prisão. Com a grande luminosidade que se lhe desprendia do corpo, acendeu o cárcere todo. Com facilidade assombrosa, quebrou as barras do cubículo e convidou os três companheiros a aceitar a liberdade que Deus lhes dava.

Sem delongas, sairam êles da prisão, avançaram pela cidade adormecida e às escuras, abriram as portas dos templos e quebraram as estátuas de Júpiter, de Mercúrio e de Saturno.

Cornélio boquiabriu-se com a fuga dos cativos. E deu ordem para que os prendessem novamente.

Disse-lhes, quando os viu diante de si, por segunda vez:

— Que poder é o de vosso Cristo, já que lhe tendes tão cega confiança, a ponto de quebrardes nossos deuses?

Responderam êles:

— Embora tu sejas indigno de ouvir falar de mistério da divindade, sòmente por causa do povo fiel que ouve com respeito a pregação de Deus, nós te falaremos de Cristo, a verdade suprema.

Com calor, explicaram ao oficial:

— O Cristo é o Filho de Deus, a virtude de Deus, a sabedoria de Deus. Por Êle, tudo foi feito, nada sem Êle foi feito... Tu também, se quiseres n'Êle crer, tu também lhe virás a conhecer o poder.

Cornélio, obstinadamente, só, no momento, vivia para a raiva imensa que o consumia. Cheio de um furor que lhe entumecia as veias tôdas do corpo, ordenou, aos gritos, que subjugassem os três cristãos e lhes quebrassem as pernas e moessem a região dos rins, depois do que os levassem ao suplício da roda.

Félix, Fortunato e Aquiles, passados por tôdas aquelas terríveis provas, atravessaram a noite estendidos no cavalete.

De manhã cedo, Cornélio apareceu, mandou que os deixassem um tanto mais relaxados e lhes disse:

— Sacrificai aos deuses. Talvez dêles obtenhais a indulgência de recuperardes as fôrças antes mesmo dos socorros médicos.

Responderam-lhe os valorosos confessores:

— Êsses deuses não podem dar nem a êles mesmos o socorro de que tinham necessidade para se defender! Nós preferimos morrer confessando a fé do nosso Deus, para receber as recompensas da vida eterna.

Condenados à decapitação, sofreram aquela pena fora da cidade, num sítio retirado.

À noite, protegidos pela escuridão, vários cristãos assenhorearam-se-lhes dos corpos, enterrando-os piedosamente. Muitos milagres, então, foram por Deus operados à beira da tumba em que jaziam.

* * *

SANTO ADALBERTO DE PRAGA (*)

Bispo e Mártir

Adalberto era de ilustre família da Boêmia. Nascido no ano de 956, foi vítima de grave moléstia na meninice. Curado miraculosamente por Nossa Senhora, os pais consagraram-no ao serviço da Igreja.

O Santo, cujo nome de batismo era Woytiech, de origem eslava, passou a viver sob os cuidados de Adalberto, arcebispo de Magdeburgo — daí, em reconhecimento ao prelado, tomar-lhe o nome, quando recebeu o sacramento da confirmação.

Adalberto sòmente deixou Magdeburgo depois da morte do bom arcebispo, em 981. Estava então com vinte e cinco anos.

Em 983, recebeu das mãos do bispo de Praga, Dithmar, as ordens sagradas. Naquele ano mesmo, morto o bispo, Adalberto sucedeu-o. Era a 29 de junho, e o Santo, impressionado com tal morte, uma vez que Dithmar se recriminava por ter levado vida inútil, resolveu entregar-se à penitência e às austeridades.

Desde aquela época, diz-se, jamais o viram rir. E, quando fêz sua entrada em Praga, fê-la descalço. O povo, vivamente impressionado, cheio de simpatia, logo previu no sucessor de Dithmar um santo bispo.

Da renda que lhe era dado dispor, fêz quatro partes: uma para as necessidades da igreja; outra para os cônegos; uma terceira para os pobres; e a quarta para si mesmo e para sua casa.

Todos os dias, alimentava o santo bispo doze pobres, em honra dos doze apóstolos.

Santo Adalberto, na terra nua, dormia sôbre um cilício. Macerava o corpo com longas vigílias e duros jejuns. E, quase todos os dias, pregava com calor, docemente fazia visitas aos doentes, nas prisões consolava com imensa ternura os prisioneiros.

Quando tomou as rédeas da diocese, tudo jazia em estado deplorável. Quantos diocesanos pagãos! Quantos convertidos dados aos mais variados hábitos pagãos! Pôs-se, então, a convertê-los verdadeiramente. Mas, em seis anos, pouco ou quase nada conseguiu: achavam-no muito exigente e muito santo.

Em 989, partiu para Roma. E ali, ao papa João XV, falou longamente da triste posição em que se encontrava, acabando por lhe suplicar a graça de desligá-lo do cargo, porque, ardentemente, desejava encerrar-se num mosteiro.

O Santo Padre concedeu-lhe a demissão solicitada. E Adalberto, com um irmão, Gaudêncio, tomou o hábito religioso de São Bonifácio, mosteiro pelo qual, desde algum tempo, vinha suspirando.

Adalberto passou cinco anos naquela casa, todo ocupado em orar pelos diocesanos.

Ora, o arcebispo de Mayence vivia desolado com o estado de abandono em que Praga jazia, e, escrevendo ao papa, rogou-lhe ordenasse que Adalberto retornasse àquela sede.

O Santo, a princípio alegando que os frutos a colhêr seriam como os da primeira vez, isto é, irrisórios, acabou por consentir na volta, com a condição de tornar ao mosteiro se não encontrasse o povo menos agreste.

Desgostoso com os habitantes de Praga, que não lhe correspondiam, voltou para o mosteiro, tristíssimo. Ali, pouco depois, era nomeado prior pelo abade Leão.

Daqueles tempos data a grande amizade que o uniu ao imperador Otão III.

Eis que, por segunda vez, o arcebispo de Mayence insistia com o papa, então Gregório V, para que Praga tivesse o seu pastor.

Adalberto, obediente à ordem do Sumo Pontífice, rumou para a sua sede. Desta vez, os diocesanos receberam-no com desagrado, chegando mesmo a ir até a Boêmia, onde, maltratando os parentes do santo bispo, pilharam-lhes os bens e incendiaram o castelo dos pais do futuro mártir.

Refugiou-se, então, Adalberto na Polônia, no palácio do amigo Boleslau, filho do duque daquele país, o qual enviou deputados a Praga para concertar com o povo o recebimento de seu bispo.

O resultado colhido pelos embaixadores foi nulo. E Adalberto resolveu permanecer na Polônia, onde se pôs a trabalhar pela conversão dos idólatras.

Da Polônia, Santo Adalberto, com Gaudêncio e outro companheiro, o padre Bento, passou para a Prússia, onde missionário algum jamais havia penetrado. Ali, encontrou a morte.

Foi em Tenkitten, um campo sagrado dos pagãos, que se viu assaltado por um bando de ímpios.

Santo Adalberto foi decapitado em 997. Gaudêncio e Bento, todavia, presos, conseguiram fugir e chegar até a Polônia, onde deram a triste notícia a Boleslau.

O duque, imediatamente, tratou de resgatar o corpo do santo amigo.

Enterrado primeiramente na igreja de Tremezno, em 998 foi o corpo do Santo transferido para Nossa Senhora de Gnesen, onde muitos milagres foram operados por sua intercessão.

No ano 1000, o imperador Otão III visitou-lhe a tumba, obtendo-lhe uma relíquia do corpo. Foi êste imperador que, no mesmo ano, construiu em honra de Santo Adalberto, em Aix-la-Chapelle, uma igreja. No ano seguinte, erigia outra, em Roma, atualmente de São Bartolomeu, que conserva a relíquia dada por Otão III.

* * *

BEM-AVENTURADO GIL DE TIRO (*)

Bispo e Confessor

O bem-aventurado Gil nasceu em Nantilly (1) nos princípios do século XII. De uma família de jurisconsultos, estudou em Angers e em Paris, tendo ensinado direito canônico na primeira daquelas duas cidades.

Por ocasião de uma festa real, em Saumur, ficou conhecendo São Luís. Era no ano de 1241, e o rei santo, agradado do educadíssimo jovem, fê-lo seu capelão.

Em 1245, tomou parte numa das cruzadas que São Luís empreendeu, a sétima (2).

---

(1) Saumur.

(2) Luís IX de França tentou duas cruzadas contra os infiéis — a sétima e a oitava — em cumprimento de uma promessa, aproveitando-se, para tal, das perturbações mongólicas no Oriente. Na sétima, foi aprisionado, depois de ter tomado Damieta e quando em marcha para o Cairo, donde pretendia lançar-se à campanha. Resgatado, preparou, anos depois, segunda expedição, levado pelo irmão, Carlos d'Anjou, então rei das Duas Sicílias. Principiando a luta por Túnis, ali foi vitimado pela peste, que lhe arrazou as hostes.

Gil preparou-se para a expedição com atos de caridade e de abnegação, doando sua casa, aquela em que nascera, ao hospital de Saumur.

Com São Luís, estêve em Chipre, depois no Egito.

Após a tomada de Damieta, o rei nomeou-o arcebispo daquela cidade, mas, com a derrota de Mansourah, no dia 6 de maio de 1250, Gil encontrou-se desprotegido, sem asilo e sem qualquer recurso.

São Luís auxiliou-o, nomeando-o guarda dos selos e conferindo-lhe uma pensão de duzentas libras.

O bem-aventurado acompanhou o rei Luís a Jafa e com êle permaneceu por quatro anos pela Palestina, tempo em que ao Santo ligou-se mais estreitamente.

Morto o arcebispo de Tiro, o rei fê-lo seu sucessor, nominação que foi recebida com grande júbilo.

Com a divisão que se deu, entre os cristãos, em 1260, deixou a sede e procurou, integrando uma comissão, conseguir socorro em Roma. Alexandre IV, que se sentava no trono de São Pedro, falecia. Gil, então, e os demais, buscaram a França e chegaram a Paris.

Legado do novo papa, Urbano IV, a eloqüência do bem-aventurado conseguiu grande soma para Tiro; mas, um obstáculo surgiu — a percepção do dízimo em favor de uma expedição da Itália. Uma parte dos recursos que o legado obtivera foram, assim, absorvidos.

A Clemente IV, que sucedeu o papa Urbano IV, Gil suplicou a demissão de legado e a liberdade de

voltar para Tiro. Era em 1265, e sòmente no ano seguinte o bispo conseguiu o desejado, por um breve de 14 de abril.

Com a permissão para ocupar-se, novamente, da Igreja que tanto amava e da qual há tempos vivia separado, alegrou-se muito. Estava, porém, doente e cansado. Fatigadíssimo com a luta empenhada para obter o que se fazia necessário aos cristãos do Oriente, devorado pela febre que não o deixava, faleceu na Flandres, em Dinant, naquele ano mesmo do breve, 1266.

Antes de morrer, solicitou que lhe enterrassem o corpo em Nantilly, onde nascera e fôra batizado.

Em 1614, no dia 2 de dezembro, o corpo foi exumado, na igreja de Nantilly, e muitas curas e favores foram obtidos por sua intercessão.



No mesmo dia, em Milão, São Marolo, bispo e confessor. Originário da Síria, foi amigo do papa Inocêncio I. Sucessor de São Venero na Sé de Milão, faleceu em 423. São Carlos Borromeu fêz-lhe solene translação das relíquias que agora estão na basílica de São Nazário.

Em Corbie, Santa Pusina, virgem (século V-VI). Nascida em Perthes, Champagne, teve seis irmãs que, como ela, são honradas com o título de santas, consagradas que foram ao Senhor. Eram: Ema, Amée, Hoylde, Lutrudes, Frâncula, Libéria e Menehould. O bispo de Châlon-sur-Marne, Alpino, conferiu-lhes o véu das virgens e lhes deu uma regra

de vida. Pusina e as irmãs, vivendo na casa paterna, seguindo a regra do bispo, só depois da morte do pai se separaram. Pusina buscou Corbie, onde faleceu, depois de dolorosa doença.

Em Udine, a bem-aventurada Helena, viúva. Nascida em Udine, aos quinze anos casou-se com Antônio Cavalcanti, nobre senhor de Florença, com o qual viveu por vinte e sete anos. Mãe de numerosos filhos, viúva, consagrou-se a Deus, dando aos pobres tôda a imensa riqueza que lhe deixara o marido. Faleceu em 1458.

Na Sardenha, São Jorge, bispo e confessor. Bispo de Suelli, foi célebre pelos milagres. Faleceu em 1117.

Na Irlanda, Santo Ibar, bispo. Natural de Ulster, teria, antes de São Patrício, evangelizado o sul da ilha. Falecido em 500.



24.º DIA DE ABRIL

SÃO FIDÉLIS DE SIGMARINGA,

Capuchinho e Mártir

São Fidélis, capuchinho e mártir, nasceu no ano de 1577, em Sigmaringa, pequena cidade da Alemanha, na Suábia. Seu pai chamava-se João Rey. Fêz os primeiros estudos na universidade de Friburgo, na Suíça. Aplicou-se sobremaneira à jurisprudência e formou-se doutor em direito. Levou uma vida muito mortificada, não bebendo vinho e trazendo sempre o cilício. As virtudes que praticou, entre outras a modéstia e a doçura, valeram-lhe a estima e a veneração de todos os que o conheceram.

Em 1604, partiu com três jovens gentis-homens, que foram enviados a viajar pelas diferentes partes da Europa. Fidélis procurou principalmente inspirar-lhes os mais vivos sentimentos de religião. Sem cessar, dava-lhes exemplo da piedade mais terna. Não deixava passar nenhuma grande festa sem se aproximar da santa comunhão. Em tôdas as cidades que se encontravam no caminho a ser por êle percorrido, visitava as igrejas e os hospitais e ajudava os pobres, segundo as possibilidades. Chegou até, algumas vêzes, a se despojar das próprias roupas, para vestir os indigentes.

Após essas viagens, obteve em Colmar, na Alsácia, um lugar na magistratura, cargo que exerceu com muito êxito. A justiça e a religião eram a regra invariável de todo o seu modo de agir. Interessava-se vivamente pelos indigentes, fato que lhe valeu o cognome de *advogado dos pobres*. Algumas injustiças que não pôde impedir lhe inspiraram desgôsto pelo cargo que ocupava. Temendo não ter fôrças para resistir às ocasiões de pecados, resolveu abandonar o mundo e retirar-se para o convento dos capuchinhos de Friburgo. Vestiu o hábito no ano de 1612 e recebeu do superior o nome de Fidélis. Deu os bens que possuía à biblioteca e ao seminário do bispo, a fim de poder ajudar os jovens clérigos, que não eram suficientemente favorecidos pela fortuna. Todos os outros bens foram distribuídos entre os pobres.

Desde o momento em que se fêz religioso, não sentiu ardor senão pelas humilhações e austeridades da penitência. Renunciou à própria vontade, para fazer apenas o que os superiores lhe ordenassem. As tentações que o assaltaram não conseguiram desencorajá-lo. Venceu-as, confiando-se ao diretor espiritual, cujos conselhos seguia com docilidade. As mortificações prescritas pela regra não eram suficientes ao fervor que o dominava. No advento, na quaresma e nas vigílias das festas, comia apenas pão, frutas sêcas e tomava água. Nada era capaz de interromper-lhe o recolhimento da alma. Nas orações, pedia sobretudo a graça de não cair nem no pecado nem na tibieza.

Não havia ainda terminado o curso de teologia, e o encarregaram de pregar a palavra de Deus e de ouvir as confissões dos fiéis. Desempenhou

ambos os encargos com grande êxito. Superior do convento de Weltkirch, operou prodígios de conversão nessa cidade e nos lugares vizinhos, descerrando o véu que cobria os olhos aos calvinistas. A notícia dos frutos que acompanhavam seus trabalhos apostólicos chegou até Roma. A congregação da Propaganda, então, o nomeou para ir pregar aos grisões. Foi o primeiro missionário a ser enviado a êsse povo, desde que abraçara o calvinismo. Associaram-lhe oito religiosos de sua ordem, os quais deviam trabalhar sob sua direção. Não se deixou bater nem pelas fadigas nem pelas ameaças que lhe fizeram de lhe tirar a vida. Converteu dois gentis-homens calvinistas, nas primeiras conferências. Em 1622, penetrou no cantão de Prétigout e converteu muitos hereges, fato que se atribuiu menos à palavra que pregou do que ao fervor e à continuidade das orações.

Tantas conversões fizeram com que os calvinistas entrassem em estranho furor, chegando a tomar armas contra o imperador. Resolveram acabar com elas, desfazendo-se daquele que lhes era o principal causador. O santo missionário, informado das decisões, preparou-se para o que desse e viesse. No dia 24 de abril de 1622, confessou-se a um dos companheiros, rezou missa e pregou na aldeia de Gruch. O sermão dêsse dia foi mais ardente do que os anteriores. Predisse sua morte a várias pessoas e, desde então, passou a assinar as cartas da seguinte forma: «Irmão Fidélis, que deve, em breve, ser pasto dos vermes». De Gruch foi pregar em Sevis, onde exortou com veemência os católicos a permanecerem firmemente presos à fé. Um calvinista procurou alve-

já-lo na igreja. Inùtilmente os fiéis lhe rogaram que se retirasse. Respondeu que não temia a morte, que estava pronto a sacrificar a vida pela causa de Deus.

Enquanto o santo retornava a Gruch, caiu nas mãos de uma tropa de soldados calvinistas, que estavam sendo chefiados por um ministro. Trataram-no de sedutor e quiseram forçá-lo a abraçar o calvinismo. «Que me propondes? disse Fidélis. Vim ao vosso meio para refutar erros e não para adotá-los. A doutrina católica é a fé de todos os séculos e não vejo por que renunciá-la. De resto, sabei que não temo em absoluto a morte». Um do grupo o atirou por terra. Levantando-se, pôs-se de joelhos e fêz a seguinte oração: «Senhor, perdoai meus inimigos. Cegos pela paixão, não sabem o que fazem. Senhor Jesus, tende piedade de mim! Santa Maria, mãe de Jesus, assisti-me!» Terminada essa oração, recebeu uma segunda pancada que o atirou ao chão banhado em sangue. O furor dos soldados não se satisfez com isso. Furaram-lhe o corpo com punhaladas e cortaram-lhe a perna esquerda. A bem-aventurada morte aconteceu-lhe em 1622. Estava com quarenta e quatro anos de idade e dez de profissão. Os católicos o enterraram no dia seguinte. Algum tempo depois, os imperiais desfizeram os calvinistas, de acôrdo com uma profecia do santo. O ministro que se colocara à frente dos soldados ficou tão comovido com o fato, que se converteu e abjurou pùblicamente a heresia.

O corpo do santo missionário se encontra na igreja dos capuchinhos de Weltkirch. A perna esquerda e a cabeça, que tinham sido separadas do

tronco, estão na catedral de Coire. A transladação delas se fêz com muita solenidade. Grande número de milagres foi operado por intercessão do servidor de Deus. Foi beatificado por Bento XIII, em 1729, e canonizado por Bento XIV, em 1746. Seu nome foi inscrito no Martirológio Romano, para ser celebrado no dia 24 de abril.

* * *

SÃO DEODATO (*)

Abade e Confessor

Deodato, ou Dié, nasceu em Bourges e foi, primeiramente, monge de Iccium, nas vizinhanças de Chartres, quando do abade Phallier.

Por causa de intrigas levadas a efeito por falsos irmãos, deixou a comunidade, humildemente, e procurou um sacerdote de Bandemire, que lhe indicou, no Blésois, um solitário retiro, uma caverna que era ocupada por um dragão ferocíssimo.

Os dois, juntos, orando e rogando a Deus, conseguiram expulsar o terrível ocupante da caverna, e Deodato ali se fixou. Construiu pequena cela e começou a levar vida contemplativa e de trabalhos manuais, com o que ganhava a subsistência. À contemplação, juntava a oração e a leitura.

Tôda a região edificada, principiou a espalhar as virtudes do Santo. E Clóvis, passando por Chartres, ouvindo falar do solitário confessor, foi pedir-lhe a bênção, antes de uma batalha.

Vitorioso, o rei cumulou-o de favores, cedendo ao homem de Deus um vasto terreno perto da cela.

Discípulos, desejosos de viver sob a conduta de Deodato, foram surgindo, e uma nova comunidade nasceu.

Abade, o Santo foi humilde, trabalhador, zeloso e prestativo. Deus deu-lhe a conhecer a hora e o dia da morte. Assim, quando sentiu chegado o momento, reuniu os irmãos. exortou-os a viverem na perseverança e a consolar o próximo nas aflições.

O ano da morte de São Deodato é incerto. Supõe-se que tenha sido depois de 530.

* * *

SANTO EGUIBERTO (*)

Confessor

Eguiberto foi educado no mosteiro de Lindisfarne, na época dos bispos Finan ou Colman.

Nascido em 639, na Inglaterra, quando moço, com dois companheiros, os irmãos Edilhun e Etelvino, passou a Irlanda, conforme o costume dos jovens inglêses naqueles tempos, que iam, uma vez educados por algum tempo em mosteiros, aperfeiçoar-se em teologia, na ilha.

Eguiberto e os dois amigos fixaram-se no mosteiro de Mellifont. Pouco depois, a peste abatia-se sôbre a região. O jovem, temeroso de ser colhido pelo mal, dirigiu-se, de todo o coração, a Deus, rogando-lhe a vida, em troca do que, para expiar os pecados da mocidade, perpetrados até ali, jamais regressaria à Inglaterra: far-se-ia religioso, todos os dias recitaria o saltério, em ação de graças, e praticaria, cada semana, rigorosamente, o jejum.

Deus ouviu-lhe o pedido, deferiu-o. E Eguiberto cumpriu o voto ao pé da letra, acrescentando àquelas práticas a penitência e as obras de caridade, que fêz a mancheias.

Grande conhecedor das santas Escrituras, recebeu, dos que vinham da Inglaterra especialmente para ouvi-lo, um número incontável de consultas.

Em 716, ia ardendo a dissidência céltica, no que diz respeito à celebração da Páscoa, Eguiberto, em Iona, fêz com que triunfasse a prática romana. Recebido com o maior respeito pelos monges daquela abadia, ali viveu o Santo por treze anos.

Velho, contando noventa anos, faleceu sùbitamente no dia 24 de abril de 729, imediatamente depois de terminar a celebração da missa, no dia mesmo em que se comemora a Páscoa.

Eguiberto, já nos tempos de Alcuino, era venerado como santo.



SÃO GUILHERME FIRMAT (*)

Abade e Confessor

Nascido em Tours no ano de 1026, Guilherme foi cônego de São Venant ao mesmo tempo que exercia a medicina, compatível então com as funções eclesiásticas.

A pouco e pouco, adquiriu fama e grande riqueza. Tentado pelo demônio da cupidez, conseguiu salvar-se com as meditações que fêz sôbre as máximas evangélicas. Pouco depois, abandonando tudo, procurou a tranqüilidade de uma floresta, a de Concisa, perto de Laval, e ali se estabeleceu.

O demônio, todavia, não descansa. Assim, passado certo tempo, jovens libertinos das imediações resolveram tentá-lo. Ligaram-se a uma mulher de má vida e com ela consertaram um plano para levar o Santo à perdição.

A mulher procurou-o e empregou todos os recursos para seduzi-lo: Guilherme agarrou um tição e, com êle, diante da jovem boquiaberta, queimou o próprio braço, apertando furiosamente contra a carne a acha em brasa viva.

— Eis para onde levam os prazeres proibidos, disse êle.

A mulher, tocada, caiu de joelhos, a chorar, e pediu perdão ao santo solitário.

A afluência de visitantes, que lhe vinham solicitar o socorro das orações, levou-o a deixar o retiro. Demandando a Palestina, com a intenção de venerar os santos Lugares, operou prodígios e prodígios para a soltura de prisioneiros. Cativo, por sua vez, carregaram-no de cadeias, bateram-lhe desapiedadamente e o trancafiaram num cárcere imundo, onde ficou por algum tempo.

De volta a França, errou por diversos lugares do Maine. Em Vitré, na Bretanha, um dia, enterrando no chão o bordão que o acompanhava desde a Terra Santa, fêz com que, cristalina, uma fonte surgisse, milagrosamente, fonte que lhe tomou o nome e depois passou ao lugar, como lembrança do prodígio.

Firmat acabou por fixar-se, e de modo definitivo, em Mantilly, onde operou diversos milagres. Os animais submetiam-se-lhe à vontade, e o Santo foi como o oráculo do país: tôda gente, com religioso respeito, ouvia-lhe a palavra, e ao que dizia cumpria com satisfação.

São Guilherme Firmat usou daquela influência para socorrer a pobreza.

Um dia, tendo ido a Mortain, na diocese de Abranches, adoeceu repentinamente e faleceu. Era a 24 de abril de 1103, e foi enterrado na igreja de São Evrould, que, em seguida, tomou-lhe o nome.

Guilherme é padroeiro de Mortain. Quando da Revolução, destruiram-lhe as relíquias. Salvou-se, contudo, a cabeça, que, em magnífico relicário, foi veneradíssima.

São Guilherme Firmat é festejado a 27 de abril em Coutances; em Seez e em Laval a 24 do mesmo mês; e em Tours no dia 28 de fevereiro.



No mesmo dia, em Angere, Santa Maria de Santa Eufrásia Pelletier. Rosa Pelletier, filha de piedoso médico caritativo, nasceu no dia 31 de julho de 1796 em Noirmoutier. Órfã aos dez anos, foi encaminhada às ursulinas, depois a Tours, onde ficou numa comunidade de religiosas que se fundara recentemente. Dali, passou para a congregação do Refúgio ou do Bom Pastor, fundada em 1641 por São João Eudes. Irmã Maria de Santa Eufrásia aplicou-se sobretudo a meditar a Escritura santa. Organizadora das Madalenas, faleceu em 1868; sendo canonizada em 1940 por Pio XII.

Em Elvira, na Espanha, São Gregório, bispo e confessor.

Em Milão, a conversão de Santo Agostinho, bispo de Hipona, confessor e doutor da Igreja. O bem-aventurado Ambrósio, bispo, ensinou-lhe a verdade da fé católica e o batizou neste dia. Foi na noite de 24 para 25 de abril de 387 que Santo Ambrósio batizou Santo Agostinho em Milão. Convém, pois, que êste acontecimento seja mencionado nesta data de 24 de abril, e não a 5 de maio, como se lia no martirológio romano, desde Barônio até 1924.

Em Constantinopla, Santa Isabel, a Taumaturga, abadêssa do mosteiro de São Cosme e São Damião de Constantinopla. Levando vida de grandíssima austeridade, operou milagres sem conta, daí o cognome.

No mesmo dia, em Roma, São Sabas, capitão de uma companhia de soldados. Acusado de visitar os cristãos que tinham sido presos, confessou o nome de Jesus Cristo diante do juiz, que o condenou a ser queimado com tochas ardentes e atirado a uma caldeira cheia de pez fervente, da qual saiu completamente ileso. Tal milagre causou a conversão de setenta pessoas que, persistindo em confessar a fé com constância inabalável, foram mortas a fio de espada. Finalmente, o santo foi atirado ao rio, onde terminou o martírio, em 272.

No mesmo dia, na Nicomédia, os Santos Eusébio, Neão, Leôncio, Longino, e quatro outros, que, depois de terem sido cruelmente torturados, foram mortos pela espada, durante a perseguição de Diocleciano, em 303.

Na Inglaterra, morte de São Melito, bispo, que, enviado para essa ilha pelo papa São Gregório, converteu à fé os saxões orientais e o rei dêstes. Foi o primeiro bispo de Londres.

Em Bressa, Santo Honório, bispo.

Em Reims, as santas virgens Bóvia ou Bona e Doda (ano 650).

* * *

25.º DIA DE ABRIL

SÃO MARCOS (*)

Evangelista.

1.º Século

São Pedro disse, no fim da primeira epístola: «Marcos, meu filho, saúdo-vos». É o evangelista São Marcos, seu discípulo e seu intérprete ou secretário.

São Marcos escreveu o Evangelho a pedido dos fiéis de Roma, que desejavam ter por escrito o que São Pedro lhes havia pregado de viva voz. Por isso seguiu êle mais a ordem das pregações do apóstolo do que a ordem cronológica dos fatos. Deixa em silêncio o que há de mais honroso para o mestre como estas palavras que Jesus Cristo lhe disse: «Tu és feliz, Simão, filho de Jonas», e relata, por outro lado, pormenorizadamente, as três negações.

Vê-se claramente que não foi o espírito do homem que inspirou nem o mestre nem o discípulo. Pedro, sabendo, por revelação, do que se passara, alegrou-se com as aflições dos fiéis e autorizou a leitura do escrito nas igrejas.

Roma era a capital do mundo, em particular do Ocidente. Pedro lá fundou a Igreja romana e assentou-lhe a sede, para, de lá, apascentar os cordeiros e as ovelhas de Jesus Cristo, de sorte que não houvesse por todo o universo senão um rebanho e um só pastor.

Antioquia era a capital do Oriente. Pedro para lá levou a sede.

Alexandria era a capital do Egito e do Sul. Pedro para lá enviou Marcos, seu discípulo, a fim de fundar uma igreja.

Essas três igrejas seriam chamadas patriarcais e apostólicas, por causa da eminente dignidade de Pedro. Isso é tão verdadeiro que, no quinto século, querendo um imperador e um concílio ecumênico obter a dignidade de patriarca para um bispo da nova Roma ou de Constantinopla, dirigiam-se ao sucessor de Pedro, nestes têrmos:

«Dignai-vos espalhar sôbre a Igreja de Constantinopla um raio de vossa primazia apostólica».

O que nos faz ver que, no pensamento da Igreja, o patriarcado não é senão uma decorrência parcial da primazia de São Pedro, cuja plenitude reside na sede de Roma.



Prêso pela fé, São Marcos foi atado com cordas, arrastado sôbre pedras e ferido gravemente. Encerrado numa prisão, ali foi consolado e fortalecido por um anjo. Nosso Senhor mesmo lhe apareceu e o chamou para o reino do céu, no oitavo ano do império de Nero.



João Marcos, ou Marcos, simplesmente, era primo de São Barnabé e filho de Maria, em cuja casa de Jerusalém se reuniam os fiéis, durante a perseguição.

Pedro, libertado da prisão por um anjo «depois de um momento de reflexão, foi à casa de Maria, mãe de João, que tem por sobrenome Marcos, onde estavam muitos reunidos em oração. Tendo êle batido à porta da entrada, uma donzela, chamada Rode, foi escutar; e logo que reconheceu a voz de Pedro, com a alegria, não lhe abriu logo a porta, mas, correndo dentro, deu a nova de que Pedro estava à porta. Êles, porém, disseram-lhe:

«— Estás louca».

«Mas ela afirmava que era assim.

«Êles diziam:

«— É o seu anjo» (1).

«Entretanto, Pedro continuava a bater. Tendo aberto a porta, viram-no, e ficaram estupefatos. Êle, porém, tendo-lhes feito sinal com a mão para que se calassem, contou-lhes de que modo o Senhor o tinha livrado da prisão, e disse:

«— Fazei saber isto a Tiago e aos irmãos».

«E, tendo saído, foi para outra parte.

«Ora, quando foi dia, houve não pequena perturbação entre os soldados, sôbre o que tinha sido feito de Pedro. Herodes, tendo-o mandado buscar, e não o encontrando, feito inquérito a respeito dos guardas, mandou-os conduzir ao suplício, e passando da Judéia a Cesaréia, aí habitou.

(1) O anjo da guarda de São Pedro, que lhe tomara a forma.

«Ora, Herodes estava em conflito com os de Tiro e de Sidônia. Mas êstes, de comum acôrdo, foram ter com êle, e com o favor de Blasto, camareiro do rei, pediram paz, porque das terras do rei é que o seu país recebia a subsistência. No dia marcado, Herodes, vestido de traje real, sentou-se sôbre o trono, e arengava-lhes. E o povo o aplaudia, dizendo:

«— É a voz de um Deus, e não a de um homem!»

«Sùbitamente, porém, o anjo do Senhor o feriu, porque não havia dado glória a Deus; e, roído de vermes, expirou.

«Entretanto, a palavra do Senhor crescia e multiplicava-se. Barnabé e Saulo, tendo concluído o seu ministério, voltaram de Jerusalém, levando consigo João, que tem por sobrenome Marcos» (2)

«Paulo e Barnabé demoraram-se em Antioquia, ensinando e evangelizando com outros muitos a palavra do Senhor. Passados alguns dias, disse Paulo a Barnabé:

«— Tornaremos a ir visitar os irmãos por tôdas as cidades em que temos pregado a palavra do Senhor, para ver em que estado se encontram».

«Barnabé queria levar consigo também João, que tinha por sobrenome Marcos. Paulo. porém, procurava fazer-lhe ver que um homem que se havia separado dêles na Panfília, e não havia ido com êles

(2) Act. 12, 12-25.

àquela obra, não devia ser admitido. E houve tal desacôrdo entre êles, que se separaram um do outro, e Barnabé, levando consigo Marcos, embarcou para Chipre» (3).

* * *



Cátedra de São Marcos, conservada no tesouro da basílica patriarcal em Veneza.

(3) Act. 15, 35-39.

É possível que São Marcos tenha sido batizado por São Pedro, por isso que, como vimos, o príncipe dos apóstolos chama-o **meu filho.**

Posteriormente o segundo evangelista estêve em Roma, ao lado de São Paulo, que naquela cidade, estava prêso. Escrevendo a Timóteo, pedia-lhe que fôsse encontrá-lo o mais breve possível, levando Marcos.

«Apressa-te a vir ter comigo, diz o grande Apóstolo no Epílogo da Segunda Epístola a Timóteo (4). Demas abandonou-me por amor dêste século, e foi para Tessalônica; Crescente foi para a Galácia, Tito para a Dalmácia. Só Lucas (5) está comigo. Toma contigo Marcos e traze-o, porque me é útil para o ministério».

Marcos foi o discípulo predileto de São Pedro e com êle conviveu em Roma. Era tido como seu intérprete e secretário.

Vicente Zioni, na sua Introdução ao Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, editado pela Pia Sociedade de São Paulo, diz:

«Os Padres da Igreja são concordes em afirmar que São Marcos é o autor do segundo Evangelho, sob a orientação de Pedro. Com efeito, Papias escreve:

«Marcos, intérprete de Pedro, escreveu com exatidão, embora sem ordem, tudo quanto lhe vinha à memória das palavras e atos de Jesus, embora jamais tivesse ouvido ou seguido a Cristo, mas ùnicamente como companheiro de Pedro».

---

(4) 4, 9-11.

(5) São Lucas, o terceiro evangelista.

«Marcos, discípulo de Pedro e seu intérprete — diz Irineu — deixou, por escrito, sua pregação».

«São Jerônimo, descendo a mais pormenores, acrescenta:

«Marcos, discípulo de Pedro, estando em Roma, escreveu a pedido dos irmãos, um breve evangelho segundo o que tinha ouvido de Pedro. E Pedro, depois de ouvir êste evangelho, aprovou-o e o deu à Igreja, para que fôsse lido».

«O que dizem os Padres sôbre São Marcos tem sua confirmação no exame do mesmo Evangelho. Neste, com efeito, revela-se um escritor judeu, contemporâneo dos Apóstolos; nota-se grande cópia de minúcias relativas à pessoa de Pedro, nem sempre muito honrosas ao Apóstolo; documentos dirigidos aos gentios, sob a forma de recordações. Até mesmo o estilo escultórico e negligenciado, vivo e eivado de repetições, fala-nos da pregação de Pedro.

«Hoje, porém, não se admite — geralmente falando — que São Marcos não tenha conhecido pessoalmente a Jesus Cristo. Autores há, e não poucos, entre os quais Ambrósio e Crisóstomo, que o identificam com o jovem que fugiu nu, do Jardim de Getsemani.

«A finalidade do segundo Evangelho é demonstrar que Jesus Cristo é Filho de Deus. Esta tese, formada no frontispício do Evangelho (Marc. I, 1) é defendida por meio de argumentos que impressionavam muito os romanos, a saber: o poder extraordinário de Cristo, agindo milagrosamente sôbre o mundo visível e invisível.

«Quanto à época do segundo Evangelho, a Tradição coloca-o entre o de São Mateus e o de São Lucas, donde se infere que tenha sido escrito

entre os anos 40 e 63, quiçá no ano 44, em Roma. provàvelmente.

«Hoje, entretanto, há uma corrente propensa a localizar o Evangelho de São Marcos em primeiro lugar, na ordem cronológica.

«A divisão do Evangelho de São Marcos é muito simples. Depois do preâmbulo (I, 1-13), o evangelista passa a falar do ministério de Cristo na Galiléia (I, 14; VI, 13), com as diversas excursões missionárias a outras regiões (VI, 14; IX). Em seguida, descreve a última subida a Jerusalém; a última ceia (X a XIII); os sofrimentos e a glória de Jesus Cristo (XIV-XVI)».



São Marcos, fundador da Igreja de Alexandria, foi realmente martirizado?

Nenhum Padre da antiguidade, nem mesmo São Jerônimo, no-lo diz. Entretanto, segundo o **Chronicon pascale,** São Marcos teria sido martirizado sob Trajano.

Tillemont, nas **Memórias para a história eclesiástica,** assegura que, embora Eusébio e São Jerônimo silenciem sôbre êste ponto, São Marcos sofreu o martírio, conforme o que dizem suas Atas.

O concílio de Roma, quando de Gelásio, afirma que o segundo evangelista terminou a vida por um glorioso martírio, e Paládio nos ensina que, vindos de bem longe, peregrinos chegavam a Alexandria, para, à beira do túmulo de Marcos, orar ao **mártir.**

As Atas de São Marcos dizem que o evangelista ordenou sòmente três sacerdotes, Mélio, Sabino e

Cerdon, sete diáconos e onze outros personagens para servir de ministros.

Indo a Pentápolis, onde ficou por dois anos, confirmou os fiéis, estabeleceu bispos e outros ministros.

De volta a Alexandria, alegrou-se, vendo que os fiéis haviam aumentado, tanto em número como em fé e em graça. Encorajou-os, então, e por êles rogou a Deus. Em seguida, rumou para Roma, e ali assistiu ao martírio de São Pedro e de São Paulo.

De novo em Alexandria, os pagãos, encolerizados com os milagres que operava e cheios de ódio contra os cristãos, que lhes arrazavam com os ídolos, passaram a espalhar, aos gritos, frenèticamente, que Marcos era mágico.

Um domingo de Páscoa, 24 de abril de 68, quando os pagãos celebravam grande festa em honra de um dos seus ídolos, fanatizados, procuraram São Marcos, prenderam-no, passaram-lhe uma corda ao pescoço e o arrastaram, aos gritos de:

— Levemos êste búfalo a Bucoles!

Bucoles era um lugar pedrento, cheio de agudas rochas, de precipícios, no litoral, ao que parece sítio procurado pelo gado — daí o **búfalo** que lançavam, aos gritos.

A terra e as pedras ficaram tintas do sangue generoso do Santo. E Marcos rendia graças a Deus de ser digno de sofrer por tão santo nome.

Morto o evangelista, os pagãos, não contentes, quiseram queimar-lhe o corpo, mas a terrível tempestade que desabou, obrigou a turba exaltada a se retirar.

* * *

AS GRANDES LITANIAS (*)

Litania quer dizer súplica, à qual está ligada a idéia de sacrifício.

Designava-se sob o nome de litania uma função litúrgica na qual a Igreja e o povo cristão se propunham endereçar uma súplica mais instante num santuário determinado ou, reunindo-se num certo lugar, sair em procissão.

As invocações seriadas, com final suplicante, que se faziam no decorrer das procissões, e a procissão mesma, receberam o nome de litanias.

A denominação **maior** ou **menor**, indicava a solenidade ou a importância que se pretendia dar àquela cerimônia.

Quanto à do dia 25 de abril, recebeu o nome de maior — ou de grandes litanias. O povo dá-lhe o nome de São Marcos, mas deve notar-se que nada tem a ver com a festa do santo evangelista, uma vez que, em Roma, quando a festa de São Marcos era ainda ali desconhecida, celebravam-na já.

Para a Igreja, a litania maior é uma súplica de penitência, em meio mesmo das alegrias pascais. São Gregório, o Grande, explicou-o de modo assás claro no convite que endereçou ao povo:

«Cumpramos esta litania com o coração cheio de devoção, para que mereçamos ser purificados dos

pecados. Convém que nos humilhemos, pois que os males que nos afligem decorrem das nossas transgressões e das nossas ofensas, e são, aos olhos da Providência, um salutar remédio. Durante os santos mistérios, rendamos, pois, graças a Deus por todos os benefícios que nos dá».

* * *

SANTO ANIANO (*)

Bispo

Santo Aniano foi o primeiro discípulo de São Marcos, feito quando o evangelista anunciava a fé do Cristo em Alexandria.

As Atas de São Marcos referem que Aniano, de origem pagã, reduzido à miséria em vista de um naufrágio, fôra recolhido por um sapateiro remendão, o qual lhe deu trabalho.

Quando Marcos chegou a Alexandria, foi levar os sapatos, que requeriam consêrto, ao tal sapateiro remendão, e Aniano, chocado com o clarão que resplandecia no rosto do santo apóstolo, tratando de um dos calçados, confuso, acabou por furar um dos dedos com a sovela.

Deixou, então, escapar, para um pagão, insólito grito:

— Único Deus!

Marcos olhou-o ràpidamente e resolveu instruí-lo na fé, começando por lhe curar o dedo magoado.

Aniano, reconhecido, apresentou o evangelista a tôda a família, que o Santo, solìcitamente, instruindo, batizou.

Aniano foi feito bispo de Alexandria. Crê-se que governou aquela Igreja por dezoito anos e sete meses, depois da morte de São Marcos, e que faleceu no dia 26 de novembro de 86.

O martirológio romano fixou-lhe a festa no dia 24, colocando-a juntamente com a de São Marcos.

* * *

SANTO ESTÊVÃO DE ANTIOQUIA (*)

Bispo e Mártir

Com o favor de Zeno, então conde do Oriente e genro do imperador Leão, Pedro de Foulon, herético eutiquiano, ocupou a Sé de Antioquia. Era em 464, e o imperador, quando o soube, lançou mão de todos os recursos para restabelecer o legítimo bispo, Martírio.

Martírio, todavia, vendo a divisão alastrar-se pelo rebanho, pùblicamente renunciou à dignidade.

Estêvão, um homem de santa vida, foi, então, eleito pelos católicos, e Pedro de Foulon foi expulso da cidade.

Morto o imperador Leão, bem como o enteado, Zeno sucedeu-o. E, não querendo melindrar os fiéis de Antioquia, permitiu que Estêvão continuasse à frente da Igreja.

Basilisco, porém, destronou-o, e obrigou Estêvão a deixar a sede, colocando Pedro de Foulon, novamente, no cargo do qual fôra expulso.

Quase dois anos mais tarde, Zeno apoderou-se do govêrno, e Estêvão foi restabelecido.

Ora, um dia, os eutiquianos, enfurecidos, já que Pedro continuava na cidade e os incitava, resolve-

ram vingar-se. E, entrando na igreja, onde o bispo se encontrava, agarraram-no, atacaram-no duramente e mataram, levando-lhe o corpo para ser atirado no ribeiro do Oronte, o que sucedeu no ano de 479.

* * *

SÃO MACEDÔNIO II DE CONSTANTINOPLA (*)

Bispo

Macedônio, patriarca de Constantinopla, não deve ser confundido com o homônimo, o heresiarca, um de seus predecessores.

Macedônio II, pelo zêlo na defesa da fé e adesão à doutrina do concílio da Calcedônia, foi aquêle que suportou a cólera do imperador Anastácio, que desejava depô-lo, em 510. O clero e o povo, entretanto, reclamaram tão calorosamente, que o príncipe não mais ousou hostilizá-lo, voltando a fazê-lo sòmente um ano depois, quando o exilou, substituindo-o por um intruso, chamado Timóteo.

Macedônio morreu no destêrro, cinco anos depois, isto é, em 516.

* * *

SANTO ERMÍNIO (*)

Abade-Bispo

Ermínio, ou, como querem alguns, Erminão, nasceu em Herly, no país de Laon.

Filho de pais nobres e ricos, foi admitido na escola de Laon, que, naqueles tempos, estava colocada sob a autoridade episcopal de Maldegário.

O bispo, encantado com o jovem, conferiu-lhe as santas ordens, fazendo-o seu capelão e confessor. Com grandes conhecimentos profanos e sagrados, nomeou-o, afinal, cônego da igreja catedral de Nossa Senhora de Laon.

Pouco mais tarde, Ursimer recebia-o em Lobbes, como religioso, e, perto da morte, tal a virtude do discípulo, propô-lo como seu sucessor.

Os religiosos alegraram-se com aquela escolha de Ursimer, que conferiu a Ermínio o caráter episcopal. Ajoelharam-se todos, diante do Santo, e, em seguida, foram instalá-lo no lugar reservado ao abade.

Sábio e prudente, Ermínio foi venerado por tôda a comunidade.

Como bispo regional, percorria tôda a região em que Ursimer já havia espalhado o Evangelho, e, incansável, procurava confirmar a todos aquêles que o predecessor conquistara para o Senhor.

Deus favoreceu-o com o dom da profecia, donde se conta que, uma noite, depois do ofício, Ermínio, segundo soía fazer, ficara só na igreja, para rezar: um sono atroz, embora lutasse para espantá-lo, dominava-o a todo o instante, e o Santo, acabrunhado, só fazia cabecear e assustar-se. Senão quando, naquele combater e sucumbir ao sono, ouviu, distintamente, uma voz que lhe dizia:

— A vitória é de Carlos!

No dia seguinte, Ermínio reuniu os irmãos e falou-lhes do sucesso: soube-se, então, que Carlos Martel se sobrepujara a Ragenfredo, em Vinchy (1).

---

(1) Carlos Martel foi quem impôs a supremacia dos francos aos alemães, aos bávaros e aos turíngios, submetendo borguinhões, provençais e nêustrios. Salvou, principalmente, a civilização cristã ocidental, destroçando, em 732, em Poitiers, os sarracenos. Êstes, depois de conquistarem o Egito e o Norte da África, invadiram a França, depois de terem arrazado com a monarquia visigótica na Espanha. Carlos Martel era filho de Pepino de Heristal, que foi prefeito de palácio, na Austrásia (N. do Atual.).

Santo Ermínio, que faleceu em 737 e foi enterrado ao lado de Ursimer, na igreja da Colina, é considerado o segundo padroeiro de Lobbes.



No mesmo dia da festa de São Marcos, em Agen, São Febade, bispo, originário da Aquitânia, do qual fala São Jerônimo no seu tratado **Dos Homens Ilustres** — cap. CVIII. Faleceu em 393. Em Venarca, diocese de Tolosa, desde 1112, veneram-lhe as relíquias.

Na Irlanda, São Maccaillo, bispo, desaparecido em 498.

Em Lião, São Rústico, bispo e confessor, que acolheu Santo Epifânio de Pávia, quando êste viera das Gálias. Faleceu em 501.

Na diocese de Sens, Santo Haribaldo, bispo e confessor. Primeiramente abade de São Germano de Auxerre, sucedeu o tio Angelelme na sede daquela cidade. Em 829, assistiu ao concílio de Paris. Em 833, compareceu à assembléia de Compiegne, quando Luís, o Piedoso, foi deposto, e, em 34, acompanhou Clotário à Itália. Em 841, transferiu, solenemente, as relíquias de São Germano. Em 857, faleceu.

Em Plaisance, Santa Franca Visalta, virgem. Nascida naquela cidade em 1172, numa ilustre

família, tomou, aos catorze anos, o hábito religioso no mosteiro de São Ciro, onde foi abadêssa. Em 1215, revestindo-se com o hábito cisterciense, foi encarregada do convento de Montelana. Paciente nas doenças, faleceu santamente em 1218. Gregório X aprovou-lhe o culto.

Em Siracusa, os santos mártires Evódio, Hermógenes e Calista, em 304.

Em Antioquia, os santos Filo e Agátopo, diáconos.



26.º DIA DE ABRIL

SÃO PASCÁSIO RADBERTO

Abade de Córbia.

São Pascásio Radberto, que o apóstolo do Norte, Santo Ansgário, teve por mestre no estudo das letras divinas e humanas, fôra educado desde a infância no mosteiro de Nossa Senhora de Soissons, pela caridade dos religiosos, a quem testemunhou reconhecimento durante tôda a vida. Lá foi consagrado a Deus e recebeu a tonsura. Mas, em seguida, voltou ao mundo e viveu durante longo tempo no século. Por fim, retirou-se para o mosteiro de Córbia, sob a direção do abade Santo Adalardo e se aplicou aos estudos com tanto êxito, que foi, depois de algum tempo, encarregado da instrução dos confrades, e nesse mister adquiriu grande reputação. Aprendera muito bem as letras humanas. Mas o estudo a que se dedicava especialmente era a Escritura santa e os escritos dos Padres. Era êle, então, quem explicava à comunidade o Evangelho nos dias solenes. Todavia, não descurou o cumprimento dos deveres da vida monástica. Empregava no estudo apenas o tempo que lhe restava e que podia empregar, tendo por objetivo principal evitar a ociosidade.

Teve vários discípulos em Córbia, entre outros o jovem Adalardo, que dirigiu a abadia; Santo Ansgário, que foi nomeado legado apostólico para o Norte, e arcebispo, de Hamburgo; Hildemann e Odon, ambos bispos de Beauvais, e Varin, abade da Nova Córbia. Radberto trabalhou pessoalmente na fundação dêste mosteiro, e para ali acompanhou no ano de 822 Santo Adalardo e Vala, seu irmão. Em 826, depois da morte de Santo Adalardo, foi deputado pela comunidade da velha Córbia, para obter do imperador Luís a confirmação da eleição de Vala. Nessa ocasião, como um senhor lhe perguntasse por que haviam escolhido um homem tão severo, respondeu que era necessário tomar por guia aquêle que andava à frente dos outros. O imperador Luís enviou-o a Saxônia em 831, aparentemente na ocasião da missão de Santo Ansgário, e o empregou ainda depois em negócios das igrejas e dos mosteiros. Enfim, o abade Vala o estimava tanto, que não fazia quase nada sem êle, nem negócio, nem viagem. Tal era o monge Radberto, que tomou o sobrenome de Pascásio, segundo o costume dos sábios de seu século, de juntar um nome latino ao nome bárbaro.

Pelo ano de 830, escreveu a **Vida de Santo Adalardo**, seu abade, e, no ano seguinte, compôs **seu Tratado do corpo e do sangue do Senhor**, ou da Eucaristia, a pedido do discípulo Varin, com sobrenome de Plácido, que, após haver sido monge da antiga Córbia, tornou-se abade da nova, sucedendo a Santo Adalardo, em 826. São Pascásio expõe em estilo simples a doutrina da Igreja sôbre a eucaristia, tal como os monges da nova Córbia, encarregados da instrução dos neófitos, deviam expô-la; disso vem que compara o que diz sôbre essa matéria ao leite

com que se nutrem as crianças. Se lhe acontece combater qualquer êrro, não é senão a incredulidade dos ignorantes e dos maus católicos, ou qualquer antiga heresia, como a dos milenários; porque nada ainda haviam inovado a êsse respeito; isso não aconteceu senão longo tempo depois. Os Padres, cujo testemunho êle emprega são: São Cipriano, Santo Ambrósio, Santo Hilário, Santo Agostinho, São Crisóstomo, São Jerônimo, São Gregório, Santo Isidoro, Hesíquio e o venerável Beda. De sorte que com a doutrina contemporânea e invariável da Igreja Católica, sua obra apresenta ainda o resumo de tôda a tradição.

Eis como São Pascásio expõe o sumário de cada um de seus vinte e dois capítulos. A comunhão do Cristo é seu verdadeiro corpo e seu verdadeiro sangue. Nenhum fiel deve ignorar êsse mistério. O que são os sacramentos e por que têm êsse nome. Se êsse sacramento místico se opera em figura ou em espécie. Em que os sacrifícios e as figuras da lei antiga diferem do sacramento do corpo e do sangue do Senhor. O que é receber dignamente e para a vida o corpo e o sangue de Cristo. De quantas maneiras se diz corpo de Cristo. Nessa comunhão, recebe-se o julgamento ou a recompensa. Por que é necessário que Cristo, imolado uma vez em realidade, seja imolado cada dia nesse mistério. Por que êsse mistério se celebra no pão e no vinho. Por que se mistura água no cálice. Tem êste mistério algo de mais ou de menos, segundo seja consagrado por um bom ou mau ministro? Por que os sacramentos não mudam em nada a côr nem o sabor. Estas coisas se manifestam freqüentemente sob uma forma visível. Por que palavras se consagra êsse mistério. Se após

a consagração êsse corpo pode ser justamente chamado pão. Se êste tem mais ou menos do que recebeu. Por que êsse mistério é dado aos discípulos antes da paixão. Por que, ao sangue de Cristo, se mistura uma parcela de seu corpo. Por que o mistério da santa comunhão é agora celebrado em jejum, enquanto o Senhor o deu a seus discípulos depois da ceia? Que quer dizer esta palavra do Senhor: não beberei doravante do fruto dessa vinha, até que o beba de novo no reino de meu Pai? Há alguma diferença, quanto a êsse mistério, entre o justo e o penitente?

Nesse importante tratado, São Pascásio Radberto ensina principalmente três coisas: que a eucaristia é o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Jesus Cristo; que a substância do vinho e do pão não mais permanece após a consagração, e que é o mesmo corpo que nasceu da Virgem; o que exprime assim logo no início do livro: «Ainda que a figura do pão e do vinho aqui esteja, não se deve crer outra coisa, após a consagração, que o corpo e o sangue do Cristo. E para dizer algo de mais maravilhoso, não se trata de outra carne que nasceu de Maria, que sofreu sôbre a cruz, que saiu do sepulcro. Disso, infere três conseqüências: que Jesus Cristo é imolado todos os dias verdadeiramente, mas em mistério; que a eucaristia é verdade e figura conjuntamente; que não está sujeita às seqüências da digestão. Estabelece por tôda parte a doutrina da presença real, até dizer que aquêle que nisso não crê, é pior do que um ímpio. (1)

(1) Bibl. PP., XIV. Martenne, Vet. Script., t. IX.

Em 844, já avançado em idade, Pascásio Radberto foi eleito abade de Córbia com a morte de Isaac, sucessor de Vala. Era apenas diácono, e a humildade não lhe permitiu jamais ascender a pôsto mais elevado. A qualidade de abade fê-lo reunir, em 846, o concílio de Paris, que concedeu ao seu mosteiro um privilégio tão glorioso quanto honroso e vantajoso para a comunidade. Êsse privilégio dizia respeito à liberdade das eleições; mas desde que Radberto aceitara o govêrno dessa casa, não encontrava quase tempo para o estudo. Os negócios temporais ora o ocupavam internamente, ora o forçavam a sair. Levantaram-se entre os religiosos algumas discussões literárias; outros encontravam dificuldades em seguir a austeridade da vida de que dava o exemplo. Todos êsses motivos o fizeram tomar a decisão de abdicar e deixar à comunidade a liberdade de escolher outro superior. Muitos monges se opuseram a êsse desejo. Êle lhes deu ouvidos durante algum tempo; mas por fim, demitiu-se do cargo em 854 após tê-lo exercido durante sete anos.

Dedicado a isso mesmo e aos caros livros, que lhe constituíam as principais delícias, não pôde impedir-se de dar mostras públicas da alegria que lhe causava a liberdade. A fim de aproveitá-la, retirou-se por algum tempo ao mosteiro de São Riquier. Lá, reentrando no seio da filosofia, para falar a sua linguagem, retomou os trabalhos literários, continuou as obras interrompidas e compôs novas. De volta a Córbia, continuou os mesmos exercícios, isto é, o estudo e a prática de tôdas as virtudes. Tais foram sempre suas ocupações durante uma longa vida, que terminou, com uma bem-aventurada morte, em 26 de abril, pelo ano de 865. Fêz ver nesse mo-

mento quanto sua humildade era sincera e profunda, proibindo os discípulos de escrever sua vida. Proibição demasiado escrupulosamente observada, que nos teria lançado na ignorância quase total das ações de tão grande homem, sem que nos fornecessem seus próprios escritos. Seu corpo foi inumado na capela de São João, de onde foi transferido, em 1073, para a igreja matriz, pela autoridade da Santa Sé, que, determinada por grande número de milagres na sepultura do piedoso abade, o colocou no número dos santos que a Igreja honra no decorrer do ano. (1)

São Pascásio Radberto foi o imitador dos sábios preconizados no **Eclesiastes**, que, fazendo o estudo do verdadeiro e do concreto, procuraram basear-se nos escritos dos antigos e nos profetas. A Escritura e os Padres foram sempre objeto de sua aplicação; foi nestas fontes que hauriu a doutrina que ensinava aos outros e que nos deixou nos escritos. Nestes, não se encontram conjeturas temerárias, nem opiniões singulares. Não fala senão segundo os livros santos e os doutôres da Igreja mais acreditados. Freqüentemente se exprime com as próprias palavras dêles quando não no-las transcreve, nos transmite o sentido. Aplica-se principalmente na compreensão da letra da Escritura, chamando em socorro as mais antigas versões e algumas vêzes o texto hebraico, dado que tinha estudado as línguas grega e hebraica. Ao sentido da letra, acrescenta ordinàriamente a moral, no desejo de alimentar simultâneamente o espírito e o coração do leitor. Conquanto houvesse aprendido as belas letras, raramente delas faz uso.

---

(1) Acta SS., 26 de abril.

Humilde e sábio, quanto mais brilhava aos olhos dos outros pela erudição, tanto mais se rebaixava aos próprios. Por isso, o título que coloca no cabeçalho de quase tôdas as suas obras: «Pascásio Radberto, o lixo de todos os monges, **monachorum omnium peripsema**;» por isso as disposições tão humildes, que o levavam a julgar-se indigno de explicar as palavras do Evangelho, o que não teria ousado empreender sem o desejo que tinha de progredir mais na virtude do que nas ciências.

Havia no mosteiro de Córbia outro monge célebre, chamado Ratrâmio. De espírito vivo e penetrante, laborioso, demonstrou grandes progressos nos estudos. Dedicou-se tanto às letras humanas como aos estudos eclesiásticos. E em ambos os ramos demonstrou habilidade. Deu atenção particular ao bem escrever, atividade em que alcançou grau elevado. Fizera profissão de vida monástica em época que não sabemos ao certo, ou sob o abade Vala ou sob São Adalardo. A virtude o levou ao sacerdócio. Embora muito estimado do rei Carlos e dos bispos de França, nêle não se vê nem emprêgo nem dignidade. O amor ao estudo fê-lo preferir a obscuridade do claustro a tôda posição de destaque.

Por êsse tempo, surgiu na Alemanha uma discussão a respeito da virgindade e do parto da Mãe de Deus. Alguns diziam que a santa Virgem havia dado à luz de modo comum, com dores e com lesão do hímen; mas que, todavia, sempre permanecera virgem, porque concebera sem a participação de homem algum. E acrescentavam que, se alguém não pensasse como êles, era de se supor que o nascimento de Nosso Senhor não fôsse verdadeiro. Outros se

colocavam no extremo oposto e sustentavam que a santa Virgem não dera à luz nem de modo comum nem pela via normal. São Pascásio escreveu para corrigir os primeiros e refutar-lhes as idéias. Ratrâmnio escreveu para os segundos.

Em dois livros sôbre **O Parto da Virgem,** dirigidos aos religiosos de Soissons, onde fôra educado, São Pascásio faz ver, com apoio nas Escrituras e nos Padres da Igreja, que a santa Virgem deu à luz pela via ordinária, mas não da maneira ordinária, com dores e com lesão da integridade virginal, coisa que teria feito com que ela deixasse de ser virgem. Como Cristo saiu do sepulcro, sem tirar a pedra, sem romper o sêlo; como êle entrou no cenáculo pela porta, estando esta fechada; assim, nasceu de sua mãe. Tal é a doutrina, tais são as palavras mesmas de São Pascásio Radberto, que se apóia particularmente na autoridade de Santo Ambrósio.

Ratrâmnio, por seu turno, demonstra igualmente pela Escritura e pelos Padres da Igreja que o Salvador não teria pròpriamente nascido da Virgem, se não tivesse nascido pela via natural, mas, sim, pelas costas, como se afirma de Buda; ou do cérebro, como Minerva, ou da coxa, como Baco. Ratrâmnio aponta êsses três exemplos. Prova, então, pelas Escrituras e pelos Padres, que o Salvador nasceu da Virgem pela via natural, mas de maneira miraculosa e sobrenatural, sem romper-lhe o sinal da virgindade, assim como entrou pelas portas do cenáculo, sem abri-las, como saiu do sepulcro, sem remover-lhe a pedra e sem romper-lhe o sêlo. Argumentos que Ratrâmnio apresenta, baseado em São Gregório, e desenvolve com muita justeza. Êsse trabalho tem

por título: **Cristo nasceu da Virgem.** É notável pela ordem, pela clareza e elegância. Não se pode escrever melhor.

Vê-se, pois, que Pascásio e Ratrâmnio, ao combaterem dois excessos opostos, mas não se combatendo entre si, concordam de maneira maravilhosa na mesma solução e nos mesmos têrmos. Fleury, que ao invés de esclarecer tal discussão, a torna obscura, se engana completamente quando afirma que Pascásio e Ratrâmnio escreveram um contra o outro. Acrescenta: «Não se vê seqüência à discussão. E melhor seria não suscitar questões inúteis e indecentes. Mas êsses sábios, educados grosseiramente entre os bárbaros, não tinham mais a sabedoria e a discreção dos primeiros doutôres da Igreja». Essa observação de Fleury é tão injusta quanto injuriosa. Os dois escritos de Pascásio e de Ratrâmnio estão plenos de comedimento e de respeito. E há mais. As expressões mais afoitas que nêles se encontram são justamente as buscadas aos primeiros doutôres da Igreja.

O que aconteceu a Pascásio e a Ratrâmnio, a respeito do nascimento do Salvador, aconteceu-lhes a respeito da eucaristia. Acreditou-se que haviam escrito os trabalhos para se combaterem. São escritos sôbre o mesmo tema, mas apresentados sob pontos de vista diferentes, como faz ver a história da Igreja.

* * *

SÃO RICÁRIO (*)

São Ricário viveu nos tempos do rei Dagoberto (1).

Jovem ainda, conheceu dois piedosos homens que vieram da Irlanda, Fricor e Cadoc.

As populações grosseiras e bárbaras de Centula, no Ponthieu, receberam com visível desagrado aquêles dois visitantes, acusando-os de virem roubar-lhe as colheitas. Ricário, impressionado com os dois estranhos, inspirado, tomou-lhes a defesa, livrando-os da fúria do povo. Levou-os a sua casa e ali os hospedou, com grande satisfação.

Fricor e Cadoc (ver 30 de maio), protegidos, renderam graças a Deus, que lhes enviara alma tão caridosa, e, agradecidos, passaram a ensinar o Evangelho ao hospedeiro, que se mostrava ansioso por saber donde vinham êles e o que faziam.

Ouvindo-os com grande atenção, o jovem Ricário, em lágrimas, confessou-lhes todos os pecados, e a partir daquele instante, mudou completamente de vida, tornando-se homem caridoso e penitente, piedoso e austero.

Inflamado, principiou a pregar a palavra de Deus aos conterrâneos, que o ouviam contritos e o

---

(1) O mais notável dos merovingios, que foi Senhor de tôda a Gália (628-638). (N. do Atual).

presenteavam, assegurando-lhe mesmo a subsistência.

Tudo, porém, que Ricário recebia, passava-o imediatamente aos pobres: tomava o necessário para si, e o resto distribuia, nada guardando para o dia seguinte.

São Ricário caracterizou-se pela ternura com que tratava os doentes, os leprosos principalmente, e os desprotegidos da sorte. Onde houvesse alguém sofrendo necessidade, lá estava êle, fazendo todo o possível para minorar o sofrimento do semelhante.

Percorrendo as províncias do Norte, a pregar o Evangelho, o Santo fundou em Centula, perto do lugar onde nascera, uma igreja e um mosteiro, porque, cada vez mais, aumentava o número daqueles que desejavam tê-lo como mestre. No mosteiro, Ricário, de quando em quando, descansava das fadigas das andanças, época em que, com solicitude e humildade, recebia a visita dos senhores, dos poderosos da região.

Certa vez, Dagoberto passou pelo Ponthieu, e, ouvindo falar de Ricário a um rico homem chamado Gislemar, determinou visitar o santo abade. O doce confessor recebeu-o como a todos recebia. E, abençoando o rei, com modesta autoridade, aliada à evangélica liberdade, deu-lhe conselhos que muito raramente ouvia: que não se orgulhasse do poder, porque se o tinha, dêle não vinha, mas de Deus que tudo dá; quanto às riquezas, passageiras como tudo neste mundo, nelas jamais pusesse as esperanças; que se guardasse contra as más línguas, contra os bajuladores; e, falando sôbre os pobres, os órfãos e as viúvas, que não os oprimisse e nem consentisse que outrem o fizesse.



Abadia de São Ricário, junto de Albeville. Segundo um desenho de um manuscrito antigo.

Dagoberto ouviu-o com grande interêsse e bebeu aquelas advertências tôdas, acabando por convidar o Santo para lhe fazer companhia à mesa, na casa de Gislemar.

Ricário aceitou o convite. E, por tôda a caminhada, foi exortando o rei piedosamente. Concebeu Dagoberto por Ricário tal afeição, que lhe deu considerável soma de dinheiro para as lâmpadas da igreja.

Aquela generosidade real contaminou o povo: todos os que iam confessar a Ricário os seus pecados, deixavam-lhe esmolas em abundância.

Com tanto dinheiro, o santo confessor principiou a resgatar os cativos que gemiam na Saxônia, para onde fêz variadas viagens. Comprados os prisioneiros, restituia-lhes a liberdade, uma vez chegados ao Ponthieu.

Sentindo-se cansado, quis retirar-se a uma solidão completa. Gislemar, senhor de muitas e vastas terras, sabedor daquela intenção, e não querendo vê-lo afastado dos seus territórios, construiu-lhe um pequeno abrigo, perto de um calmo regato, nas vizinhanças de Argoules — rudimentar cabana que mais tarde se transformaria na **Cela de Forestmoutier,** duas milhas longe de Centula.

Ricário foi habitar a choça. E deu-se a tal penitência, que ficou reduzido a pele e osso, levando todos os que o viam a dizer, admirados, que não sabiam como, naquele estado, podia viver.

Deus, àquela altura, concedeu-lhe o domínio sôbre a natureza. E os passarinhos da floresta, ariscos, e desconfiados com a simples aproximação do homem, fugindo tão-sòmente ao rumor de passos a esmagar fôlhas sêcas pelos trilhos da mataria, iam, muito afoitamente, descerimoniosamente, comer mi-

galhas da mão do doce abade de olhar doce, ou, pousados na magras pernas, grimpados nos ombros magros, deixavam-se ficar num chilreado sem fim.

Um dos seus biógrafos disse: «Soube por um dos seus discípulos, Sigobardo, que por todos aquêles que rogava, conseguia da bondade de Cristo tudo aquilo que lhe suplicava».

O pai dêsse discípulo Sigobardo, chamado Hermonaldo, homem de imensa simplicidade, concebeu incomum afeição pelo Santo.

Antes de morrer, Ricário chamou Sigobardo e lhe disse:

— Meu filho, sei que meu fim não está longe. Prepara, pois, segundo o costume, o esquife que me encerrará o frágil corpo. Ao mesmo tempo, dispõe-te com o maior cuidado, a fim de que o dia que para mim se aproxima, chegando para ti, encontre-te preparado. Eis que tomo o caminho de tôda a carne: possa o Salvador do mundo ser misericordioso comigo. Que me defenda hoje do inimigo, como outrora me defendeu. E, depois de ter sido o meu consolador nesta vida, na outra seja o meu remunerador.

O discípulo, a estas palavras, rompeu a chorar, e, de coração apertado, pôs-se a cumprir a vontade do mestre amado. Cortou, na floresta, um tronco de árvore e trabalhou-o com copiosas lágrimas a lhe rolar pelas faces.

São Ricário faleceu pouco depois, a 26 de abril de 645.

Cento e cinqüenta anos depois, quando do reinado de Carlos Magno, o abade Angiberto construiu uma grande igreja, e para lá transferiram as relíquias do santo abade, que foram encerradas num

relicário de ouro, ofertado pelo imperador. A tôrre oriental da igreja, e a cúpula, dedicaram-nas a São Ricário.

— — — —

No mesmo dia, São Marcelino, papa e mártir, cuja morte se assinala no dia 25 de outubro de 304. Segundo o **Liber pontificalis,** era romano de origem, filho de Projeto. Sucessor (30 de junho de 296) de São Caio, governou a Igreja por oito anos, três meses e vinte e cinco dias. Diz-nos Eusébio (**Hist. Eccl.**, VII, XXXII) que a perseguição começou no seu tempo, e Marcelino foi personagem que se distinguiu pelo valor. Teodoreto (**Hist. Eccl.**, I, II) também o afirma. Pode considerar-se como verdadeiro o fato do martírio do santo papa, muito embora não se possa assentar que tenha perecido sob os carrascos. Possìvelmente faleceu dos sofrimentos experimentados no cárcere. O corpo foi sepultado no lugar que êle mesmo, de antemão, havia escolhido: na catacumba de Priscila, numa cripta vizinha da do mártir Crescêncio.

Em Siena, a bem-aventurada Alda ou Aldobrandesca, viúva, nascida naquela cidade a 28 de fevereiro de 1249, filha de Pedro Francisco Pônzio e de Inesa Bulgarini. Casada com Bindo Bellanti, homem virtuoso e instruído, que faleceu depois de longa e dolorosa doença. Desejosa de levar vida retirada, solitária, fixou-se numa das propriedades que lhe deixara o espôso, a duas milhas da cidade. Recebeu de Nosso Senhor extraordinárias graças, luzes especiais sôbre os mistérios da Natividade, da Paixão, da Ressurreição e da Ascensão. Faleceu a

26 de abril de 1309, quando, então, muitos milagres foram operados por Deus.

Em Roma, a morte de São Cleto, papa e mártir, que governou a Igreja — o segundo, após São Pedro — e recebeu a coroa do martírio durante a perseguição de Dominiciano (1.º século). Segundo a **Liber pontificalis**, era romano de origem, filho de Emiliano. Nascido no bairro de Patricius, perto da residência do senador Pudens, onde São Pedro habitara. Governou a Igreja por seis anos, um mês e onze dias, durante os reinados de Vespasiano e Tito. Foi enterrado perto do corpo de São Pedro, no Vaticano.

Na Castela, os bem-aventurados Domingos e Gregório, O. P., confessores, dois irmãos que viveram durante os primeiros tempos da ordem (século XIII).

Em Sens, Santo Emmon, bispo, falecido em 675. Dêste prelado se possuem dois privilégios de 660, um em favor de Santa Colomba, outro em favor de São Pedro, o Vivo. Em 668, deu hospitalidade ao monge Adriano, que vinha da Inglaterra com o arcebispo Teodoro.

Na Calábria, os santos Guilherme e Peregrino, confessores. Guilherme, originário de Antioquia da Síria, teve um filho chamado Peregrino, que, tendo feito uma peregrinação a Jerusalém, ali permaneceu para cuidar dos doentes nos hospitais. O pai, que foi procurá-lo, adoeceu e foi conduzido ao hospital mesmo em que o filho se dava aos enfermos. Curado, os dois tornaram a Antioquia, onde se desfizeram dos bens todos que possuíam. Na Itália, levaram vida eremítica, perto de Foggia. Mortos, ambos foram honrados como padroeiros daquela cidade (século XII).

Em Brisgau, São Trudberto, ermitão, mártir. Irlandês de origem, depois de ter ido a Roma em visita ao túmulo dos santos apóstolos, fixou-se em Brisgau, onde a generosidade de um senhor chamado Otberto lhe cedeu um vasto território para viver na solidão, chegando mesmo a lhe dar dois servidores para o ajudar no penoso trabalho de surribar o terreno. Um dos homens, para livrar-se da obrigação, matou-o durante o sono, em 607.

Em Amaséia, no Ponto, São Basílio, bispo, que sofreu uma morte gloriosa sob o imperador Licínio. Lançaram seu corpo ao mar; mas um cristão, chamado Elpidíforo, tendo-o encontrado por revelação de um anjo, foi enterrado com honra.

Em Braga, Portugal, São Pedro, mártir, primeiro bispo dessa cidade.

Em Viena, São Clarêncio, bispo e confessor.

Em Verona, São Lucídio, bispo.

Em Troyes, Santa Exuperância, virgem.

* * *

27.º DIA DE ABRIL

SANTA ZITA DE LUCCA

Serva durante tôda a sua vida

Zita nasceu nos albores do século XIII, de pobres camponeses, no povoado de Monte Segradi, a oito milhas de Lucca. Teve um tio e uma irmã que morreram em odor de santidade. Ela ultrapassou a ambos. Com a idade de doze anos entrou para o serviço de um nobre habitante de Lucca, chamado Fatinelli, cuja casa confinava com a igreja de São Fridiano: ali ela permaneceu, como humilde serva até a morte, perto de cinqüenta anos depois.

Pobre que era, Zita amava os pobres com uma ternura de mãe. O modesto salário, o que recebia por fora, tudo era para êles. Visitava sobretudo os pobres doentes, consolando-os com afeição cordial e privando-se mesmo do necessário para propiciar-lhes qualquer coisa que lhes causasse prazer. Mais de uma vez, Deus pessoalmente veio em socorro da caridade. Um peregrino, ardendo em sêde e calor, pediu-lhe um dia uma esmola. Não tendo absolutamente nada, não sabia o que fazer; sùbitamente lhe disse que esperasse um momento. Encheu de água um vaso e levou-o ao peregrino, fazendo o sinal da

cruz. Tendo-o provado, o peregrino bebeu a largos sorvos: a água fôra transformada no vinho mais delicioso que bebera em tôda a vida. O alimento que lhe cabia na casa, raramente ela o tomava, mas reservava tudo para algum pobre ou doente. Dispunha de um leito conveniente, mas empregava-o para esquentar os pobres; para ela reservava a terra nua ou uma tábua. Tôdas as misérias, corporais ou espirituais, excitavam nela uma comiseração terna. Era costume, quando os magistrados deviam condenar à morte um criminoso, anunciá-lo com o dobrar dos sinos. A êsse sinal a pobre serva se punha em oração, com lágrimas nos olhos, a fim de obter para o infeliz a salvação da alma. Doce, humilde, submissa para com todos, Zita era de coragem intrépida com relação aos libertinos. Um dos domésticos quis atentar-lhe contra o pudor, e ela dilacerou-lhe o rosto com as unhas. Para conservar o precioso tesouro, juntava prece quase contínua ao jejum e à mortificação. Levantava-se à meia-noite, assistia às matinas na igreja vizinha de São Fridiano, e rezava com lágrimas, por si e pelos outros.

Êstes exercícios de piedade e caridade não impediam Zita de servir os patrões com pontualidade humilde e afetuosa. Quando acontecia que se irritassem contra ela ou contra outras pessoas, lançava-se-lhes aos pés, conquanto nenhuma culpa lhe coubesse, pedindo-lhes humildemente perdão. Essa humildade, juntamente com outras virtudes, inspirou-lhes religiosa veneração por ela.

Uma noite de Natal, em que fazia frio rigoroso, Zita dispunha-se a ir às matinas. O patrão lhe disse:

— Como queres correr à igreja num tempo tão frio, a ponto de mal nos podermos abrigar aqui com

tôdas as nossas vestimentas? Tu sobretudo que estás esgotada pelo jejum, vestida tão precàriamente, e que vais sentar sôbre um pavimento de mármore? Ou ficas aqui e faltas às tuas santas orações, ou tomas sôbre os teus ombros o meu manto de peles para te garantir do frio.

Zita, não querendo faltar a um ofício tão solene, partiu com o manto, quando o patrão lhe disse, como que pressentindo o que ia acontecer:

— Toma cuidado, Zita, para não deixares o manto a outrem, para que não sofra eu o prejuízo, e tu, de grave irritação de minha parte.

Ela lhe respondeu:

— Não temais, senhor, vosso manto será bem guardado.

Já dentro da igreja, percebeu um pobre seminu, que tiritava e batia os dentes de frio. Emocionada, Zita aproximou-se e lhe disse:

— Que tendes, meu irmão? De que vos queixais?

Êste, olhando-a com um rosto plácido, estendeu a mão e tocou o manto. Imediatamente Zita tirou-o dos ombros, vestiu o pobre e lhe disse:

— Tomai esta pele para vós, meu irmão, até o fim do ofício, e, então, ma restituireis; não vos afasteis, porque vos levarei para casa e vos esquentarei. Dito isto, foi postar-se à direita, onde de ordinário orava. Após o ofício e quando todos haviam saído, procurou o pobre por tôda parte, dentro e fora da igreja, não o encontrando em lugar algum. Dizia, então, consigo mesma: aonde poderá ter ido? Temo que alguém lhe tenha tomado o manto e que, de vergonha, não ouse apresentar-se. Parecia bastante honesto, e não creio que quisesse roubar o

manto e ir-se embora. Assim desculpava piedosamente o pobre. Por fim, não o tendo encontrado, regressou um pouco envergonhada, esperando sempre que Deus apaziguasse o patrão, ou inspirasse ao pobre para que restituísse o manto. De volta a casa, o patrão disse-lhe palavras sumamente acres, fazendo-lhe vivas censuras. Ela nada respondeu, nem fêz qualquer gesto de impaciência, mas, recomendando-lhe paciência, contou-lhe como a coisa se tinha passado. Percebeu êle, então, como poderia ter sido, mas não deixou de murmurar até o jantar. À hora terceira, eis que sôbre a escada da casa apareceu um pobre que encantava os que o olhavam por causa da expressão prazenteira; trazendo sôbre o braço um manto, devolveu-o a Zita, agradecendo-lhe pelo bem que lhe havia feito. O patrão viu e ouviu o pobre. Começava, bem como Zita, a dirigir-lhe a palavra, quando êste desapareceu como um raio, deixando-lhes nos corações alegria desconhecida e inefável, que os arrebatou longo tempo de admiração.

Quando a bem-aventurada Zita progredira em idade e em perfeição, os nobres a quem servia desde tão longo tempo não mais se permitiram considerá-la uma criada, mas ùnicamente serva de Deus. Deixaram-lhe liberdade para fazer o que quisesse, fornecendo-lhe liberalmente, como a uma filha, tudo o que podia convir-lhe. Zita, que amava a pobreza voluntária, sendo pobre, mais ainda a amava quando podia praticá-la sem qualquer obstáculo. Livre para fazer o que quisesse, não serviu menos humildemente, nem menos afetuosamente os patrões; nem os achaques da velhice, nem a fraqueza do sexo lhe diminuíram o fervor e as austeridades. Deus, que a havia cumulado de tantos favores desde os mais

verdes anos da vida, cumulou-a ainda mais quando o fim se aproximou. Ao delinear-se o fim, mais ela se desprendeu da terra e aspirou ao céu. No ano de 1272 da era cristã, em 27 de abril, numa sexta-feira, às três horas, munida dos sacramentos da Igreja, e rodeada de piedosas mulheres, sem qualquer sinal de dor nem de agonia, os olhos levantados aos céus e as mãos postas, passou dêste mundo para o outro.

Uma estrêla brilhante apareceu sôbre a cidade de Luca, à vista de todos. A claridade era tal, que não se eclipsava com a claridade das outras estrêlas, nem com a claridade do sol. As crianças, sem que ninguém lhes houvesse transmitido a notícia, puseram-se a gritar incessantemente nas praças e ruas:

— Vamos, corramos à igreja de São Fridiano, porque Zita, a santa, morreu!

A família dos Fatinelli preparou funerais adequados. Todos, à porfia, se empenhavam em tocar o corpo da serva de Deus. Durante muitos dias, foi impossível ao clero celebrar o ofício fúnebre, impossível proceder à sepultação: noite e dia, uma multidão inumerável de estrangeiros, de tôdas as idades e de ambos os sexos encheu a igreja, o claustro e as praças adjacentes. O povo se acotovelava em tôrno do santo corpo; cada qual queria obter relíquias das vestes, a ponto de terem tomado o cuidado de renová-las de tempos em tempos. Assim mesmo várias vêzes ficou seminua. Para que o santo corpo não fôsse feito em pedaços e para conter a multidão, homens piedosos e decididos, seja por um pretexto, seja por outro, transportaram-no para o recinto do côro, no claustro, para o capítulo, para o refeitório, para o quarto de hóspedes e para outros lugares do mosteiro, encerrando-a em caixas de madeira. Mas

a multidão penetrava por tôda parte e, de uma feita, chegaram a quebrar as caixas.

Milagres sem conta aumentaram a devoção. Os cegos viam, os surdos ouviam, os coxos andavam, os mudos falavam, os doentes eram curados. Enfim o prior do mosteiro, a conselho de pessoas sábias, particularmente dos irmãos pregadores e Menores, encerrou o santo corpo num sarcófago de pedra. Mas após alguns dias, dêle saiu um líquido que não cessava de operar milagres. Para testemunhá-lo, ocorreram à tumba da santa, cardeais, arcebispos, bispos, príncipes, barões, cavaleiros de tôdas as partes do mundo. Cento e cinqüenta dêsses milagres foram examinados e provados juridicamente. Não citaremos senão um.

Em 23 de fevereiro de 1300, prenderam em Cápua um jovem rapaz chamado Checo, com um tal Martin, os quais procuravam vender uma mula no mercado. Esta mula foi reconhecida e reclamada por um habitante de Sulmona, que acusava Checo e Martin de a terem roubado. Um e outro foram presos. O hoteleiro, junto ao qual estavam alojados, trouxe aos juízes duas botas, nas quais se encontravam sete chaves que Checo lhe havia remetido. Os dois indivíduos, assim suspeitos, foram submetidos a interrogatório. Martin confessou que havia roubado a mula e cometido muitos outros crimes. Checo sustentou que não era culpado; mas, em seguida, vencido pelos tormentos, confessou que havia ajudado Martin em tudo o que acabava de confessar ter cometido. Ambos foram condenados à fôrca. A execução se deu no último dia de fevereiro. Dois guardas permaneceram junto ao patíbulo, da manhã

até à noite. Quando regressavam às suas casas, viram um dos enforcados que os seguia dizendo:

— «Santa Zita, auxiliai-me!», tendo ainda as mãos algemadas e um pedaço de corda ao pescoço. Os guardas, amedrontados, apossaram-se de Checo e o levaram ao juiz. Interrogado sôbre o que poderia ser, e sôbre quem havia cortado a corda, respondeu:

— Certa dama me apareceu, susteve-me pelos pés enquanto os guardas estiveram junto de mim; mas, quando se voltaram, a dama cortou a corda, e me disse:

— Vai embora, vai!

Não apresentava ferimento senão nas pernas que estavam inchadas e negras de sangue. E dizia que o soltassem, por temor de Deus e da bem-aventurada Zita, porque queria ir a Luca, apresentar-se à igreja da santa. O juiz quis restituir-lhe as vestes, mas Checo recusou-as, e disse que queria ir a Luca tal como descera do patíbulo, com a corda ao pescoço e as chaves que lhe haviam atado. Os dois guardas, em presença do juiz e de várias testemunhas, prestaram juramento, sôbre os evangelhos, que haviam montado guarda aos dois enforcados da manhã à tarde; e foi lavrada a ata.

Em 25 de março do mesmo ano, Checo chegou a Luca, apresentou ao prior de santa Zita a referida ata, com as chaves e o pedaço de corda, depositou tudo no mosteiro em presença de várias testemunhas, diante dos quais assegurou várias vêzes, com juramento, a verdade do que acabava de ser dito, mostrando como prova as pernas inchadas e negras. E afirmou que encontrara o dito Martin no caminho, sem saber que se tratava de um ladrão, nem que a

mula fôra roubada; que fôra a seu pedido que levara as botas e as chaves, e à sua ordem que as entregara ao hoteleiro, que, para recuperar o dinheiro despendido por êle e por Martin, e a pedido dêste, o ajudara a vender a mula. Em seguida lhe acontecera tudo o que vinha lavrado na ata. (1)

A república e a cidade de Luca tomaram como padroeira Santa Zita, a pobre serva, como Paris tomou como padroeira uma humilde pastôra, e Madri, como padroeiro, um pobre operário. Santa Zita é honrada no dia 27 de abril.

* * *

(1) Acta SS., 27 de abril.

SANTO ÂNTIMO (*)

Bispo e Mártir

Santo Ântimo, ordenado padre, sucedeu, como bispo, a Cirilo. Nascido em Nicomédia, foi designado para aquêle cargo pelo desejo unânime de todos os cristãos.

Quando principiou a perseguição de Diocleciano, em 303, perseguição que visava principalmente os bispos, Ântimo, muito instado por todos, resolveu deixar a cidade, indo esconder-se em Temana, vizinha aldeola da Nicomédia.

Foi, porém, descoberto. E quando os soldados chegaram, procurando por êle, como não o conhecessem, Ântimo preparou-lhes lauta refeição e serviu-os humildemente, porque vinham cansados e famintos. Findo o que, disse-lhes:

— Eu sou aquêle que buscais.

Os soldados, confusos, hesitantes, não sabiam que dizer nem fazer. Afinal, levaram o santo bispo.

Ântimo confessou a fé e foi condenado a ter a cabeça cortada. Eusébio (1) conta que grande nú-

---

(1) **Hist. Eccl.**, L. VIII, c. IV e VI.

mero de pessoas o acompanhou no martírio, morrendo pelo fogo homens e mulheres.

O culto de Ântimo aumentou com o transcorrer dos tempos. Justiniano dedicou-lhe uma basílica perto de Constantinopla. Em honra do santo bispo mártir, erigiram-se vários santuários na Itália, e, nos arrabaldes de Roma, havia um oratório colocado sob sua invocação.

* * *

BEM-AVENTURADO PEDRO ARMENGOL (*)

Confessor

Nascido em 1238, em Terragona, Pedro, da família dos condes de Urgel, recebeu esmerada educação. Moço, deixou os seus e se deu a uma vida de excessos e de correrias: feito chefe de um bando de ladrões, percorria as montanhas e assaltava viajantes, quando não os matava.

Um dia, refletindo na vida que levava, amedrontou-se, e, arrependido, foi procurar um religioso de Nossa Senhora das Mercês. Atirou-se-lhe aos pés, confessou os crimes todos que perpetrara e discorreu sôbre os terrores que lhe assaltavam o coração.

O religioso, que o ouviu, comovido, era o sucessor de São Pedro Nolasco, Guilherme de Bas. Reconhecendo a sinceridade daquele arrependimento, encaminhou-o ao noviciado de Barcelona. Pedro Armengol contava, então, dezenove anos.

Em 1258, depois de um ano de penitência, o confessor recebeu o hábito da ordem.

Logo os superiores uniram-no aos religiosos que iam trabalhar na redenção dos cativos. Pedro prin-

cipiou pelos reinos de Granada e de Múrcia, onde o zêlo, a doçura, a prudência e a caridade levaram o superior da ordem a enviá-lo a Alger.

Ali, naquele áspero norte africano, Armengol trabalhou diligente e duramente, tanto que, no espaço de dois meses, resgatou trezentos e quarenta e seis escravos, aos quais encaminhou para a Espanha. Pouco mais tarde, restituia a liberdade a um dos irmãos prêso como refém e abria as portas das senzalas para cento e dezenove cristãos que gemiam na servidão mais deprimente.

Estava, então, em Bugia, e preparava-se para partir, de volta à pátria, quando soube que dezoito jovenzinhos cristãos, nas casas dos senhores, jaziam expostos à depravação, prestes a perder a fé.

Imediatamente desfez os planos que tinha e foi procurá-los, exortando-os a permanecer firmes na crença. Vendo grandes possibilidades de resgatá-los, buscou os senhores, que acordaram em lhes dar a liberdade mediante trinta mil ducados.

Pedro suspirou. Onde, o dinheiro? Suspirou, mas não desanimou.

Com um brilho nos olhos, propôs aos senhores que o tomassem como refém, até que o religioso que com êle ia conduzir os outros resgatados lhe enviasse a soma combinada.

A proposta foi aceita e tudo se acomodou.

Durante aquêle voluntário aprisionamento, Armengol encontrou, para gáudio da alma, variadas oportunidades para exercer a caridade, a rainha das virtudes: exortava os escravos cristãos a permanecerem fiéis a Deus, consolava-os nas aflições e os encorajava com a esperança de próximos e melhores dias.

O que mais lhe encheu de gôzo a grande alma foi a conversão de inúmeros mouros, aos quais, emocionado, porque os encaminhava a Jesus Cristo, batizou.

Ora, os sectários de Maomé, diante daquele apostolado, conseguiram apossar-se dêle e o atiraram à negra prisão, para que ali, sem ninguém, sem qualquer socorro, morresse de fome: é que os trinta mil ducados tardavam, e os turcos que haviam aceito a proposição de Armengol se impacientaram, e, da impaciência, num átimo, passaram à desconfiança: não seria o religioso um espião enviado por reis cristãos, com o fim de estudar em que estado se encontrava o país?

Pedro Armengol, não demorou muito, foi conduzido à fôrca, e, uma vez morto, no patíbulo teve que permanecer, a servir de pasto às aves de prêsa.

Seis dias depois da injusta execução, Guilherme Florentino, o religioso que fôra incumbido de levar os resgatados à Espanha e de conseguir o dinheiro que traria liberdade ao refém, chegou. E, quando soube do sucedido, pôs-se a chorar, desesperadamente. Correu ao lugar do suplício, com o coração aos saltos, e, quando viu o companheiro pendendo da fôrca, mais soluçante se tornou.

A Guilherme Florentino estava, porém, reservada incrível surprêsa: ouviu uma voz que lhe disse:

— Irmão, não chores, eu vivo sustentado pela santíssima Virgem, que me assistiu durante os dias passados!

Guilherme pasmou. E uma alegria como jamais sentira igual, fê-lo correr, trêmulamente, para o cadafalso, donde desceu o corpo do amigo que a Virgem Santíssima salvara da morte.

O sucesso correu pela cidade e pelas vizinhanças com uma rapidez incrível. È o divã, admiradíssimo, quis pormenores do prodígio.

Ao par de tôda a trama, proibiu que se desse aos maus senhores o dinheiro vindo da Espanha, e ordenou que o usassem para resgatar outros escravos.

Pedro Armengol, Guilherme Florentino e vinte e seis novos escravos, partiam, dias depois, para a Espanha.

Desde que o companheiro o descera da fôrca, em Pedro se conservou, para sempre, os sinais do suplício: trazia o pescoço torto e no rosto uma palidez mortal — porque Deus quis, assim, atestar a realidade do milagre.

Cheio de reconhecimento para com a Virgem, o confessor retirou-se a um solitário convento dedicado a Nossa Senhora dos Prados, onde viveu em contínua oração, em ininterrupta penitência — não se alimentando senão de pão e água.

A reputação de santo atraia-lhe visitas sôbre visitas, que Pedro recebia bondosamente. E aos que eram doentes, exortava-os a ter confiança em Deus, e os curava.

Quando os irmãos lhe lembravam o suplício por que passara, Armengol dizia:

— Crede-me, os únicos dias felizes que penso ter tido, foram aquêles que passei suspenso da fôrca, porque então estava bem morto para o mundo.

Muitos dias antes de expirar, predisse a morte. Doente de grave moléstia, entregou a Deus a alma, enquanto exclamava:

— Agradarei o Senhor na terra dos vivos!

Era no dia 27 de abril do ano de 1304, e muitos milagres, operados por sua intercessão, contribuíram para que se lhe rendesse um culto público, culto que foi aprovado em 1686 pelo papa Inocêncio XI. Bento XIV inseriu-lhe o nome no martirológio romano.



No mesmo dia, em Luca, Santo Antônio, confessor, no 1.º século, nos tempos de Nero. Viveu retirado na região de Luca, pregando o Evangelho. Batizou São Torpésio e recolheu o corpo de São Paulino, primeiro bispo de Luca.

Entre os gregos, São Lolião, o Jovem, mártir, provàvelmente nos tempos da perseguição iconoclasta (século VIII-IX).

Na Betsaida, Santo Eulógio, cognominado o Hospitaleiro. Da Palestina, donde era natural, transportaram-lhe as relíquias para a igreja de São Mócius de Constantinopla, onde é venerado (época imprecisa).

Na diocese de Limoges, os Santos Alpiniano e Austricliniano, confessores (século III). Dois colaboradores de São Marcial na evangelização do país.

Em Altino, São Liberal, confessor, convertido por Heliodoro, bispo de Altino. Opondo-se destemerosamente aos arianos, sofreu contínuas perseguições. Faleceu a 27 de abril de 400 e foi enterrado em Altino, depois transferido para Trevisa, cidade que o tem como padroeiro.

Na diocese do Mans, o bem-aventurado Adelermo, confessor, nascido na Flandres em fins do

século X. Fixando-se na floresta de Charnie, fundou os mosteiros de Etival e de São Nicolau, para homens, e de Nossa Senhora, para mulheres. Faleceu em 1152, sendo enterrado na igreja de Etival.

Em Apulia, o bem-aventurado Tiago da Ilíria, confessor, pertencente à ordem de São Francisco de Assis, como irmão leigo. Distinguiu-se pela pureza e modéstia, e, à medida que crescia em perfeição, mais e mais humilde se tornava. Venerado em vida pelos contemporâneos, porque Deus lhe permitiu operar prodígios. Faleceu calmamente no dia 27 de abril de 1485, sendo enterrado no convento de São Francisco de Bitetto, em Apulia. Cem anos depois, aberto o túmulo em que jazia, encontraram-no perfeitamente incorrupto. Assim, está exposto à veneração dos fiéis, que têm obtido inúmeros milagres por sua intercessão. Inocêncio XII aprovou-lhe o culto.

Em Tarso, na Cilícia, os Santos Castor e Estêvão, mártires.

Em Roma, morte de Santo Anastácio, papa, homem paupérrimo em meio à opulência, e de uma vigilância verdadeiramente apostólica, que Roma, diz São Jerônimo, não merecia possuir longamente, para que a capital do mundo não se arruinasse sob tal pontífice; porque, pouco tempo após sua morte, a cidade foi tomada e saqueada pelos gôdos.

Em Bolonha, São Tertuliano, bispo e confessor.

Em Bréscia, São Teófilo, bispo.

Em Constantinopla, São João, abade, que combateu muito sob Leão o Isauriano pelo culto das santas imagens.

Em Lima, no reino do Peru, São Turibe, arcebispo, cuja festa se celebra em 23 de março.

* * *

28.º DIA DE ABRIL

O BEM-AVENTURADO AGOSTINHO

Da ordem dos eremitas de Santo Agostinho

Uma ordem religiosa, que produziu muitos santos pelo fim do século XIII, foram os eremitas de Santo Agostinho. Eis como descobriram o principal dentre êles.

Os irmãos do convento de Rosia, na Toscana, tinham um processo em curso em Roma, por certo patrimônio que estavam prestes a perder, e que contribuía grandemente à subsistência da casa. Entre êles havia um frade leigo, chegado havia pouco e chamado Agostinho, que se ocupava dos mais humildes misteres, não se acreditando capaz de melhores. Irmão Agostinho, vendo os outros perturbados pelo processo, e sabendo que no fundo se perpetrava contra êles grave injustiça, foi encontrar o procurador, e lhe pediu em segrêdo papel e tinta para escrever. O procurador ria-se dêle, nem o acreditando capaz de ler; todavia, como perseverasse no pedido, deu-lhe papel, tinta e uma pena. Irmão Agostinho escreveu um memorial curto e sólido, que, tendo chegado às mãos do procurador da parte adversa, mereceu dêste as seguintes palavras:

— Aquêle que escreveu êste memorial é um demônio, ou um anjo, ou o Senhor Mateus de Termes, com o qual estudei em Bolonha, e que morreu na batalha do rei Manfredo.

Quis ver o autor do memorial, e, tendo-o reconhecido, comovido com sua humildade, abraçou-o ternamente, e não pôde reter as lágrimas. Irmão Agostinho pediu-lhe que não lhe perturbasse o repouso, tornando-o conhecido; mas êle não conseguiu decidir-se a isso e disse aos agostinianos:

— Tendes aí um tesouro escondido: êste é o mais excelente homem do mundo; tratai-o como merece; e, de resto, ganhastes vossa causa.

Começaram então a respeitá-lo; mas êle rejeitava tôdas as honras, e continuava em suas práticas de humildade.

O humilde irmão era, com efeito, o senhor Mateus de Termes, nascido perto de Palermo na Sicília, de família nobre, originário de Catalunha. Fizeram-no estudar desde a infância, e em seguida foi à Bolonha, onde, poucos anos após, se formou doutor e professor de direito civil e canônico. Depois disso, voltou à Sicília, onde sua reputação o fêz conhecer Manfredo, que ali reinava, de sorte que êste o fêz juiz perpétuo de sua côrte e principal ministro de Estado. Nesse alto cargo, conservou grande pureza de costumes e uma perfeita integridade na administração da justiça. Acompanhou Manfredo à batalha de Benevento, onde o príncipe pereceu; e como Mateus desaparecera desde então, criam-no morto na ocasião; mas o temor da morte o havia feito fugir e voltar à Sicília.

Ali foi atacado por uma moléstia tão violenta, que se creu prestes a morrer; temendo o julgamento

de Deus, prometeu, se voltasse a viver, entrar imediatamente para uma ordem religiosa para ali fazer penitência. Uma vez curado e querendo cumprir seu voto, resolveu entrar para a ordem de São Domingos, e enviou dois de seus criados para que lhe trouxessem frades desta ordem; mas êstes se eqüivocaram até três vêzes, trazendo-lhe sempre agostinianos. Por fim, julgou que Deus o chamava para viver com êstes últimos; manifestou-lhes o seu desejo e tomou o hábito. Mas não lhes deu a conhecer quem era: escondeu o nascimento, a ciência, os grandes empregos; mudou o nome para o de Agostinho, e se comportou como o menor dos irmãos. Ia pedir esmolas, lavava os pratos e prestava à casa os mais humildes serviços. Observava uma exata pobreza, contentando-se com o alimento mais grosseiro, e não comendo senão uma vez ao dia.

Tendo permanecido algum tempo na Sicília, soube que na Toscana, e perto de Siena, havia um convento da ordem num local muito solitário, dedicado a Santa Bárbara. Para ali foi, com permissão de seu superior, e viveu desconhecido, e praticando, como de costume, os exercícios mais humilhantes. De lá seu superior o levou ao convento de Rosia, onde foi reconhecido da maneira que acabamos de ver.

O bem-aventurado Clemente de Osimo, que governava nesta época a ordem dos eremitas de Santo Agostinho, tendo vindo havia pouco a Siena, ouvindo quem era êste frade Agostinho, escolheu-o para companheiro, conduzindo-o a Roma, e obrigando-o, malgrado a resistência, a receber as ordens sacras. As constituições da congregação que o bem-aventurado Clemente governava, necessitavam

ser revistas e colocadas em melhor ordem; tomou o seu novo companheiro por colaborador neste importante trabalho. O papa Nicolau IV ocupava então a Santa Sé; pediu ao geral dos agostinianos um religioso capaz de atender as confissões da côrte pontifical. O bem-aventurado Clemente trouxe-lhe em meio ao consistório o irmão Agostinho; os cardeais, vendo a pobreza de hábito e a austeridade do rosto, perguntaram de que floresta o haviam tirado. Êle encontrou-se aos pés do soberano Pontífice, sem saber de que se tratava; mas, vendo que o Pontífice lhe impunha as mãos para fazê-lo seu confessor e lhe dar o cargo de penitenciário, chorou tão amargamente que as lágrimas assomaram aos olhos do papa e dos cardeais. À medida em que o iam conhecendo, concebiam por êle profunda afeição e respeito. Desempenhou durante vinte e dois anos o cargo de penitenciário, mas tendo sempre a mente na querida solidão. Seu zêlo pela justiça o levava a usar algumas vêzes, para com o papa e os cardeais, não sòmente orações, mas também reprimendas; e êles o escutavam pacientemente, tanto o veneravam; porque os seus conselhos eram recebidos como vindos do céu.

O capítulo geral dos agostinianos reuniu-se em 1298 na cidade de Milão e o santo religioso, conquanto ausente, foi escolhido unânimemente por seus irmãos para governar a congregação. Em vão quis êste recusar o fardo que lhe haviam impôsto; o papa Bonifácio VIII, que reinava então, ordenou-lhe concordasse com a eleição. Agostinho, tornado superior geral, mostrou-se digno da alta função de que estava revestido, contra a sua vontade, e governou a ordem com muita humildade, firmeza, zêlo e cari-

dade; mas o tempo de seu govêrno não foi longo. Ao cabo de dois anos, no capítulo de Nápoles, demitiu-se do cargo, malgrado os insistentes pedidos que os religiosos fizeram para que permanecesse por mais tempo à sua frente. Livre para seguir a atração pela vida solitária, retirou-se com alguns de seus confrades para a ermida de São Leonardo, perto da cidade de Siena, a fim de dedicar-se ùnicamente à contemplação. Sua estadia nesse lugar foi uma fonte de bênçãos para os habitantes de Siena. Enfim, depois de passados dez anos na ermida de São Leonardo, o bem-aventurado Agostinho foi advertido de que sua peregrinação na terra terminaria breve; com efeito, caiu gravemente enfêrmo, e recebeu com terna piedade os sacramentos da Igreja. Entregou a alma a Deus em 19 de maio de 1309. Vários milagres operados à sua tumba e pela intercessão sua levavam os fiéis a honrá-lo como santo. O culto que lhe prestavam, desde tempos imemoriais, foi autorizado pelo papa Clemente XIII, em 11 de julho de 1759. (1)

* * *

(1) Godescardo, e Acta SS., 28 de abril.

SÃO MARCOS, O GALILEU (*)

Bispo e Mártir

Marcos viveu no 1.º século, tendo sido convertido por São Pedro. Um dos primeiros discípulos do Príncipe dos Apóstolos, Marcos, o Galileu, depois do martírio do mestre, percorreu inúmeras regiões do Lácio, onde, com grande ardor e eloqüência, pregou a palavra de Jesus Cristo.

Em Altino, no ano 96, foi aprisionado e remetido a Máximo, o prefeito, que procurou levá-lo a adorar os deuses, em vão. Foi, assim, São Marcos, condenado à morte. É o que reza um manuscrito que se supõe seja do século V.

No mesmo manuscrito, vem assinalado que o **Galileu** foi morto pelos pagãos, que lhe pregaram dois grossos cravos na cabeça. São Marcos pereceu de olhos voltados para o céu e a orar sem cessar.

Quase imediatamente depois do suplício, ergueram uma igreja sôbre a tumba do santo mártir, igreja que, ao embate do tempo, arruinou-se; daí perder-se todos os traços dos restos do discípulo de São Pedro. Foram, porém, miraculosamente, descobertos em 1046, no dia 17 de julho. Tomado com tôda a veneração, transportaram-nos para a catedral de Altino.

* * *

SÃO VIDAL E SANTA VALÉRIA (*)

Mártires

Vidal, que foi personagem consular, serviu nos exércitos com distinção. Feito assistente do juiz Paulino, acompanhou-o a Ravena.

Um dia, um cristão chamado Ursicino, médico, depois de imensos suplícios experimentados no tribunal, foi condenado a ter a cabeça cortada. Ora, êste cristão, à última hora, amedrontado, estava resolvido a apostatar, quando Vidal, aproximando-se dêle, inflamado, animou-o a consumir-se no martírio. Morto Ursicino, Vidal, cuidadosamente, enterrou-lhe o corpo com honras.

Paulino, sabedor do sucedido, mandou prendê-lo, e, sem delongas, estendeu-o no cavalete, ordenando que o conduzissem ao lugar da execução de Ursicino, e ali, vivo, metessem-no num profundo buraco, ao qual deviam fechar com pedras e areia.

A ordem, que fôra sugerida por um sacerdote de Apolo, foi cumprida **in extenso**, mas o servidor de Apolo, durante sete dias, tomado pelo demônio, não cessou de gritar:

— Tu me queimas, Vidal, santo mártir de Cristo, tu me dilaceras em terríveis suplícios!

— — — —



Interior da Igreja de São Vidal, em Ravena. Século IV.

Depois da morte de Vidal, a espôsa, Valéria, deixou Ravena e foi para Milão, onde, com o marido, vivera feliz.

Era pela festa do deus Silvano, e alguns idólatras, reconhecendo-a, pararam o carro que a conduzia para casa. Obrigaram-na, então, a tomar parte nos festins que se desenrolavam, barulhentos.

— Eu sou cristã! respondeu-lhes Valéria com firmeza.

Diante daquela afirmativa tão destemerosa, agarraram-na brutalmente e lhe bateram com tal crueldade, que os servidores que a acompanhavam, uma vez afastados os ímpios, levaram-na semimorta para os seus.

Valéria não se refez, e, assim, piorando cada vez mais, expirou, três dias depois da festa do deus pagão.



Os que querem que São Vidal e Santa Valéria sejam os pais de São Gervásio e São Protásio, situam-lhes o martírio sob Nero, no 1.º século. Barônio, e outros mais, dão-nos quando de Marco Aurélio, no ano 171.

São Vidal foi um dos padroeiros de Ravena.

* * *

SÃO POLIÃO (*)

Mártir

Depois dos editos de perseguição de Diocleciano e de Maximiano, o prefeito Probo, governador de Sirmium, foi incumbido de executá-los. Foram mortos, a seu mandado, Montanus, sacerdote da igreja de Singidon, na Panônia, e Irineu, sacerdote da igreja de Sirmium.

Em Cybales, terra natal do cristianíssimo imperador Valentiniano, Probo, em 304, interrogou Polião, que era leitor, conhecido pelo zêlo, piedade e vida reta.

Era no dia do aniversário do martírio de Eusébio, bispo daquela cidade. Denunciado por ter blasfemado contra os deuses e os imperadores, Polião, tendo declinado o nome e a qualidade de cristão, passou a ouvir o que Probo começou por dizer, finalizando com palavras que diziam respeito aos leitores:

— Eu percebo, és dos que inspiram no espírito das mulheres o horror ao casamento e o amor a uma vã castidade.

Polião respondeu:

— Tu poderás conhecer hoje se nós somos levianos e vãos. Vãos e levianos são os que abandonam o Criador para abraçar superstições. Nós, os

que nos esforçamos por cumprir, apesar dos tormentos, os mandamentos do Rei eterno, mostramos fé e constância.

Probo:

— De que mandamento e de que rei tu queres falar?

Polião:

— Dos piedosos e santos mandamentos do Cristo rei: saber que há um só Deus no céu; que paus e pedras não podem ser chamados deuses; que se faz mister apaziguar querelantes; que as virgens devem guardar a pureza do estado e os espôsos a castidade conjugal, que os senhores devem governar os escravos com amor, não com terror, considerando que a condição humana é a mesma para uns e outros; que se deve obedecer as justas vontades dos reis; submeter-se aos poderosos quando ordenam o bem; guardar o devido respeito aos pais; ser afeiçoado aos amigos; perdoar os inimigos, devotar-se aos cidadãos, hospedar com humanidade; ser misericordioso com os pobres, caridoso com todos; não fazer o mal a ninguém; a injúria, suportá-la pacientemente, e nunca procurar usá-la contra quem quer que seja.

Probo:

— Que vantagem terá aquêle que, morto, acha-se privado da luz e de todos os gozos corporais?

Polião:

— A luz eterna é melhor que tôdas as passageiras luzes, e os bens permanentes mais doces que os bens perecíveis: não é mais sábio preferir o eterno do que o caducável?

Probo:

— Que quer dizer tudo isso? Faze o que ordena os imperadores.

Polião:

— E que ordenam êles?

Probo:

— Que sacrifiques.

Polião:

— Ocupa-te tu mesmo com o que te ordenam. Quanto a mim, devo seguir o passo dos bispos, dos sacerdotes, de todos os Padres, dos quais recebi a doutrina. Aceito com prazer os castigos que tu me quiseres infligir.

Probo condenou Polião a ser queimado vivo.

De fato, levado aos arredores da cidade, longe uma milha, Polião consumou o martírio. Morreu bendizendo, glorificando e louvando o Senhor, que se dignava chamá-lo para a pátria eterna.

* * *

SANTA TEODORA

E

SÃO DÍDIMO (*)

Mártires

Nos tempos da perseguição de Diocleciano e Maximiano, precisamente no ano de 304, Próculo era prefeito de Alexandria. Sabedor de que a jovem Teodora era cristã, mandou que a trouxessem à sua presença, para interrogá-la.

Teodora era de família nobre. Era humilde, mas corajosa, e começou, diante do prefeito, por dizer que era cristã, e, naquela qualidade, liberta pelo Cristo de tôda servidão.

Próculo considerou-a por um curto momento, depois perguntou:

— Se tu és livre, por que não te casas?

Teodora respondeu-lhe prontamente:

— Porque, tendo abraçado a fé do Cristo, creio que é melhor permanecer virgem.

Próculo:

— Mas os imperadores ordenam que as virgens escolham entre duas uma: sacrificar aos deuses ou ser desonradas.

Teodora:

— Tu não ignoras, sem dúvida, que Deus vê nos corações e não considera senão a vontade de permanecer na castidade. Se tu me constrangeres ao ultraje, sofrerei a violência, mas não cometerei qualquer falta voluntária. O poder sôbre meu corpo, tu o tens, mas Deus, e sòmente Êle, governa-me a alma.

Próculo:

— Compadeço-me por tua beleza e tenho piedade de ti, mas não me desprezes os deuses: assim não ganharás nada. Já to disse: os imperadores prescrevem às virgens ou sacrificar aos deuses ou ser atiradas à desonra.

Teodora:

— Também te repito: Deus sòmente considera a vontade. E vê todos os pensamentos: se me fizerem passar pela indignidade, não terei de que me envergonhar diante de Deus. Do mesmo modo, se me atormentares o corpo, será violência sofrida, não consentida. A virgindade e o martírio são agradáveis a Deus, que é o soberano Senhor e sabe conservar a graça como bem quiser.

Próculo:

— Procura não cobrir de vergonha tua família, não ser objeto de opróbrio de teus pais, que são nobres, como mo declarou, há pouco, o curador.

Teodora:

— Antes de tudo devo confessar Jesus Cristo, que me deu a verdadeira liberdade, a verdadeira nobreza. Êle saberá salvar-me.

Próculo:

— Até aqui suportei teus discursos. Se continuares a me desobedecer, far-te-ei tratar como a uma escrava. É necessário que eu cumpra as ordens dos imperadores, nossos mestres, para dar-te como exemplo às outras mulheres.

Teodora:

— Estou pronta para atirar meu corpo ao poder que te é dado. Quanto a minha alma, sòmente Deus tem poder sôbre ela.

Teodora, dali, passou por vários tormentos. E Próculo condescendente, deu-lhe três dias para refletir.

Passados três dias, os soldados sob cuja guarda permaneceu, levaram-na novamente ao prefeito. Como Teodora continuasse firme na fé, Próculo condenou-a à prostituição, e foi, imediatamente, enviada aos infames lugares, onde devia suportar o opróbrio.

Teodora, assim que ali chegou, dirigiu-se a Deus, e orou:

— Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, ajuda-me e livra-me do perigo em que me encontro. Tu socorreste Pedro na prisão, fizeste com que do cárcere saísse sem ter sofrido qualquer mal: tira-me daqui sem que eu perca a pureza, porque todos sabem que sou tua serva.

O Senhor não a abandonou. Cèleremente, enviou-lhe um libertador: um irmão, homem temente a Deus, instruído já do caminho que leva à vida eterna, disfarçado de soldado, foi procurá-la.

Chamava-se Dídimo, e foi o primeiro a entrar no aposento que fôra indicado à santa virgem.

Quando Teodora o viu, horrorizou-se. E, a tremer, refugiou-se num canto, muito pálida.

Dídimo sorriu, disse-lhe:

— Não sou o que tu pensas. Exteriormente, pareço um lôbo mas, na realidade, sou um cordeiro — vim livrar-te. Vem, troca de roupa comigo e foge daqui, sob a guarda de Deus, debaixo destas vestes que te espantaram.

Teodora aceitou aquêle providencial convite. Trocou de roupas com Dídimo e deixou aquêle lugar tão terrível.

Pouco tempo depois, um homem surgiu, e ficou boquiaberto por ver que, sob as vestes de uma jovem havia, na realidade, um homem.

Disse-lhe Dídimo:

— O Senhor quis favorecer a virgem e o soldado. Aquela que tu procuras escapou, e eis-me, a mim, em tuas mãos. Tu haverás de fazer com que eu venha a merecer uma dupla palma: a de ter salvo uma virgem inocente e a de me tornar um atleta do Cristo.

O homem deixou os aposentos em que Teodora estivera ainda há pouco, e foi, correndo, referir o caso ao juiz.

Próculo, inteirado do sucesso, ordenou que lhe trouxessem o intrometido sem tardança.

Dídimo, diante do prefeito, disse-lhe o nome, e, em seguida, declarou que fôra inspirado por Deus, por isso que agira como agira, finalizando por dizer, a uma pergunta de Próculo, que não sabia do paradeiro de Teodora.

— Far-te-ei passar, disse o prefeito, por duplo suplício: um, por causa de tua fé, outro por tua ação audaciosa.

Dídimo respondeu-lhe calmamente:

— Suplico-te, faze sem delongas o que te ordenam os imperadores.

Próculo:

— Pelos deuses! Fica sabendo que se tu não sacrificares, sofrerás já um suplício dobrado, pela desobediência e pela ousadia!

Dídimo:

— Mostrar-te-ei que sou um verdadeiro soldado de Deus, e que estou pronto para tudo suportar pela fé que Êle nos deu. Eis porque resolvi salvar a honra daquela virgem e pùblicamente confessar a fé: enquanto conservar a fé, tormento algum me prejudicará. Faze prontamente o que te aprouver, porque não sacrificarei aos demônios, mesmo que me atires às chamas.

Próculo:

— Diante de tua audácia, cortar-te-ão a cabeça e teu corpo será queimado.

Dídimo:

— Bendito sejas, ó Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, por teres dignado fazer com que meu desejo fôsse satisfeito. Tu salvaste Teodora, tua serva, e por esta dupla sentença que se ditou contra mim, asseguraste-me uma dupla coroa.

Dídimo teve a cabeça cortada e o corpo queimado.

Santo Ambrósio (1) assegura que no momento da execução de Dídimo, Teodora apresentou-se aos executores e quis morrer em lugar do salvador.

Disse ela ao jovem que a livrara:

— Foi por minha castidade que te fizeste meu abonador, não por minha vida. Estando minha virgindade em perigo, admito que respondesses por mim, mas, quando me pedem a vida, estou pronta para dá-la. A sentença que ditaram contra ti foi por minha causa. Minha fuga trouxe-te a morte. Não fugi para não morrer. Fugi para não ser desonrada. Minha honra, agora, não mais corre risco e, pois, meu corpo está pronto para sofrer por Jesus Cristo.

Dídimo foi decapitado em primeiro lugar, e, logo após, a valente virgem de Alexandria.

* * *

(1) **De virginibus**, L. I, II, 4.

SANTOS PATRÍCIO DE PRUSA, BISPO ACÁCIO, MENANDRO E POLIENO (*)

Mártires

Era em 360, em Prusa, na Bitínia, no reinado de Juliano, o Apóstata, e o procônsul da província, Júlio, um dia, buscou naquela cidade uma das casas de banhos quentes — que Prusa era célebre justamente por seus banhos quentes.

Um dêsses estabelecimentos, o preferido do procônsul, ficava perto do templo dedicado a Esculápio e à deusa da saúde. Ali, Júlio ofereceu um sacrifício. E, aquêle dia, achou que o bispo Patrício devia secundá-lo e cumprir os mesmos ritos que cumprira: ordenou que o prendessem e o encaminhassem ao tribunal.

Quando o santo prelado chegou, Júlio, sem preâmbulos, disse-lhe:

— Como tu vês, nossos deuses são poderosos: adora-os conosco, se quiseres viver em paz neste país.

Patrício respondeu-lhe:

— Se tu quiseres ouvir-me, dir-te-ei qual a origem da virtude que possuem.

Júlio:

— De ti só ouvirei fantasias, eu o sei. Contudo, dize lá o que tens a dizer.

Patrício:

— Sou cristão, e quem confessa a religião do Cristo só a um Deus adora, o mestre do universo, que tem a alma cheia de conhecimento dos mistérios daqueles poderes que dizes têm os teus deuses. Quero, assim, explicar-te o que possuem de verdadeiro.

Júlio:

— Que homem seria assaz audacioso e temerário para querer ser mais sábio do que os nossos filósofos?

Patrício:

— Tôda a sabedoria dêste mundo nada mais é do que tolice diante de Deus, segundo o que nos dizem as Escrituras. Peço-te que permitas que os circunstantes se aproximem e possam ouvir-me.

Júlio deu ordens naquele sentido, e a multidão, convenientemente afastada, aproximou-se mais. Patrício, então, elevando a voz, passou a explicar como Deus, servindo-se dos elementos que lhe aprouvesse usar, tais como a água e o fogo, por exemplo, obtinha excelentes curas. Assim, tais elementos nada mais eram do que causas segundas.

Júlio, irado, gritou:

— Com que então, tu pretendes dizer que todos os efeitos são produtos do Cristo e não dos nossos deuses?

Patrício:

— Sem dúvida, é do Cristo, porque está escrito: **Tudo foi feito por Êle.**

Júlio:

— Vejamos então! Se eu te atirar à água fervente, pelo desprêzo que votas aos nossos deuses, o Cristo, que a criou, fará com que não te queimes?

Patrício:

— Não desprezo teus deuses, porque não se despreza uma coisa que não existe. Quanto ao Cristo, poderá, se quiser, salvar-me. Não vês que Êle tem diante dos olhos tudo o que me sucederá? Sem que Êle queira, um só fio de cabelo não cairá de minha cabeça. Que penas eternas não estão preparadas no inferno para todos os que, como tu, adoram os ídolos!

Aqui, o procônsul foi tomado por uma cólera imensa: ordenou que o agarrassem, tirassem-lhe as vestes e o metessem em água fervente.

Patrício, enquanto davam cumprimento às ordens, orou:

— Senhor Jesus, vem em socorro de teu servidor!

No mesmo instante, as águas, com violência, deixaram as cubas que as continham, e se precipitaram, escorrendo, para os soldados que jaziam no recinto, queimando-os.

Júlio, irritadíssimo, deu novas ordens: que o levassem dali e o decapitassem.

Antes de morrer, Patrício, erguendo os olhos para o céu, suplicou, de mãos postas:

— Ó Deus, soberano de todos os homens, que tens em teu poder os sêres visíveis e invisíveis, e que atendes a todos os que te invocam na sinceridade da alma, confesso que criaste as águas para salvação dos justos e para o suplício dos ímpios. Eu te conjuro, assiste-me, para que, quando estiver morrendo, continue confessando tua fé.

Disse, ajoelhou-se e foi decapitado.

Os calendários gregos e latinos acrescentam ao nome do santo bispo mártir os dos sacerdotes Acácio, Menandro e Polieno, que também teriam sido decapitados pela fé.

* * *

BEM-AVENTURADO LUQUÉSIO (*)

Confessor

Luquésio, conhecido também como Lúcio, nasceu perto de Siena. Moço, transferiu-se para Poggi-Bonzi, para comerciar.

Em pouco tempo, conseguiu considerável fortuna, à qual se ateve com grande avareza, esquecido de Deus. A espôsa, Bonna Donna, dada ao luxo, como Luquésio, era partidária, e apaixonada, dos guelfos.

Um dia, tocado pela graça divina, o bem-aventurado pôs-se a refletir sôbre o modo de vida que levava e, transformado repentinamente, principiou por despojar-se da fortuna, distribuindo-a à pobreza. Para si, sòmente reservou um campo perto da casa, que passou a cultivar com as próprias mãos, campo donde, desde aquêle dia da transformação, tirou a subsistência.

A espôsa, atônita, não se conformou com aquela brusca metamorfose, e vituperava a ação do marido. Luquésio, porém, com brandura, procurava levá-la à conversão, pacientemente.

Era naqueles tempos em que São Francisco de Assis, passado o capítulo geral de 1221, dera de percorrer a Toscana a pregar e a prometer o estabelecimento de uma regra para os terciários.

São Francisco conhecera Luquésio há tempos. Quando chegou a Poggi-Bonzi e o reencontrou, aos dois esposos falou das vantagens da nova ordem. Bonna, então conformada, com o marido passou a envergar o simples e modesto hábito cinzento, com a corda cheia de nós a lhe cingir a cintura.

Outras personalidades do lugar aderiram aos dois esposos — e assim surgiu a Ordem Terceira da penitência, ordem que, mais tarde, ou seja, em 1289, foi aprovada por Nicolau IV.

Luquésio fêz rápidos progressos no caminho da perfeição. Bonna, às vêzes, exasperava-se, gritava contra as prodigalidades do marido, mas de nada lhe serviam aquêles tristes repentes. Nada abalava a convicção de Luquésio, que, todo dado ao Senhor, até mendigava para os pobres.

Ora, havia em Poggi-Bonzi um homem de péssimos costumes. Um dia, encontrando-se com o bem-aventurado a carregar nos ombros um doente, apupou-o desapiedadamente, a rir, a galhofar.

Luquésio, com lágrimas nos olhos, dizendo-lhe que para os necessitados tudo faria, enfàticamente acrescentou:

— Eu levo Jesus Cristo, que disse: **O que fizerdes ao mais humilde dos meus, a mim o fazeis.**

Nem bem terminara tais palavras, o homem, que continuava com os apupos, ficou mudo. Atemorizado, pálido e trêmulo, dando sinais de que se arrependera do que fizera e dissera, Luquésio, apiedado, rogou a Deus que ao ímpio arrependido restituísse o uso da palavra — e assim foi.

Bonna, transformada pelas orações do marido, era outra. Tôda empenhada em levar avante as boas obras que com ardor se propusera, vivia radiante.

E quando o espôso adoeceu, sabendo-o tão querido de Deus, a Deus rogou que, indo-se o consorte do mundo, permitisse que o acompanhasse: Bonna precedeu-o na morte, falecendo em grande paz.

— — — —

Johannes Joergensen, no seu maravilhoso trabalho sôbre o **Poverello** (1) dedica algumas linhas a Luquésio e à espôsa.

Diz:

«Numa de suas viagens, Francisco encontrara, na cidade de Poggi-Bonzi, entre Florença e Siena, um comerciante, chamado Luquésio, dêle conhecido na primeira juventude. Como mais tarde o senense Giovanni Colombini, êste Luquésio a princípio tinha sido um homem bruto e ávido de dinheiro; depois, sùbitamente, mudara de caráter e de modo de viver. Tornara-se generoso para com os pobres, hospedava em sua casa os peregrinos, ia em busca das viúvas e dos órfãos para os socorrer.

«Na verdade, parece que Francisco não teve nenhuma influência na conversão dêle, ocorrida antes do encontro dos dois em Poggi-Bonzi, mas deu a êle e à mulher uma regra de vida e uma veste de penitente. Em seguida, êste Luquésio dedicou todo o seu tempo disponível em fazer obras de misericórdia, cuidando dos doentes nos hospitais, e fazendo, com um burrinho carregado de medicamentos, várias viagens a Maremme, onde grassavam as febres de malária, para socorrer os febrentos.

(1) Johannes Joergensen, "S. Francisco de Assis, Sua Vida e Sua Obra", Ed. Vozes, 1957.

«Quando estava em casa, cultivava uma hortazinha que lhe ficara depois de haver distribuído todos os seus outros bens, e vendia os frutos dela; e, quando esta renda não lhe bastava, ia mendigar. Parece que a mulher, como mais tarde a mulher de Giovanni Colombini, opôs-se enèrgicamente a esta mudança de vida, mas conta-se que um milagre, finalmente, converteu-a. Depois disto, êles viveram em perfeita harmonia, e morreram ambos, a breves instantes um do outro, a 28 de abril de 1260.

«Em tôrno de Luquésio, reuniram-se em Poggi-Bonzi outras pessoas de pensamentos e sentimentos iguais, e assim, um pouco por tôda a parte, nas cidades italianas, formaram-se aquêles grupos a que Gregório IX chamou mais tarde **poenitentium collegia**, «comunidades de penitentes». Ora, tudo nos induz a crer que Francisco tenha dado a estas comunidades uma Regra de vida, pois tinha o hábito de dar regras, ou preceitos, a todos aquêles que se confiavam à sua direção espiritual. Infelizmente, nenhuma dessas regras locais nos foi conservada, e só pelas regras posteriores podemos fazer idéia do seu conteúdo essencial.

«Em geral, a característica da vida dos frades penitentes — pois que o apelativo de «membros da Ordem Terceira» só foi usado mais tarde — é sempre esta: na medida em que o permitirem as suas ocupações ordinárias, esforcem-se êles por imitar a vida de São Francisco, e dos seus discípulos. Devem ficar no mundo, sem pertencer **ao mundo.** Apenas entrados na confraria, comprometam-se a restituir qualquer coisa injustamente adquirida — e isto, em muitos casos, significa renunciar a todos os seus bens — a pagar escrupulosamente os dízimos à Igreja;

a não esperar para só fazer testamento em artigo de morte, a fim de impedir tôda cisão entre os herdeiros; a se abster de todo juramento, salvo em circunstâncias extraordinárias; a não usar armas; a não aceitar empregos públicos. Tem um traje particular, pobre e sem elegância, e dividem o seu tempo entre a oração e as obras de caridade. As mais das vêzes, convivem em família, mas, de vez em quando, retiram-se à solidão, como os Frades Menores.

«Bem depressa, estas comunidades, em diversos lugares constituídas, entraram em conflito com as autoridades civis, por causa dos princípios que professavam. Isto, de fato, ocorreu em 1221, na cidade de Rimini. Ali, muitíssimos cidadãos haviam-se inscrito na confraria local, e, quando o Podestá lhes pediu o costumeiro voto de obediência, pelo qual se comprometiam a pegar em armas quando os chefes o mandassem, os irmãos penitentes recusaram-se a jurar, alegando a proibição, imposta pela regra, de prestar juramento e de empunhar armas. O Podestá recorreu a todos os meios coercitivos, para forçar os irmãos ao juramento; então, para se sair do grave embaraço em que se achava, aquela pobre gente apelou para o amigo de todos os franciscanos, para o cardeal Hugolino (2). Só por êste modo, pode explicar-se como Honório III, num breve de 16 de dezembro de 1221, ordenasse ao bispo de Rimini tomar sob sua proteção os irmãos penitentes de Faenza.

---

(2) Conde de Agnani, quando São Francisco o conheceu, em 1198 foi nomeado capelão pontifício e cardeal diácono do título de Santo Eustáquio. Em maio de 1206 era eleito bispo de Óstia e Valletri, dignidade mais eminente depois do papado. No trono de São Pedro foi Gregório IX (N. do Atual.).

«Mas em tôda a Itália não tardou a se propagar esta luta entre os «irmãos penitentes» e as autoridades seculares. Em muitas cidades impuseram-se aos irmãos, como castigo, taxas especiais, e ao mesmo tempo proibiu-se-lhes distribuírem os seus bens aos pobres. Por isto Honório, numa carta circular, infelizmente perdida, ordenava ao clero sustentar em tôda a parte a causa dos «irmãos penitentes» contra as autoridades comunais, e vigiarem, a fim de que os irmãos não tivessem de sofrer nenhum dano. Mais tarde, Gregório IX, desde o seu advento ao Pontificado, não hesita em ameaçar os inimigos dos irmãos penitentes com a «cólera de Deus onipotente e dos beatos Apóstolos Pedro e Paulo».

«Dessarte, puderam os irmãos penitentes, bastante melhor do que os Quakers ou do que os Adventistas dos séculos seguintes, efetuar nas repúblicas italianas, sempre ávidas de luta, um desarmamento ao menos parcial, e preparar os caminhos a futuros tempos mais pacíficos. Ainda uma vez, Francisco, ou o movimento por êle suscitado, conseguira amansar e domesticar os «lôbos» da Idade Média.

«Além disto, o conflito irrompido em Faenza sugeriu, naturalmente, a Hugolino, a idéia de reunir as irmandades esparsas num só corpo que mais fàcilmente pudesse defender-se quando se tornasse mais compacto e mais forte. Justamente em fins do verão de 1221, residindo em Bolonha, teve o cardeal muitas ocasiões de estar em relação com os cidadãos de Faenza. Nessa ocasião, pois, provàvelmente Francisco e Hugolino escreveram juntos a primeira Regra para os «irmãos penitentes» franciscanos, já

chamados por Bernardo da Besse a **Ordem Terceira** (3).

«A Ordem Terceira — escrevia êsse secretário de São Boaventura — está indistintamente aberta aos padres e aos leigos, às virgens, às viúvas e aos cônjuges. O propósito dos irmãos e das irmãs desta ordem consiste em viver honestamente nas suas casas, em atender às obras pias e em fugir à vida mundana. Vê-se, entre êles, nobres cavaleiros e outros grandes dêste mundo, humildemente vestidos, comportar-se de tão bela maneira com os pobres e com os ricos, que logo se reconhece a sinceridade do seu temor de Deus».

«Não mais possuimos a Regra primitiva da Ordem Terceira, como a escreveram Francisco e Hugolino, mas, certamente, sôbre ela foi redigida a Regra da Ordem Terceira de 1228, que Sabatier teve o grande mérito de reencontrar, e que deve ter sido observada em alguma cidade onde tinha curso a moeda de Ravena, quiçá na própria Faenza. Eis o que ela contém:

«Do I ao V, os capítulos contém algumas prescrições sôbre o hábito, os jejuns e as orações. No capítulo VI, o parágrafo primeiro trata da confissão e comunhão dos irmãos, que êles devem fazer três vêzes no ano, no Natal, na Páscoa, e no Pentecostes. O parágrafo segundo insiste na obrigação de consciência de pagar o dízimo. O parágrafo terceiro proibe usar armas. O parágrafo quarto veda o juramento — exceção feita do juramento de fidelidade e do juramento perante os tribunais. O parágrafo

(3) A primeira foi a Ordem dos frades menores e a segunda a das clarissas (N. do Atual.).

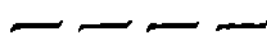
quinto fala contra as blasfêmias e o perjúrio. O capítulo VII trata das reuniões da Ordem. Estas devem ser realizadas uma vez no mês, e devem consistir na missa, no sermão e na deliberação dos irmãos. O capítulo VIII trata dos enfermos, que deverão ser visitados ao menos uma vez por semana, e os irmãos deverão socorrê-los no corpo e edificá-los no espírito. O capítulo IX contém a obrigação de rezar pelos irmãos defuntos e de lhes assistir às exéquias. No capítulo X, o parágrafo primeiro exorta todos os membros da Ordem a fazerem testamento, nos primeiros três meses da sua admissão; o parágrafo segundo obriga-os a fazer a paz com os inimigos; o parágrafo terceiro refere-se às providências a serem tomadas contra os abusos das autoridades civis: caso em que o superior da confraria deverá recorrer ao bispo; o parágrafo quinto (4) estabelece as condições necessárias para ingressar na confraria; antes de tudo é preciso reconciliar-se com o próximo, restituir o mal-adquirido, pagar os dízimos atrazados. O capítulo XI, parágrafo primeiro, proíbe admitir na Ordem os hereges; o parágrafo segundo proíbe admitir mulheres casadas, sem a autorização marital. Os capítulos XII e XIII tratam da disciplina na Ordem.

«São de notar, especialmente, os parágrafos oitavo e nono do capítulo XIII, pelos quais se manda, ao confrade que com escândalo público houvesse prejudicado o bom nome da Ordem, confessar a sua culpa perante os irmãos reunidos, e aceitar-lhes a penitência. Se, enfim, a culpa fôr gravíssima, po-

(4) No texto não há referências ao parágrafo quarto. (N. do Atual.).

derá o culpado ser expulso da Ordem. Dos parágrafos décimo-terceiro até décimo-quinto, vem a proibição de recorrer à justiça contra um irmão ou uma irmã: tôdas as questões deverão ser acomodadas no interior da Ordem.

«Finalmente, o parágrafo décimo-segundo dêste mesmo capítulo desenvolve o mandamento de renunciar a todos os bens mal adquiridos: quando o aspirante não consegue reencontrar aquêle a quem deveria restituir, ou o seu herdeiro, a Regra quer que um arauto público. ou ainda o sacerdote, do púlpito, convide todos aquêles que se consideram credores do irmão aspirante a fazerem valer os seus direitos».



À beira do túmulo do bem-aventurado Luquésio, operaram-se inúmeros milagres. O corpo de Bonna Donna foi tomado pelos alemães numa guerra contra os florentinos: sòmente deixaram um dos braços, que é exposto a 28 de abril em Poggi-Bonzi, ao lado do relicário de Luquésio.

Honrado como padroeiro de Poggi-Bonzi, Luquésio teve o culto confirmado no dia 27 de março de 1694.



BEM-AVENTURADO PEDRO MARIA CHANEL (*)

Mártir

Êste bem-aventurado nasceu no dia 12 de julho de 1803 em Cuet, diocese de Belley. Consagrado a Nossa Senhora antes de nascer, mais tarde acrescentou ao nome que lhe deram o de Maria, em louvor e honra à Mãe de Deus.

Obrigado a pastorear os rebanhos do pai, não pôde, como tôdas as crianças o fazem, freqüentar regularmente a escola.

Em 1814, em Cras, vivendo com uma tia, preparou-se para a primeira comunhão. Quem lhe ministrava as lições era um abade chamado Trompier. Quando foi nomeado para Mansols, Trompier levou Pedro consigo, e ali principiou a lhe ensinar o latim. Data daqueles tempos o desejo do bem-aventurado devotar-se à salvação dos fiéis, porque se dedicava à leitura, diligentemente, das **Cartas Edificantes.**

Pedro Maria foi modêlo dos alunos dos seminários de Meximieux e de Belley, onde estudou e exerceu um verdadeiro apostolado, sendo um como missionário da Virgem Santíssima.

A 15 de julho de 1827, era ordenado padre, e, no dia seguinte, celebrou a primeira missa — na

festa de Nossa Senhora do Monte Carmelo — na igreja de Cras, na qual tôda a família, das mãos do bem-aventurado, recebeu a santa comunhão.

Quando vigário de Amberieux, Pedro Maria inaugurou na paróquia o mês de Maria. Nomeado cura de Crozet, pequenina paróquia que se encontrava nas vizinhanças de Gênova, onde uma parte do povo era protestante, Pedro trabalhou com afinco, principalmente junto às crianças, usando a bondade e a doçura.

Julgando que Deus o desejava para maiores sacrifícios, pensou em abraçar o estado religioso. Ao abade Bernardo, antigo condiscípulo de Cras, abriu o coração, e, depois de ter passado três anos em Crozet, solicitou ao bispo a permissão para ir aos Estados Unidos, com Loras.

O bispo prometeu pensar sôbre o pedido que lhe fizera, e, nesse meio de tempo, Chanel entrou na Sociedade de Maria, fundada em 1816 pelo padre Colin.

Enquanto não vinha a permissão solicitada, Pedro Maria foi-se desincumbindo de diversas funções: em 1831 foi professor, em 1832 diretor espiritual, em 1834 superior.

Em 1836, partiu, não para os Estados Unidos, como solicitara, mas para as missões da Oceania ocidental, que o papa havia deixado a cargo da nova Sociedade.

Na véspera do Natal, embarcaram no Havre os missionários.

Em 1837, Chanel estava no novo campo de ação: a ilha Futuna.

Bem recebido pelo rei, principiou Pedro Maria a estudar a língua do lugar,

De princípio a fim, a vida foi uma luta. Pelo diário que escreveu, podem-se-lhe acompanhar os passos dia a dia, partindo de 26 de dezembro de 1837. Lendo-o, vêem-se as dificuldades que teve de superar e as virtudes que praticou. Durante os três anos de missão na ilha, obteve pouquíssima coisa. Sofreu com coragem, expôs a vida, suportou injúrias, caiu em armadilhas, passou fome, mas foi invencível na batalha que travou para acalmar divisões.

A um amigo da França, escrevia: «Sou um servidor inútil». Mas nada o desencorajaria: «Os metodistas superam-nos. Desafiaria de bom grado o mar e os perigos, mas somos poucos. Bate à porta do coração de Maria e faze com que dêle saia um enxame de missionários».

Um dia, os anciãos do lugar falaram de matar o padre Chanel. As intrigas semeadas começavam a brotar. E o rei, que, a princípio, havia recebido bem os missionários, com a conversão do filho, irritou-se. E, no dia 28 de abril, corria o ano de 1841, os ânimos exacerbaram-se. Alguns chefes, encolerizados, invadiram a casa de Chanel e o mataram com uma lançada: morria na Oceania, na ilha Futuna, o primeiro mártir da sociedade nascente dos maristas.

Pedro Maria Chanel foi enterrado no local mesmo em que o assassinaram. Mais tarde, ali, ergueu-se uma igreja. À beira do túmulo do bem-aventurado Chanel muitas curas se processaram, e a ilha converteu-se quase que instantâneamente.

Introduziu-se a causa do padre Chanel em 1857, quando de Pio IX. Leão XIII beatificou-o em 1889.

* * *

BEM-AVENTURADO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT (*)

Confessor

Luís Maria Grignion nasceu no dia 31 de janeiro de 1673 na cidadezinha de Montfort, então pertencente à antiga diocese de São Malo, hoje diocese de Rennes. Dos oito irmãos que teve, dois homens e seis mulheres, um dêles se fêz dominicano, e, dentre elas, três foram religiosas.

Até os doze anos, Luís Maria freqüentou a escola de Montfort.

Em 1685, o jovem partia para Rennes, onde ia principiar os estudos de latim no célebre colégio dos jesuítas. Devoto de Maria, distinguiu-se ali pela ciência e pela virtude. Reservado com os colegas, abria todo o coração aos pobres. E assim, aos catorze anos, era tido como o benfeitor dos indigentes e o anjo da guarda dos doentes.

No ano de 1693, partiu para Paris: uma jovem da nobreza, **demoiselle** de Montigny, conseguira-lhe a admissão no seminário de São Sulpício, de cuja pensão se incumbiu uma caridosíssima senhora. Data daquele ano de 93 o nome que o bem-aventurado passou a adotar: Luís Maria de Montfort.

Em Paris, Luís Maria apresentou-se, porque achou que a Deus seria agradável, como mendigo. **Demoiselle** de Montigny, estranhou. Onde o jovem de boa aparência? Que excentricidade era aquela? Quão diferente do moço que conhecera em Rennes!

De Montigny resolveu, então, enviá-lo para um estágio, à casa de La Barmondière, para que êste o talhasse para o estado eclesiástico.

La Barmondière logo entreviu no jovem Luís Maria a alma de um santo. E como o moço se atirava sincera e ardorosamente à penitência, deixou-o à vontade. E Luís Maria abarcou tôdas as práticas da comunidade.

Em fins de 1693, adveio, em Paris, uma grande crise, de modo que a pensão que era reservada ao jovem estudante foi cortada. Luís, então, solicitou a permissão de ser irmão mendicante. E mendigou. À noite, por piedade, velava os defuntos da paróquia de São Sulpício.

Quando La Barmondière faleceu, Luís Maria entrou na comunidade de Boucher, doutor pela Sorbona, e ali contraiu grave moléstia. Levado a um hospital, submeteu-se a tratamento.

Durante a convalescença, leu as **Cartas Espirituais** do padre Surin — e aquela leitura o encheu de luz e de suavidade.

A fama de grande santidade valeu-lhe a admissão no seminário menor de São Sulpício, onde recebeu ensinamentos perfeitamente ortodoxos, ao abrigo das jansenistas influências. Vendo na devoção a Maria o meio mais seguro de ir a Jesus, buscava os escritores que melhor haviam escrito sôbre Nossa Senhora.

Durante os cinco anos que estêve em São Sulpício, Luís Maria foi estudante aplicadíssimo, ao mesmo tempo que praticava a obediência, a mortificação e o recolhimento. Sob a conduta de Leschassier e de Bremier, que lhe queriam pôr a virtude à prova, de tudo se saiu magnìficamente — mais doce, modesto e humilde — e engrandecido.

O comportamento do bem-aventurado acabou por enternecer os dois diretores, que lhe confiaram cargos importantes.

Em 1700, no dia 5 de junho, foi ordenado padre. E, consoante a piedosa prática da época, consagrou tôda uma semana para a preparação da celebração da primeira missa.

O jovem sacerdote, depois de ter assistido à cerimônia de vestidura do hábito religioso de uma das irmãs, pregou, com sucesso, uma missão na paróquia rural de Grandchamp. Mais tarde, admitido no hospital de Poitiers, deu-se totalmente ao serviço dos pobres e dos doentes. Lançar-se-iam ali os primeiros fundamentos da congregação das Filhas da Obediência, inspirado por uma penitente, Maria Luísa Trichet, filha de um considerável magistrado.

Idéia estranha ou sublime inspiração do céu, Luís Maria, para formar o núcleo da congregação reuniu um certo número de pobres moças enfêrmas, mas grandemente animadas de espírito de humildade e de sacrifício. Tão bela ordem, fundar-se-ia no dia 2 de fevereiro de 1703.

Organizador das Filhas da Obediência e fundador da Companhia de Maria, visava Luís de Montfort renovar o espírito cristão nas paróquias e propagar, particularmente, a devoção ao santo rosário.

Diz-se que a Virgem Santíssima conversava com o bem-aventurado consolando-o nas tribulações, exortando-o à luta, que os jansenistas o perseguiam sem cessar.

Luís Maria de Montfort sabedor do fim, preparou-se para a morte com importantes resoluções. Fêz uma peregrinação a Nossa Senhora de Ardilliers. Passando por Fontevrault, onde a irmã muito amada professava, fêz o sacrifício de não a procurar, mas lhe enviou uma saudação e a bênção.

No dia 27 de abril de 1716, ditou o testamento, dispondo da pobre bagagem de missionário em favor dos irmãos coadjutores e dos santuários da Virgem que foram restaurados devido aos seus cuidados.

Lutando uma última vez com Satanás, saiu vencedor do Astucioso, trazendo no rosto o clarão da vitória alcançada.

Falecido no dia 28 de abril de 1716, as multidões foram venerar-lhe os restos. Quando, dezoito meses depois dos funerais, permitiu-se a exumação do corpo para que o transferissem a um mais honroso túmulo, muitos milagres tiveram lugar.

Leão XIII, em 1888, proclamou-o bem-aventurado.



No mesmo dia, São Paulo da Cruz, padre e confessor, que foi o fundador da congregação da Cruz e da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, falecido no dia 18 de outubro de 1775 (1).

---

(1) Ver 18 de outubro.

Na diocese de Rodez, Santo Africano, bispo e confessor, que, segundo se crê, foi educado por São Pacífico, ao qual sucedeu na Sé de Lião (século VI).

Na Irlanda, São Cronan, abade e confessor, filho de Odran, nascido na parte oriental do Munster, em Ely O'Carrol. Fêz-se monge e estabeleceu inúmeras comunidades, das quais a mais famosa foi o mosteiro e a escola de Roscrea, onde muitos jovens se colocaram sob sua conduta. Faleceu em 640.

Festa dos santos mártires Afrodísio, Caralípio, Agapo e Eusébio, cujo culto se espalhou pela Espanha.

Em Tarazona, na Espanha Tarragonesa, São Prudêncio, bispo e confessor. Nascido na Espanha, primeiramente professou na ermida de Satúrios. Evangelizou a Catalunha, donde passou a Tarazona, sendo ordenado padre pelo bispo. Bispo de Tarazona, viveu, segundo uns, no século V, segundo outros no século IX.

Em Pentina, no Abruzzo, São Pantilo, bispo de Valva, notável pela caridade para com os pobres e pelo dom que Deus lhe conferiu de operar milagres. O corpo jaz em Sulmona, onde nasceu e faleceu no ano de 700.

No Oriente, São Memnon, o Taumaturgo, cognome que lhe deram em virtude do grandíssimo número de milagres que obrou. Desconhecem-se-lhe o país de origem e a época em que viveu.

Em Corfu, os Santos Zeno, Eusébio, Vital e Neon, mártires, no 1.º século, convertidos por São Jasão e Sosipatro. Por não quererem renegar a fé, foram atirados ao fogo, assim recebendo a gloriosa coroa do martírio.

Em Laon, as Santas Proba e Germana, mártires, no século IV. Duas virgens irlandesas que para escapar do casamento deixaram a pátria e foram fixar-se na região de Laon. Descobertas por emissários especialmente lançados à sua procura, recusaram-se retornar ao país de origem, sendo, então, mortas.

Na diocese de Sens, Santo Artêmio, bispo e confessor. De uma muito nobre família de Sens, Artêmio foi casado e teve uma filha chamada Elêusia. Depois da morte da espôsa, foi eleito bispo de Sens, sagrado em 570. Faleceu em 609. Tendo recebido à penitência pública um espanhol chamado Baldo, dêle fêz um grande santo. As relíquias do santo bispo foram veneradas em São Pedro, o Vivo.

Em Noyon, Santo Imon, ou Emon, bispo e mártir. Encarregado de uma missão por Carlos, o Calvo junto de Luís, o Germânico, foi capturado pelos dinamarqueses, que o massacraram em 860.

* * *

29.º DIA DE ABRIL

SÃO PEDRO DE VERONA

Mártir

Pedro nascera em Verona de pais heréticos, como quase tôda a família. Nasceu pelo ano de 1206; e com a idade de sete anos ou oito, quando voltava da escola, seu tio, que era um herege, perguntou-lhe o que havia aprendido. A criança respondeu que havia aprendido o símbolo, que diz ser Deus o autor das coisas visíveis e invisíveis. Seu tio quis que êle dissesse que Deus não é o autor das coisas visíveis; porque êsses hereges eram maniqueus; mas a criança permaneceu firme em afirmar o que havia lido. O tio levou o fato ao conhecimento do irmão, pai do pequeno Pedro, querendo persuadi-lo a retirar o filho da escola; «porque temo, ajuntou, que, quando estiver mais instruído, se bandeie para a prostituta, a Igreja Romana, e abandone a nossa religião». O pai não deixou de fazer o filho estudar gramática, e, quando cresceu, o enviou a Bolonha, para continuar os estudos. Lá resistiu às tentações contra a pureza, que conservou intacta, e entrou para a ordem dos frades Pregadores sob São Do-

mingos, e por conseguinte com a idade de quinze ou dezesseis anos.

Aplicando-se ao estudo, tornou-se um pregador célebre em tôda a Lombardia, e combateu com fervor contra os hereges, dos quais esta estava infestada. O êxito dos seus discursos foi extraordinário. Converteu uma multidão inumerável de pecadores na Romanha, em Ancona, na Toscana, em Bolonha e Milão.

Entretanto, Deus quis experimentar a sua fidelidade e prepará-lo, mediante tribulações, à coroa do martírio. Os primeiros golpes lhe advieram dos próprios irmãos. Alguns dêles o acusaram de ter introduzido estrangeiros e mesmo mulheres na sua cela, o que era expressamente proibido pela regra. Era simplesmente uma calúnia. O santo tratou de defender-se; mas fê-lo tremente, e de maneira tão vaga, que o creram efetivamente culpado. Os superiores impuseram-lhe então uma penitência; proibiram-lhe que pregasse e relegaram-no ao convento de Iesi, em Ancona. Êle suportou a humilhação com alegria, felicitando-se de poder imitar aquêle que, conquanto fôsse a própria santidade, tinha sofrido por nós calúnias atrozes e suplícios horríveis. Sua inocência foi, enfim, descoberta. Os superiores mandaram chamá-lo, deram-lhe satisfação, e o restabeleceram no estado que tinha antes de sua desgraça.

Reapareceu nos púlpitos cristãos com renovado zêlo e novo êxito. Seus trabalhos apostólicos eram por tôda parte acompanhados de graças e bênçãos. Com dificuldade poderia contar os pecadores que se convertiam. O dom dos milagres acrescentava muita fôrça aos seus discursos e exemplos. Era pro-

fundamente venerado. Quando aparecia em público, havia sempre tal afluxo de pessoas ao seu redor, que freqüentemente pensava sufocar. Uns vinham pedir-lhe a bênção, outros apresentar-lhe os doentes, a fim de que os curasse, outros ainda escutar as instruções que administrava. Em Milão foram adiante dêle com a cruz, os estandartes, as trombetas e os tambores; freqüentemente, levavam-lhe uma espécie de liteira, para impedir que fôsse esmagado pela multidão.

Tudo isso fêz com que Gregório IX lhe desse o cargo de inquisidor em Milão, em virtude do qual, na sexta-feira de 15 de setembro de 1234, êle ordenou que se inserisse nos estatutos desta cidade a constituição do papa contra os hereges, conforme o decreto do concílio ecumênico do Latrão. São Pedro de Verona pregou também contra os hereges em Florença, e com tanto ardor que levou muitos nobres a pegar em armas para expulsá-los da cidade. Deu-lhes um estandarte assinalado por uma cruz, e, num grande combate na praça de Santa Felicidade, sôbre o rio Arno, os católicos conseguiram a vitória e constrangeram os hereges a abandonar a cidade de Florença. Tal era São Pedro de Verona, quando o papa Inocêncio IV o fêz inquisidor, não sòmente em Cremona, mas em Milão e em todo o território.

Seu zêlo duplicou então, assim como o número dos prodígios que Deus operou para dar autoridade ao seu ministério. Tal era sua confiança, que freqüentemente ofereceu aos hereges lançar-se ao fogo, para provar a veracidade da fé católica, se quisessem entrar com êle. Dizia que não morreria senão pela mão dêles, e assegurava que seria enterrado em



São Pedro de Verona. Segundo o Dominiquim.

Milão. Sua prece habitual, na elevação da hóstia, era para morrer pela fé. No domingo de Ramos, 24 de março de 1252, pregando em Milão diante de perto de dez mil pessoas, disse em voz alta:

— Sei com certeza que os hereges planejaram a minha morte, e depositaram dinheiro para êsse fim. Mas façam o que lhes aprouver, porque mais trabalhará contra êles a minha morte do que trabalhei eu, enquanto vivo.

Em seguida voltou a Como, onde era prior.

Os maniqueus haviam com efeito conjurado a morte do santo homem. Designaram um dentre êles para perpetrar o assassínio. Chamava-se Pedro Basalmo, e tinha o sobrenome de Carino; escolheu por companheiro Albertino Porro, com o sobrenome de Migniso. O preço do assassinato era de quarenta libras. Os dois assassinos dirigiram-se a Como, para aguardar o momento propício. Ouvindo que se dirigiria a Milão, Carino pôs-se-lhe no encalço, e não teve dificuldade em alcançar o santo homem, que andava lentamente, alquebrado como estava por uma febre quartã, de que sofria já de há muito.

Alcançou-o a meio caminho, perto de um lugar chamado Barlasino, onde o cúmplice Migniso o esperava. Carino feriu o santo na cabeça com uma espécie de acha, que lhe abriu o crânio em grande e profundo ferimento, sem que êle se afastasse ou procurasse de qualquer maneira furtar-se à morte. Recomendava-se a Deus e recitava o símbolo, por cuja defesa dava a vida. Entretanto, o irmão Domingos, companheiro do santo mártir, dava grandes gritos e clamava por socorro; mas o assassino lan-

çou-se sôbre êle e feriu-o quatro vêzes, do que veio a falecer alguns dias após. Depois, vendo que São Pedro ainda respirava, introduziu-lhe uma faca nas costas, terminando por tirar-lhe a vida. Seu corpo foi levado depois à abadia de São Simpliciano, em Milão, e, no dia seguinte, solenemente enterrado na cidade, em Santo Eustórgio, igreja dos pregadores.

Pouco tempo após, o assassino Carino foi prêso por alguns indícios e lançado na prisão do governador de Milão; mas os seus oficiais, comprados por dinheiro, deixaram-no evadir-se ao cabo de dez dias, e o povo, apoderando-se do governador, correu ao palácio, que foi pilhado; acusado diante do tribunal do arcebispo, foi deposto do cargo, e mal logrou salvar a própria vida. O arcebispo era Leão de Peregio, da ordem dos frades menores. O assassino Carino fugiu para Forli, onde, tocado de arrependimento, entrou para a ordem dos frades pregadores, na qualidade de irmão converso, e terminou santamente seus dias.

Como o santo homem tinha predito, fêz ainda mais milagres após a morte do que durante sua vida. O papa Inocêncio IV, depois de mandar tomar informações exatas, verificou muitas coisas que não eram do domínio público. Estando, pois, em Perúsia, em 24 de março de 1253, na praça da igreja dos frades pregadores, em presença de grande multidão, incluiu-o solenemente no número dos santos mártires. Mas como 6 de abril, que foi o dia de sua morte, coincide freqüentemente com as festas pascoais, o papa ordenou que a festa do novo santo fôsse celebrada no dia 29 de abril. Muitos ficaram durante algum tempo sem celebrar a festa, uns por negligên-

cia, outros por equívoco; eis porque o papa ordenou a todos os fiéis celebrar a festa com o ofício de nove lições, exceto nas igrejas onde não se costuma fazer ofícios tão longos durante o tempo pascoal. A constituição é do dia 8 de agôsto do ano seguinte 1254. (1)

* * *

(1) Acta SS., e Godescardo, 29 de abril.

SÃO TÍQUICO (*)

Discípulo de São Paulo

1.º Século

Tíquico era originário da Ásia, e São Lucas nô-lo apresenta nos Atos.

«Depois que o tumulto cessou, chamando Paulo os discípulos, e, fazendo-lhes uma exortação, despediu-se, e partiu para a Macedônia. Depois de ter percorrido aquelas regiões e de ter feito muitas exortações, passou à Grécia, demorando-se aí três meses. Quando se dispunha a navegar para a Síria, foram-lhe armadas ciladas pelos judeus, e, por isso, tomou a resolução de voltar pela Macedônia. Acompanharam-no Sopatro, filho de Pirro, de Beréia, e dos Tessalonicenses acompanharam-no Aristarco e Secundo, e Gaio de Derbe, e Timóteo; e dos asiáticos acompanharam-no Tíquico e Trofimo. Êstes, tendo partido adiante, esperaram-no em Tróade; e nós, depois dos dias ázimos, fizemo-nos à vela de Filipos, e, em cinco dias, fomos ter com êles a Tróade, onde nos demoramos sete dias» (1).

São Paulo, na epístola aos Colossenses, refere-se a São Tíquico, dizendo:

---

(1) Act. 20, 1-6.

«Sôbre o estado de tôdas as minhas coisas, informar-vos-á Tíquico, muito amado irmão e fiel ministro e companheiro no Senhor, o qual eu vos enviei expressamente para que saibas o estado das vossas coisas e console os vossos corações, juntamente com Onésimo», etc. (2).

Aos Efésios, Tíquico também vai com a mesma missão que lhe confiara o Apóstolo quando o enviou a Colossos. Diz:

«E para que vós saibais também o estado das minhas coisas e o que eu faço, de tudo vos informará Tíquico, nosso irmão muito amado e fiel no Senhor, o qual vos enviei para isto mesmo, para que saibais o que é feito de nós e para que console os vossos corações» (3).

Há também referências a Tíquico na segunda epístola a Timóteo (4).

* * *

(2) Col. 4, 7-9.
(3) Eph. 4, 21-22.
(4) 2 Tim. 4, 21.

SANTO HUGO DE CLUNY (*)

Abade e Confessor

Hugo era filho do conde de Semur, Dalmácio, e nasceu em Semur, Brionnais, na diocese de Autum, em 1024.

Amante do estudo e da leitura, aos sete anos foi viver com um tio avô, também Hugo, bispo de Auxerre. Na casa do bom prelado, à vontade, satisfez o desejo que lhe consumia a alma: estudar e ler.

Ardendo pelo claustro, temeroso de que o pai lhe fôsse contrário à vocação, porque o conde reservara para o filho a carreira das armas, Hugo, da casa do bispo, diretamente, buscou a abadia de Cluny. Contava, então, quinze anos.

Admitido por Odilon, o abade, fêz-se noviço, e, em 1039, principiou a professar.

Aos vinte anos, recebeu o sacerdócio, ao mesmo tempo que Odilon lhe impunha o cargo de prior-mor, o que aconteceu em 1048.

Durante três anos, viveu na mais estreita amizade com o abade.

Hugo foi religioso de imensa bondade, caridoso e suave. E Odilon, mais do que octogenário, vendo a abadia em tão firmes e boas mãos, acreditou que, sem receio, podia partir para Roma, onde, perto do

túmulo dos santos Apóstolos, aspirava morrer. Partiu. Partiu e deixou com Hugo todo o govêrno espiritual e temporal da célebre comunidade.

Quando Hugo soube da morte do velho abade de Cluny, estava em Worms, em missão imposta pelo imperador Henrique III, missão que levou a um feliz desfecho.

Como nada mais o impedisse de regressar, voltou para Cluny, onde devia estar para a eleição que apontaria o sucessor de Odilon.

Hugo, por unanimidade, foi o escolhido. Com vinte e cinco anos de idade, o novo abade recebeu a bênção abacial no dia 22 de fevereiro de 1049.

Meses depois, tomava parte no concílio de Reims, presidido por Leão IX, ao qual, antes de que se assentasse no trono de São Pedro, conhecera em Brunon, quando da missão de Worms.

Tendo acompanhado o papa a Roma, o nosso abade foi um dos membros mais ativos do concílio que se reuniu na Páscoa de 1050 — no qual se tratou, pela primeira vez, dos erros de Berengário de Tour sôbre a eucaristia.

O abade de Cluny, em Roma, fêz sólida amizade com Frederico, abade do Monte Cassino, então chanceler do Santo Padre, e com Hildebrando, abade de São Paulo.

Nem bem regressara a Cluny, teve que viajar para Colônia: ia ser padrinho do principezinho Henrique, o da Germânia.

Novamente em Cluny, o papa, pouco depois, encarregava-o de dificílimo trabalho na Hungria, onde devia estabelecer a paz, então abalada, entre o rei André e o imperador. Quando tornava, um senhor assaz poderoso, mas pouquíssimo escrupu-



Cavaleiro comunicante. Segundo uma escultura da catedral de Reims. Século XIII.

loso, saqueou-lhe a comitiva e o meteu no cárcere, com os monges que o acompanhavam.

Hugo, para livrar-se, invocou São Mayeul, que o atendeu: no dia seguinte, o saqueador apareceu na prisão e pediu perdão pelo que praticara, libertando a todos.

Em 1054, soube do assassínio do pai, morto por Roberto, o Velho, duque da Borgonha, espôso de Alix de Semur, a filha mais velha de Dalmácio. Impôs-se, então, duras austeridades para a expiação do crime. Com satisfação, viu a mãe retirar-se ao convento de Marcigny.

Morto o papa Leão IX, em 1054, o santo abade conseguiu de Vítor II, o sucessor, a confirmação dos bens, direitos e privilégios de Cluny.

Depois de uma vida tôda dedicada aos mais delicados afazeres, como legado, sofrendo pelos erros do afilhado, então Henrique IV, excomungado por Gregório VII, Santo Hugo, com oitenta e cinco anos de idade, falecia na igreja da Santa Virgem, estendido sôbre a cinza e um cilício, a 29 de abril de 1109.

* * *

SÃO ROBERTO DE MOLESMES (*)

Confessor

Roberto nasceu numa das melhores famílias de Champagne em 1024, e, aos quinze anos, dizendo solene adeus ao século, procurou os beneditinos de Montier-la-Celle, perto de Troyes.

Modêlo dos noviços e êmulo dos mais perfeitos e santos religiosos, Roberto era severo, doce, afetuoso e quieto, todo inclinado à contemplação.

Findo o noviciado, as qualidades que reunia levaram-no a ser nomeado prior da casa.

Anos mais tarde, os religiosos de São Miguel de Tonnerre escolheram-no como abade. Tentou, então, ali, o estabelecimento de uma disciplina regular, mas, diante da obstinação dos irmãos, deixou-os, e foi viver numa floresta, onde sete ermitães, sabedores da fama de santidade de nosso Santo, suplicaram-lhe fôsse dirigi-los. Roberto acedeu ao desejo daquelas almas, satisfeito.

Ora, como o prior de São Miguel tomasse aquilo como uma afronta para a comunidade, induziu os monges a aceitar a disciplina do Santo. Roberto, então, tornou a São Miguel, mas como os

monges não foram de encontro à boa vontade do confessor, êste os abandonou pela segunda vez e buscou o seu antigo mosteiro de Montier-la-Celle.

Ali, na solidão, na calma e no silêncio, entregou-se à contemplação, recebendo grandes graças do céu.

Pouco mais tarde, viu-se obrigado a deixar aquela tranqüilidade para se ocupar de uma dependência do mosteiro, o priorado de Santo Ayoul. Os ermitães, então, que o haviam solicitado como superior, aproveitaram a oportunidade para conseguir-lhe a conduta. Entenderam-se com o papa Alexandre II e dêle obtiveram um breve, o qual ordenava que Roberto fôsse dirigi-los.

O Santo, cujo amor pela vida cenobítica era grande, recebeu aquela notícia com alegria. Assim, uniu-se aos ermitães daquela floresta, a de Collan, e principiou nova vida.

Percebendo que aquêle lugar era um tanto malsão, resolveu mudar-se. E conduziu os dirigidos para a floresta de Molesmes, que o ribeiro de Laignes refrescava, cantarolante. Construiram-se, ali, pequeninas celas de galhos de árvores e erigiu-se um oratòriozinho em honra da Santíssima Trindade. Era em 1075, e os religiosos, treze agora, passaram a servir a Deus com um ardor incomum, a curtir, como penitência, a fome e a sêde, a suportar o frio e o calor.

Tal gênero de vida logo atraiu a atenção das gentes da redondeza. E o bispo de Troyes, um dia, tanto lhe chegavam ao conhecimento notícias daqueles treze santos homens, foi visitá-los, voltando edi-

ficado, muitíssimo admirado de tanta austeridade e de tanta pobreza. Assim, alguns dias mais e os monges habitantes de Molesmes recebiam, de presente, objetos indispensáveis ao uso diário, com ordem do bispo para que dêles se servissem.

Depois daquela visita do bispo de Troyes, muitos senhores dos arredores imitaram-lhe o exemplo. E a caridade daqueles senhores, que lhes granjeavam méritos para a vida futura, foi, no entanto, perniciosa para os que a recebiam. A abundância destruiu nos religiosos, a pouco e pouco, o amor que dedicavam à pobreza e à mortificação — os principais esteios do estado que haviam abraçado. E o trabalho manual, ao qual se dedicavam com tanto ardor e tanto carinho, foi-se da comunidade, que crescia em número de dia para dia.

Roberto chamou-lhe, brandamente a princípio, a atenção, fazendo-lhes ver que o demônio se insinuava no meio dêles, para lhes roubar o que de mais precioso possuiam. Mas foi inútil. Então, abandonando-os, cheio de uma grande tristeza, afundou-se mais na floresta, para, na solidão, chorar-lhes as desordens.

Os monges não se conformaram com a ausência do superior. Aflitos, despacharam um dêles para descobrir-lhe o paradeiro, com ordens de trazê-lo de volta, arrependidos que estavam e prontos para obedecê-lo cegamente.

Roberto voltou, e mal sabia quão infrutuosos lhe seriam os trabalhos para a reforma de Molesmes.

Após inúmeras tribulações, dois dos companheiros do Santo, Alberico e Estêvão, propuseram-

lhe, um dia, que se estabelecesse uma abadia onde a regra beneditina fôsse observada **ex toto corde.** Depois de muito pensar e muito orar, buscaram a autorização da Santa Sé. E assim, em princípios de 1098, Roberto, com seis monges, foram procurar o arcebispo de Lião, então legado do Santo Padre na França, para lhe expor as intenções que traziam.

Tudo pronto e bem assentado, restava escolher o lugar. E o lugar escolhido foi Citeaux, numa floresta intrincadíssima, espantosa, que crescia na diocese de Chalon-sur-Saone, num trato de terra que pertencia ao visconde de Beaune, Renaud, que, generosamente, cedeu-lhes o espaço requerido para a elevação de um mosteiro.

Nosso Santo, eleito abade pelo unânime sufrágio dos monges que o acompanharam, recebeu o bastão pastoral das mãos do bispo de Chalon, Gualtério, e a nova vida, sob a regra de São Bento, principiou.

Mais uma vez, os religiosos que permaneceram em Molesmes procuraram atrair o santo abade para a comunidade. Recorrendo a Roma, conseguiram recambiar o antigo superior. Obediente, Roberto estabeleceu novo abade para Cîteaux — Alberico — e tornou para Molesmes.

Deus premiou-lhe a submissão, porque o Santo revolucionou o espírito dos religiosos para os quais fôra obrigado a voltar. Tudo correu maravilhosamente, e Roberto governou calmamente os irmãos por nove anos.

Velho, cansado, aspirando o céu, no dia 21 de março de 1110, com oitenta e seis anos de idade, deixou o mundo e foi para o Senhor.

— — — —

Em Roma, neste mesmo dia, a morte de Santa Catarina de Siena, virgem, da ordem terceira de São Domingos, celebérrima pela vida santa e pelos milagres. Celebra-se-lhe a festa amanhã, 30 de abril.

Em Corfu, Santa Cercira, virgem e mártir. Filha do rei Cercilino, foi, diz-se, convertida pelos Santos Jasão e Sosipatro. O rei, furioso, ordenou que a matassem. Suspensa sôbre uma fogueira, acabou sob uma chuva de flechas (1.º século).

Em Atino, Itália, São Caro, bispo e mártir, falecido em 249.

Na Irlanda, São Fiachna, abade e confessor, monge de Lismore, discípulo de São Carthagh, o Jovem. Possuiu, na maior perfeição, o espírito de obediência (século VII).

Na Bélgica, Santa Ave, ou Ava, virgem. Filha de rica família, era cega. Curada ao pé do túmulo de Santa Renfreda, abadêssa de Denain, consagrou a fortuna à igreja daquela abadia, tomou o véu e terminou a vida felizmente (século IX).

Em Clairvaux, o bem-aventurado Roberto Gruthuysen, abade e confessor. Nascido em Bruges, ligou-se a São Bernardo, que encontrara em Liège. Recebeu o hábito cisterciense em 1131. Enviado para governar a abadia de Nossa Senhora das Dunas, foi julgado o mais digno para suceder São Bernardo. Faleceu no dia 29 de abril de 1157.

Em Cirta, na Numídia, os Santos Agápi e Secundino, que, após um longo exílio nessa cidade, ajuntaram à dignidade do sacerdócio a glória de um fulgurante martírio. Sofreram durante a perseguição de Valeriano, na qual os pagãos se esforçaram ao máximo em tirar a fé aos justos. Com êles enfrentaram a morte os Santos Emiliano, soldado, Tertúlia e Antonieta, virgens, consagradas a Deus, e uma mulher com dois filhos que eram gêmeos (ano 259).

No mesmo dia, sete ladrões, que São Jasão havia convertido a Jesus Cristo, e que alcançaram a vida eterna pela via do martírio.

Em Bréscia, São Paulino, bispo e confessor.

* * *

30.º DIA DE ABRIL

SANTA CATARINA DE SIENA

Virgem

Em meados do século XIV, na cidade de Siena, tão fecunda em santos, vivia um homem piedoso, simples e probo, chamado Jacó, com o sobrenome de Benincasa, tintureiro de profissão; sua mulher, chamada Lapa, conquanto não tivesse sombra de malícia, cuidava tão bem dos negócios da casa, que desfrutavam de uma honesta abastança. Deus abençoou-lhes o casamento; tiveram vinte e cinco filhos, dos quais a maior parte gêmeos; educaram-nos no temor e no amor de Deus. Jamais, nessa numerosa família, era permitida uma palavra que pudesse ofender a Deus ou ao próximo. O pai dava o exemplo. Um dos seus concidadãos procurava arruiná-lo mediante calúnias; jamais, entretanto, permitiu que falassem mal dêle na sua presença. Como sua mulher se queixasse amargamente, disse com doçura:

— Deixa-o tranqüilo, minha cara. Deus lhe fará conhecer o êrro, e êle se tornará nosso defensor.

O futuro encarregou-se de dar-lhe razão.

O efeito do bom exemplo impressionou de tal maneira os filhos, que, particularmente as filhas, não

podiam ouvir ou dizer uma palavra indecente. Uma delas, chamada Bonaventura, tendo esposado um jovem que havia perdido pai e mãe, ficou escandalizada ao ouvi-lo proferir, êle e seus camaradas, propostas desonestas. Entristeceu-se de modo a definhar a olhos vistos. Tendo-lhe perguntado o marido pela causa, respondeu-lhe sèriamente:

— Na casa de meu pai não estou acostumada a ouvir propostas como as que ouço cada dia, e não fui educada dessa maneira. Sabe com certeza que se não afastares dessa casa todos os vis discursos, em breve me verás morta.

O marido, espantado e ao mesmo tempo edificado, tomou imediatamente as providências para que a mulher não ouvisse mais nada que lhe pudesse causar sofrimento. A modéstia do sogro corrigiu assim tôda a família do genro.

Entre os últimos filhos desta numerosa família houve duas gêmeas, que nasceram em 1347; no batismo, uma recebeu o nome de Joana, outra de Catarina. Joana deixou a terra poucos dias após, com a inocência batismal; Catarina foi alimentada pela própria mãe, com muita afeição. É ela a célebre Santa Catarina de Siena, prodígio de seu século e de muitos outros.

Desde que pôde andar sòzinha, a mãe teve dificuldade em conservá-la em casa. Deus havia prodigalizado à criança tantas graças, que todos se sentiam felizes em vê-la e ouvi-la. Por isso, vizinhos ou parentes a levavam para suas casas, para desfrutar dessa consolação espiritual. Com a idade de cinco anos recitava continuamente a saudação angélica, que acabara de aprender. Subindo e descendo

as escadas, dobrava os joelhos em cada degrau e saudava a santa Virgem.

Com a idade de seis anos, voltando da casa de sua irmã Bonaventura com seu irmãozinho Estêvão, Nosso Senhor lhe apareceu em cima da igreja dos irmãos Pregadores, sentado sôbre um trono, com a tiara na cabeça, e acompanhado de São Pedro e São Paulo, assim como São João Evangelista. A visão deixou Catarina imóvel no meio da praça. Contemplava com amor inefável o Salvador, que a abençoou com ternura, fazendo o sinal da cruz. Seu irmão, que havia continuado o caminho, vendo que ela não o seguia, voltou, encontrando-a imóvel na mesma praça. Chamou-a em vão e, por fim, arrastou-a à fôrça. Então, voltando a si como de um profundo sono, ela abaixou os olhos e disse:

— Se visses o que vejo não me impedirias de desfrutar dessa felicidade.

Levantou novamente os olhos para o alto, mas a visão havia desaparecido, pelo que chorou inconsolável. Foi ela que, em idade mais avançada, relatou êste fato ao seu confessor e biógrafo.

Desde então entrou como que na idade madura; não se via nela nada de infantil. Deus prodigaliza a criança dia a dia com graças mais singulares. Assim, como ela confessou humildemente ao seu guia espiritual, aprendeu desde então, não pela leitura, mas pela infusão do Espírito Santo, as vidas dos Padres do deserto, as ações de alguns outros santos, notadamente de São Domingos, e ela concebeu tão grande desejo de imitá-los, que não podia mais pensar em outra coisa. Procurava os lugares retirados, e dedicava-se secretamente à disciplina com uma pequena corda. A oração e a meditação substituíam

todos os divertimentos. Ao contrário dos costumes das crianças, todos os dias comia e falava menos. Seu exemplo atraiu muitos companheiros de sua idade, que se retiravam com ela para um canto da casa, para escutar fervorosas palavras, dedicar-se à disciplina e recitar certo número de vêzes a Oração Dominical e a Saudação Angélica.

Aconteceu-lhe um fato, de que foi várias vêzes testemunha a mãe, que o relatou pessoalmente ao autor de sua vida. Muitas vêzes, quando subia ou descia as escadas da casa paterna, parecia visìvelmente transportada pelos ares, sem que os pés tocassem os degraus. Vendo isso, a mãe temia que viesse a cair. Isso acontecia sobretudo quando queria fugir principalmente dos jovens do outro sexo.

Tinha dezesseis anos, quando sentiu vivo desejo de imitar os solitários do Egito. Não sabendo como fazer, saiu por uma porta da cidade e chegou até uma gruta, onde ficou arrebatada em êxtase. Ali se inteirou de que não devia ainda deixar a casa paterna, mas praticar a mortificação por amor do Salvador crucificado. Voltando a si, e vendo-se só e longe de casa, temeu que os pais a considerassem perdida, e recomendou-se ao Senhor, que a transportou pelo ar até a porta de Siena. Entrou, então, prontamente em casa, onde acreditaram que tivesse estado em casa da irmã casada. O episódio permaneceu desconhecido, até que em idade avançada o revelou aos confessores, entre os quais se encontrava o biógrafo.

Com dezessete anos, após ter orado muito à rainha das virgens e dos anjos, fêz o voto de virgindade. De joelhos, num local solitário, proferiu a seguinte prece em voz alta:

— Bem-aventurada e santíssima Virgem, que, primeira entre tôdas as mulheres, consagrastes com um voto a perpétua virgindade ao Senhor, que vos fêz a graça incomparável de vos tornar mãe de seu Filho único, suplico à vossa inefável piedade que, sem atender à minha pequenez, nem considerar os meus méritos, vos digneis conceder-me a graça de receber por espôso aquêle que desejo com todo o meu coração e minha alma, vosso Filho adorável, nosso Único Senhor Jesus Cristo, e vos prometo, a êle e a vós, que jamais admitirei outro espôso, e que para sempre lhe guardarei, segundo meus pequenos meios, uma virgindade sem mancha.

Feito o voto, redobrou de fervor e austeridade; absteve-se de comer carne, na medida em que podia fazê-lo sem dar na vista. Concebeu especial devoção pelos santos que trabalharam na salvação das almas. Tendo ouvido que São Domingos havia fundado para isso a ordem dos irmãos pregadores, teve por essa ordem um respeito tão grande, que quando irmãos pregadores passavam diante da casa, ia beijar devotamente os vestígios deixados pelos pés. Teve mesmo a idéia de tomar vestes masculinas, como outrora Santa Eufrosina, e entrar nessa ordem para trabalhar também na salvação das almas. Deus contentará o seu zêlo de outra maneira.

Não tinha ainda dez anos, quando a mãe lhe disse, um dia:

— Vai à igreja paroquial, e pede ao nosso cura que reze missa em honra de Santo Antônio, com tal número de velas e dinheiro por oferenda.

Catarina fêz com prazer o que lhe havia ordenado a mãe; mas teve a devoção de assistir à missa.

A mãe, achando o tempo um pouco longo, disse-lhe, ao vê-la regressar, segundo o costume do país:

— Malditas as línguas más, que diziam que não mais voltavas!

Catarina permaneceu silenciosa por algum tempo; em seguida, tomando a mãe à parte, disse-lhe humildemente:

— Senhora minha mãe, se cometo uma falta ou transgrido vossas ordens, batei-me como vos aprouver, a fim de que eu seja mais atenta noutra vez, porque isto é digno e justo; mas suplico-vos que não queirais, a propósito de minhas faltas, maldizer quem quer que seja, nem bom, nem mau, porque isto não convém à vossa idade avançada, e constitui para o meu coração extrema aflição.

Surpreendida acima de tudo o que se possa dizer, ao ver criança tão pequena com tão grande sabedoria, perguntou-lhe a mãe:

— Por que, então, demoraste tanto?

— É que, respondeu ela, ouvi a missa que me mandastes encomendar, depois, voltei sem me deter em lugar nenhum.

A mãe, ainda mais edificada com a filha, relatou tudo ao pai, que, dando graças a Deus, considerava o fato sem nada dizer.

Quando Catarina chegou à idade de doze anos, a família, que não suspeitava do seu voto, pensou em casá-la. A mãe esperava para ela um partido muito vantajoso, por causa de sua virtude e sabedoria; mas teria querido que ela se preocupasse um pouco mais com a toilette. Catarina, que não procurava senão agradar ao espôso invisível, já escolhido, recusou-se a isso por muito tempo. Por fim, sua irmã Bonaventura, a quem amava com ternura,

pediu-lhe insistentemente, e ela se aprestou por algum tempo por complacência. Em breve, arrependeu-se como de falta grave, como tendo amado sua irmã mais do que a Deus. O arrependimento foi tanto mais vivo, porque a irmã bem-amada veio a falecer pouco após.

Os pais insistiram com mais ardor para que tomasse um marido conveniente. Como não lograssem persuadi-la, pediram a um frade Pregador, grande amigo da família, lhe falasse nesse sentido. O religioso, tendo ouvido Catarina, aconselhou-lhe a cortar os cabelos, para mostrar aos pais que sua resolução era imutável. Isso levá-los-ia a deixarem de insistir. No mesmo instante, ela cortou os cabelos, que tinha lindos. A mãe, os irmãos, o pai, disso se apercebendo, clamaram contra ela mais do que nunca:

— Que fizeste? Os teus cabelos crescerão, malgrado teu: devesse teu coração romper-se, tomarás um marido; não te deixaremos repouso, até que consintas.

Ficou decidido que Catarina não teria mais lugar retirado para dedicar-se à oração, mas estaria constantemente empenhada nos serviços da cozinha; ao que ajuntavam todos os dias palavras de censura e desprêzo, para fazê-la mudar de opinião, tanto mais que haviam encontrado um jovem muito conveniente. Foi tudo em vão. Privada da cela exterior, Catarina, inspirada pelo espírito de Deus, construiu uma cela interior, no fundo d'alma. Ali rezava, se unia ao espôso divino, malgrado tôda a azáfama da cozinha. Imaginou um meio mais maravilhoso ainda: representava Jesus Cristo no pai, a Santa Virgem na mãe, os apóstolos e discípulos nos irmãos e outras

pessoas da casa; nesse pensamento, servia com ardor e alegria que excitavam a admiração de todos. Outro bem advinha dêsse fato: servindo assim os outros, meditava continuamente no espôso celeste, a quem servia nêles; a cozinha tornou-se como que um sacrário; servindo aos que se sentavam à mesa sempre alimentava a alma com a presença do salvador. Os irmãos viam tudo, dizendo entre si:

— Não estaremos vencidos?

O pai, que era mais pacífico e considerava com atenção tudo o que ela fazia, convenceu-se de que era guiada pelo Espírito Santo, e não por uma leviandade da juventude.

Enfim, Catarina se inteirou, através de uma visão, de que Deus a chamava para a ordem terceira de São Domingos. Reuniu no mesmo dia os pais e irmãos, falando-lhes nesses têrmos:

— Desde há muito decidistes entre vós, como dissestes, dar-me em casamento a um homem corruptível e mortal. Conquanto tivesse repugnância extrema por isso, como pudestes ver por sinais diversos, todavia, pelo respeito que Deus me ordena testemunhar a meus pais, não me expliquei com suficiente clareza até agora. Mas agora, como não mais é tempo de calar-se, abrir-vos-ei claramente o coração e minha resolução, resolução que foi tomada e confirmada, não há pouco, mas desde minha infância. Sabei, pois, que na minha própria infância, fiz voto de virgindade, não como criança, mas após longa deliberação e por uma grande causa: fi-lo ao Salvador do mundo, meu Senhor Jesus Cristo, e à sua gloriosíssima mãe; prometi-lhes que jamais aceitaria outro espôso além do Senhor. Agora que, por vontade do Senhor, cheguei a uma idade e a um

conhecimento mais perfeitos, sabei que meu espírito está de tal maneira firme, que amoleceríeis mais fàcilmente as pedras do que me afastaríeis o coração dessa santa resolução. Quanto mais vos empenhardes, mais tempo perdereis. Eis por que vos aconselho a renunciar ao desejo de casar-me, porque nisso jamais farei vossa vontade; devo obedecer mais a Deus do que aos homens. Se me quiserdes em vossa casa, tal como sou, mesmo como vossa serva, estou pronta a obedecer-vos com alegria, no que souber e puder. Se, por isso, estais resolvidos a expulsar-me de casa, sabei que meu coração não se desviará jamais da resolução porque tenho um espôso tão rico e tão poderoso, que não permitirá que venha a desfalecer, de qualquer maneira que seja; sem dúvida alguma, êle me proverá do necessário.

A essas palavras, pai, mãe e irmãos puseram-se a chorar e a soluçar, sem lograrem articular resposta. Por fim, o pai, que amava ternamente Catarina e havia observado com mais atenção o seu comportamento, respondeu-lhe:

— A Deus não apraz, dulcíssima filha, que nos oponhamos de maneira alguma à vontade divina, da qual, vemos, que procede vossa santa resolução. Como aprendemos por longa experiência, e sabemos a esta hora manifestamente que a isto fôste levada, não por leviandade de juventude, mas pelo amor divino, cumpre livremente o voto. Faze como julgares oportuno e como o Espírito Santo te inspirar. Não te afastaremos das tuas santas obras, nem te impediremos, em nada, nas tuas virtuosas práticas; todavia, ora sem cessar por nós, a fim de que nos tornemos dignos das promessas de teu espôso, que, numa idade tão tenra, te escolheu por sua graça.

Depois, voltando-se para a mulher e filhos, ajuntou:

— Ninguém faça qualquer mal à minha caríssima filha; ninguém ouse impedi-la em qualquer coisa; permiti-lhe que sirva livremente o espôso e que ore por nós, sem cessar. Jamais acharemos uma aliança semelhante a esta, e não temos motivo para queixas, se por um homem mortal recebemos um Deus e homem imortal.

Tendo assim falado o pai, Catarina agradeceu humildemente à família, e mais ainda a Deus. (1)

Livre dessa maneira, a santa seguiu o chamamento interior que a levava a tôdas as obras de caridade e de mortificação. Fazia aos pobres abundantes esmolas, no que o pai lhe deixava ampla liberdade; servia aos doentes, consolava os prisioneiros e todos os infelizes. Raramente se permitiu o uso de pão; seu alimento ordinário consistia em ervas cozidas, sem qualquer tempêro. Carregava o cilício com uma cinta de ferro provida de pontas agudas. Dormia pouco, e repousava sôbre tábuas nuas. Suas macerações eram acompanhadas de humildade profunda, de obediência total e de perfeita renúncia à vontade. Não tinha mais do que quinze anos quando iniciou tal gênero de vida. Deus afligiu-a com diversas doenças, que os remédios dos médicos não fizeram senão piorar. As dores que sofria não alteraram jamais a tranqüilidade de sua alma: considerava-as um meio de expiar os seus pecados e purificar as afeições de seu coração.

---

(1) Acta SS., 30 de abril. Vita S. Cath. Sen., auctores Raimondo Capuano, c. II.

Em 1365, tomou o hábito da ordem terceira de São Domingos, num convento anexo à igreja dos Dominicanos. Tinha então dezoito anos. Seu maior desejo era permanecer encerrada na sela e dedicar-se à oração. Suas mortificações não tiveram limites. Guardou durante três anos um silêncio que não interrompia senão para falar a Deus ou a seu diretor. O exercício da contemplação lhe tomava boa parte dos dias e das noites. Dela hauriu grandes luzes sobrenaturais, um terno amor por Deus e um zêlo ardente pela conversão dos pecadores.

O Salvador mostrou-lhe a face um dia, quando ela estava abismada na oração, enchendo-a de temor, a princípio; ela terminou por perguntar-lhe como poderia distinguir uma visão ou aparição que vinha realmente de Deus, daquela que poderia vir do inimigo. O Salvador deu-lhe a seguinte resposta:

— Ser-me-á fácil instruir tua alma, por inspiração, a discernir imediatamente entre uma e outra. Mas para que sirva aos outros e a ti, ensinar-te-ei por palavras. Os doutôres, que instruí pessoalmente, ensinam, e é verdadeiro, que minha visão começa com o temor, mas em seguida dá sempre uma segurança crescente; começa com certa amargura, mas torna-se sempre mais doce. É o oposto que acontece com o inimigo. No início, ela dá, parece, certa alegria, segurança ou doçura; mas sempre, em seguida, o temor e a amargura crescem contìnuamente no espírito de quem vê. Isso é verdade, porque meus caminhos diferem da mesma maneira dos seus caminhos. O caminho da penitência e dos meus preceitos, a princípio, é amargo e difícil; em seguida, mais e mais se torna doce e fácil. Ao contrário, a via dos vícios parece, a princípio, agradabilíssima; mas, com

o decorrer do tempo, torna-se sempre mais amarga e funesta.

O Salvador acrescentou:

— Quero dar-te outro sinal mais infalível e certo. Tem por indubitável que, como sou a própria verdade, sempre de minhas visões resulta na alma um maior conhecimento da verdade. Ora, o conhecimento da verdade lhe é mais necessária com relação a mim e com relação a ela, a fim de que me conheça e conheça a si própria; de onde advém que ela se despreza e me honra, o que é próprio da humildade. Portanto, é necessário que, por efeito de minhas visões, a alma se torne mais humilde conhecendo melhor a si própria, e, por isso, desprezando-se mais. O contrário acontece nas visões do inimigo. Como é o pai da mentira e o rei de todos os filhos do orgulho, e não pode dar o que tem, sempre de suas visões resulta na alma a estima própria e a presunção, o que é próprio do orgulho, e ela se infla e incha de vento. Examinando pois, a ti mesma, podes concluir de onde procede a visão, da verdade ou da mentira, porque a verdade torna sempre a alma humilde, enquanto a mentira a torna soberba. (1)

Outra vez, enquanto a santa estava em oração, o Salvador apareceu-lhe e perguntou:

— Sabes, minha filha, quem sou eu e quem és tu? Se disseres estas duas coisas, serás bem-aventurada. Tu és aquela que não é, eu sou aquêle que sou. Se tens êsse conhecimento na alma, jamais o inimigo poderá enganar-te, e evitarás todos os seus

---

(1) Vita S. Cath. Se., auctores Raimondo Capuano, c. v, m n.º 58.

embustes; não consentirás jamais em algo contra os meus preceitos e adquirirás, sem dificuldade, tôda graça, tôda verdade, e tôda glória. (1)

O biógrafo de Santa Catarina de Siena, que foi ao mesmo tempo um de seus diretores espirituais, admira com justiça essa oração a um tempo simples e sublime, porque encerra em duas palavras o que há de mais elevado em Platão, que definiu Deus **aquêle que é**, e a criatura **aquela que não é**; idéia que parece tirada da sagrada Escritura, onde Deus se define como **Aquêle que é**, e onde Davi diz a Deus: «Eis que minha substância está diante de vós como um nada». Êsse sublime resumo da sabedoria divina e humana tornado familiar por uma filha de tintureiro, nos parece por si só prova evidente de uma iluminação sobrenatural e divina.

Catarina não desfrutava sempre dessas consolações celestes; Deus submeteu-a a rudes provas, a pedido seu mesmo. Vários dias, em seguida, ela pediu ao Senhor a virtude da fôrça. O Senhor, que lhe havia inspirado o pedido, deu-lhe a resposta:

— Minha filha, se queres adquirir a virtude da fôrça, é mister me imites. Porque, conquanto pudesse pela virtude divina destruir tôdas as potestades aéreas, ou vencê-las de outra maneira, querendo, todavia, por minhas ações humanas, dar-te o exemplo, quis vencê-las mediante a cruz, para te ensinar pela palavra dos fatos. Se queres, pois, tornar-te forte para vencer todo poder hostil, toma a cruz para teu alívio, como fiz eu, eu, que, segundo o apóstolo, corri com alegria para a cruz, essa cruz tão humilhante e dura; vale dizer, prefere as penas e

(1) C. VI, n. 92.

aflições, não sòmente para carregá-las com paciência, mas para abraçá-las como alívio. Quanto mais sofreres por causa de mim, mais te tornarás semelhante a mim. Se te tornas semelhante a mim pelos sofrimentos, segue-se necessàriamente, segundo a doutrina do meu apóstolo, que serás semelhante a mim em graça e glória. Toma, portanto, minha filha, por causa de mim, o doce pelo amargo, o amargo pelo doce; e não duvides de que, em seguida, serás forte em tôdas as coisas.

Catarina tomou tão firme resolução de colocar sua alegria no sofrimento, que nada no mundo lhe causava tanto prazer como as penas e dificuldades. Sem aflições, a vida lhe parecia insuportável.

Algum tempo após, como antigamente Santo Antão, viu-se assaltada de horríveis tentações. Noite e dia, uma multidão de espíritos imundos a obcecavam com pensamentos e imaginações abomináveis, representando diante dela, por vêzes, os gestos e atos mais lascivos, e solicitando-a, com palavras sedutoras, a faltar ao voto. Como casta espôsa que não responde palavra ao adúltero, mas se afasta, Catarina não respondeu uma palavra às solicitações impuras dos demônios, mais se empenhando com fidelidade na oração e na mortificação. Sòmente, quando os inimigos a atacavam com respeito à perseverança, dizia:

— Ponho minha confiança em nosso Senhor Jesus Cristo, e não em mim.

Estas tentações duraram vários dias; eram menos violentas na igreja, mas redobravam na cela.

Um dia em que Catarina estava prostrada em oração, um raio do Espírito Santo lhe esclareceu a inteligência; lembrou-se de que, pouco antes, havia

pedido ao Senhor o dom da fôrça, e que instrução havia recebido; compreendeu o mistério das tentações, e, rejubilando-se interiormente, resolveu suportar com alegria tôdas essas penas, enquanto agradasse ao espôso. Então um dos espíritos imundos lhe disse:

— Que farás, miserável? Passarás a vida inteira nessa miséria? Jamais deixaremos de atormentar-te, até que consintas nos nossos desejos.

Ela respondeu com segurança ao tentador:

— Escolhi as penas para meu alívio; não me é difícil, mas agradável mesmo, sofrer estas penas e outras mais pelo nome do Salvador, tanto quanto aprouver à sua Majestade.

A estas palavras, os demônios retiraram-se confusos; uma luz do alto aclarou tôda a cela, e em meio à luz apareceu o Salvador crucificado como quando entrou no eterno sacrário. E disse à virgem:

— Vês, minha filha, quanto sofri por ti; não hesites, pois, em sofrer por mim.

Em breve aproximou-se dela sob outra forma, para consolá-la e entretê-la com o seu triunfo.

— Ah, exclamou ela, onde estáveis vós, Senhor, enquanto meu coração era vexado com tantas torpezas?

Êle respondeu:

— Estava em teu coração.

— Mas, replicou ela, ressalvando o respeito devido à vossa verdade e à vossa Majestade, como posso crer que habitáveis meu coração, quando estava cheio de pensamentos imundos e vergonhosos?

— Mas, perguntou o Salvador, êsses pensamentos ou essas tentações causavam em teu coração alegria ou tristeza, aflição ou prazer?

— Ah, Senhor, a mais profunda tristeza e aflição.

— Ora, disse o Salvador, que te fazia triste, se eu estava no teu coração? Se ali eu não tivesse estado, êsses pensamentos teriam penetrado teu coração, nêles terias encontrado prazer; mas minha presença provocava êsse desgôsto em teu coração; e como querias repeli-los bem longe, sendo que te afligiam extremamente, e como não podias satisfazer o teu desejo, te entristecias. Mas era eu que fazia tudo isso, eu que defendia teu coração contra os inimigos, escondidos no interior, e permitindo que fôsses perturbada, até à medida em que era salutar para ti. Quando passou o tempo marcado por mim para o combate, enviei um de meus raios; imediatamente as trevas infernais refluíram, porque não podem subsistir com a luz. E como não seria meu raio, se as penas te foram salutares para adquirir a fôrça, razão pela qual mister se fazia as suportasses com alegria, que, em última análise, foi a tua instrutora? E porque te ofereceste cordialmente a carregar essas penas, foram elas livremente afastadas pela minha presença; porque minha complacência não está nas penas, mas na vontade de suportá-las com coragem.

Para que o compreendas mais perfeitamente e mais agradàvelmente, dou-te um exemplo em meu próprio corpo; porque, quem teria crido que meu corpo, quando sofria tão cruelmente, quando morria sôbre a cruz e em seguida jazia inanimado, tivesse sempre em si uma vida latente, que lhe estava unida de maneira indissolúvel? Não sòmente os estran-

geiros e perversos, mas os próprios apóstolos, que durante tanto tempo haviam estado comigo, não puderam crê-lo; todos perderam a fé e a esperança. E, entretanto, conquanto verdadeiramente meu corpo não vivia da vida que recebia de sua própria alma, tinha todavia, com êle e unida a si uma vida sem têrmo, da qual vivem todos os sêres vivos; pela virtude da qual, na hora aprazada desde tôda eternidade, o espírito dêsse corpo a êle foi reunido, com uma comunicação de vida e de virtude muito maior do que antes, a saber, a imortalidade, a impassibilidade e os outros dons sobrenaturais. Assim, pois a vida, a natureza divina, unida a meu corpo, permaneceu latente quando manifestou sua virtude. Ora, tendo-vos criado à minha imagem e semelhança, e tornado tu semelhante, ao tomar tua natureza, não cesso jamais de assimilar-te a mim, na medida em que és capaz; e o que, então, tem lugar no meu corpo, empenho-me em renová-lo em tua alma, enquanto estás no caminho. Tu, pois, que, por minha virtude e não pela tua, tens combatido fielmente, mereceste uma graça maior; eis porque doravante, me mostrarei a ti mais freqüentemente e mais familiarmente (1).

Uma dessas manifestações maravilhosas foi a seguinte. De há muito a virgem fiel pedia ao divino espôso que lhe aumentasse a fé, que lhe desse uma fé perfeita, a fim de que fôsse unida a êle de maneira mais íntima e indissolúvel. O Senhor lhe respondia por essa palavra, que havia já dito pelo profeta Oséias: «Tornar-te-ei minha espôsa por uma fé inviolável. À aproximação da quaresma, como ela

(1) Vita, c. VII, n. 103-111.

renovasse sua prece com as mais vivas instâncias, o Senhor lhe disse:

— Já que renunciaste por amor de mim a tôdas as vaidades, e, desprezando os prazeres da carne, fixaste o prazer de teu coração em mim sòmente, hoje, enquanto o resto de tua família desfrutar dos festins, resolvi celebrar solenemente contigo os esponsais de tua alma, e, como prometi, tornar-te minha espôsa por uma fé inviolável.

Falava ainda, quando apareceu a santa Virgem, sua mãe, São João Evangelista, o apóstolo São Paulo e São Domingos, com o profeta Davi tendo à mão o Saltério. Enquanto tirava os sons mais harmoniosos, a mãe de Deus tomou a mão direita da humilde virgem, e, estendendo os dedos em direção do filho, suplicou-lhe a tomasse como espôsa fiel. O Filho, aquiescendo com extrema benevolência, colocou-lhe no dedo anular um anel de ouro ornado de quatro pérolas e de um diamante e lhe disse:

— Eis que te tomo por espôsa, eu teu criador e salvador, por uma fé que se conservará sempre inviolável. Doravante, minha filha, faze com coragem, e sem detença, o que minha providência te levar a fazer; armada da fôrça da fé vencerás todos os adversários.

A essas palavras, a visão desapareceu. O anel permaneceu no dedo da virgem, mas visível sòmente a ela, como confessou freqüentemente a seu diretor e biógrafo.

Era Raimundo de Cápua, frade Pregador, e depois geral da ordem. Êle confessa ingênuamente que muitas vêzes se sentiu tentado a não crer nas visões e nos êxtases, de que ela lhe prestava contas. «Pro-

curava de tôdas as maneiras descobrir se tais coisas vinham de Deus ou de outra parte, se eram verdadeiras ou fingidas. Porque me lembrava de ter encontrado mais de uma mulher de cabeça fraca e fàcilmente seduzida pelo inimigo, como nossa primeira mãe. Nessa ansiedade, pedindo a Deus que me orientasse, veio-me à mente que se obtivesse pela prece de Catarina uma grande e extraordinária contrição pelos meus pecados, isso representaria um sinal seguro de que tudo procedia do Espírito Santo; porque ninguém pode ter essa contrição senão pelo Espírito Santo. Disse-lhe que por mim pedisse perdão ao Senhor, dos meus pecados. Ela respondeu que o faria de boa vontade; mas replicava eu, meu desejo não será satisfeito senão quanto estiver certo dessa indulgência como de uma bula de Roma. Ela sorriu e perguntou que bula queria eu ter. Respondi: Uma grande e extraordinária contrição dos meus pecados. Assegurou imediatamente que o faria, e sem dúvida alguma. Pareceu-me, nesse instante, que via todos os meus pensamentos. Era noite. No dia seguinte, encontrei-me doente, tendo ao meu lado um frade. Conquanto ela estivesse mais doente do que eu, veio fazer-me uma visita com uma de suas companheiras. Segundo seu costume, pôs-se a falar de Deus e de nossa ingratidão, a nós, que ofendemos tão grande benfeitor. Enquanto falava, veio-me uma visão tão clara de meus pecados, que me via indubitàvelmente digno de morte aos pés do justo juiz, o qual, todavia, por misericórdia, não sòmente me livrava da morte, mas me cobria com suas vestes, e me tomava a seu serviço. Essa consideração ou antes essa visão manifesta me fêz chorar, soluçar, corar mesmo, a ponto de temer

que o coração e o peito viessem a romper-se. A santa calou-se deixando-me chorar e soluçar à vontade. Momentos após, admirado de novidade tal, lembrei-me do pedido que havia feito na véspera, com sua promessa. E lhe disse imediatamente:

— É a bula que te pedi?

— É, respondeu ela. Lembrai-vos dos dons de Deus. E retirou-se.

Fiquei com meu companheiro, igualmente edificado, e jubiloso. Tomo a Deus por testemunha de que não digo uma mentira.

Outra vez, sem ter pedido, acrescenta Raimundo de Cápua, tive outro sinal. Como ela sofresse muito, mandou chamar-me ao pé de si, para dar-me conta de certas revelações que havia tido. Enquanto mas narrava, não me lembrando mais da graça que me havia feito, pensava consigo mesmo sôbre certos artigos: Será verdade tudo o que diz? No mesmo instante em que assim pensava, e mirava a sua fisionomia, eis que se transforma sùbitamente na de um homem de meia idade, com uma barba pequena, que me fitou e me inspirou temor extremo. Seu aspecto era majestoso; via-se que era o Senhor. No mesmo instante, não pude distinguir outra fisionomia. Espantado, e levantando as mãos, exclamei: «Quem é que me olha?» A virgem respondeu: é Êle. Imediatamente o semblante desapareceu, e vi o da virgem, que não pudera divisar antes. Falo como se estivesse na presença de Deus, que sabe que não minto.

Tais são as recitações, tais os protestos de Raimundo de Cápua. Parece-nos que isto não é de um homem crédulo, mas circunspecto, e consciencioso.

Quanto à aparição de um semblante noutro, há talvez nos mistérios da fé cristã algo que nos faz concebê-lo. O apóstolo Filipe disse: «Senhor, mostra-nos o Pai, e nos será suficiente. Jesus responde: Eis que há tanto tempo estou convosco e não me conheceis? Filipe, quem me vê, vê também o Pai. Como dizeis: Mostra-nos o Pai? Não credes então que estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo; mas meu pai que permanece em mim é que faz as obras. Não credes que estou no Pai e que o Pai está em mim? (1)

Vemos aqui o que os teólogos chamam de circum-incessão, existência recíproca de uma pessoa em outra, do Pai no Filho e do Filho no Pai. Ora, na santa eucaristia, há algo de semelhante. Porque o Salvador diz: «Aquêle que comer minha carne e beber meu sangue, fica em mim e eu nêle.

Após tantas visões e êxtases, que faziam Catarina amar a contemplação acima de tudo, o Senhor lhe ordenou entrasse para a vida ativa. Ela obedeceu, conquanto pudesse ser-lhe custoso. Recomeçou então com os misteres de serva, no convento e na casa paterna. Empenhava-se sobretudo em servir os pobres e doentes. Havia em Siena uma velha mulher, chama Teca, de tal maneira infectada de lepra que os magistrados haviam ordenado a levassem para fora da cidade, a fim de não transmitir o mal aos outros. Catarina visitava-a todos os dias, de manhã e à tarde, preparando-lhe e dando-lhe, com as próprias mãos, o que necessitava. Nela considerava o divino espôso que se apresentou como

(1) Vita, c. VII, n. 103-111.

leproso aos profetas. A infeliz mulher, vendo-a voltar todos os dias duas vêzes, considerou-a em breve serva, resmungando contra ela, e fazendo-lhe acres censuras quando atrazasse alguns minutos. Catarina respondia-lhe humildemente:

— Pelo amor de Deus, minha cara mãe, não vos turbeis; se tardei um pouco, farei depressa o que convém para o vosso serviço.

Depois trabalhava com tanta diligência, que a pobre mulher, impaciente como estava, não deixava de admirá-la. Deus permitiu que, servindo-a assim por amor a êle, Catarina contraísse lepra nas mãos. E não durou pouco. Mas ela preferia tornar-se leprosa em tôda a carne a abandonar o ofício da caridade. Morta a enfêrma, Catarina lavou-lhe o corpo e pessoalmente o enterrou. Depois disso, a lepra desapareceu de suas mãos, sem deixar qualquer vestígio. (1)

Uma pobre viúva, cujo seio estava carcomido por um horrível câncer, viu-se abandonada de todos. Catarina considerou-a reservada para ela pela providência do celeste espôso, e lhe ofereceu os seus serviços até o fim da enfermidade. A pobre viúva mostrou-se tanto mais reconhecida, quanto se vira abandonada de todos. Catarina servia-a com uma afeição filial, pensando a úlcera, sem se importar com o mau cheiro, de sorte que a enfêrma se encheu de admiração por ela. O demônio teve inveja de caridade tão heróica. A princípio atacou a própria santa. Um dia, em que ela descobriu a úlcera da doente, sentiu um mau cheiro tão extraordinário que o coração fraquejou, e ela estêve a ponto de vomitar.

---

(1) Vita, n. 143-146.

Imediatamente, indignando-se contra si mesma, exclamou: «Como! Enojas-te de tua irmã, comprada com o sangue do Salvador, tu que podes cair em enfermidade pior ainda? Viva o Senhor! Não ficarás impune.» No mesmo instante, aplicou a bôca sôbre a úlcera, até que os últimos sentimentos de repugnância houvessem passado.

O demônio afastou-se por algum tempo; mas voltou em breve à carga, por intermédio da própria enfêrma. Encheu-lhe o coração das mais negras suspeitas contra a benfeitora, dizendo-lhe que, durante todo o tempo em que passava ao pé de seu leito, se dedicava às mais vergonhosas desordens. A infeliz de tal maneira se deixou persuadir, que falou nesse sentido a outras pessoas. A calúnia se alastrou mais e mais, e as freiras do convento chamaram Catarina e lhe fizeram censuras. Sem queixar-se de ninguém, ela respondeu modestamente:

— Minhas senhoras e minhas irmãs, pela graça de Deus, sou virgem.

E não cessava de servir com a mesma afeição a pobre mulher, que não cessava de difamá-la. Sòmente recomendava a honra de sua virgindade ao celeste espôso.

Um dia em que orava com lágrimas, o Salvador lhe apareceu com uma coroa de ouro numa das mãos, e um diadema de espinhos em outra, e lhe falou nestes têrmos:

— Sabe, minha filha, que necessàriamente serás sucessivamente coroada de uma e outra. Escolhe o que preferes, ou ser coroada com o diadema de espinhos nesta vida que passa, e reservar-te eu a coroa de ouro, de pérolas e de pedras preciosas

para a vida que dura; ou ter agora a coroa preciosa, e após tua morte, a de espinhos.

Ela respondeu:

— Há muito tempo, Senhor, renunciei à minha vontade para seguir a vossa; não me compete pois escolher. Entretanto, já que quereis que responda, direi que escolhi nesta vida o caminho de vossa bem-aventurada paixão, e abraçarei sempre, por amor de vós, as penas como um alívio.

No mesmo tempo, apoderou-se, com ambas as mãos, da coroa de espinhos e cravou-a profundamente na cabeça, ferindo-se em tôda parte, e sentindo as dores. O Senhor lhe disse:

— Tudo está em meu poder, e, como permiti que êste escândalo acontecesse, posso fàcilmente pôr-lhe têrmo. Persevera, pois, no serviço que começaste, não cedas ao demônio, que to quer impedir; dar-te-ei plena vitória contra o malvado, de tal sorte que tudo o que maquinou contra ti, recaia sôbre sua cabeça e se transforme em tua glória.

Entretanto, a mãe de Catarina, conquanto estivesse certa da virtude da filha, deixou-se perturbar pela calúnia, e veio dizer-lhe:

— Não te disse tantas vêzes que não servisses a essa velha mal cheirosa? Vês agora qual a recompensa que te dá! Difamou-te vergonhosamente com tuas próprias irmãs. Se ainda persistires em servi-la, se dela te aproximares ainda, não mais te chamarei minha filha.

Tudo era um embuste do espírito maligno, para impedir uma boa obra. A santa guardou um momento de silêncio; depois, aproximando-se de sua mãe e colocando-se sôbre ambos os joelhos, disse-lhe humildemente:

— Dulcíssima mãe, por acaso Deus, por causa da ingratidão dos homens, deixa de exercer todos os dias sua misericórdia para com os pecadores? Acaso, o Salvador, quando estava sôbre a cruz, deixou de operar a salvação do mundo, por causa das palavras ultrajantes que lhe diziam? Vossa caridade sabe que, se eu abandonar esta enfêrma, ninguém a assistirá, e ela morrerá de indigência. Devemos ser nós a causa de sua morte? Ela foi seduzida pelo demônio; talvez agora seja esclarecida pelo Senhor e reconhecerá seu êrro. Enfim a mãe, apaziguada com tais palavras e outras, deu a bênção à filha, que voltou ao pé da enfêrma, e a serviu com a mesma alegria, como se jamais tivesse falado mal dela. A outra, não percebendo na santa qualquer vestígio de perturbação, ficou estupefata e se reconheceu vencida. Sentiu profundos remorsos, tanto mais que, dia a dia, via melhor a perseverança da santa.

Um dia em que Catarina entrava no seu quarto e se aproximava do leito, a enfêrma viu expandir-se do alto uma luz tão doce e suave, que se esqueceu completamente das dores; procurando a causa, percebeu o semblante da santa transfigurado num majestoso semblante de anjo, circundado de luz. Ao mesmo tempo, uma luz interior lhe revelou que se deixara seduzir pelo demônio e que havia caluniado a benfeitora. Pôs-se a chorar, a soluçar, e a pedir-lhe perdão. Catarina abraçou-a com ternura e a consolou:

— Sei, dulcíssima mãe, que foi o inimigo do gênero humano que operou todos êstes escândalos, e que enganou vosso espírito com maravilhosa ilusão; não é a vós mas a êle que devo imputar a calúnia;

quanto a vós, devo-vos graças pelo zêlo que tivestes na conservação de minha virtude.

A doente deplorou a falta diante de todos os que vinham vê-la, e lhes contou a maneira maravilhosa pela qual o havia reconhecido, o que aumentou muito a admiração pública por Catarina. Mas esta não se prevalecia da prosperidade, como não se deixara abater pela adversidade.

Algum tempo após, quando descobriu a horrível úlcera da pobre mulher, para lavá-la e limpá-la, sentiu um odor tão insuportável, que todo o interior se lhe tumultuou. Era menos o efeito natural do que a malícia do espírito maligno. A virgem de Deus emocionou-se tanto mais que naqueles dias havia recebido as graças mais marcantes. Assim, revoltando-se em santa indignação, contra o próprio corpo, exclamou:

— Viva o Altíssimo, o espôso bem-amado de minha alma! O que tanto te repugna será alojado no fundo de tuas entranhas. Assim dizendo, recolheu num recipiente tudo o que havia lavado da chaga, e, retirando-se à parte, bebeu tudo de um trago. Desde êsse momento, não sentiu mais qualquer tentação de repugnância. Confessou mais a seu confessor que jamais bebera nem comera algo que lhe parecera mais agradável.

Na noite seguinte, durante a prece, o Senhor lhe apareceu com as cinco chagas que sofreu por nós na cruz, e lhe disse:

— Já enfrentaste, minha amada filha, muitos combates por mim; e, com meu auxílio, venceste até o presente; por isso te tornaste agradável a mim. Ontem me agradaste singularmente, quando, não contente de desprezar os prazeres do corpo, as opi-

niões dos homens e vencer as tentações do inimigo, mas pisando aos pés a natureza de teu corpo, tomaste com tanta alegria uma bebida horrível, pelo ardor de minha caridade. Eis que te digo que, como neste ato venceste tua natureza, dar-te-ei uma bebida que ultrapassa tôda a natureza humana.

No mesmo tempo fê-la aplicar a bôca sôbre a chaga do lado aberto, como sôbre uma fonte de vida, que lhe encheu a alma de uma doçura tão grande, que o próprio corpo foi inundado. (1)

Após esta graça extraordinária, Catarina não viveu senão da santa comunhão. Seu estômago não suportava mais alimento material. Êsse estado tão novo pareceu incrível. Seus pais e amigos diziam que se tratava de uma tentação ou decepção do espírito maligno. Seu confessor teve a mesma idéia. Ela lhe fêz ver que, quando não comia, se sentia melhor e mais forte, enquanto se tornava fraca e doente quando tomava alimento; mas êle lhe repetia que devia comer. Ela obedeceu; em breve, porém, sentiu-se tão mal, que estava prestes a morrer. Então, disse ao seu confessor:

— Meu pai, se estivesse certa de morrer após um jejum excessivo, vós me proibiríeis jejuar para não morrer e ser homicida de mim mesma?

— Sem dúvida, respondeu êle.

— Não é mais grave morrer por ter comido do que ter jejuado?

— É mais grave.

— Depois que me vêdes, por mais de uma experiência, definhar por ter tomado alimento, por que

(1) Vita, n. 154-164.

não me proibis tomá-lo, como me proibiríeis o jejum em tal caso?

O confessor não encontrou resposta à pergunta e, vendo indícios certos de morte iminente, lhe disse:

— Faze o que o Espírito Santo te ensinar, porque são grandes as coisas que vejo Deus operar em ti.

Catarina permaneceu desde o início da quaresma até o dia da Ascensão, sem tomar outro alimento do que a santa comunhão: nesse dia pôde comer alguma coisa. Voltou então à sua abstinência total. Entretanto, por espírito de penitência e para não dar margem a críticas, apresentava-se todos os dias com as outras e se esforçava por comer alguma coisa; mas cada vez o estômago rejeitava o que se havia esforçado por tomar, de sorte que excitava a compaixão dos que o testemunhavam. Todavia, com o corpo sem alimento, estava cheia de coragem e de atividade para tôdas as boas obras.

— Vi-a, diz Raimundo de Cápua, vi-a mais de uma vez, eu e outros, reduzida a tal estado de fraqueza, que esperávamos, de uma hora para a outra, o seu último suspiro. Mas se se lhe apresentasse uma oportunidade de trabalhar pela glória de Deus, ou pela salvação das almas, voltava não sòmente à vida, como também adquiria fôrça fora do comum, notável; levantava-se, andava, trabalhava sem dificuldade e sem cansaço, mais do que as pessoas de saúde boa que a acompanhavam. (1)

Desde essa época, em meio às obras exteriores, as visões e os êxtases tornaram-se freqüentes, e dêles todos podiam ser testemunhas. Nessas oca-

(1) Vita, n. 165-171.

siões, permanecia imóvel, rígida, privada de sentimento, de sorte que poderiam quebrar-lhe os ossos, sem mudá-la de lugar. Fazia a prece do profeta:

— «Ó Deus, criai em mim um coração puro, e renovai o espírito de retidão em minhas entranhas», suplicando ao Senhor que lhe tirasse o coração e a vontade própria. O celeste espôso dignou-se consolá-la numa visão. Pareceu-lhe que lhe abria o lado esquerdo, que lhe tirava o coração, e após alguns instantes, o recolocava no lugar. De sorte que ela podia dizer a Jesus Cristo:

— Meu Deus, amo-vos de todo o vosso coração!

E com São Paulo:

— Vivo, não mais eu, mas Jesus vive em mim.

Mais tarde, recebeu no corpo os cinco estigmas do Salvador, que, a seu pedido, ficaram invisíveis. Sofria dores atrozes, que a levariam à morte sem a intervenção divina.

Num dêstes maravilhosos êxtases, onde a alma era realmente separada do corpo, a tal ponto que os assistentes a choravam por morta, o Salvador lhe fêz ver as alegrias do paraíso, os tormentos do inferno, as penas do purgatório. Enquanto contemplava tais coisas, diz ela, o eterno espôso disse à minha alma: Vês de que glória são privadas e, com que pena são punidos os que me ofendem. Volta e faze-os ver o êrro, o perigo e a infelicidade. Como à minha alma repugnasse voltar ao corpo, o Senhor acrescentou: A salvação de muitas almas requer que voltes; mas não terás mais a mesma maneira de vida que levaste até agora, e não terás mais a cela para tua morada. É preciso que saias da cidade pela salvação das almas. Ora, estarei sempre contigo,

guiar-te-ei e conduzir-te-ei; levarás a honra de meu nome e os ensinamentos espirituais diante dos pequenos e dos grandes, dos leigos, dos clérigos e dos religiosos: porque te darei uma bôca e uma sabedoria a que ninguém poderá resistir. Levar-te-ei perante os pontífices e os prelados das igrejas e do povo cristão, a fim de confundir, segundo meu costume, a soberba dos fortes porque nêles o que existe é fraqueza.

Deus operou, desde então, pelo ministério de sua serva, uma infinidade de milagres principalmente de misericórdia para com os pecadores. Eis alguns exemplos: Um dos principais habitantes de Siena, chamado Nanes, ocupava-se de quatro guerras privadas, onde já se haviam cometido vários homicídios. Mais de uma vez mediadores haviam interferido para trazer a paz. Nanes protestava sempre que não estava envolvido nessas guerras, conquanto fôsse êle a única causa, e não cessava de planejar secretas emboscadas. Santa Catarina, sabendo do fato, desejava falar-lhe; êle a evitava. Todavia, prometeu a um religioso agostiniano ir encontrá-la, mas de maneira alguma fazer o que ela desejava. E veio com efeito, quando ela se encontrava ausente de casa. Seu historiador, Raimundo de Cápua, encontrando-se ali, pediu a Nanes que esperasse alguns minutos. Logo se enfastiou Nanes e disse:

— Prometi ao irmão Guilherme vir ouvir esta dama; como está ausente e numerosas ocupações não me permitem ficar aqui por mais tempo suplico-vos que me desculpeis perante ela.

«Vendo isso, diz Raimundo de Cápua, e aflito com a ausência da virgem, comecei a falar-lhe da paz em questão. Êle me retrucou: Como vêdes, não

devo mentir a vós, que sois sacerdote e religioso, nem a esta piedosa dama, que, como ouvi, tem grande reputação de santidade; dir-vos-ei a verdade, mas não pretendo fazer nada do que pretendeis. É verdade que sou eu que impede a paz, mas faço disso segrêdo para os outros; se consentisse, tudo estaria terminado. Não pretendo consentir de maneira nenhuma, e é tempo perdido fazer-me sermões nesse sentido, porque jamais consentirei. Seja-vos suficiente saber que vos revelei o que escondo aos outros, e não me enfastieis mais com tais coisas.

Quis responder-lhe, continua o irmão Raimundo, mas êle não me escutou, quando, por disposição da Providência, a virgem entrou. Êle se contristou e eu me rejubilei. Catarina saudou o homem terrestre com caridade tôda celeste, e, assentando-se, lhe perguntou a causa da visita. Êle repetiu o que me havia dito, e confirmou a recusa peremptória de fazer algo do que queriam que fizesse. A santa virgem fê-lo ver o perigo de sua alma, e com êle instou com palavras tão doces quanto severas. Mas êle se mostrou inteiramente insensível. Então, a virgem começou a orar e foi transportada em êxtase. Vendo isso, voltei-me para Nanes, dirigindo-lhe a palavra para retê-lo. Instantes após, êle disse: Afinal, não quero ser grosseiro a ponto de recusar-vos tudo; estou envolvido em quatro guerras: de uma destas guerras, fazei o que vos aprouver. E se levantava para retirar-se, quando exclamou: Ó meu Deus, que consolação sinto em minha alma com a palavra que pronunciei em favor da paz! E acrescentou: Ah! Senhor Deus, que virtude me atrai e me retém? Não posso ir-me, nem recusar algo. Oh, que é que comigo insta? Oh, que é que me retém?

Assim falando, derramava abundantes lágrimas. Confesso-me vencido! exclamou; não posso mais respirar. E dobrando os joelhos, dizia entre as lágrimas: Farei, virgem santíssima, o que me ordenardes, não sòmente quanto ao caso vertente, mas ainda em todo o resto. Vejo que o diabo me retinha acorrentado; quero fazer tudo o que me aconselhardes. Orai por minha alma, para que não seja entregue nas mãos de Satanás.

«No mesmo momento, voltando de seu êxtase, ela rendeu graças a Deus e disse a Nanes: Pois bem, irmão, pela misericórdia do Salvador, consideraste o perigo em que estás? Falei-te e desprezaste minha palavra; falei ao Senhor, e êle não desprezou minha prece. Faze penitência de teus pecados, para que não caia uma subitânea tribulação sôbre ti. Nanes confessou-se humildemente ao irmão Raimundo de Cápua. E sua constância foi experimentada com diversos acidentes, que êle suportou de maneira cristã. Deu a Catarina uma bela casa, situada a duas milhas de Siena, a qual foi convertida em convento pela autoridade do papa Gregório XI (1).

Dois famosos assassinos acabavam de ser condenados à morte. Conduziram-nos através das ruas da cidade; os carrascos, com tenazes incandescentes, arrancavam-lhes de quando em quando um pedaço de carne; era o suplício de que deviam perecer. Nem na prisão, nem nas ruas, o sacerdote que os acompanhava, conseguia levá-los à conversão. Em lugar de recomendar-se às orações dos fiéis, vomitavam horríveis blasfêmias. Eram agitados pelos mais violentos transportes do ódio e desespêro. A Provi-

(1) Vita, n. 235 e seguintes.

dência quis que Catarina se encontrasse nesse dia em casa de Aléxia, uma de suas companheiras, por onde passou o cortejo funesto. Estando à janela, Aléxia voltou imediatamente para junto da santa, exclamando:

— Ó minha mãe, que compaixão! Dois homens condenados às tenazes, passando diante de nós!

A santa, tendo-os visto, pôs-se imediatamente em oração. Notara, em tôrno de cada um, um grupo de furiosos demônios que lhes incendiavam as almas ainda mais do que os carrascos lhes queimavam os corpos. Emocionada de dupla compaixão, ela implorou a misericórdia do celeste espôso:

— Ah! dulcíssimo Senhor! Por que desdenhais vossas criaturas, formadas à vossa imagem e semelhança, resgatadas com o vosso precioso sangue, a ponto de, além de tão grande aflição corporal, serem ainda atormentadas tão cruelmente pelos espíritos imundos? O ladrão crucificado convosco, conquanto merecesse o que recebera foi, no entanto, esclarecido por vós com luzes tão grandes que, enquanto os apóstolos duvidavam, êle confessou em voz alta a vossa divindade sôbre o patíbulo, e mereceu ouvir esta palavra:

— Ainda hoje estarás comigo no paraíso. E por que isso se não para dar esperança aos seus semelhantes? Não desdenhais Pedro, que vos renegava; mas o considerastes com misericórdia. Não desdenhastes Maria, a pecadora, mas a atraístes. Não repelistes Mateus, nem Cananéia, nem o príncipe dos publicanos, Zaqueu; pelo contrário, vós os chamastes. Suplico-vos, pois, pela vossa infinita misericórdia que socorrais imediatamente estas duas almas.

Enquanto orava assim ao Salvador, seguia em espírito os dois miseráveis, não cessando de chorar e orar, para que os seus corações se rendessem e convertessem. À porta da cidade, o Salvador lhes apareceu, coberto de chagas, rubro de sangue, convidando-os a converter-se e prometendo-lhes o perdão. Um raio de luz divina penetrou em seus corações e êles, pedindo com insistência pelo padre, confessaram os pecados com grande contrição. Em lugar das blasfêmias, entoaram louvores a Deus, acusando-se e proclamando que eram dignos de penas ainda mais atrozes. Os assistentes não compreendiam tão prodigiosa mudança; os carrascos, apaziguados, não ousavam mais infligir novos tormentos. Todos ignoravam a causa de transformação tão súbita. O sacerdote que confessou os infelizes soube em parte da verdade; o resto se soube de Aléxia e de Catarina, que voltou a si do êxtase no momento mesmo em que os penitentes entregavam a alma a Deus.

A peste fazia-se sentir com monstruosas devastações em 1374, e a santa se dedicou generosamente ao serviço dos atacados. Obteve de Deus a cura de muitos, entre os quais de dois dominicanos plenos de virtude. Eram os padres Raimundo de Cápua, seu biógrafo, e Bartolomeu de Siena. Santa Catarina insistia principalmente sôbre a necessidade de apaziguar a cólera de Deus por dignos frutos de penitência. Suas palavras eram tão persuasivas, que os mais empedernidos pecadores não podiam resistir-lhes. Acorriam de tôdas as partes para ouvi-la, e vê-la. Os que tinham essa felicidade voltavam glorificando a Deus e resolvidos a levar para o futuro uma vida mais cristã.



Casamento místico de Santa Catarina de Siena. Segundo uma pintura de Fra Bartolommeo. Século XV.

Algum tempo após, a santa fêz uma viagem a Monte Pulciano, para consagrar a Deus duas de suas sobrinhas, que deviam tomar o véu de São Domingos; foi também a Pisa, onde era esperada com impaciência; mas não se decidiu a empreender essa viagem até que os superiores lho ordenassem. Chegada à cidade restituiu a saúde a grande número de enfermos, e conseguiu a conversão de muitos pecadores.

O fato que segue mostra qual era, para essa obra de misericórdia, a graça particular de nossa santa. O Papa Gregório XI encarregou o padre Raimundo de Cápua, com dois outros dominicanos, de ouvir em confissão aos que Catarina levara a mudar de vida. Os religiosos ficavam no tribunal da penitência noite e dia; mal conseguiam ouvir em confissão tanto os que jamais se haviam confessado, como os que tinham feito as disposições necessárias. (1)

Quanto às grandes coisas que fêz Santa Catarina de Siena para a paz dos povos e da Igreja inteira, é necessário vê-las na História da Igreja. Reteve na fidelidade várias cidades da Itália e predisse o grande cisma do Ocidente. O povo de Florença enviou-a em embaixada ao papa Gregório XI, que permanecia em Avinhão. Tem ela vistas mais amplas do que os políticos do mundo, sôbre os meios de fortificar a cristandade. Três são os pontos sôbre os quais insiste com o Papa: melhor govêrno das províncias italianas, escolha de pastôres mais dignos, retôrno do papa a Roma. Reconcilia os habitantes

(1) Vita n. 240.

de Florença com Gregório XI, apesar das dificuldades que pareciam inamovíveis.

Morto Gregório XI em Roma, em 27 de março de 1378, os cardeais se encontravam nessa cidade em número de dezesseis, dos quais onze franceses, quatro italianos, e um espanhol, que elegeram para papa, em 7 de abril, Bartolomeu Prignamo, arcebispo de Bari, e notificaram a eleição a todos os povos cristãos. O novo papa tomou o nome de Urbano VI e foi reconhecido por tôda a Igreja. Mas os onze cardeais franceses requereram que transportasse a côrte romana novamente para Avinhão, e êle se recusou. Ademais, havia certos abusos no comportamento dêsses cardeais, assim como no de vários outros prelados: Urbano VI, que tinha grande zêlo, quis remediar a situação, mas agiu com mais rigidez do que prudência, e os cardeais franceses, após terem reconhecido e servido o novo papa durante mais de três meses, abandonaram-no e começaram a dizer que a eleição não fôra livre, e que, por conseqüência, era nula. Os cardeais italianos, o papa e o rei de França propuseram-lhes, para prevenir um cisma, submeter a questão ao julgamento de um concílio geral: os cardeais recusaram-se e elegeram um segundo papa dentre êles, Roberto de Genebra, que tomou o nome de Clemente VII, mas que não foi reconhecido tal pela Igreja Romana. Urbano VI continuou a ser reconhecido papa legítimo pela maior parte da Igreja: a França, que o havia reconhecido durante vários meses, abandonou-o para seguir o segundo papa. Tal era o grande cisma do Ocidente, que durou quarenta anos, e terminou em 1417, no concílio de Constância com a eleição de Martinho V.

Santa Catarina de Siena, que havia predito o infeliz cisma, fêz o possível para preveni-lo. Escreveu a Urbano VI para conjurá-lo a usar mais moderação e paciência: escreveu aos cardeais para lembrar-lhes que durante meses haviam assegurado a tôda cristandade que Urbano VI era o papa legítimo e livremente eleito. Escreveu ao rei de França Carlos V, para exortá-lo a perseverar na obediência ao papa verdadeiro, que havia reconhecido antes com todos os povos cristãos. Não tendo podido impedir essa desgraça da Igreja, ofereceu-se a Deus em holocausto, e Deus lhe fêz entrever melhores dias no futuro.

Catarina predissera o cisma desastroso quando estava em Pisa. Seu biógrafo, Raimundo de Cápua, vendo a predição cumprida, lembrou-lha quando veio a Roma, a pedido do papa Urbano VI. Ela recordou-a e acrescentou:

— Como vos disse então que o que teríeis a suportar não era do leite e do mel, digo-vos agora que o que vêdes no presente não é senão um brinquedo de crianças em comparação com o que sucederá principalmente na pátria que nos cerca.

Raimundo de Cápua lhe perguntou:

— Caríssima mãe, depois dêsses males, que haverá na Santa Igreja?

Ela respondeu:

— No fim dessas tribulações e dessas angústias, Deus, de maneira imperceptível aos homens, purificará a Santa Igreja: suscitará o espírito dos eleitos, e seguir-se-á tal reforma da santa Igreja e tal renovação dos santos pastôres, que meu espírito, com apenas o pensamento, estremece de alegria no Senhor. Como já vos disse bastas vêzes, a Espôsa,

que está agora quase tôda desfigurada e coberta de andrajos, será então belíssima, ornada de preciosas jóias e coroada do diadema de tôdas as virtudes: todos os povos fiéis se rejubilarão de se verem ilustrados por pastôres tão santos; os povos infiéis, atraídos pelo bom odor de Jesus Cristo, voltarão ao bêrço católico e se converterão ao verdadeiro pastor e bispo de suas almas. Rendei graças ao Senhor, porque, após esta tempestade, dará à sua Igreja uma serenidade extraordinàriamente grande. (1)

Eis o que predisse Santa Catarina de Siena, e o que Raimundo de Cápua consignou em sua biografia.

Nem um nem outro viram o cumprimento dessa predição. No momento em que traçamos estas linhas, 1853, os homens de fé começam a entrevê-lo; começam a entrever os primeiros raios dessa serenidade após a tempestade: tempestade secular, que começou com o grande cisma do Ocidente no século XIV, continuou com a grande revolução da Alemanha no século XVI, e terminará provàvelmente com a revolução da França no século XVIII; tempestade espantosa, que tumultou até os seus abismos o oceano religioso e político da humanidade, pela qual todos os cristãos aprendem a ser pastôres e ovelhas, a colocar a confiança, não em determinado país, não em determinada nação, não em determinado império, não em determinado rei, não em determinada dinastia, não em determinado homem, mas em Deus sòmente, e na sua humildade e ativa cooperação com a providência, que emprega a própria tempestade para fazê-los chegar antes ao pôrto.

(1) Vita n. 287.

Com efeito, que vemos no fim desta tempestade, de quatro ou cinco séculos? Precisamente estas maravilhas, cuja visão profética, cujo pensamento tão-só, faziam estremecer de alegria Santa Catarina de Siena. Vemos todos os povos fiéis, na Itália, França, Alemanha, Holanda, Inglaterra, Escócia, Irlanda, Espanha e na América, na África, em Constantinopla, na Síria, na Caldéia, no Tibete e, nas Índias, no Tonquim, na China, na Coréia e na Oceânia, rejubilarem-se os bons e santos pastôres que Deus lhes dá ou lhes envia. Vemos Deus por tôda parte suscitando ou ressuscitando o espírito de seus eleitos: o espírito de São Leão e de São Gregório na Sé Apostólica; o espírito de Santo Atanásio e de Santo Ambrósio entre o episcopado; o espírito de São Jerônimo, de São Bento, de São Bernardo, de São Domingos, de São Francisco, de Santo Inácio, de São Vicente de Paula entre os sacerdotes e religiosos. Vemos a Igreja, bela como em seus mais belos dias, ornada do diadema de tôdas as virtudes, do lírio sem mancha de uma infinidade de virgens, das palmas imortais de uma infinidade de mártires de tôdas as idades, de ambos os sexos, de tôdas as estirpes, de todos os países, desde a multidão de sacerdotes e de fiéis, que, há cinqüenta anos, confessavam a fé do Cristo e de sua Igreja nas prisões e nos patíbulos da França, até nossos irmãos e irmãs do Oriente, que confessam hoje ainda a mesma fé nas prisões e nos patíbulos do Tonquim, da China, da Coréia. Vemos a Igreja, unindo a beleza de espôsa à ternura de mãe, atrair a si os filhos e os povos que a tinham abandonado ou que jamais lhe tinham pertencido. A Holanda, a Inglaterra, a Escócia, após terem perseguido durante tanto tempo os filhos, começam a

arrepender-se de não estarem incluídos no número, começam a voltar os olhos para ela com ternura, deixando maior liberdade aos seus bispos, e secundam por vêzes os seus missionários com mais eficácia do que faz a França. Os melhores cérebros da Inglaterra protestante trabalham para justificar a Igreja Romana e seus Pontífices contra as prevenções nacionais de certos católicos. Ao mesmo tempo, as selvagens florestas da América, os antropófagos das ilhas oceânicas pedem sacerdotes para tornarem-se anjos de doçura, de piedade, de benevolência. E, para propiciá-los, fiéis de tôdas as partes do mundo juntam suas preces e esmolas; e novas congregações de apóstolos se formam, e as antigas se reanimam, e o martírio é uma atração mais para os êmulos de São Francisco Xavier.

E quem deu o impulso a tudo isso? Nenhum rei, nenhum povo, nenhum homem. Estas obras infinitas da fé e da caridade saem como que da terra. É Deus que disse novamente: Produza a terra! E a terra produziu. É Deus que, como predisse Catarina de Siena, reforma, renova sua Igreja de maneira imperceptível ao homem.

O desejo de Catarina de Siena de abandonar a terra, para contemplar Deus face à face, aumentava de dia para dia; mais o desejo recrudescia, mais Deus lhe expandia na alma a luz sobrenatural. Dois anos antes de sua morte, a verdade se manifestou de maneira tão clara, que ela pediu escribas para escrever o que diria durante os seus êxtases; assim, recolheu-se, em pouco tempo, um livro sôbre a obediência, que contém um diálogo entre uma alma e o Senhor.

Eis a recapitulação do penúltimo capítulo:

«Agora então, caríssima filha, satisfiz o teu desejo, desde o comêço até o fim, no tocante à obediência. Se te lembras bem, pediste-me primeiramente, com desejo inquieto, como te fiz pedir, para te fazer crescer no fogo da caridade; pediste-me, disse eu, quatro coisas. Uma por ti mesma, que satisfiz iluminando-te com a luz de minha verdade e mostrando-a de que maneira poderias conhecer a verdade pelo conhecimento de ti mesma e de mim, e mediante a luz de minha fé. A segunda solicitação foi que fizesse eu misericórdia ao mundo. A terceira, pelo corpo místico da santa Igreja, pedindo-me que eu afastasse as trevas e a perseguição, e punisse em ti as suas iniqüidades.

Quanto a isso, mostrei-te que nenhuma dificuldade finita ou temporal pode satisfazer por si só uma falta cometida contra mim, que sou o bem infinito; ela satisfaz se está unida à contrição do coração e ao desejo da alma; e te expliquei a maneira. Respondi-te também que quero fazer misericórdia ao mundo, mostrando-te que é peculiar a mim ser misericordioso. Também, foi pela misericórdia e pelo amor inestimável que tenho pelo homem que enviei o meu Filho único e meu verbo. E, para te mostrar mais claramente, comparei-o a uma ponte que vai do céu à terra pela união de minha natureza divina com tua natureza humana. Para te esclarecer mais vivamente minha verdade mostrei-te que se anda por esta ponte subindo por três degraus, a saber, por três poderes da alma. Figurei-te êstes três degraus no corpo do Verbo: o primeiro em seus pés, o segundo em seu lado aberto, o terceiro em sua bôca; distingui três estados da alma: o imperfeito, o

perfeito, e o perfeitíssimo, que atinge a excelência do amor unitivo. Sôbre cada ponto, mostrei-te o que tira a imperfeição, e por que via se chega à perfeição; falei dos embustes ocultos do demônio, do amor próprio espiritual e das reprimendas que faz minha clemência na vida, a segunda à morte, a terceira ao julgamento geral.

Prometi-te e prometo-te novamente que, mediante os sofrimentos dos meus servos, reformarei minha espôsa, convidando-te a sofrer, queixando-me contigo da iniqüidade dos maus ministros, mostrando-te a excelência onde os coloquei e o respeito que peço tenham os seculares por êles, respeito que seus defeitos não devem diminuir. Falei também da virtude dos que vivem como anjos, acrescentando alguma coisa sôbre a excelência do sacramento do altar. Enfim, como a propósito dêsses três estados perguntaste de onde procedem as lágrimas, disse-te que vertem da fonte do coração, que delas há quatro espécies, e uma quinta que dá a morte.

Quanto à tua quarta pergunta, no que concerne a um acontecimento peculiar, respondi explicando minha providência, geral e especial, desde o comêço da criação até o fim do mundo; como fiz tudo com uma providência soberana e divina, dando ou prometendo tudo o que acontece, sejam tribulações, sejam consolações espirituais ou temporais, tudo para o teu bem, a fim de que sejas santificada em mim, e minha verdade venha a se aperfeiçoar em ti. Minha verdade é que te criei para teres a vida eterna, e te manifestei pelo sangue de meu Filho único. Enfim satisfiz o teu desejo falando-te da perfeição da obediência, da imperfeição da desobediência, de sua fonte, e do que fizeste para perder a

obediência. Representei-ta como uma chave geral, o que ela é com efeito. Falei da paz que a obediência proporciona, da guerra que a desobediência desencadeia, e quanto aquêle que não obedece se engana, acrescentando que foi por desobediência de Adão que a morte entrou no mundo.

Eu, pois, o Pai Eterno, a soberana e eterna verdade, concluo por ti, que, por obediência de meu Filho único e de meu Verbo, tens a vida eterna; e como desde o primeiro velho homem, contraíste a morte, da mesma maneira todos os que querem carregar a chave da obediência, contraíste vida pelo homem novo, Jesus Cristo, do qual fiz uma ponte para teu benefício, depois de te ter sido interrompido o caminho do céu, a fim de que, mediante a chave da obediência, tu pudesses passar por êsse caminho doce e reto, que é a Verdade, atravessar as trevas dêste mundo, e, com a chave do meu Verbo, abrir-te, por fim, o céu. Agora vos convido a chorar, vós que sois meus servidores, porque é pelas lágrimas e por humilde e continuada oração que quero fazer misericórdia ao mundo".

A essas comunicações divinas, a alma respondeu: "Graças vos sejam dadas, ó Pai eterno, por nos haverdes dado atenção, a nós criaturas e não haverdes desprezado os nossos desejos. Luz que sois, não olhastes para as nossas trevas. Como vida, não nos considerastes mortos. Como médico, não olhastes com desdém para nossa enfermidade. Pureza eterna, não olhastes para nossa impureza e miséria. Sois infinito, e eu sou finito. Sois a sabedoria, e eu sou louco. Apesar de todos êsses males e defeitos inumeráveis bem como outros que se encontram em mim, vossa sabedoria não me desprezou,

e vossa bondade e vossa clemência se voltaram para mim. Na vossa luz, destes-me a claridade de que necessitava. Na vossa sabedoria, conheci a verdade. Na vossa clemência encontrei o amor de vós e do próximo. Quem vos obrigou a tanto? Não foram as minhas virtudes. Não, mas vossa caridade sòmente. Possa êsse mesmo amor levar-vos a iluminar os olhos da minha inteligência com a luz da fé, para que conheça e compreenda vossa verdade que me foi manifestada. Dai-me a graça de ser minha memória capaz de reter vossos benefícios, que minha vontade se encha do fogo da caridade, que meu corpo verta sangue, por amor daquele que derramastes. E pela chave da obediência, eu abra a porta do céu. Peço-vos a mesma coisa por tôda criatura racional, em geral e em particular, e pelo corpo místico da santa Igreja. Confesso que me amastes antes que eu existisse, e que amais de maneira inefável, como homem que se torna insensato por excesso de amor.

"Ó Trindade eterna! Ó Deus, que, pela união da natureza divina, fizestes valer o sangue de vosso Filho único! Trindade eterna, vós sois um mar profundo, no qual, quanto mais procuro, mais encontro. E quanto mais encontro, mais vos procuro. Vós nos saciais de maneira completa, pois, no vosso abismo, saciais a alma de tal sorte que ela fica para sempre com fome de vós, Trindade eterna, desejando ver-vos na vossa luz. Como o cervo que mata a sêde na fonte de água de vida, assim minha alma deseja sair da prisão dêste corpo tenebroso, e ver-vos na verdade, como sois. Quanto tempo estará vossa face oculta aos meus olhos? Ó Trindade eterna, fogo e abismo de caridade, dissipai a nuvem

do meu corpo, porque o conhecimento que me destes de vós, na verdade, me leva a deixar o pêso do meu corpo e a dar minha vida pela glória de vosso nome, visto que, com a luz da inteligência, vi da vossa luz vosso abismo e beleza da vossa criatura. É por isso, Trindade eterna, que, olhando a mim mesmo em vós, vejo-me como vossa imagem. Vós, Pai eterno, dando-me vosso poder e vossa sabedoria, a qual é apropriada a vosso Filho único; o Espírito Santo, que procede de vós e do Filho me deu a vontade, que me torna capaz de amar. Pois vós, Trindade eterna, sois o criador e eu sou vossa criatura. Conheci, pela notícia da criação que me fizestes do sangue do vosso Filho único, que vos encantastes da beleza da vossa criatura.

"Ó Abismo, ó deidade eterna! Ó mar profundo, que poderíeis dar-me mais do que vós mesmo? Sois o fogo que queima sempre e nunca se consome. Sois um fogo que consome no vosso ardor todo amor-próprio da alma; sois fogo que tira todo frio, que ilumina tôdas as inteligências e, pela vossa luz me fizestes conhecer a verdade. Sois essa luz acima de tôda luz, com a qual dais ao ôlho humano luz sobrenatural em grande abundância e perfeição, e iluminais a própria luz da fé. É nessa fé que minha alma tem vida, nessa luz que recebeu a luz, que sois vós. Na luz da fé adquiro a sabedoria, na sabedoria do vosso Filho único; na luz da fé, torno-me forte e constante, e persevero. Na luz da fé, espero que não me deixareis sucumbir no caminho. Essa luz me ensina a rota: sem ela caminharia nas trevas. É por isso, Pai eterno, que vos roguei iluminar-me com a santíssima fé. Verdadeiramente, essa luz é um oceano que alimenta a alma em vós, oceano pacífico,

trindade eterna. A água dêsse oceano não foi turvada: também não atemoriza, mas, ao contrário, proporciona o conhecimento da verdade. É destilada e manifesta as coisas ocultas. Eis por que, onde abunda a abundantíssima luz de vossa fé, confirma a alma daquele que crê. É um espelho, segundo o qual, me fazeis conhecer, ó Trindade eterna. Quando nêle olho, segurando-o com a mão do amor, representa a mim mesmo em vós, que sou vossa criatura, e vós em mim, pela união que fizestes da divindade com nossa humanidade. Nessa luz, represento-vos a mim e vos conheço, como supremo e infinito ser; acima de todo bem, bem feliz, bem compreensível, bem inestimável; bondade acima de tôda bondade; sabedoria acima de tôda sabedoria, porque sois a própria sabedoria. É a essa sobrenatural e viva teologia que Santa Catarina de Siena se eleva em seus êxtases. Nela se vê o cumprimento da promessa do Senhor: Quem tem meus preceitos, e os guarda, me ama. Ora, quem me ama, será amado por meu Pai e eu o amarei também, e me manifestarei a êle. Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará e viremos a êle e faremos a nossa morada.

Sentindo que a última hora estava próxima, Catarina fêz aos filhos espirituais de ambos os sexos, que a haviam seguido até Roma, uma derradeira exortação, na qual lhes recomendou abnegação de si mesmos, aplicação à oração, prontidão à obediência, fuga aos julgamentos temerários, confiança em Deus, caridade mútua, e, sobretudo, grande zêlo pela reforma da Igreja e pelo Vigário de Cristo. Confessou que, desde os sete anos, não cessara de orar por essa causa e de sofrer por êsse fim, no corpo, dores humanamente intoleráveis, como outrora Jó sofrera.

Dores que recrudesciam no momento mesmo em que estava falando. Enfim, após ter pôsto em ordem tôdas as coisas, pediu perdão e despediu-se de todos, recebeu os sacramentos da Igreja com indulgência plenária e morreu em 27 de abril de 1380, com a idade de 33 anos. Foi enterrada na igreja da Minerva, na qual ainda se lhe conserva o corpo sob um altar. O crânio se encontra com os dominicanos de Siena. Vê-se, na mesma cidade, sua casa, os instrumentos de penitência e outras relíquias. Sua vida foi escrita por Raimundo de Cápua, seu confessor, que, posteriormente, foi geral dos dominicanos. Foi canonizada por Pio II, em 1461. Urbano VIII transferiu-lhe a festa para 30 de abril. Além do Tratado de Obediência, que temos de Santa Catarina, existe uma obra sôbre a discrição, uma sôbre a oração e uma sôbre a Providência. O fundo de teologia mística é o mesmo.

* * *

SÃO MÁXIMO DE ÉFESO (*)

Mártir

Em 250, o imperador Décio, desejoso de acabar com os cristãos, lançou, por todo o império, um decreto que ordenava, sob pena de suplício, a adoração dos ídolos.

Máximo, originário de Éfeso, era homem simples e vivia do comércio. Cristão, foi prêso e apresentado a Ótimo, o procônsul, que o interpelou:

— Não conheces os decretos que recentemente recebemos dos invencíveis imperadores?

Máximo, sereno, também perguntou ao procônsul:

— Que decretos?

Ótimo:

— Os que dizem que todos os cristãos devem renunciar às superstições, reconhecer o verdadeiro príncipe, a quem todos obedecem, e adorar os deuses.

Máximo:

— Esta sentença publicada pelo rei dêste mundo é injusta, eis porque sou cristão, e altamente cristão.

Ótimo:

— Sacrifica aos deuses!

Máximo:

— Sòmente sacrifico a um só Deus, e me felicito de sempre ter sacrificado, desde a minha meninice.

Ótimo:

— Sacrifica para salvar a vida. Se te recusares, far-te-ei morrer nos tormentos.

Máximo nada perturbado:

— É o que sempre tenho desejado. Como cristão, livrar-me-ei desta vida miserável e passageira, para receber aquela que jamais tem fim.

Ótimo ordenou que o malhassem a bastão. E, enquanto os algozes o faziam, o procônsul gritou:

— Máximo, sacrifica! Sacrifica para que sejas libertado dêsses tormentos!

Máximo:

— Os golpes que recebo pelo nome de Jesus Cristo não são tormentos, mas, sim, unção. Se abandonar a lei de meu Senhor, na qual fui educado segundo o Evangelho, então, sim, terei os verdadeiros e perpétuos tormentos.

Ótimo, irritadíssimo, fêz com que o esticassem no cavalete. Sob novas torturas, Máximo ouviu o fero procônsul novamente gritar:

— Infeliz! Deixa-te de tolices! Sacrifica aos deuses e salva tua vida!

Máximo:

— Salvo minha alma, se não sacrificar. Sacrificando, perco-a. Os porretes, a unha de ferro, o fogo não me fazem sofrer, porque tenho em mim a graça de Jesus Cristo, aquêle que me salvará para a eternidade aos rogos de todos os santos. Os santos mesmos, que passaram por estas lutas sangrentas, triunfaram dos teus tormentos, deixando-nos o exemplo da coragem.

Ótimo, exacerbado, sentenciou:

— Aquêle que recusou obedecer as nossas leis santas e não quis sacrificar a Diana, a grande deusa, a divina clemência condena-o a ser lapidado para amedrontar os demais cristãos.

Rendendo graças a Deus Pai, por Jesus Cristo, o Filho, por ter triunfado do demônio, Máximo, levado para fora dos muros da cidade, sucumbiu sob as pedras.

A menção *Éfeso,* que consta do martirológio romano, não se lê nas Atas, que dizem simplesmente que Máximo foi martirizado *in Asia.*



BEM-AVENTURADA HILDEGARDA (*)

Rainha

Hildegarda era filha do rei dos suevos, Childebrando. Casada com Carlos Magno em 771 (1), quando o imperador repudiou Hermengarda, filha de Didier, rei dos lombardos, a filha de Childebrando, no trono, deu exemplo das mais altas virtudes. Piedosa e humilde, ficou aquém do contagioso bulício do mundo.

Durante os doze anos de casada, Hildegarda deu ao grande imperador nove filhos, dos quais três morreram com pouca idade.

Em 778, acompanhou o espôso na expedição que marchou contra os mouros da Espanha (2), tendo ficado na residência real de Cassineuil, onde

---

(1) Justamente o ano em que, com o falecimento do irmão, foi Carlos Magno reconhecido monarca único em detrimento dos sobrinhos, que se abrigaram na côrte lombarda (N. do Atual.).

(2) Foi na volta desta expedição que os gastões exterminaram com a retaguarda do exército em Roncesvales, desfiladeiro em que perdeu a vida o valorosíssimo Rolando, herói de inúmeras canções de Gesta. (N. do Atual.).

nasceram Luís, apelidado o Bonacheirão (3) e Lotário, um dos três que morreram quando ainda de peito.

Quando faleceu, estava então em Thionville, a 30 de abril de 783, tôda a monarquia francesa chorou, enlutada. Fundadora de inúmeros mosteiros, Hildegarda, que vivia quase que apagadamente, apenas usava da influência para fazer o bem.

Enterrada em Santo Arnoldo de Metz, em 872 teve uma parte das relíquias transferidas para a Suábia, na abadia de Kempten, uma de suas fundações.

* * *

(3) Sucessor do pai, destruiu a unidade do império e deu início a uma série de discórdias de família. (N. do atual.).

SANTO EUTRÓPIO DE SAINTES (*)

Bispo e Mártir

Santo Eutrópio, que uma tradição afirma ter ido da Grécia a Roma, quando do pontificado do papa São Clemente, foi o primeiro bispo de Saintes e o seu apóstolo.

Sagrado por aquêle papa, foi enviado a Saintonge, província da Gália, para ali pregar o Evangelho. Cheio dum grande zêlo, esbarrou, porém, com um povo de dificílimo trato. Depois de colhêr muito poucos frutos, triste e desanimado, tornou a Roma, onde o Santo Padre, exortando-o e encorajando, induziu-o a tornar ao ministério abandonado.

Eutrópio, assim, voltou a Saintes, e foi mais feliz. Muitos pagãos, impressionados com o exemplo de sua vida, principalmente com os milagres que operou, deixaram o culto dos ídolos e abraçaram a religião do verdadeiro Deus, Senhor nosso e criador de tôdas as coisas.

Eustela, filha do legado do pretor das Gálias, convertida por Santo Eutrópio, entusiasmadíssima, quis, a todo custo, secundar o santo bispo nos trabalhos do apostolado, mas, o que fêz foi acender o furor do pai. Incitando os pagãos contra o Santo, ordenou-lhes que lhe trouxessem o bispo e a filha ao palácio.

Eutrópio, arrancado do retiro em que vivia, antes de chegar ao palácio, já havia sido morto com um golpe de acha na cabeça.

A jovem, que conseguira fugir da furiosa turba, recolheu o corpo do mártir e o sepultou.

Morto o Santo, caiu-lhe a memória no esquecimento, mas, no século VI, por um milagre, descobriram-lhe o corpo, e o culto teve início.

Segundo Gregório de Tours (1), Eutrópio apareceu a dois religiosos, aos quais forneceu seguras indicações sôbre como lhe descobrir os restos.

Com efeito, acharam um sarcófago, onde, simplesmente, lia-se uma única palavra — *Eutropius*. Aberta a urna, depararam com os ossos do santo bispo e mártir, o crânio fendido como que por uma acha de armas.

Desde aquêle dia, uma igreja foi-lhe erigida e dedicada pelos cuidados do bispo Paládio, e o culto, nascente, ganhou, com o tempo grandíssima extensão.

* * *

(1) Gl. Mart., c. LV.

SANTO ADJUTOR (*)

Ermitão e Confessor

Adjutor, que foi senhor de Vernon, na diocese de Evreux, ali nasceu, em fins do século XI, de João e Rosamunda, casal notável pela caridade e eminente piedade.

Muito jovem, partiu, em 1095, para a Terra Santa, levando duzentos cavaleiros, com os quais, cheio de ardor próprio da época, investiu contra os infiéis nos arredores de Antioquia.

Cercado por quinze mil homens, só lhe restou apelar para os céus, e o fêz, invocando Santa Madalena, que Vernon venerava muito particularmente.

No mais aceso da batalha, eis que violenta tempestade desabou, e os infiéis, presos de grande pânico, em desordem debandaram, o que ensejou a Adjutor e aos seus fazerem grande número de mortos.

Animado com aquêle êxito, o Santo empreendeu grandes surtidas nos arraiais muçulmanos, lutando com coragem verdadeiramente assombrosa por dezessete anos, em defesa do cristianismo.

Nos muros de Jerusalém, um dia, foi feito prisioneiro. Carregado de ferros, atiraram com êle no cárcere. Quantas vêzes tentaram levá-lo a renegar a fé? Um sem-número, inùtilmente.

Conta-se que, duma feita, estendido no úmido chão da prisão, tornou a invocar Santa Madalena, e dormiu: quando acordou, achava-se numa floresta dos seus domínios, nas proximidades de Vernon.

O arcebispo de Ruão, Hugo, admiradíssimo, ordenou que se investigasse aquêle prodígio — que foi reconhecido verdadeiro.

Levado para casa, Adjutor erigiu uma capela a Santa Madalena, no lugar onde acordara, na floresta.

Feito religioso, passou o resto da vida a fazer penitência, solitário, falecendo a 30 de abril de 1131, depois de ter exercido a caridade para com o próximo, numa cela perto da capela que erguera.

Muitas curas foram operadas por Santo Adjutor, ainda em vida. Morto, foi invocado por cidades inteiras (Vernon, Ruão, Chartres, Evreux) contra incêndios, invasões, epidemias. Os febrentos, para obter a cura, deitavam-se no chão da cela que o ermitão ilustrara. Em Blaru, bebia-se, com fé, a água duma fonte que lhe tinha o nome, e que, diz-se, curava tôda a sorte de doenças.

O culto de Santo Adjutor ainda subsiste nas dioceses de Evreux, Ruão e Chartres.

* * *

SÃO JOSÉ BENTO COTTOLENGO (*)

Confessor

Cognominado o São Vicente de Paula da Itália, José Bento Cottolengo nasceu em Bra, no Piemonte, no dia 3 de maio de 1786.

Desde cedo, muito cedo, nêle se manifestou a caridade para com os pobres, aos quais, tudo fazendo, socorria com grande solicitude.

Aos dezessete anos, feitos os estudos clássicos, formou-se em teologia, em Asti. A 8 de junho de 1811, com vinte e cinco anos, foi ordenado padre.

Vigário de Cornegliano, ali se notabilizou pelo ministério que desenvolveu junto aos doentes, e, depois de ter, em Turim, feito novos estudos, ei-lo doutor em teologia.

Cônego da Santíssima Trindade e membro da congregação do *Corpus Domini*, deu-se todo, e exclusivamente, aos pobres e aos doentes, tendo fundado, em Turim, um hospital, que denominou a *Piccola Casa*, onde as filhas de caridade, ou vicentinas, desenvolviam grande atividade.

Como sempre, as provas não faltaram: as más línguas, quando o cólera, em 1831, declarou-se nas províncias do Piemonte, andaram a propalar que o foco de infeção era o pequeno asilo. Resultou, daí, o fechamento da piedosa casa.

Foi nuns terrenos baldios, a noroeste de Turim, que José Bento encontrou lugar onde pudesse abrigar os doentes.

Em 1840, Cottolengo estabeleceu o mosteiro do Sufrágio, onde tôda vicentina, após dez anos de vida ativa, poderia recolher-se, dedicar-se à contemplação e orar.

Mais tarde, iniciaria êle nova fundação, a das Filhas da Piedade, cujo principal objetivo era honrar a paixão e a morte de Jesus e as dores de Maria Santíssima.

Tempos depois, o rei Carlos Alberto, tal a reputação de José Bento, assegurou às fundações uma existência legal.

Gregório XIV, por um breve, aprovou a obra do fundador, louvou-lhe o zêlo e congratulou-se com os sucessos alcançados.

Embora louvado, procurado e bajulado, José Bento Cottolengo continuou a ser o que era — homem simples, modesto, desprendido, de grande espírito de fé, cheio de confiança, de ilimitada confiança na divina Providência, todo ternura para com a Mãe de Deus, a qual tomou como patrona de tôda a sua benemérita obra.

Deus, no fim da vida do confessor, concedeu-lhe graças. E Cottolengo, que lia no fundo do coração dos homens com os quais tratava, via também o futuro. Assim, teve conhecimento do dia e do lugar da própria morte.

Quando principiou a pôr em ordem tôdas as coisas que ainda estavam em suspensão e, uma a uma, foi vistoriando as instituições que fundara, ninguém duvidou de que a hora suprema lhe soara.

A 30 de abril de 1842, com cinqüenta e seis anos, depois de ter recebido os últimos sacramentos com angélica piedade, deixou o mundo e se foi para Deus.

Beatificado em 1917, no dia 29 de abril, Pio XI canonizou-o a 19 de maio de 1934.



No mesmo dia, em Lambese, na Numídia, a morte dos santos mártires Mariano, leitor, e Tiago, diácono, muito ilustres personagens, quando do imperador Décio, em 259. O primeiro, que já triunfara da perseguição, foi prêso pela segunda vez, com o colega. E os dois, depois de vários suplícios cruéis e inauditos, durante os quais foram fortalecidos duas vêzes por divinas revelações, pereceram, afinal, pelo gládio, com inúmeros outros cristãos.

Em Champagne, Santa Hoilde ou Hou, virgem, uma das sete filhas do conde de Perthes (século V).

Em Londres, Inglaterra, Santo Erconvaldo, bispo, muito célebre pelos numerosos milagres. Filho dum rei do Este inglês, foi educado por Melito, bispo de Londres. Consagrou a fortuna na fundação de mosteiros. Falecido em 693.

Em Córdova, Espanha, os santos mártires Amador, padre, Pedro, monge, e Luís, cujos corpos, atirados pelos mouros no Guadalquivir, dias depois foram restituídos à margem. Os cristãos sepultaram-nos piedosamente: Pedro, no mosteiro que está às portas de Córdova; Luís, na cidade de Palma; e Amador, transportado para a terra natal, Martos, ali jaz (855).

Na Bélgica, São Forannan, bispo e abade, nascido numa nobre família irlandesa, falecido em 982.

Em Savigny, o bem-aventurado Aimon, Aymon, ou ainda Hamon, desde muito jovem admitido na abadia fundada por São Vital, na diocese de Avranches. No fim da vida, afligido por estranha moléstia que não lhe permitia deitar-se, suportou o mal com paciência que a todos edificou altamente. Faleceu em 1173.

Em Nápoles, São Pompônio, vigésimo bispo daquela cidade. Defendeu a fé católica contra o rei ariano Teodorico. Erigiu a igreja de Santa Maria Maior, onde foi enterrado. Morreu a 30 de abril de 536. Desde 1922 seu nome consta no dia de hoje, ao invés de ser festejado a 14 de maio, como se fazia.

Em Reims, São Materniano, bispo e confessor, irmão de Materno, bispo de Milão. Elevado ao episcopado de Reims em 348, faleceu no dia 7 de julho de 368.

Em Trento, Santa Maxência, viúva. Dama romana, foi mãe dos santos Vigílio, Claudiano e Jajoriano, aos quais acompanhou no Tirol. Faleceu em Trento, onde Vigílio era bispo. As relíquias são veneradas na catedral (400).

Na diocese de Sens, São Micomer, confessor. Irlandês, filho de pelagianos, foi convertido por Germano de Auxerre, que o levou para a França. Assistiu ao concílio de Arles em 429. Faleceu em 444.

Na diocese de Tolosa, o bem-aventurado Raimundo, confessor. Nascido em São Gaudêncio, foi cisterciense em *Escala-Dieu*. Enviado à Espanha, fundou Hitero, donde foi o primeiro abade. Fundador da ordem de Calatrava, metade militar, metade

eclesiástica (sob a regra de Citeaux). Faleceu em 1163.

Em Luca, o bem-aventurado Miguel de Barga, confessor, pertencente aos franciscanos da Observância. Célebre pelos milagres, faleceu em 1479. Devotou-se, em tempos de epidemia, a socorrer os doentes. Morto, novos milagres operou. Construiu-se-lhe uma igreja, onde o corpo foi muito venerado.

Em Alexandria, Santo Afrodísio, sacerdote, e outros trinta santos mártires.

Em Fermo, Ancona, Santa Sofia, virgem e mártir.

Em Nápoles, São Severo, bispo, o qual, entre outras maravilhas que operou, chamou um morto da sepultura e o fêz reviver, durante algum tempo, para convencer de falsidade o credor impostor de uma viúva e dos pupilos.

Em Euria, no Épiro, São Donato, bispo, que viveu com grande reputação de santidade, ao tempo do imperador Teodósio.

Em Novara, São Lourenço, sacerdote, que foi martirizado com crianças de cuja educação estava incumbido.

* * *

FESTAS MÓVEIS QUE OCORREM NOS MESES DE MARÇO E ABRIL



PAIXÃO E A MORTE DE JESUS CRISTO. TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS CRISTO.

"Senhor, como é bom ficar aqui!" assim falava São Pedro, sôbre o Tabor. E quem não teria falado como êle? Ver Jesus, mas vê-lo na glória, ver-lhe o rosto resplendente como o sol, as vestes brilhantes como a luz; ver Moisés e Elias, que lhe vinham prestar homenagem, que o reconheciam por Mestre; Moisés, por quem foi dada a lei; Elias, o mais encantador dos profetas; ver tudo isso, com os três bem-amados apóstolos do Salvador, Pedro, Tiago e João! Quem não diria com Pedro: verdadeiramente, como é bom ficar aqui! Contemplemos, ó minha alma, contemplemos Jesus na glória!

Mas, que nuvem majestosa nos envolve? Estou prêso de temor, como os três apóstolos! E não é tudo. Eis algo mais formidável ainda. Uma voz, uma voz de trovão se faz ouvir: "Êste é meu filho muito amado, em quem coloquei tôda a minha afeição. Escutai-o!" Ah, como os apóstolos, prosternemo-nos, com a face contra a terra e adoremos, adoremos o

Pai que fala, adoremos o Filho de quem Êle fala. Moisés e Elias se retiraram. Eram os servidores. Conosco está sòmente Jesus, o Filho único do Pai. Ó Jesus, eu vos adoro, eu vos escuto! Já não tenho necessidade de Elias, nem de Moisés. Eram êles os servidores que anunciavam o mestre. Ó Jesus, sois o mestre dêles e o meu.

Ó Jesus, meu divino mestre, ousaria eu perguntar-vos o que faláveis com Moisés e Elias? Vosso santo evangelho mo ensina. Dizíeis, a respeito da vossa saída do mundo, que ireis cumprir em Jerusalém, isto é, faláveis também da vossa paixão e morte próximas. Como? Faláveis disso, na vossa glória? É que ainda não era a vossa glória do céu. Era apenas um fraco raio escapado sôbre a terra. Para entrar na vossa glória infinita, vos era ainda necessário sofrer muito. Ah, compreendo agora por que o Evangelho acrescenta que Pedro não sabia o que dizia: êle queria ficar no Tabor, ao passo que era necessário caminhar para o Calvário. Todavia, eu não sabia melhor do que êle. Desçamos, desçamos com Jesus e, em lugar da glória, preparemo-nos para meditar os sofrimentos.

* * *

JESUS ANUNCIA AOS APÓSTOLOS QUE O TEMPO DA SUA MORTE SE APROXIMA.

Após terem descido do Tabor, Jesus curou um jovem possesso do demônio e, em seguida, atravessou a Galiléia, para se dirigir a Jerusalém. Não que ninguém o soubesse. Ao contrário, enquanto todos ainda estavam admirados dos milagres que operara, disse aos discípulos: "Guardai bem o que vos direi. O Filho do homem deve ser entregue às mãos dos homens. Matá-lo-ão e, depois de morto, ressuscitará ao terceiro dia." Êles, porém, ignoravam o que Jesus queria dizer com essas palavras. Foram pronunciadas para êles, de maneira que não as entendessem. E temiam interrogá-lo a respeito. Ficaram, pois, muito aflitos. Como aqui é diferente do que vimos no Tabor! Compartilhemos da tristeza dos apóstolos.

Os bem-aventurados apóstolos haviam visto os milagres de Jesus. Três dentre êles lhe tinham visto a glória no alto da montanha santa. Todos o tinham ouvido dizer que o reino dos céus se encontrava próximo. Podiam, pois, crer que essas coisas magníficas iam realizar-se, que o mestre ia ser reconhecido rei de Israel e que êles teriam os primeiros lugares no reino de Jesus. E eis que, ao invés de glória e de realeza, lhes fala de sofrimentos, de opróbrios e de

morte. Ah, compreendo que tivessem dificuldade em entender essa linguagem. Somos como êles: enquanto Jesus nos fala de reinado, nos faz ver milagres, nos conduz ao Tabor, seguimo-lo com alegria e lhe dizemos com prazer: Senhor, como é bom estar convosco! Mas, quando nos fala de sofrer, de ser humilhado, de morrer, de segui-lo ao Calvário, nos fazemos de surdos, tememos interrogá-lo, temos mêdo de compreender. Senhor, tende piedade de nós! Fortalecei-nos com a vossa graça, pois somos ainda muito fracos.

Sim, meu Jesus, eis como sou. No fervor da oração, sinto-me pronto a vos seguir até ao Calvário, a tudo suportar por amor a vós. Mas, quando me fazeis ver de perto os sofrimentos, as humilhações, a morte, sinto-me fraco, temo, tremo, quase sucumbo. Não o permitais, porém, Senhor. Fortalecei-me, Senhor, fortificai-me, e vos seguirei ao Calvário, como ao Tabor.

* * *

PERGUNTA AMBICIOSA DOS FILHOS DE ZEBEDEU.

O que nos faz ver bem como o homem é miserável, e como tem necessidade de ser renovado pela graça do Espírito Santo para gozar das coisas de Deus, e se desligar de si mesmo, é o que aconteceu aos apóstolos. Após tudo o que o Senhor acabava de lhes dizer, discutiam secretamente entre si para saber quem seria o maior no reino. Imaginavam sempre um reino neste mundo. Dois, Tiago e João, chegaram a pedir à mãe que rogasse a Jesus fazer, no seu reino, um dos filhos sentar-se-lhe à direita e outro à esquerda. Não sabeis o que estais pedindo, respondeu Jesus: podereis beber do cálice que eu beberei? Falais da glória e não pensais nos sofrimentos que necessários são para que a atinjamos. Podemos, disseram êles. Jesus aceitou o oferecimento dêles, mas os enviou ao Pai, para a recompensa. É que o primeiro lugar no céu caberá ao mais humilde. E êles não eram ainda suficientemente humildes. Nós os veremos bem diferentes, quando o Espírito Santo sôbre êles descer. Ambiciosos que se mostram agora, transformarão essa ambição em vontade de sofrer humilhações.

Os dez outros ficaram indignados com a pergunta dos dois irmãos: uns e outros eram ainda igualmente imperfeitos. Mas, Jesus os chamou e lhes

disse: sabeis que aquêles que são tidos como mestres das nações mandam, e os grandes as tratam com poder absoluto. Não acontecerá o mesmo convosco. Todavia, quem quiser ser o maior, será vosso ministro e quem quiser ser o primeiro dentre vós será o servidor de todos, porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a vida pela redenção de grande número de homens. Eis, pois, o que realmente torna o homem grande, grande diante de Deus, isto é, ser o mais humilde, ser o servidor de todos. Jesus não sòmente no-lo diz, mas ainda nos dá o exemplo.

Ó meu Salvador, vossos bem-aventurados apóstolos compreenderam, por fim, essa palavra difícil. Compreenderam-na quando o Espírito Santo sôbre êles desceu. Desde então, ao invés de disputarem entre si o primeiro lugar, rejubilam-se por terem sido julgados dignos de sofrer, por vosso nome, tôda sorte de sofrimentos. Mas nós, quando a compreenderemos? Quando, sobretudo, a praticaremos? Quando disputaremos quem será o menor, o mais humilde, o mais disposto a ser o servidor dos outros; em uma palavra, quando disputaremos quem vos será mais semelhante?

* * *

RESSURREIÇÃO DE LÁZARO.

Como os apóstolos esperavam ver o divino Mestre restabelecer o reino de Israel, não podiam conceber que devesse sofrer e morrer. Para fazê-los entender que, se sofria e morria, era porque o queria, e que mesmo após morto poderia fazer coisas ainda mais maravilhosas do que as que esperavam, ressuscitou um morto, enterrado, havia quatro dias. Tratava-se de Lázaro, irmão de Marta e de Maria. Jesus amava os três e freqüentemente se hospedava na casa dêles. Lázaro adoeceu e morreu. Jesus, que se encontrava bem distante, disse aos discípulos: Lázaro, nosso amigo, dorme. Mas eu o acordarei. Os discípulos lhe disseram: Senhor, se dorme, será curado. Pensavam que se tratasse de sono. Jesus lhes disse, então, claramente que Lázaro estava morto, fazendo-os entender que, para êle, acordar alguém da morte não era mais difícil do que acordar alguém do sono ordinário. Cremos no poder de Jesus e o admiramos. Admiramos também e amamos esta palavra: Lázaro, nosso amigo. Como Jesus é bom! E como é bom possuir um amigo assim!

Acompanhemos Jesus com os apóstolos. Marta e Maria vêm-lhe ao encontro e lhe dizem, chorando: Senhor, se tivésseis estado aqui, nosso irmão não teria morrido. "Vosso irmão ressuscitará", diz Jesus.

"Eu sou a ressurreição e a vida; aquêle que crê em mim, viverá, ainda que morto; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Onde o pusestes?" Ao mesmo tempo, vendo Marta e Maria chorar, bem como todos os presentes, chorou também. Depois, ordenando retirasse a pedra colocada à entrada da sepultura, exclamou em voz bem alta: "Lázaro, vem para fora!" E imediatamente, o morto saiu, com as mãos e os pés ligados e a face envolta em pano branco. Jesus disse aos presentes: "Tirai-lhe os panos e deixai-o ir." Ainda uma vez, admiremos o poder de Jesus. Mas, admiremos-lhe a bondade, que o faz chorar com os que choram.

Ah, se como Lázaro, tivéssemos sido chamados à vida por Jesus, quatro dias depois de mortos, qual não seria por êle nosso amor e nosso reconhecimento! Mas, isso não nos aconteceu? Quando cometemos um pecado mortal, não estamos mortos para Deus? Não estamos como que dentro de um sepulcro? Nossos maus hábitos, nossas más ligações, o mau exemplo do mundo não são como que lençóis mortuários que nos envolvem de todos os lados, como grande pedra que nos impede voltar à vida? Quem tirou essa pedra? Quem nos chamou da morte? Não foi Jesus, por sua graça? Não foi êle quem nos desamarrou, por seus ministros, no sacramento da penitência? Qual não deve ser, pois, nosso reconhecimento e nosso amor! Mas, que foram êles até agora?

* * *

PAIXÃO DE JESUS CRISTO SEGUNDO DAVI

Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Consideram-se essas palavras um lamento de Jesus, sôbre a cruz, dirigido ao Pai. Mas é menos uma lamentação do que o cumprimento de uma profecia. Essas são as primeiras palavras do salmo vinte e um, no qual o Messias descreve a própria paixão, pela bôca do ancestral Davi. Diz, após as primeiras palavras: Nossos pais esperaram em vós; esperaram em vós e vós os libertastes. Quanto a mim, sou um verme da terra e não um homem. Sou o opróbrio dos homens e o rebotalho do populacho. Todos quanto me vêem, me insultam. Com o desprêzo nos lábios, menearam a cabeça, dizendo: Colocou sua esperança em Deus, que Deus o liberte! Que Deus o salve! Que Deus o salve, pois nêle se compraz! Minhas fôrças secaram como a argila. Minha língua prendeu-se ao palato e vós me conduzistes à poeira da morte. Cães devoradores me cercaram e o conselho dos maus me assaltou. Transpassaram minhas mãos e os meus pés e contaram todos os meus ossos. Olharam-me e me consideraram atentamente. Dividiram entre si minhas vestes e sôbre minha túnica lançaram

a sorte. Quem não reconheceria aqui os soldados que dividiram entre si as vestes de Jesus, depois de lhe terem traspassado as mãos e os pés para pregá-lo à cruz? Quem não reconheceria os escribas e os fariseus, que, passando diante da cruz, sacudiam a cabeça e insultavam Jesus nos têrmos que Davi havia predito, milhares de anos antes?

Mas, nesse mesmo salmo, em que o Messias anuncia claramente sua paixão, anuncia também a glória que deve seguir-lhe a morte, a propagação da Igreja, a conversão dos gentios, nossa conversão. Transmitirei, diz êle ao Pai, transmitirei vosso nome aos meus irmãos. Eu vos louvarei no meio da Igreja. Meu louvor será diante de vós na grande Igreja. Darei meus votos na presença dos que temem a Deus. Os pobres comerão e serão saciados. Os que procuram o Senhor, louvá-lo-ão. Tôdas as extremidades da terra se lembrarão do Senhor e se converterão a êle. E tôdas as famílias das nações o adorarão. Porque o poder pertence ao Senhor. E êle dominará sôbre as nações. Essas nações, de que fala, eram os gentios, os pagãos, que tinham esquecido Deus. Nós pertencíamos ao número dêstes, ou melhor, nossos pais. Quando, porém, Jesus Cristo, pela pregação dos apóstolos, deu a conhecer o nome e os louvores de Deus, seu Pai, na Igreja, na grande Igreja católica, nós também, que nos encontramos nos extremos da terra, nos lembramos de Deus, nos convertemos a êle, tornamo-nos seus filhos. Jesus nos chama irmãos. Comemos à mesma mesa que êle e nos saciamos dos seus dons.

Admiremos com que exatidão Davi predisse, milhares de anos antes, o que vemos cumprir-se três

mil anos depois. Louvemos a Deus na grande Igreja. Louvemos-lhe a misericórdia infinita. Louvemo-lo de modo particular, nós que fomos por êle convertidos dos confins da terra. Trabalhemos, para que seja conhecido e amado por tôda parte.

* * *

O PROFETA JONAS, FIGURA DE JESUS CRISTO.

Nínive foi a primeira capital da gentilidade ou do mundo pagão reunido sob um mesmo império. Babilônia foi a segunda, e Roma a terceira. Deus enviou a Jonas a Nínive. O profeta obedeceu apenas na segunda vez. Por isso, sentiu-se penetrado da mais viva dor. Eis a causa misteriosa disso. A capital da gentilidade se converte apenas com a pregação, cria em Deus com fé eficaz, prevenia sua destruição como cidade, destruindo-se ela própria, na medida em que era culpada, enquanto via Israel, favorecido com tantas graças, advertido, ameaçado contìnuamente por inúmeros profetas, abandonar, destruir os altares do verdadeiro Deus, entregar-se aos ídolos, e fazer esforços para apressar os castigos de que já estava ameaçado. No que estava acontecendo, via êle, talvez o que estaria para acontecer mais tarde. A gentilidade inteira, seguindo o exemplo de Nínive, se voltou para Deus, tomando na Igreja de Cristo o lugar de Israel impenitente e reprovado. E Roma, tornada cristã, tomou o lugar de Jerusalém rejeitada.

Jonas não era apenas profeta, mas também uma profecia. Foi enviado para pregar a penitência à capital da gentilidade: Cristo será Cristo para pregar a penitência à gentilidade inteira. Jonas não quis a

princípio ser o apóstolo de Nínive: Cristo não quis ouvir, a princípio, a Cananeana, nem enviar os apóstolos às nações. Jonas, querendo limitar seu ministério ao povo de Israel ùnicamente, provocou uma tempestade, em meio à qual dormia sono profundo: Cristo, enviando os apóstolos sòmente às ovelhas da casa de Israel, levanta contra si, no próprio seio de Israel, furiosa conjuração, durante a qual está calmo, como quando dorme na barca durante a tempestade. Jonas, atirado ao mar, livrado humanamente da morte, é o salvador dos que estavam com êle no navio: Cristo, imerso em um mar de aflições, levado à morte segundo a natureza humana, é o salvador dos que estão com êle dentro da mesma barca. Jonas, dentro do ventre da baleia, como que dentro de um inferno vivo, louva a Deus e lhe celebra as maravilhas e o bendiz, por causa da liberdade próxima: Cristo, descendo aos infernos, às partes inferiores da terra, anuncia as maravilhas de Deus aos próprios detidos. E, livre de entre os mortos, com êles festeja a ressurreição próxima. Jonas fica três dias e três noites dentro do ventre da baleia. Assim, o Filho do homem, o próprio Jesus Cristo é quem diz, ficará três dias e três noites no coração da terra. Jonas, voltado do meio das águas, sai da Judéia e converte a primeira capital da gentilidade: Cristo, ressuscitado de entre os mortos, envia os apóstolos até os confins da terra. E, com a última capital da gentilidade, converteu a gentilidade inteira. Jonas, vendo a conversão de Nínive e a impenitência de Israel, deseja a morte de dor: Cristo, na pessoa de São Paulo, vendo a conversão da gentilidade, e endurecimento dos judeus, que são seus irmãos, deseja, na dor, ser anatematizado por êles.

Meu Deus, como vossa sabedoria é admirável! Como sabeis predizer, em um só acontecimento, bem como figurar séculos antes, uma multidão de acontecimentos e maravilhas que irão acontecer! Meu Deus, aumentai nossa fé, o amor e a compreensão de vossa santa palavra.

* * *

PAIXÃO DE JESUS CRISTO SEGUNDO ISAÍAS.

Isaías profetizou oito séculos antes de Jesus Cristo. Eis como descreveu a paixão do Messias: O Eterno mostrou o braço da sua santidade aos olhos de tôdas as nações e tôdas as regiões da terra verão o Salvador que nosso Deus nos deve enviar. Aparecerá em glória diante dos mortais, e em forma desprezível aos olhos dos filhos dos homens. Regará a multidão das nações com a aspersão do próprio sangue. Os reis se conservarão diante dêle em silêncio, porque aquêles a quem não foi anuciado vê-lo-ão também. E os que nunca ouviram falar dêle, contemplá-lo-ão. Êle se erguerá como frágil arbusto diante do Eterno, e como rebento que sai da terra sêca. É sem beleza e sem brilho. Nós o vimos e não tinha nada que atraísse a atenção. Por isso, não o conhecemos. Pareceu-nos objeto de desprêzo, o último dos homens, homem de dores, habituado a sofrer. O rosto lhe estava como que escondido, e parecia desprezível. Dêle não fizemos caso. Verdadeiramente, tomou sôbre si nossos languores e nossas dores. Nós o consideramos um leproso, um homem batido de Deus e humilhado. Mas foi coberto de feridas, por nossa causa. Foi batido por nossos crimes. O castigo que nos deveria conceder a paz caiu sôbre êle e

fomos curados pelas iniqüidades que sofreu. Nós nos havíamos afastado e estávamos perdidos como ovelhas errantes. Cada um de nós estava fora do norte, para seguir o próprio caminho. E o Senhor o cobriu com a iniqüidade de todos nós. Ó meu Jesus, quem poderia predizer, com tanta antecedência o que iríeis sofrer, senão vós mesmo?

E não é tudo. O profeta continua: Êle foi sacrificado, porque assim quis. E nem sequer abriu a bôca. Será conduzido à morte como ovelha. Ficará em silêncio, sem abrir a bôca, como cordeiro diante do tosquiador. Foi erguido do meio das angústias, do meio de um julgamento. Quem lhe contará a geração ou a posteridade, pois foi suprimido da terra dos viventes? Eu o açoitei por causa dos crimes do meu povo. Ímpios guardar-lhe-ão o sepulcro e um homem rico o sepultará, quando morto, porque não cometeu nenhuma iniqüidade e a mentira jamais lhe estêve na bôca. E o Eterno quis quebrá-lo na sua fraqueza. Livrou-lhe a alma pelo pecado. Por isso, verá seu povo durar muito tempo e a vontade de Deus será cumprida felizmente pelo modo por que agirá. Verá o fruto daquilo que sua alma tiver sofrido. Como meu servidor é justo, justificará por sua doutrina grande número de homens e sôbre si tomará as iniqüidades dêles. É por isso que lhe darei, como partilha, grande multidão de pessoas. E êle distribuirá os despojos dos fortes, visto que livrou a alma da morte e visto que foi enviado para o meio dos celerados. Carregou os pecados da multidão e intercedeu pelos violadores da lei.

Ó Jesus, quem não vos reconheceria nessas palavras? Quem não vos reconheceria carregado das

nossas iniqüidades, crucificado entre dois ladrões, orando por vossos carrascos, sepultado no túmulo de José de Arimatéia, guardado pelos soldados romanos e santificando, por vossa morte, uma multidão de homens? Nós somos parte dêles. Oxalá possamos assemelhar-nos a vós! Oxalá possamos, em nossos sofrimentos, imitar vossa paciência e humildade!

* * *

COMPAIXÃO DA SANTA VIRGEM.

Ó minha alma, escutemos hoje o tema de meditação que a Igreja nos propõe no cântico que conheces. A Mãe das dores estava em pé, perto da cruz, da qual pendia seu Filho, desfeita em pranto, com a alma imersa na tristeza e no abatimento, traspassada por uma espada. Como se encontrava triste e aflita essa Mãe bendita do Filho único! Acabrunhada, sofria, tremia, vendo as dores que o Filho adorado padecia. Qual o homem que não choraria, se visse a Mãe do Cristo em semelhante sofrimento? Quem não se comoveria, diante dêsse espetáculo? Foi pelos pecados de seu povo que viu Jesus nos tormentos, dilacerado pelas chicotadas. Viu o Filho bem amado dar o último suspiro e morrer.

Ó Mãe dulcíssima, fonte do amor divino! Fazei-me sentir a violência de vossa dor, fazei-me chorar convosco. Que meu coração se inflame do amor de Jesus, meu Deus. Que eu lhe seja sempre agradável. Ó Santa Mãe, concedei-me essa graça, eu vo-la suplico. Imprimi as chagas do Crucificado, imprimi-as bem profundamente em meu coração. Vosso Filho, coberto de feridas, dignou-se sofrer por mim. Oh, dividi comigo as penas dêle. Fazei-me chorar sinceramente convosco e que eu compartilhe do sofrimento de Jesus crucificado, todo o tempo em que viver.

Estar de pé convosco, ao pé da cruz e chorar de todo o coração, eis o que desejo.

Incomparável Virgem das virgens, não desprezeis minhas preces. Que eu chore convosco. Dai-me a graça de carregar em mim a morte de Jesus, o pêso da paixão e a lembrança de suas chagas. Que eu mesmo receba essas chagas adoráveis, me embriague com essa cruz, por amor a vosso Filho. Fazei com que me inflame, me consuma nesse amor, que seja defendido por vós no dia do julgamento. Guardai-me na cruz de Jesus, protegei-me por sua morte, consolai-me por sua graça. E quando eu morrer, levai minha alma para a glória do paraíso. Assim seja.



O PROFETA JEREMIAS, OUTRA FIGURA DE JESUS

Jeremias foi um dos mais santos homens da antiga lei. Foi o único dentre todos os profetas que foi santificado já no seio da genitora. Foi uma das maiores figuras do Santo dos santos. Anunciou durante quarenta e cinco anos, ao povo de Israel, duas verdades terríveis: a destruição de Jerusalém e do templo e a inexistência de meios para evitá-la. Devia o povo fazer penitência e submeter-se a todos os decretos da justiça divina. Não foi escutado. Ao contrário, serviu de objeto de mofa a todo o povo. Foi coberto de amarguras, embriagado de absinto, batido nas faces, ultrajado. Era como um cordeiro inocente e doce que é levado ao sacrifício. Um dia, os sacrificadores, os falsos profetas e todo o povo o agarraram, dizendo unânimemente: Deve morrer! Merece a morte! Os príncipes dos sacerdotes e os escribas se serviram das mesmas palavras para condenar Jesus à morte. Tanta é a semelhança existente entre o Salvador e o profeta.

Jeremias representa Jesus Cristo até mesmo na sepultura. Algum tempo depois de ter sido condenado à morte, foi descido ao fundo de uma fossa profunda, em uma cisterna, sem água, porém repleta de lama. Lá foi deixado alguns dias. Teria perecido, se um estrangeiro, um etíope, tocado de compaixão, não lhe

tivesse dado, secretamente, alimento e bebida, e não o tivesse retirado de lá. Jeremias, entretanto, sofria tudo com paciência. Bem longe de desejar mal aos perseguidores, chorava e orava dia e noite, pelo povo. "Quem mudará minha cabeça em água, dizia êle, quem fará lágrimas correr-me dos olhos por aquêles compatriotas que foram mortos na iniqüidade?" É a imagem clara de Jesus Cristo, chorando, da cruz, sôbre a ingrata Jerusalém e rezando por assassinos.

Depois de morto, Jeremias tornou-se salvador do povo de Israel. Judas Macabeu o viu na glória, cercado de grande majestade. Eis, disse-lhe uma voz, o verdadeiro amigo de teus irmãos e do povo de Israel. É êle quem pede pelo povo e pela cidade santa. É Jeremias, o profeta de Deus. Ao mesmo tempo, Jeremias deu a Macabeu uma espada de ouro, para êste derrubar todos os inimigos do povo de Israel. Jesus Cristo também, morrendo, tornou-se salvador de todos os homens. Entrado na glória do céu, intercede sem cessar por nós junto do Pai e nos concede tôdas as graças necessárias para vencermos todos os inimigos da nossa salvação.



ENTRADA TRIUNFAL DE JESUS EM JERUSALÉM

E tôda a cidade, comovida, perguntava: Quem é êste? Mas os povos respondiam: É Jesus o profeta, de Nazaré da Galiléia. É Jesus que ressuscitou Lázaro, que deu a vista ao cego de nascença, que curou os doentes, que nos alimentou no deserto. E a multidão estendia as vestes à passagem do Mestre. Alguns se serviram de ramos verdes. E a multidão que precedia e a que seguia, com ramos de palmeiras, gritava entusiasmada: Hosana ao Filho de Davi! Viva o Rei de Israel! Bendito aquêle que vem em nome do Senhor! Bendito seja o reino que vem, o reino de Davi nosso Pai! Hosana ao mais alto dos céus! Ó meus irmãos, juntemos nossas aclamações às de todo o povo. Jesus as receberá. Os fariseus lhe disseram: Mestre, faze teus discípulos calar-se. A resposta foi: Declaro-vos que, se êstes se calarem, as pedras prorromperão em exclamações.

Quando os imperadores romanos entravam triunfalmente na capital, todo o senado e o povo iam na frente com roupas de festa. As ruas por onde deviam passar eram cobertas de flôres odoríferas. Queimava-se perfume. O triunfador, precedido do senado e do povo romano, seguido do exército, ia em magnífico carro, puxado por quatro cavalos bran-

cos, algumas vêzes por quatro elefantes. Diante dêle, caminhavam, acorrentados, os reis e os generais inimigos vencidos por êle, como sinal das cidades conquistadas. Essa glória era tão grande, que êle podia acreditar-se um deus. Por isso, um escravo ficava-lhe postado às costas, para dizer-lhe, de quando em quando: Lembra-te de que és homem! Vosso triunfo é bem diferente, ó meu Jesus. Não há nem senado nem exército. É a multidão dos discípulos que instruístes, dos doentes que curastes. Ao invés de carro magnífico, tendes uma montaria de pobre: um jumentinho cuja sela eram os mantos dos vossos discípulos. Na verdade, ó Jesus, eu vosso escravo, sinto-me inclinado a vos dizer: Mas, lembrai-vos de que sois Deus! É que, para nos ensinar a humildade, quisestes ser humilde até no vosso triunfo. Um profeta o havia prenunciado da seguinte forma: Dizei à filha de Sião, a Jerusalém: Eis que teu rei vem a ti cheio de doçura, montado em uma jumenta e sôbre o filho daquela que está sob o jugo. Assim sendo, entrai, ó Jesus, ó rei de doçura e de graça, entrai na vossa cidade santa. Entrai, principalmente, no meu coração.

E Jesus entrou no templo de Deus. E cegos e coxos dêle se aproximaram, dentro do templo. E Jesus os curou todos. Mas os príncipes dos sacerdotes e os escribas, ao verem o que acabara de fazer, e ouvindo as crianças exclamar no templo: Hosana ao Filho de Davi! encheram-se de indignação. E lhe disseram:

— Ouves o que dizem êstes?

Jesus lhes respondeu:

— Sim. Mas vós mesmos não lestes estas palavras: É da bôca das crianças e dos que estão sendo amamentados que tivestes o melhor louvor?

Ó Jesus, como amo essa palavra! Então, é da bôca das crianças que me destes para instruir, que sai o melhor louvor, a oração mais agradável? Com que novo amor e com que novo zêlo, vou com êles aprender a rezar, a cantar vossos louvores.

* * *

TRAIÇÃO DE JUDAS

"Que me dareis, para que vo-lo entregue?" Assim falou um dos apóstolos, Judas, aos judeus, oferecendo-se para lhes vender o mestre. Acertaram com êle o preço de trinta moedas de prata. Que teria levado o infeliz à infame traição? A avareza. Era o incumbido da bôlsa na qual se colocavam as esmolas feitas ao Salvador. Roubava uma parte. Quando Maria, irmã de Lázaro, espalhou sôbre a cabeça de Jesus um frasco de perfume precioso, murmurou em voz alta, censurando-lhe o ato: "Poder-se-ia vender êsse perfume por duzentos dinheiros e distribuí-los aos pobres". Não que se preocupasse com os indigentes. Mas, ladrão que era, desejava o dinheiro para si mesmo. Para compensar-se da perda que julgava ter sofrido, foi vender o mestre aos judeus. Temamos, irmãos, temamos entregar-nos a alguma paixão. Nossa vocação não é mais santa do que a dos apóstolos, nossa comunidade não é mais santa do que a de Jesus. E, no entanto, um apóstolo se tornou traidor! Temamos que o orgulho, a inveja, a avareza, a impureza, ou qualquer outra paixão que negligenciaríamos combater, nos conduza a algo semelhante.

O traidor procura a ocasião de cumprir com o contratado. Executá-lo-á na festa da Páscoa. Jesus lava os pés aos apóstolos e ao próprio Judas. Êste

nem sequer se comove. Jesus institui o sacramento do amor e se dá aos discípulos. Judas não se sentiu tocado. Aos primeiros crimes acrescenta a comunhão indigna. Jesus se perturba e diz aos discípulos com profunda dor: Em verdade, em verdade vos digo, um de vós me trairá! Assustados, os discípulos lhe perguntaram com ansiedade: Sou eu, por acaso, Senhor? Judas nem sequer se comoveu. Perguntou como os demais: Sou eu, por acaso? E Jesus lhe disse: "Sim, tu o dizes". Mas, desgraçado do homem por quem o Filho do homem será traído! Melhor seria para êle não ter nascido. Judas não se comoveu. Ao contrário, foi advertir os judeus de que a ocasião era favorável. Êle mesmo os conduzirá ao jardim das Oliveiras e lhes entregará Jesus, por um beijo. Meu Deus! Meu Deus! Que é o homem, se um apóstôlo pôde tornar-se o mais infame dos traidores? Quem poderá confiar em si mesmo? Meu Deus, tende piedade de nós!

Mas o infeliz Judas não se reconhecerá de forma alguma? Não. Irá encontrar os príncipes dos sacerdotes com os quais havia combinado anteriormente. E lhes dirá: "Pequei, entregando o sangue inocente." Pùblicamente confessa o pecado. E faz mais. Atira para dentro do templo as trinta peças de prata. Não quer mais saber delas. Como não esperar semelhante arrependimento? Pobre dêle! Vai e se enforca de desespêro. Tal foi o fim de um apóstolo! Meu Deus! Quem ousará jamais tranqüilizar-se a respeito da santidade da sua vocação, da santidade do seu estado, da santidade da comunidade em que vive? Quem não procurará a salvação com temor?

* * *

JESUS AGONIZANDO NO JARDIM DAS OLIVEIRAS

Era noite. Jesus atravessa a torrente do Cedron com os discípulos. Está triste. Os discípulos também. Chegam à montanha das Oliveiras. "Ficai aqui, diz-lhes, enquanto irei orar. Vós também, rezai, para não cairdes em tentação". Em seguida, afastando-se, leva consigo a Pedro, Tiago e João. E entrou a se encher de temor e tristeza." Minha alma, diz-lhes, está triste até a morte. Ficai comigo e vigiai. "Ó meu Jesus, como tudo é, de fato, triste! Judas acaba de vos deixar para vos trair. Mas, ao menos vossos amados discípulos vos consolarão e convosco estarão em oração? Nova tristeza! Três vêzes Jesus vem a êles, e, três vêzes os encontra dormindo, vencidos de tristeza e de sono. Assim, nenhuma consolação para Jesus, da parte dos homens.

É pouco ser abandonado pelos homens. Jesus se apresenta ao Pai, mas se apresenta carregado de todos os crimes do mundo, inclusive os meus. Essa visão causa tão vivo horror à santa humanidade, que ela parece sucumbir. A morte próxima da cruz a transtorna muito menos. Três vêzes, e cada uma durante uma hora, Jesus suplica ao Pai que o livre dessa inexprimível confusão e dor. Meu Pai, tudo vos é possível. Afastai de mim êste cálice. Todavia não se faça a minha vontade, mas a vossa. Meu

Pai, se possível, que êste cálice se afaste de mim! Todavia, não como eu quero, mas como vós o quereis. Meu Pai, se êste cálice não pode passar, sem que o beba, que se faça a vossa vontade." Nenhuma consolação nessa tristeza, nenhuma consolação nem da parte dos homens nem da parte de Deus. Deve sòzinho beber o cálice da amargura, até às fezes. Sua santa humanidade se encontra em violenta agonia. O sangue lhe corre como suor. Vêde e considerai se há tristeza maior do que a de Jesus.

Ó minha alma, se Deus nos experimenta pela tristeza e pela aflição interior, lembremo-nos de Jesus agonizante. Unamos nossa tristeza à dêle, nossa aflição à aflição de Cristo. Digamos com êle: Meu Pai, se possível, que êste cálice passe sem que eu o beba! Mas acrescentemos, com êle: Todavia, não se faça o que quero, mas o que quereis vós. Bebamos, como êle, o cálice de amargura e, se necessário, até às fezes. É nessa resignação completa que encontraremos nossa fôrça e salvação pela graça e pela glória de Jesus agonizante.



NEGAÇÃO DE PEDRO

Todavia, uma criada do grande sacerdote, a porteira, indo até onde Pedro se estava esquentando e considerando-o atentamente à luz do fogo, disse: "Tu também estavas com Jesus de Nazaré". Mas êle o negou diante de todos os presentes, dizendo: "Mulher, não o conheço sequer. Não sei a quem te referes". E foi para o vestíbulo. E o galo cantou. Mas, quando ia saindo, outra criada o percebeu e disse aos que lá estavam: "Êste também estava com Jesus de Nazaré. É um dos discípulos". E êle negou segunda vez, com um juramento, dizendo: "Não sou o que dizes. Não conheço êsse homem". Cêrca de uma hora depois, um dos criados do sumo sacerdote, parente daquele a quem Pedro havia cortado a orelha, lhe disse: "Não estavas tu com êle no jardim? Certamente deves ser dêles, pois és galileu. Teu modo de falar o denuncia". Pedro, pela terceira vez, negou a Cristo. E se pôs a fazer imprecações e a jurar: "Não conheço êsse homem a quem te referes". Ó Pedro, que dizes? Não eras tu que, há duas horas, estavas disposto a seguir Jesus à prisão e à morte? E quando êle te respondeu que, mais tarde, haverias de fazê-lo, mas não naquele momento, não afirmaste que o farias, e que, mesmo que os outros o negassem, lhe permanecerias fiel? E eis que o negas três vêzes, diante da criadagem.

Ó meu Deus, quem não tremeria, quem não desconfiaria de si mesmo? Quem não reconheceria humildemente que é fraco? Confessemo-lo: Não esperemos que o Senhor nos diga: "Tu não podes". Confessemos-lhe nossa impotência, com receio de que êle nos faça reconhecê-lo por uma queda. Pedro queria sinceramente seguir a Jesus. Mas não sabia ainda como a vontade do homem é fraca, como temos necessidade da graça de Deus para querermos com firmeza e constância. Se o tivesse sabido, não teria dito: Posso. Quero. Irei. Mas: Senhor, ajudai minha fraqueza. Fazei-me querer dessa maneira, vós, a quem nada é impossível. Quero-o já de certa forma. E é efeito da vossa graça. A vós a glória dêste fraco comêço de boa vontade. Mas, terminai vossa obra, dai-lhe o último toque, pois sòmente vós podeis terminar em nós o que de bom só vós podeis começar.

Pedro falava ainda, quando o galo cantou pela segunda vez. O Senhor, ao voltar, olhou para êle. Pedro, então, se lembrou da palavra que Jesus lhe havia dito: "Antes que o galo cante duas vêzes, tu me negarás três." E, retirando-se, chorou amargamente. Jesus o olha: êle se levanta e se retira, começando a sentir que não devia ir ao lugar de onde não se pode retirar muito cedo. Pobre Pedro! Se lá ficasse, talvez tornasse a negar a Cristo. Aprendamos com o exemplo de tão grande apóstolo. Por ter confiado em si mesmo, caiu, à voz de uma criada.

* * *

INSTITUIÇÃO DO SACRIFÍCIO DA MISSA E DA COMUNHÃO

Amanhã, na mesma montanha em que Abraão imolou outrora, seu filho único Isaac, Jesus Cristo, filho único de Deus será imolado para glória do Pai e para salvação dos homens. Como Abel, será conduzido por seu irmão o judeu, e morto no campo. Amanhã, pois, Jesus cumprirá o sacrifício dos dois maiores sacrifícios do mundo antigo: o de Abel e o de Abraão. Mas, a partir de hoje, dar-se-á outro não menos célebre, o de Melquisedec, imolando a si próprio misticamente no sacrifício da missa. A partir de hoje, oferecerá o pão e o vinho, mudando o primeiro em seu corpo e o segundo em seu sangue; nesse mesmo corpo que será entregue e morto por nós, e nesse mesmo sangue que será derramado por nós na cruz. Adoremos êsse pontífice eterno, que institui hoje o sacrifício da missa e nela realiza a figura de todos os antigos sacrifícios, renovando e continuando, até o fim do mundo, o sacrifício da cruz. Roguemos-lhe que nos faça compreender tão grandes mistérios.

Melquisedec, após ter oferecido pão e vinho, como sacerdote do Altíssimo, os distribui aos que haviam combatido e vencido com Abraão. Da mesma forma, Jesus Cristo, o pontífice eterno, distribui aos discípulos a vítima que acaba de oferecer: "Tomai e

comei, êste é meu corpo que será entregue por vós. Tomai e bebei, êste é meu sangue, que será derramado por vós. Fazei isto em memória de mim." Ó sacrifício admirável, no qual Jesus Cristo se oferece a Deus, seu Pai, para o adorar conosco e por nós, agradecer-lhe conosco e por nós, pedir-lhe perdão conosco e por nós; admirável sacrifício, no qual Jesus Cristo, oferecendo-se a Deus seu Pai, se dá a nós, para nos mudar nêle, e nos transformar, com êle, em um mesmo sacrifício, uma mesma vítima!

Antes de dar a santa comunhão aos apóstolos, Jesus lhes lava os pés, para purificá-los das menores faltas. Roguemos-lhe queira purificar-nos da mesma forma, para não fazermos comunhão indigna como Judas, mas para nos santificarmos cada vez mais e nos tornarmos mais fervorosos. Ainda, para que dela retiremos sempre mais graças e amor.

* * *

O CAMINHO DA CRUZ

Para Jesus, a vida inteira foi um caminho da cruz. Um caminho para chegar à cruz, um caminho para levar a cruz, para morrer. Que podemos fazer de melhor neste dia, do que seguir a Jesus nesse caminho de dor? Do Jardim das Oliveiras, onde se deixa prender e amarrar como malfeitor, é arrastado até a casa de Anás e Caifás, onde é esbofeteado, tratado de blasfemo e condenado à morte. Na casa de Herodes, é tratado de louco e tido como objeto de mofa. Em casa de Pilatos, é flagelado, coroado de espinhos, esbofeteado, coberto de escarros, comparado a um assassino, e êste lhe é preferido. Todo o povo, excitado pelos escribas e pelos fariseus, grita a uma só voz: Crucifica-o! Crucifica-o! Na verdade, o profeta tivera razão, dizendo: Será coberto de opróbrios.

Ó minha alma, eis Jesus carregando a cruz. Ei-lo que a leva do pretório ao Calvário, como outrora Isaac a lenha do próprio holocausto. Feliz Simão Cirineu, que o ajuda a levá-la. É seguido de uma multidão. Mulheres choram sôbre êle: choremos com elas, mas choremos sôbre nós mesmos, porque são os nossos pecados a causa de tudo o que vemos. Ei-lo que chega ao Calvário. Deixa-se pregar na

cruz, como Isaac fôra amarrado ao feixe de lenha. Ei-lo suspenso entre o céu e a terra, no meio de dois ladrões. Jesus crucificado, tende piedade de nós! Mas ei-lo que ora. Por quem será? Pela santa mãe, pelos discípulos, imersos na dor? Não. É pelos carrascos. "Meu Pai, perdoai-lhes, que não sabem o que fazem." Jesus crucificado, tende piedade de nós! Eis que ainda vai falar. A quem? A um dos ladrões: "Em verdade, te digo, ainda hoje estarás comigo no paraíso". Ó bom Jesus, Jesus crucificado, tende piedade de nós! E novamente vai falar. A quem? À santa mãe: "Mulher, eis aqui teu filho". E ao discípulo bem-amado: "Eis aqui tua mãe! "Ó bom Jesus, Jesus crucificado, tende piedade de nós! Dai-nos vossa mãe, dai-nos também vossa mãe! A ela nos entregamos desde êste momento, não mais dela queremos nos separar, com ela ficaremos ao pé da cruz, com ela vos contemplaremos, e com ela choraremos.

Pater, in manus tuas commendo spiritum meum. (Pai nas vossas mãos entrego meu espírito). Tendo-se tornado obediente até a morte, e morte de cruz, considerava Jesus se havia executado tôdas as vontades do Pai. Vê que ainda não bebeu o fel e o vinagre que tinham sido anunciados por Davi, seu antepassado segundo a carne. Imediatamente diz: "Tenho sêde". E após ter provado o amargor, acrescenta: *Consumatum est* (tudo está consumado). Tudo está cumprido, obedeci em tudo. Meu Pai, em vossas mãos entrego meu espírito. Ó Jesus moribundo, tende piedade de nós! Concedei-nos a graça de cumprir vossas santas vontades tôda nossa vida, e morrer

entregando em vossas mãos nossa alma, como fizestes, com relação ao Pai!

— — — —

No dia 18 de março, na vida de São Cirilo de Jerusalém, vêem-se ainda outras particularidades edificantes sôbre a paixão e morte de Nosso Senhor.

* * *

AS FESTAS DA PÁSCOA

Sábado Santo

Meu Salvador, um dos vossos profetas disse que vosso sepulcro seria glorioso. Viram-se, com efeito, na seqüência dos séculos, tôdas as nações do universo disputando a honra de ser guardiãs do vosso sepulcro. Mas desde o primeiro dia, vemo-lo infinitamente glorioso, porque encerra vosso corpo adorável. Verdadeiramente feliz é José de Arimatéia, por vos haver cedido o túmulo novo, que construíra para si próprio. Feliz também vosso discípulo escondido, Nicodemos, que não temeu mostrar-se, para vos sepultar honrosamente em meio a perfumes. Felizes, enfim, as mulheres que assistiram ao vosso sepultamento. Mas, de onde vêm êsses soldados que guardam vosso túmulo, em plenas trevas? Foram enviados por vossos inimigos, para impedir que os discípulos vos roubem o corpo. Cegos! Daqui a pouco serão testemunhas da vossa ressurreição.

Esperando que o corpo de Jesus ressuscite glorioso e imortal, desçamos com sua alma aos infernos. Não aos infernos dos condenados, mas às regiões subterrâneas onde as almas dos justos antigos esperam que o Salvador lhes venha abrir as portas do céu. É lá que Jesus desce. Que alegria para essas santas almas! Lá se encontram os profetas que

haviam anunciado o nascimento, a vida e a morte de Cristo, desde Samuel até João Batista. Lá se encontram os patriarcas que foram as figuras de Jesus. Abel, pela morte, José pelas infelicidades e pela glória, Jó pelos sofrimentos, Melquisedec, Isaac pelos sacrifícios; lá estão os antepassados de Cristo, segundo a carne, desde Adão até Noé, e dêste a Abraão. De Abraão a Davi, e dêste até José, seu pai nutrício. Com que alegria inefável esperam o cumprimento de todos os desejos! Com que misto inexplicável de respeito, de amor, de adoração, de ternura, nossa primeira mãe deverá contemplar aquêle que é, ao mesmo tempo, seu Deus e seu filho, e que veio expiar por tantos sofrimentos o pecado cometido! Não esqueçamos, todavia, os pequenos de Belém, que pela morte sofrida salvaram o próprio Salvador. Êle que abraçava e abençoava as crianças da terra, com que ternura não deverá acariciar as crianças do céu! Mas, outros ainda terão parte nos benefícios do Salvador. São as almas dos purgatórios. São Pedro nos ensina que, entre os contemporâneos de Noé, vários se converteram a Deus no momento do dilúvio e que Jesus lhes anunciou a graça, quando desceu em espírito ao limbo.

Ó Jesus, que glória a vossa! Satã ousara dizer-vos: "Se me adorares, dar-te-ei todos os reinos da terra. E vós repudiastes a proposta com desprêzo. Fizestes mais, deixastes-vos ser conduzido à morte, como criatura pecadora e mortal. Acreditava êle ter triunfado de vós, quando descestes ao império dêle, não como seu súdito, mas como seu mestre, quebrando as portas, rompendo os ferrôlhos, libertando quantos estavam cativos e fazendo-o compreender,

bem como todos os seus, que por si mesmos, não podiam nada, que não possuem outro poder que aquêle que concedeis. Então, cumpriu-se o que diz São Paulo. Então, em nome de Jesus, o próprio inferno foi obrigado a vergar o joelho.



JESUS RESSUSCITA

Regina coeli laetare: Rainha do céu, alegrai-vos! Ó Maria, cesse o vosso luto, cessem as vossas lágrimas. Aquêle que tivestes a honra de trazer nas castas entranhas e de dar à luz em Belém, o Filho de Deus feito homem, Jesus, que salvastes do gládio de Herodes, fugindo para o Egito; Jesus, vosso filho único, que após três dias de dolorosa inquietude reencontrastes no templo, Jesus ressuscitou! Sim, êsse mesmo Jesus que vistes pregado à cruz, as mãos e os pés perfurados com pregos, o lado traspassado por uma lança, ressuscitou, está pleno de vida! Conserva no corpo as cinco chagas, porém, agora, irradiando graça e glória. Ó Maria, ó mãe, rejubilai-vos! Jesus, vosso filho, ressuscitou. Ressuscitou para não mais morrer. Ressuscitou como o havia anunciado, no terceiro dia. Vós o sabeis bem, ó Maria. Mas, sinto-me feliz por vos dizer isso, como uma criancinha que fala à mãe alguma nova que ela já sabe, mas que gosta de ouvir repetida sem fim. Ó minha mãe, chorei convosco, que eu também me rejubile convosco!

Jesus está verdadeiramente ressuscitado. Após ter descido aos infernos como o mestre, diante de quem todos os joelhos devem dobrar-se, após ter feito satã experimentar-lhe o poder invencível, após ter libertado a Igreja dos primogênitos, a multidão dos antigos justos, reuniu a alma ao corpo, e, vence-

dor do inferno e da morte, sai vivo do túmulo. A terra treme de respeito e de alegria: um anjo desce do céu como um relâmpago, revolve a pedra do sepulcro e sôbre ela se assenta, pleno de terrível majestade, como o raio. Os guardas, que presenciam a cena, ficam como mortos. E voltam à cidade para anunciar o prodígio dos prodígios.

Ide agora, santas mulheres, com vossos perfumes, ide atrás delas, vós, Pedro, e vós João. Encontrareis o sepulcro vazio. Jesus, que procurais entre os mortos está vivo. Assim vos falarão os anjos. Ressuscitou como o havia dito. Vós o vereis. Vós, bem-aventurada Madalena, sereis a primeira. Tomá-lo-eis por jardineiro. Mas, à primeira palavra, reconhecê-lo-eis como vosso divino mestre. Vós outras, piedosas mulheres, o vereis e lhe beijareis os pés. Vós Pedro, o vereis antes dos outros discípulos. Dois o verão no caminho de Emaús; os apóstolos reunidos no cenáculo vê-lo-ão entrar, estando as portas fechadas, dar-lhes a paz e mostrar-lhes as mãos e os pés. Que dia de júbilo! Ó Maria, rainha do céu, alegrai-vos! Jesus está verdadeiramente ressuscitado. Mas, ó nossa Mãe, não vos esqueçais da vossa felicidade. Rogai por nós, para que nós também sejamos vivamente ressuscitados pela graça, para não morrermos nunca mais pelos pecados. E, assim, participemos eternamente da vossa alegria. *Ora pro nobis Deus; alleluia!*

* * *

RESSURREIÇÕES FIGURATIVAS DO GÊNERO HUMANO E DOS PATRIARCAS

Se Deus nos concedeu a graça, de meditar bem no conjunto das suas obras, ser-nos-á fácil nêle descobrir belas e grandes imagens da ressurreição. O gênero humano inteiro, e por assim dizer tôda a natureza viva morre com o dilúvio. Os restos são sepultados com Noé na arca, como em túmulo. O gênero humano, e com êle a criação animal, sai do sepulcro e recebe a certeza de não mais morrer dessa forma. Isaac, depois da imolação e morte místicas sôbre o monte Mória ou Calvário, depois de três dias volta à família. Abraão, seu pai, havia dito aos servos que voltariam os dois juntos. Jó, após ter sofrido durante a vida as angústias da morte e a podridão do sepulcro, volta à vida mais gloriosa do que antes. José, vendido pelos irmãos, injustamente condenado pelo mestre temporal, é atirado à prisão como a um túmulo, onde, todavia, tudo pôde. Lá fica três anos: em seguida, sai glorioso, torna-se mestre de todo o Egito. Os povos dobram os joelhos diante dêle e o adoram como salvador de todo o mundo, o que de fato se mostrou. Peçamos a Jesus ressuscitado que nos abra a inteligência para compreendermos, tal qual aconteceu aos discípulos de Emaús.

O gênero humano, morto e sepultado no dilúvio, ressuscita por Noé. O gênero humano, morto e sepultado no pecado, ressuscita para a vida eterna, por Jesus Cristo. Mas, detenhamo-nos no patriarca José. Saído da prisão depois de três anos, êle sòmente pode explicar o sonho misterioso do Faraó. É-lhe, então, dado poder sôbre todo o Egito. Todos dobram o joelho diante dêle e é chamado salvador do mundo. Após os anos de abundância, vêm os anos de carestia. Grande fome se faz sentir em todo o mundo. No Egito, porém, há trigo. Para lá afluem pessoas de todos os países. Os irmãos de José, batidos pela miséria, enquanto outra nação possui um salvador que êles rejeitaram, vêm reclamar-lhe o socorro. E se prostram diante dêle, sem o reconhecerem. Crêem-no morto e êle vive na glória. Por fim, quando José os vê arrependidos do crime cometido, se dá a conhecer e os abraça, consola-os, derrama lágrimas de alegria e lhes dá morada com tôda a família, na região mais abundante.

Mudai o nome, e tereis a história da ressurreição de Jesus Cristo. Ressuscitados ao terceiro dia, sòmente êle esclarece os mistérios, sòmente êle pode romper-lhes o sêlo. O Rei eterno fá-lo sentar-se à sua direita. Todo poder lhe é dado no céu e na terra, todos dobram os joelhos diante dêle e tôda língua o louvará como Salvador do mundo. Após uma primeira efusão de graça sôbre tôda carne, uma fome se estenderá sôbre o gênero humano, uma verdadeira carestia, uma diminuição de doutrina. Mas, pela sabedoria do divino Salvador, sempre a abundância reinará na sua Igreja. Premido pela fome, a ela afluirão de todos os lados as gentes. Mesmo os

filhos de Jacó, os restos de Israel a ela virão. Adorarão aquêle que mataram e que vive. Reconhecerão que tôdas as aflições que experimentam são merecidas. Chorarão os crimes cometidos. Então Jesus se manifestará a êles em tôda a sua glória e em tôda a sua graça, consolá-los-á e os abraçará, reconhecendo-os pùblicamente como irmãos. E lhes dará um lugar onde abunda a doutrina e a verdade.



O SIGNIFICADO DA PÁSCOA

Páscoa vem de uma palavra hebraica que significa passar, passagem. Eis a origem. Queria Deus libertar seu povo da servidão no Egito. Já havia lançado sôbre os egípcios nove pragas. Iria lançar a décima e última, que constaria em matar todos os primogênitos dos egípcios. Para que as crianças de Israel fôssem poupadas, ordenou que em cada casa fôsse imolado um cordeiro de um ano e sem mancha e que o sangue dêle fôsse passado nas soleiras das portas. Durante a noite, o anjo exterminador atravessaria todo o Egito, matando todos os primogênitos em tôdas as casas. Mas, à vista do sangue do cordeiro sôbre as portas dos hebreus, passaria adiante, sem nada fazer. Essa atenção do anjo ao *passar* pelas casas das crianças de Israel, deu o nome à festa. À meia-noite, os egípcios viram todos os seus primogênitos mortos, desde o filho do Faraó até o do último escravo. Espantados, não sòmente permitiram aos hebreus partir, como até chegaram a forçá-los a sair mais depressa, com mêdo de morrerem todos. Os israelitas foram, assim, poupados e libertados pelo sangue do cordeiro pascal. Essa festa era celebrada todos os anos. Foi nessa mesma festa que Jesus, o verdadeiro cordeiro de Deus, foi imolado sôbre a cruz, para que fôssemos poupados pelo mérito de seu

sangue e libertados da servidão do demônio, figurado pela escravidão do Egito.

Alguns dias depois da imolação do cordeiro pascal, todo o povo de Israel saiu como que de um túmulo e ressuscitou para uma vida nova. Êsse túmulo era o mar Vermelho, onde devia, naturalmente, perecer. Mas, pelo poder de Deus, atravessou-o a pé. Os egípcios, ao contrário, foram tragados pelas águas. A passagem do mar Vermelho é uma figura do batismo. Uma é figura da morte de Jesus Cristo, outro, da ressurreição. No batismo, sobretudo como era ministrado antigamente, afundando a pessoa três vêzes na água, o velho homem é sepultado como que dentro de um sepulcro, e dêle ressuscita o homem novo. Os pecados ficam lá dentro, como os egípcios dentro do mar Vermelho. O neo-batizado entra em uma nova região, começa uma viagem nova, viagem para a terra prometida, a terra prometida do céu. Já não é preciso lamentar as cebolas do Egito, porque existe o maná. É por isso que São Paulo diz aos cristãos: "Fôstes sepultados com Cristo no batismo; fôstes ressuscitados com êle: não ambicioneis, pois, mais as coisas da terra, mas as coisas do céu."

A penitência é um batismo laborioso. Passamos como que para outro túmulo, estamos mortos novamente pelo pecado e ressuscitamos para uma vida nova. A consagração religiosa é como outro batismo, pelo qual se morre inteiramente para o mundo, e se renasce para uma vida tôda em Deus. Peçamos a Jesus que nos ressuscite, que nos dê uma ressurreição como a dêle: perfeita e eterna.

* * *

DAVI PREDISSE A RESSURREIÇÃO

Davi, profeta e ancestral de Cristo ao mesmo tempo, foi a figura de Jesus, sob mais de um aspecto. Várias vêzes pareceu abatido, e como morto, obrigado a se esconder numa caverna como num sepulcro. E com a proteção de Deus, de lá saía mais forte. Mas, não contente de figurar assim a ressurreição do Messias, que devia ser seu filho e como que outro Davi, predisse-o claramente no décimo-quinto salmo. "Contemplava sempre o Eterno na minha presença, diz, na pessoa do Cristo, porque está à minha direita, a fim de que não seja abalado. É por isso que meu coração se rejubilou e minha bôca lhe celebrou a alegria, e minha carne repousará na esperança; pois não permitireis que minha alma caia no inferno e não permitireis absolutamente que vosso Santo experimente a corrupção. Fizestes-me conhecer as vias da vida e me enchestes da alegria que dá a vossa face". Roguemos ao Espírito Santo, que falava em Davi, que nos faça compreender qual é êsse Santo de Deus cuja alma desceu aos infernos, mas lá não ficou, e cujo corpo não sofreu corrupção no túmulo.

São Pedro, porém, ou melhor o Espírito Santo pela bôca do apóstolo, nos explica essas palavras. "Meus irmãos, dizia aos judeus, seja-me permitido dizer-vos que Davi está morto e sepultado e sua sepultura permanece até nossos dias. Como era pro-

feta e sabia que Deus lhe havia prometido com juramento que um filho de seu sangue se sentaria sôbre o trono, falou da ressurreição, já antevendo o que lhe fôra prometido: "Sua alma não ficou no inferno e sua carne não conheceu a corrupção." Foi êsse Jesus que Deus ressuscitou e disso somos testemunhas.

Predizendo a ressurreição do Messias, Davi esperava também a sua. Foi dito a Daniel, um dos seus descendentes: "E a multidão dos que dormem na poeira da terra se reerguerá; alguns para a vida eterna, outros para o opróbrio eterno." Também os jovens Macabeus respondiam ao ímpio Antíoco: "Tu, tu nos fazes perder a vida presente. Mas o rei do mundo nos ressuscitará um dia para a vida eterna, após têrmos sido mortos por lhe defendermos as leis." Oh, se os fiéis do Antigo Testamento, que não viram a ressurreição de Jesus Cristo, tinham fé tão viva na ressurreição futura, qual não deve ser a nossa fé, nós, que somos cristãos?



A PRIMAVERA

O que é a primavera? É a ressurreição da natureza inteira. Durante o inverno, tudo está morto. Na primavera, tudo ressuscita. O sol, que parecia querer expirar, se reanima e com êle tôda a natureza cria nova vida. As árvores, que pareciam cadáveres dessecados, sentem novamente a seiva da vida circular-lhes nas veias; as fôlhas e as flôres repontam. Muitas chegam a assemelhar-se a grandes ramalhetes de flôres, para embelezarem a festa do Senhor ressuscitado. A terra se reveste do manto de verdor, com mil bordados, como mãe de família, que veste as roupas mais bonitas na festa da Páscoa. Os pássaros encontram novamente as vozes encantadoras e cantam à porfia. Chega-se a crer que queriam dizer: *Alleluia!* ou seja, louvai o Senhor! Com efeito, é o Senhor que vos alimenta, passarinhos. É o Senhor que vos enche de vida e de alegria. Pois bem, passarinhos do meu Deus, *alleluia!* Louvai o Senhor à vossa maneira, com a vossa linguagem. Êle entende a todos.

Meu Salvador, quereis que eu seja como uma criancinha para convosco. Pois bem! Serei uma criança. "Considerai o pássaro tão belo, que voa de flor em flor! Como é veloz! Como se transporta ràpidamente de um lugar para outro! Mas, sobretudo, como é bonito! Certamente, Salomão em tôda

a sua glória não se vestia com tanta magnificência. Quem sou eu, porém, para fazer tais considerações? Que é a borboleta antes do inverno? Uma lagarta horrível, que se arrastava penosamente de um galho a outro, para devorar as flôres e as fôlhas. No outono morreu, e tornou-se seu próprio túmulo. Nêle passou por transformações, durante o inverno. E na primavera, ressuscitou como ligeira borboleta, alimentando-se do néctar das flôres e passeando pelo ar. Compreendo agora o que me quisestes ensinar. A mesma coisa se passa com o corpo no túmulo: é feio, pesado, corruptível. Mas, quando ressuscita, é glorioso, ágil, incorruptível. Quanto a mim, meu Deus, desde que ressuscitastes insetos tão insignificantes, creio, sem dificuldade nenhuma, que ressuscitareis os homens.

Meu Salvador, comecei a vos falar como criança, terminarei como tal. Vós me ensinastes que existe uma vida espiritual, para a qual deverei encaminhar-me, ao sair desta. Pois bem! Para vos dizer com simplicidade o que penso, ao invés de me elevar a vós como essa pequena criatura que tem asas, imito aquela que rasteja, não pensando senão em comer ou beber ou em outra coisa semelhante. Já não é tempo de transformardes essa vil lagarta no que ela deve tornar-se?

* * *

RESSURREIÇÃO DO POVO DE ISRAEL

Foi durante o cativeiro da Babilônia. Jerusalém e o templo estavam reduzidos a ruínas. O povo andava disperso pelas províncias do império persa. "E a mão do Eterno veio sôbre mim", diz o profeta Ezequiel. "E o Eterno me tomou em espírito e me colocou no meio de um campo cheio de ossos, em tôrno dos quais me conduziu. Eram muitos e estavam secos. Êle me disse: Filho do homem, êsses ossos viverão? E eu disse: Senhor Deus, vós o sabeis. E me disse Êle: profetiza sôbre êsses ossos, dizendo-lhes: ossos secos, escutai a palavra do Senhor. E eis o que o Senhor disse aos ossos: Eu vos enviarei o espírito, e vivereis. E vos darei nervos e carne que será coberta de pele. Dar-vos-ei o espírito e vivereis. E sabereis que eu sou o Senhor. E eu profetizava como me havia ordenado. Enquanto profetizava, ouviu-se um ruído: eis que os ossos se aproximaram e cada um foi encaixar-se na articulação que lhe era própria. E vi os nervos e a carne cobri-los e a pele estender-se por cima dêstes. Mas o espírito não estava nêles. Então, o Senhor me disse: Profetiza o espírito, filho do homem. Dize ao espírito: Eis o que diz o Senhor Deus: Vem, espírito, vem dos quatro ventos e sopra sôbre êstes mortos, para que êles revivam. E eu profetizava, como me havia orde-

nado. Ao mesmo tempo, o espírito entrou nêles e lhes deu vida. Levantaram-se e formaram um exército inumerável." Roguemos ao Senhor que nos envie o espírito de vida e nos faça compreender o sentido dessa ressurreição profética.

O Senhor mesmo se explica. Diz ao profeta: Filho do homem, êsses ossos são tôda a casa de Israel. Êles dizem: Nossos ossos secaram, nossa esperança se desvaneceu e fomos ajuntados. É por isso que profetiza e lhes diz: Eis o que diz o Senhor Deus: Abrirei vossas tumbas, e vos tirarei dos sepulcros. E vos conduzirei à terra de Israel. Sabereis, meu povo, que sou o Senhor, quando abrir vossos sepulcros e dêles vos retirar; quando espalhar o meu espírito em vós e reviverdes e repousardes sôbre vossa terra; sabereis que sou o Senhor que falou e cumpriu a palavra. Vemos essa palavra cumprida em Ciro, rei da Pérsia. Fêz êste soberano publicar o seguinte em todo o país: "Aquêle de vós que é do povo do Eterno, esteja com Deus; suba a Jerúsalém e reconstrua a casa do Eterno". E todos aquêles, cujo espírito foi animado por Deus, se levantaram e foram reconstruir o templo. E mais tarde os muros de Jerusalém. E o povo ressuscitou assim com Jerusalém e com o templo. E conheceram, enfim, o Senhor e lhe permaneceram fiéis e não adoraram mais os ídolos. Ao contrário, na época dos Macabeus, a nação combateu valentemente pela lei dos antepassados.

Admiremos as maravilhas de Deus nas profecias e sôbre seu povo. Agradeçamos-lhe a inteligência que nos dá delas. Roguemos-lhe que no-la aumente mais e mais, para que compreendamos melhor

as maravilhosas ressurreições que operou e ainda opera no mundo; e a fim de que, esperando a ressurreição futura do nosso corpo, trabalhemos com fervor sempre maior pela ressurreição espiritual da nossa alma.

* * *

RESSURREIÇÃO DO GÊNERO HUMANO

O povo de Israel, dispersado no cativeiro da Babilônia, é comparado, pelo profeta, aos ossos dos mortos, atirados aqui e lá num deserto. Mas o resto do gênero humano estava mais morto, bem mais sêco. Bem mais morto para Deus e para a verdadeira piedade. O mundo pagão era como um grande cemitério, onde as nações se encontravam sentadas nas trevas e à sombra da morte; adorando, em lugar do Deus vivo, as imagens mortas, ídolos; adorando a podridão dos vermes, o ídolo da impureza, o ídolo da impudicícia, o ídolo do furto e da mentira; e os adorava pela devassidão e pelo crime. Tal era o túmulo do pecado no qual o gênero humano se encontrava enterrado, não há quatro dias como Lázaro, mas há quatro mil anos. E cheirava mal, muito mais do que Lázaro. A morte estendia as asas fúnebres, para impedir que a luz do céu resplendesse e produzisse claridade como a do dia. Satã, o pai da morte, tinha em seu poder a chave dessa lúgubre prisão.

As diversas tribos de Israel, dispersadas no império assírio, e sepultadas em diferentes províncias como em outras tantas tumbas, ouviram, por fim, a voz de Deus que as chamava à vida, que as chamava a Jerusalém, para reerguerem o templo e os muros da cidade santa. As diversas nações ouvirão

também um dia a voz de Deus. O Salvador dirá ao mundo inteiro, como disse ao irmão de Maria e de Marta: "Lázaro, vem para fora!" E imediatamente o morto sairá. A princípio será ainda envolvido de lençóis fúnebres, contrariado pelas leis e pelo poder da idolatria que desejará retê-lo nos seus laços. Mas, logo depois, abrindo os olhos para a luz do céu, quebrará êle mesmo os ídolos, as imagens mortas que anteriormente adorava. Não adorará outro deus que o Deus vivo e verdadeiro. Em todos os lugares da terra elevará a voz para dizer: Aleluia! Jesus está verdadeiramente ressuscitado e nos ressuscitou juntamente com êle. Êsse morto ressuscitado, êsse gênero humano chamado à vida de Deus, será a Igreja de Deus, a Igreja católica; ou melhor, é a Igreja, porque o milagre se cumpre diante dos nossos olhos. Nós mesmos fazemos parte dela.

Meu Salvador, há quem desejaria ver-vos ressuscitar um morto. Cegos! Se abrissem os olhos, veriam êsse grande morto ressuscitado na pessoa da vossa Igreja, e ressuscitando por seu turno, da morte para a vida, das trevas para a luz, não sòmente alguns indivíduos, mas nações inteiras. Veriam e reconheceriam que tal ressurreição não pôde ser operada senão por aquêle que a si próprio ressuscitou.

ÍNDICE

ABRIL

17.º dia de abril

18.º dia de abril

19.º dia de abril

20.º dia de abril

21.º dia de abril

22.º dia de abril

23.º dia de abril

24.º dia de abril

25.º dia de abril

26.º dia de abril

27.º dia de abril

28.º dia de abril

29.º dia de abril

30.º dia de abril

FESTAS MÓVEIS QUE OCORREM NOS MESES DE MARÇO E ABRIL

Composto e impresso nas
oficinas gráficas da
EDITÔRA DAS AMÉRICAS
São Paulo ——— 1960